

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



Estudantes portuguesas nos EUA
Experiências de intercâmbio no desenvolvimento da
interculturalidade

Um Estudo Exploratório

João Manuel Baptista Rino

DISSERTAÇÃO

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Área de Especialização em Educação Intercultural

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



Estudantes portugueses nos EUA
Experiências de intercâmbio no desenvolvimento da interculturalidade

Um Estudo Exploratório

João Manuel Baptista Rino

Dissertação orientada pelas

Professoras Doutoras

Ana Paula Viana Caetano e Isabel Maria Pimenta Henriques Freire

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

2013

AGRADECIMENTOS

Ao meu Amigo Pedro, pela sua mais que disponibilidade e apoio,

Às minhas orientadoras Ana Paula Caetano e Isabel Freire, pelo seu apoio preciso, claro e conciso, pela sua muita paciência e disponibilidade,

À minha amiga Any, que nem sonha no que foi importante,

Aos voluntários da Intercultura-AFS pela sua muita boa vontade, disponibilidade para que este trabalho fosse possível,

Aos elementos do escritório da Intercultura-AFS Portugal, embora com muitíssimo trabalho, me deram apoio logístico, bibliográfico e entusiasmo ao que me propus fazer,

Ao Flávio, que na sua discrição me apoiou bastante com informações, discussões, ideias,

À Carina, que, embora longe, permanentemente me entusiasmou a continuar, a fazer...

Bem hajam!

RESUMO

A presente investigação enquadra-se na área da Diversidade Cultural, tendo-se centrado no estudo de indivíduos, com idades entre 21 e 45 anos, que fizeram um Programa de Intercâmbio Escolar Intercultural enquanto adolescentes, durante um ano letivo, nos EUA, sob a égide duma organização internacional, a AFS (American Field Service).

Atualmente a questão da interculturalidade, da diversidade cultural, é uma realidade, seja a nível social seja a nível profissional. É algo que já está presente em todos os aspetos da sociedade e que tem que ser analisado como uma realidade onde estamos imersos e não apenas como análise de algo que pode acontecer-nos.

A mobilidade internacional de estudantes, colocando-os em contatos com situações novas e problemas concretos num contexto social e cultural diferente, parece contribuir para o desenvolvimento de capacidades a vários níveis.

Neste estudo procura-se averiguar como é que a participação dum estudante num programa de intercâmbio, se constituiu como uma experiência intercultural e contribuiu para o desenvolvimento da sua interculturalidade, nas suas relações pessoais, sociais e culturais. Para responder a esta questão optou-se por um estudo exploratório, qualitativo, por análise de entrevistas semiestruturadas e questionários.

O trabalho desenvolveu-se procurando compreender o modo como os estudantes viveram essa sua experiência e o valor que lhes reconhecem nas suas vidas, como contribuiu para a reconstrução das suas identidades.

Os resultados indicam que as estratégias de aculturação nesta situação particular estão fortemente relacionadas com a personalidade de cada e com as condições de acolhimento, em particular com a imersão profunda num novo ambiente familiar, e que a reconstrução identitária se dá no sentido mais intercultural e duma consciência de “cidadão do mundo”.

Palavras-chave: Interculturalidade, Intercâmbios, Cultura e Identidade, Aprendizagem intercultural

ABSTRACT

This investigation fits the area of Cultural Diversity, focusing on the study of individuals aged between 21 and 45, who have participated on an Intercultural Exchange Program while they were adolescents, during a school year, in the USA, under the aegis of an international organization, the AFS (American Field Service).

Nowadays the question of interculturality, of cultural diversity, is a reality, either on a social level or on a professional level. It is present in every aspects of society and it must be analyzed as a reality in which we are embedded e not only as an analysis of something that may happen to us.

The international mobility of students, which puts them in contact with new situations and specific problems on a different social and cultural context, seems to contribute to the development of several skills in many levels.

In this study we aim to examine in what ways the student participation in an Exchange Program constituted an international experience and contributed to the development of his / her interculturality, in their personal, social and cultural relationships. To answer to this question, we have opted to make an exploratory qualitative study, through the analysis of semi-structured interviews and questionnaires.

This study was carried out trying to understand the way the students lived their experience and how do they value it in their lives, as well as the way it has contributed to the reconstruction of their identities.

The results indicate that the acculturation strategies in this specific situation are strongly related to the personality of each one and to the hosting conditions, in particular with the deep immersion in a new familiar environment, and that the identity reconstruction happens in the most intercultural sense and with the a conscience of “citizen of the world”.

Key words: Interculturality, Exchange Programs, Culture and Identity, Intercultural learning

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

A problemática	7
Objectivo da investigação	12
Delimitação do campo de estudo	13
Organização do trabalho	14

Capítulo I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO 15

1. Cultura e Diversidade Cultural	15
1.1. O conceito de cultura	15
1.2. Comunicação entre Culturas	17
1.3. Diversidade cultural	20
1.4. Distância Cultural	23
2. Adaptação Cultural e Aculturação	25
2.1. Aculturação e modelos	25
2.2. Choque Cultural	29
2.3. Estratégias de aculturação	30
3. Aprendizagem Intercultural	34
4. Cultura e Identidade	36
4.1. Identidade Pessoal, Social e Cultural	37
5. Programas de intercâmbio no Mundo; a AFS	40
5.1. AFS; O que é	42
5.2. AFS; Objetivos e Programas	42
5.2.1. O Desenvolvimento do Programa	43
5.3. Preparação para o programa de envio	44
5.3.1. Operacionalizando...	45

Capítulo II – ESTUDO EMPÍRICO	46
1 - Percurso do Trabalho	46
2. Fundamentação metodológica	49
2.1. Opções metodológicas	49
2.2. Instrumentos	51
2.3. Técnicas de análise dos dados	53
Capítulo III- RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO	55
1. O Procedimento	55
2. Sujeitos	58
3. Apresentação de resultados	64
4. Síntese dos dados recolhidos	94
5. Conclusão	102
5.1. Perspectivas e Limites	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106
ANEXOS	em 2º volume (CD)

ÍNDICE DOS ANEXOS

Anexo 1 - Quadro com caracterização dos estudantes e sua envolvente em Portugal	3
Anexo 2 - Quadro com caracterização dos estudantes e sua envolvente nos E.U.A.	4
Anexo 3 - Narrativas iniciais (AB, JS e CB)	5
Anexo 4 - Guião para questionário da 1ª entrevista	14
Anexo 5 - Transcrições das primeiras entrevistas e questionários complementares	
5.1 – IS	16
5.2 – AB	30
5.3 – AG	38
5.4 – JS	46
5.5 – PJ	54
5.6 – MM	61
Anexo 6 - Sinopses das análises das primeiras entrevistas	
6.1 – IS	74
6.2 – AB	77
6.3 – AG	80
6.4 – JS	83
6.5 – PJ	85
6.6 – MM	88
Anexo 7 - Questionário sobre mudanças ocorridas (17+2 perguntas)	91
Anexo 8 - Guião para questionário da 2ª entrevista	92
Anexo 9 - Transcrições das 2ªs entrevistas e respostas ao questionário, por estudante	
9.1 – IS	94
9.2 – AB	102
9.3 – AG	110
9.4 – JS	117
9.5 – PJ	129
9.6 – MM	136

ÍNDICE DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 – Modelos de cultura	19
Figura 2 – “iceberg” da cultura	20
Figura 3 – Gráfico Dimensões Hofstede Portugal-EUA	25
Figura 4 – “U curve”	26
Figura 5 – “W curve”	27
Figura 6 – Adaptação psicológica e sociocultural ao longo do tempo	27
Figura 7 – Modelo DMIS	28
Figura 8 – Fases da adaptação cultural (Adler)	28
Figura 9 – Estratégias de aculturação	31
Figura 10 – Organigrama procedimento 1ª etapa	55
Figura 11 – Organigrama procedimento 2ª etapa	57
Figura 12 – Organigrama seleção dos indivíduos	58
Quadro 1 – Variedade de grupos em sociedades pluriculturais	22
Quadro 2 – Caracterização contexto português	59
Quadro 3 – Caracterização contexto nos EUA	60
Quadro 4 – Motivação	63
Quadro 5 – Categorias de Ambiente das narrativas	64
Quadro 6 – Categorias de Ambiente das 1ªs entrevistas	65
Quadro 7 – Categorias das 17 questões	72
Quadro 8 – Grelha com questões para a segunda entrevista	73
Quadro 9 – Grelha com as análises de conteúdo das entrevistas	76
Quadro 10 - Respostas às questões 18 e 19 e última da 2ª entrevista	89
Quadro 11 - Comparativo das respostas sobre mudanças ocorridas	90

INTRODUÇÃO

A problemática

As sociedades europeias são pluriculturais. Este pluriculturalismo não se deve às recentes migrações extra e intra europeias mas resulta da própria génese da cultura europeia, fruto de contributos de outras civilizações na formação histórica das suas culturas. Também a sociedade norte americana (aqui referida especificamente em relação aos EUA), é na sua génese pluricultural, fruto de constantes migrações ao longo do tempo de grupos maiores ou menores oriundos originalmente da Europa e posteriormente de todo o mundo (nomeadamente a comunidade japonesa, chinesa, mexicana,...), incluindo os povos indígenas.

Nesta atualidade nenhuma cultura é “intrusa” relativamente à história do pensamento humano, cuja herança faz parte das várias civilizações, nomeadamente a europeia e a norte-americana.

Esta realidade, que tornou o indivíduo mais um “homem das antenas”, que é resultado de várias referências e valores diversos, em detrimento do “homem das raízes”, caminhou em dois sentidos. Criou actualmente, por um lado, uma nova necessidade de afirmação de culturas e direitos mais locais, a afirmação da “etnicidade”, no sentido que é, em primeiro lugar, o sentido de pertença a uma ancestralidade e origem particular e. Por outro lado, cresceu a consciência de que essas culturas e direitos são cada vez mais transversais e ultrapassam o Estado Nação, o direito de sangue e o direito de solo.

No que respeita aos contactos entre culturas prevaleceu durante muito tempo a perspectiva de que o acolhido deve perceber e adaptar-se ao grupo acolhedor. Mas, porque a realidade é outra, a de uma sociedade mais do que global (onde cada um é visto como fazendo parte de um todo social), uma sociedade nodal, (Perotti, 2003, p.24)) onde cada um faz parte de uma quantidade enorme de redes, que se entrecruzam, é necessário não identificar a educação com uma comunidade, não identificar a cultura com uma sociedade, e perceber que *“a universalidade reside [em] assumir o relativismo recíproco de culturas diferentes”* (Fanon, 1979, cit por Carneiro, 1997, p.101).

Neste contexto multicultural da sociedade vários governos e organizações, seja a nível regional seja a nível continental, têm desenvolvido e apoiado programas trans-regionais e

internacionais de intercâmbio entre sectores da sociedade, com principal incidência na juventude já que *“uma competência que muito em breve poderá ser exigida a candidatos a empregos em todo o lado é a “competência cultural””* (Hendersen, 2013, p.129) Estes programas, quer sejam institucionais, como por exemplo os da União Europeia, quer sejam dinamizados por organizações não governamentais, têm como finalidade a construção do conhecimento na juventude numa perspectiva multicultural e a construção duma identidade cultural numa perspectiva dinâmica, que ultrapassa a dimensão geográfica, étnica e linguística.

Todos os anos letivos, em Portugal e noutros países do mundo, centenas de jovens participam em programas de intercâmbio de curta, média e longa duração, sendo os mais vulgares geralmente anuais. A maioria são programas escolares, em que os alunos têm um programa escolar a cumprir (de investigação ou não) ou programas de índole social (apoio a comunidades, proteção do ambiente, etc.).

Há cerca de 30 anos que sou voluntário de uma dessas organizações, a AFS (American Field Service), que nasceu na 1ª guerra mundial e desde então organiza intercâmbios escolares para jovens dos 15 aos 18 anos, entre cerca de meia centena de países de todos os continentes.

Tenho, ao longo destes anos, de forma continuada e regular, vindo a trabalhar em diversas vertentes (apoio a estudantes e famílias, tutoria em escola, formação, ...) com jovens do programa, quer com jovens de vários países que fazem o programa em Portugal, quer com nacionais que vão para vários países.

Durante estes anos, tenho constatado que a aprendizagem cultural efectuada pelos jovens nestas circunstâncias é função de diversas variáveis, desde características individuais às condições de aculturação, esta entendida, neste contexto, como *“the progressive adoption of elements of a foreign culture (ideas, words, values, norms, behaviors, institutions) by persons, groups or classes of a given culture”* (International Organization for Migration, cit por Sam, 2006, p.11), assim como da preparação dos estudantes para a realização do programa.

Numa sociedade pluricultural a educação do cidadão tem que ter em conta a diversidade presente que gera mudanças resultantes da interação social entre os grupos com matrizes culturais diferentes, e o fenómeno de aculturação, duma aprendizagem cultural que cada uma dos grupos culturais realiza, sendo que todos, ou um deles, sofrem mudanças, tendo como resultado uma nova cultura.

Toda a aprendizagem acaba por consistir numa mistura, onde a formação de “nós” resulta duma troca cultural.

Nesta construção duma identidade pessoal, onde há uma multiplicidade de identidades nossas (sou português, sou latino, sou europeu,...), a tomada de consciência dessa multiplicidade resulta das interações sociais, que irá influenciar como eu vejo o outro, como o outro me vê, como eu me vejo.

Pelo contexto acima referido considereei pertinente analisar como um indivíduo “olha” para aspetos da sua cultura e da cultura de acolhimento, depois de estar imerso numa cultura diferente da sua, e como se olha a si próprio, como se apercebe ou não das mudanças que em si se operam.

Tenho estado envolvido na preparação e formação dos jovens, tanto dos estrangeiros participantes nos programas, ao longo dos anos, quando chegam a Portugal, como dos portugueses que vão, na partida e no regresso. É notória a ansiedade resultante da desorientação encontrada ao entrar-se numa nova cultura ou ao reentrar na sua cultura de origem.

Sobre as diversas questões que foram surgindo ao longo desta atividade existem três que ao longo destes anos foi possível observar em particular, e que se interligam:

- A reação dos estudantes portugueses aos valores culturais e ao quotidiano nos países que os acolhem;
- A mudança que se verifica na forma como olham o seu país, nos hábitos, costumes e rotinas, e na organização social;
- A modificação que isso faz na sua identidade, naquilo em que se consideram “tipicamente” portugueses.

As duas primeiras questões leva-os a comparações, positivas e negativas, mas acima de tudo a uma relativização do que é positivo ou negativo.

A terceira modifica comportamentos próprios de uma forma mais ou menos visível, e leva-os a equacionarem-se.

Assim, relativamente aos jovens que viveram uma experiência de um ano letivo no estrangeiro, numa família de acolhimento, numa comunidade e numa escola, colocou-se várias questões:

- A visão que passaram a ter sobre Portugal passou a ser mais positiva ou negativa, de uma forma geral? Em que aspetos sentem que houve mais mudanças? Estruturais, sociais, nos valores, ...?

- Em que áreas do quotidiano houve mudanças?
- Qual o impacto nas suas relações interpessoais com as pessoas – amigos, famílias - com quem se relacionavam antes e depois de regressarem?
- Que se modificou em termos de compreensão de uma realidade diferente?

Esta problemática, que envolve uma quantidade assinalável de dimensões, nomeadamente o país que escolheram, as suas expectativas iniciais, a época e circunstâncias em que fizeram o intercâmbio, as características da comunidade e família para onde vão, e a suas perspetivas das diferenças em relação à realidade que cá tinham, levou a querer estudar participantes neste tipo de experiência.

Objectivo da investigação

Convicto de que a análise desta realidade específica pode contribuir para melhor compreender o fenómeno atual, generalizado, dum cidadão inserido numa sociedade que ultrapassa cada vez mais o conceito de nação, a questão de partida, a que se pretende responder é:

Como é que a participação dum estudante num programa de intercâmbio, concretamente um estudante português num programa anual da AFS, nos EUA, se constituiu como uma experiência intercultural e contribui para o desenvolvimento da sua interculturalidade, nas suas relações pessoais, sociais e culturais?

Para a concretização desta finalidade torna-se necessário responder a algumas questões, definindo-se como objetivos deste trabalho:

- 1- Conhecer a motivação dos estudantes para a realização do intercâmbio;
- 2- Conhecer o contexto familiar e escolar do estudante em Portugal e nos EUA;
- 3- Identificar fatores que os estudantes mais tenham “retido” na sua experiência, quer factuais, quer valorativos e o valor que lhe reconhecem nas suas vidas;
- 4- *Identificar como esses fatores possam ter contribuído para a construção da sua identidade, para uma “mudança de olhar” sobre si e sobre o que o rodeia*

Tratando-se dum trabalho exploratório, atendendo ao seu carácter particular em relação ao campo mais vasto da mobilidade de grupos para outras culturas, optou-se por um estudo de natureza qualitativa, com entrevistas, analisando em profundidade categorias encontradas, numa perspetiva de procurar aquilo a que foi dado enfoque pelos entrevistados e depois as modificações ocorridas.

Numa perspetiva mais vasta foi analisado se os resultados obtidos se enquadravam num quadro teórico mais amplo e abrangente do fenómeno da aculturação.

Delimitação do campo de estudo

O estudo incidiu sobre estudantes do ensino secundário que frequentaram um ano escolar nos E.U.A., sob a organização AFS.

Esta organização, que está implantada em Portugal desde 1956, promove, apoia e dá suporte a intercâmbios escolares anuais, semestrais e trimestrais entre adolescentes de todo o mundo, assim como programas mais curtos no tempo. A organização, Intercultura-AFS Portugal (a representante nacional da rede AFS internacional), operacionaliza no terreno a logística, preparação e apoio dos estudantes com um corpo de voluntários em todo o país, organizados em núcleos.

Nos programas escolares os estudantes ficam integrados numa família de acolhimento, como “filhos adoptados”, e frequentam uma escola escolhida pela família, pois a gestão logística da situação equivale à de um filho legalmente sob a sua tutoria. Durante toda a realização do programa terão voluntários que os acompanham de forma individualizada.

Os estudantes nestes programas pagam um determinado valor monetário (dependendo de distâncias, rendimento da sua família, etc...), que assegura a cobertura de alguns custos inerentes à estadia, mas as famílias não recebem qualquer valor monetário pelo acolhimento.

Aqui a expressão “intercâmbio” não significa que uma família de acolhimento tenha que, em algum momento, enviar um filho seu (e seja família de envio), nem que a família de um estudante tenha que receber (e ser família de acolhimento) em contrapartida de ter enviado um filho para o programa.

Atendendo às dimensões em estudo e às condições e limitações concretas existentes foi decidido **fazer o estudo sobre**

estudantes portugueses, entre os 15 e os 18 anos, que durante um ano escolar, de Setembro a Junho/Julho, foram integrados numa escola pública dos EUA, numa situação em que os professores e alunos dessas escolas não são especialmente pré-preparados, e ficaram numa família de forma graciosa, onde foram, para todos os efeitos, um “filho adoptado”.

Assim, o estudo foi realizado em seis indivíduos que mostraram disponibilidade para elaborar uma narrativa/serem entrevistados sobre a sua experiência de um ano letivo nos EUA

Organização do trabalho

Este trabalho, além da presente introdução, foi estruturado em três capítulos.

Num primeiro é feito o Enquadramento Teórico, onde são definidos os conceitos que enquadram esta investigação, como cultura e diversidade cultural, o fenómeno da aculturação e a questão da identidade. É ainda apresentada, em linhas gerais a AFS e o que são e como se desenrolam estes programas.

Num segundo capítulo é feito o Estudo Empírico., com a fundamentação metodológica utilizada, opções feitas, sujeitos, instrumentos utilizados e análise de dados.

Num terceiro são apresentados os resultados da investigação. São descritos os procedimentos, a caracterização dos indivíduos estudados, a apresentação de resultados, a organização e síntese dos dados recolhidos, e a conclusão. São, por fim, referidas as limitações como as perspectivas que se poderão abrir, já que se trata de um estudo exploratório

Termina com as referências bibliográficas, e anexos.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. CULTURA E DIVERSIDADE CULTURAL

1.1. O Conceito de Cultura

O estudo efectuado com participantes portugueses num intercâmbio escolar nos EUA, coloca, à partida, como questão central dois conceitos-chave: Aculturação e Aprendizagem Intercultural.

Antes de abordar estes dois conceitos é necessário clarificar e precisar um pouco alguns conceitos nos quais estes se ancoram.

O primeiro deles é o conceito de **Cultura** e sobre ele, apetece citar Hall (1959, cit em Vieira, 1996, cap 2, p.5) *“A cultura é uma palavra a que já foram dados tantos significados que não fará diferença dar-lhe mais um”!*

Este conceito tem sido entendido de diversas formas, as quais não se podem desligar de um percurso histórico do Conhecimento.

Quando usamos o termo podemos distinguir Cultura num sentido mais quotidiano, pensamos muitas vezes na cultura como equivalente às «coisas mais elevadas do espírito» – arte, literatura, música e pintura, como cultura geral. Este sentido vem da tradição filosófica que atribui mais a “cultura” ao “que é adquirido” no homem, e menos ao “que é inato”. Neste sentido *“o termo cultura encontra-se associado a um conjunto de conhecimentos, convenientemente assimilados e dominados”*(Silva, 2008, p.46), que distingue alguém que tem um saber ou saberes.

A questão da cultura está presente em todas as decisões que um homem toma. *“O homem é essencialmente um ser de cultura”* (Cuche, 1999, p.9). O que distingue os grupos humanos são as suas escolhas culturais, que determinam soluções próprias para resolver os problemas do seu grupo. Segundo Cuche as necessidades do homem são informadas pela cultura e as respostas a essas necessidades variam de acordo com ela. A noção de cultura aplica-se ao que é *“humano e oferece a possibilidade de concebermos a unidade do homem na diversidade dos seus modos de vida e de crenças”* (Cuche, 1999, p.23).

O termo “Cultura” na sua origem aparece ligado aos termos Kultur (alemão) e Civilization (francês) e levou a que se tenha identificado cultura com civilização, no sentido de um conjunto de conhecimentos e realizações materiais de um povo, numa distinção em relação a

“pessoas menos cultas”, que não tinham esses conhecimentos. No séc XIX, o antropólogo Edward Tylor sintetizou-os no termo inglês Culture.

Tylor, foi o primeiro a formular o conceito de cultura do ponto de vista antropológico da forma como é utilizado atualmente. Para ele *“cultura ou civilização, entendida no seu sentido etnográfico amplo é o conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, o costume e todas as demais capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”* (Tylor, cit por Silva, 2008, p.46 e por Cuche, 1999, p.35).

Tylor entendia a cultura como um fenómeno natural, e como tal poderia ser analisado sistematicamente, visando a formulação de leis que explicassem sua génese e transmissão. A diversidade cultural, por exemplo, era explicada por Tylor como resultado da desigualdade dos estágios evolutivos de cada sociedade.

A cultura é, nesta perspectiva, o *“conjunto de traços característicos de um modus vivendi, isto é, o conjunto dos hábitos de vida, dos costumes, das representações, das emoções, das competências características de um determinado grupo social, num trabalho permanente de transmissão, socialização ou educação”* (Silva, 2008, p.46).

É um pouco nesta direção que a UNESCO utiliza uma definição de cultura formada na Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais (MONDIACULT, México, 1982, p.1): *“A cultura deve ser considerada como o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças”*.

Nesta definição a cultura é mais entendida como uma herança, que desde os primeiros momentos de vida que configura a sua maneira de pensar e de sentir e determina o seu comportamento em sociedade.

Das várias definições de cultura ao longo da história, com contributos como os de Franz Boas (séc XIX-XX), com a questão do contexto e da não existência de relação entre traços físicos e mentais, de Malinowski (séc XIX-XX), com a questão de apreender o ponto de vista por dentro, da observação direta para se compreender, de Levi-Strauss (1950) com a importância dum sistema de símbolos, é atualmente aceite que ela é objecto de estudo da antropologia. os

No entanto, é possível uma abordagem sociológica, onde a ênfase é dada ao entendimento das estruturas da sociedade, procurando entender como estas estruturas influenciam os grupos ou indivíduos no que se refere ao seu comportamento, aos seus costumes e à sua cultura.

Segundo Giddens (cit. por Silva, 2008; p.47) cultura consiste nos valores de um dado grupo de pessoas, nas normas que seguem e nos bens materiais que criam. Os valores são

ideias abstractas, enquanto as normas são princípios definidos ou regras que se espera que o grupo cumpra. As normas representam o “permitido” e o “interdito” da vida social.

Este conceito de cultura é dinâmico e resulta da interação que um indivíduo faz com o meio onde nasceu e onde vive, um conjunto acumulado de símbolos, ideias, produtos imateriais e produtos materiais associados a um sistema social, e da percepção e seleção que disso faz. Além disso depende da sua ideia pessoal que vai construindo a cultura em que está embebido.

O psicólogo Triandis (2002) distingue entre cultura objectiva e cultura subjectiva. A primeira refere-se aos aspectos institucionais, como os sistemas políticos e económicos, assim como aos produtos dessa cultura, como arte, música e outros. A cultura subjectiva “*is a society's characteristic way of perceiving its social environment*” - *modo característico de percepção do ambiente social de uma sociedade* - (Triandis, cit Triandis, 2002, p.1). Consiste em idéias sobre o que funcionou no passado e, portanto, vale a pena transmitir às gerações futuras.

Estes dois aspectos da cultura estão interligados e relacionam-se numa forma interactiva, em que as instituições da cultura são constantemente reformuladas pelas pessoas, numa forma em que a cultura objectiva é interiorizada através da socialização e a cultura subjectiva aparece exteriorizada através dos comportamentos. É a cultura subjectiva que nos fornece um ponto de vista sobre os diferentes grupos, consequência da interação existente, sendo ela que vai ser determinante no nosso modo de ver a diversidade.

1.2. Comunicação entre Culturas

Cultura também pode ser entendida como a maneira de um grupo de pessoas resolver problemas. Porém, quando agimos dentro da nossa própria cultura, todas as soluções práticas dos problemas quotidianos têm o carácter do óbvio, já que as praticamos permanentemente e muitas vezes não refletimos sobre elas. A nossa cultura é tão “natural” para nós, que a especificidade dela fica invisível; fazemos porque fazemos. Nesta condições o nosso comportamento é muitas vezes automático, levando-nos a considerar certos comportamentos estranhos, baseado num sistema de valores e padrões culturais, geralmente implícitos. Para dificultar, tudo isto está ligado a estereótipos e preconceitos, que fazem parte dos nossos conhecimentos. Estão neste campo as generalizações que fazemos sobre um determinado grupo, sobre o que nos disseram sobre esse grupo ou mesmo com base em apenas um conhecimento individual e pontual.

Isso tem diversas consequências: quando mudamos para outra cultura precisamos de identificar os elementos culturais novos e diferentes num ambiente cultural novo, aprender seus significados e a lidar com eles. Por outro lado, essas diferenças, culturais, vão originar em nós uma reação entre os nossos padrões, que temos como naturais, e os da cultura em que entramos. Precisamos, assim, rever a nossa concepção de que para um problema típico haja uma única solução certa e adequada e consciencializarmo-nos que o nosso comportamento não tem um cunho meramente individual mas que está inserido num padrão cultural. Assim comunicar implica saber que temos essa matriz, que é cultural, no sentido coletivo, e que penetramos numa matriz diferente, onde comportamentos podem ser interpretados de outra forma.

Comunicação entre culturas é mais do que conseguir comunicar no sentido linguístico do termo, de se falar a mesma língua. A comunicação exige, além do conjunto de símbolos comuns, como pano de fundo ou *“background”*, um conhecimento do significado de sistema cultural de valores. E esse sistema de valores opera parcialmente, de forma invisível, por assim dizer, sob a superfície da comunicação, como refere Trompenaars (1996, p.1), para quem *“a cultura é a forma como as diferenças entre culturas são resolvidas, desde que cada nação procura um caminho diferente e sinuoso dos seus próprios ideais de integridade”*.

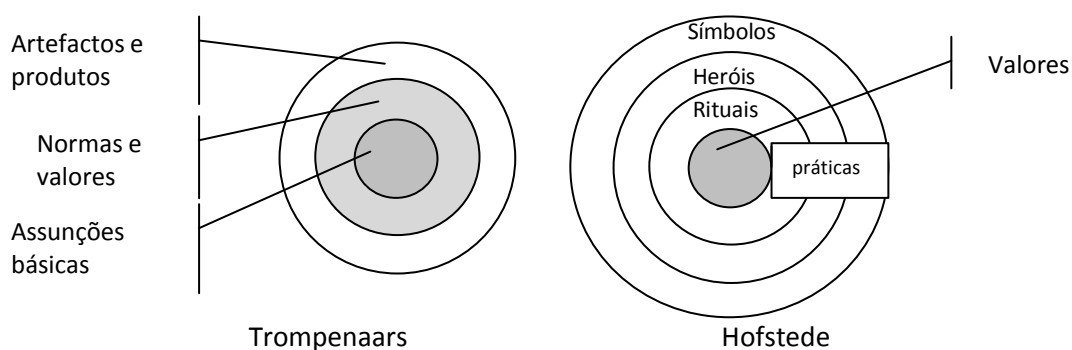
A comunicação, para ser bem sucedida, exige um código comum, pelo menos parcialmente compartilhado, pelos atores; além disso, são necessárias maneiras comuns de processar e interpretar a informação. Neste sentido a análise da comunicação entre culturas diferentes deve levar em conta as diferenças entre as culturas dos participantes, para ultrapassar conflitos e mal-entendidos na comunicação.

Hofstede, numa forma com algumas semelhanças a Trompenaars, e a partir de um trabalho num contexto organizacional apresenta-nos uma concepção de cultura que pode ser entendida de duas perspetivas: uma que é identificada com a visão tradicional atrás descrita por Silva, e uma segunda concepção à qual chama programação mental. Neste sentido a cultura é *“um fenómeno colectivo parcialmente compartilhado por pessoas que vivem ou viveram no mesmo ambiente social onde é adquirida”* (Hofstede, 2003, p.19). Cultura é, assim, *“a programação colectiva da mente que distingue os membros de um grupo (pessoas em contacto entre si) ou categoria (pessoas com algo em comum) de pessoas face a outro”* (Hofstede, 2003, p.19). É o ambiente social que fornece regras não escritas que são apreendidas e se associam à personalidade.

Para ambos os autores a essência da cultura não é o que é visível superficialmente. São as maneiras compartilhadas pelos quais grupos de pessoas entendem e interpretam o mundo.

Trompenaars(1996, p.1) e Hofstede (2003, p.23) propõem modelos, adaptados na figura 1, com algumas diferenças, onde se faz a analogia metafórica da cultura com uma cebola, em círculos concêntricos com o interior menos acessível, onde se situam valores e uma parte exterior com camadas visíveis e explícitas para fora, com práticas, manifestações da cultura.

Figura 1: modelos de cultura



Ainda segundo Hofstede a natureza humana fornece uma matriz comum a todos (como a capacidade de amar, estar triste,...) sobre a qual se desenvolve a cultura (como uma programação) e a personalidade, esta num terceiro nível, resultado da natureza humana (herdado) e da cultura (aprendido). A cultura, neste sentido, é adquirida duma forma específica, pois é aprendida num ambiente; logo não pode ser compreendida e analisada fora dos contextos onde é produzida.

A personalidade é específica do indivíduo e resulta de traços em parte herdados com o código genético único e, em parte, adquiridos através da cultura. Para Hofstede na base das diferenças culturais entre os diferentes grupos humanos estão as aprendizagens realizadas de geração em geração e a consequente transmissão às gerações futuras (Hofstede, 2003, p.20) dum conjunto de normas, valores, crenças e atitudes dum grupo.

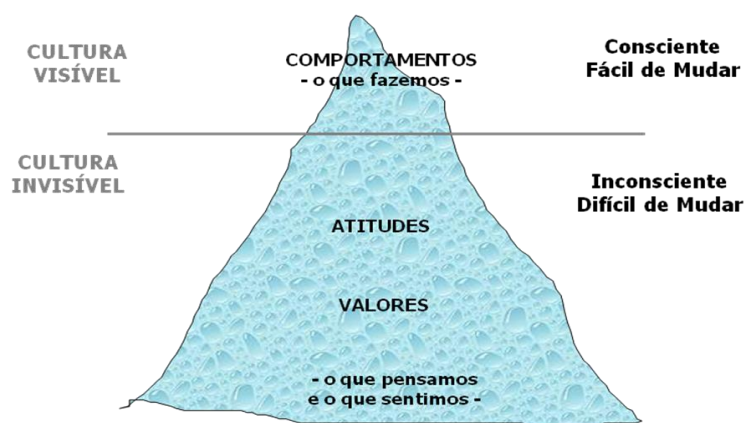
Este conjunto de manifestações duma cultura não têm todos o mesmo peso, o mesmo nível. Duma forma geral os diversos autores organizam estas dimensões da cultura, em dois grandes grupos: uma parte invisível, profunda, mais difícil de ser apercebida, que Trompenaars (1996) chama cultura implícita, Hofstede chama núcleo, e os autores do modelo do “iceberg” de Selfridge e Sokolik, 1975, (Tkit4, 2000, p.19), adaptado na figura 2, chamam-lhe parte submersa; uma parte visível, mais superficial, que Trompenaars chama cultura explícita, Hofstede as práticas e os autores do modelo do “iceberg” chamam parte visível.

O modelo do “iceberg”, embora de forma simples, foca a atenção, metaforicamente, em alguns aspetos essenciais das manifestações da cultura. A parte invisível, inconsciente, normalmente a que não é percebida (como conceitos de justiça, de higiene, de beleza, códigos de conduta, etc.) e que é difícil de mudar, é realmente a base dos comportamentos visíveis, como rituais, gastronomia, etc.

Quando se dá um encontro entre culturas as semelhanças nos comportamentos podem revelar-se ilusórias, pois poderão ter pressupostos diferentes. No caso dos intervenientes serem jovens, como é o caso nestes intercâmbios, a internacionalização de “modas”, nomeadamente no vestir, na música, essa ilusão ainda é mais provável.

Nesta situação, aprender interculturalmente (conceito que será precisado adiante) *“significa também, estar consciente da parte oculta do seu próprio icebergue e ser capaz de falar acerca disso com os outros com a finalidade de melhor se compreenderem e encontrarem pontos em comum”* (Tkit4, 2000, p.20)

Figura 2: Modelo do “iceberg”



Selfridge e Sokolik, 1975

1.3. Diversidade Cultural

Nesta perspetiva pode entender-se **Diversidade Cultural** como o conjunto das diferenças culturais de valores, crenças e comportamentos, que são aprendidos e partilhados por grupos em interação, grupos esses definidos por variadas características, nomeadamente etnicidade, características físicas, estatuto social, pertença a organizações específicas, profissão ou religião.

A diversidade cultural existente deve levar a que o estudo das diferenças existentes seja feito com uma atitude de relativismo cultural, isto é, *“uma cultura não tem critérios absolutos para julgar as atividades de outra cultura (...) No entanto, cada cultura pode e deve utilizar tal*

juízo face às suas próprias atividades uma vez que os seus membros são simultaneamente atores e observadores” (Lévi-Strauss, cit por Hofstede, 2003, p.21).

Uma atitude de **relativismo cultural** não significa que não se analise e/ou julgue uma cultura mas isso tem que ser realizado assumindo que todos os sistemas culturais são intrinsecamente iguais em valor, e que os aspetos característicos de cada um têm de ser avaliados e explicados dentro do contexto do sistema em que aparecem. Sem aqui se entrar em considerações sobre o peso de valores universais, que seriam independentes da cultura (veja-se a Declaração Universal dos Direitos do Homem), e da sua evolução histórica, segundo Glazer (cit, por Haro, s/d) as culturas necessitam de ser estudadas duma perspetiva neutra, para que possam ser compreendidas a partir dos seus próprios méritos e não através dos méritos de uma outra cultura. A perceção de uma determinada situação pode ter múltiplas interpretações e aquilo que acreditamos ser verdadeiro é relativo a quem somos.

Como metáfora, ilustrando o relativismo, uma pequena história de Nasreddin Hodja, um antigo popular contador de histórias turco:

Um rebanho de ovelhas pastava tranquilamente num monte coberto de erva e de flores, sob a vigilância dum pastor. Nisto aproxima-se um lobo. O pastor pega no seu fuzil e dispara sobre o lobo.

Entretanto uma flor pergunta a outra:

- Mas porque é que o pastor quer matar o lobo, que é tão bom, pois defende-nos das ovelhas que nos querem comer?

Utilizando uma analogia, o efeito da nossa cultura na leitura do mundo que nos rodeia assemelha-se à utilização de “óculos culturais” de uma determinada cor; mudando de quadro cultural, mudamos o filtro dos óculos e apercebemo-nos que a nossa forma de ver as coisas não é única.

Estando a falar numa sociedade onde há diversidade cultural e em que elementos de uma cultura são imersos noutra, surge o conceito de **aculturação**.

Embora existam diferentes definições ir-se-á aqui seguir a proposta por David L Sam (Sam, 2006, p.11), que define “*aculturação como tudo o que englobe as mudanças que surgem em consequência do contacto entre indivíduos e grupos com diferentes antecedentes culturais*”. Existe aculturação quando do contacto entre diferentes culturas daí resultam mudanças.

Se “*uma sociedade culturalmente plural é, segundo Skelton & Allen (1999, cit por Sam, 2006, p.27), aquela onde um número de diferentes grupos culturais ou étnicos vivem juntos,*

partilhando uma estrutura social e política comum”, a forma como se organizam nessa pluralidade, como lidam com a aculturação, é diversa, e implica pelo menos dois grandes modelos: uma sociedade multicultural e uma sociedade intercultural.

Numa sociedade **multicultural** grupos com culturas, etnicidade e orientação religiosa diferentes vivem todos no mesmo território, mas não entram necessariamente em interação uns com os outros. Neste tipo de sociedade a diferença é muitas vezes vista negativamente e uma justificação para a discriminação, ou as minorias podem ser toleradas de forma passiva, muitas vezes reduzindo as interações ao mínimo. Mesmo nos casos em que existem direitos legais destinados a acabar com a discriminação, a realidade é de uns a viverem “ao lado” dos outros. Historicamente, os EUA adoptaram este modelo, refletido até no seu modelo educativo de Educação Multicultural, que teve uma preocupação de *“procurar a igualdade e combater a discriminação que tem atingido determinadas camadas e grupos sociais. (...) Ela foi pensada primeiro para as minorias raciais.”* (Vieira, 1999).

Numa sociedade **intercultural** os diferentes grupos com diferentes características, além de viverem num mesmo espaço mantêm relações abertas de intercâmbio, interação e reconhecimento mútuo dos seus próprios valores e respetivos modos de vida. Neste caso existe processo de tolerância ativa e a manutenção de relações onde se tende para relações em que todos têm a mesma importância relativa e em que cada grupo olha para outros com algum relativismo cultural. Neste sentido, uma sociedade intercultural é um processo, é mais do que um somatório ou justaposição de culturas que se confrontam ou se “toleram” num mesmo espaço, é viver num cruzamento de culturas em transformação mútua.

Berry (in Sam, 2006, p.29) propõe uma classificação dos vários grupos numa sociedade pluricultural, grupos esses que pelas suas características determinam diferentes estratégias de aculturação.

Berry cria 4 grupos, em função de duas variáveis: a mobilidade e a voluntariedade. No quadro seguinte estão os diferentes grupos:

Quadro 1 – Variedade de grupos em sociedades pluriculturais

		VOLUNTÁRIOS	NÃO VOLUNTÁRIOS
SEDENTÁRIOS		Grupos etnoculturais <i>Hispanicos nos EUA</i>	Populações indígenas <i>Aborígenes</i>
MIGRANTES	Permanentes	Imigrantes	Refugiados
	Temporários	“Sojourners”*	

*“Sojourners” refere-se a indivíduos que viajam para o exterior do seu país para alcançar um objectivo específico, num período de tempo determinado.

Cada um destes grupos desenvolve diferentes processos de adaptação, dependendo da sua condição e de fatores como o número de elementos, recursos, direitos e poder. Além disso o processo de aculturação também vai depender de atitudes, capacidades, valores e motivações.

No estudo aqui efectuado a amostra está claramente nos “sojourners”, que pela sua condição de voluntários e migrantes temporários, o processo de aculturação tem particularidades. Além de serem grupos muito reduzidos relativamente ao grupo de acolhimento e no caso em estudo até solitários, o facto de saberem o tempo que estão, de saberem que poderão interromper o processo voluntariamente coloca-os numa situação, por um lado menos condicionadora e, por outro lado, numa ambiguidade de quão se devem envolver no estabelecimento de relações. Além disso, pelas características do programa o meio de acolhimento preponderante são os ambiente familiar e escolar.

1.4. Distância Cultural

Além das características dos grupos, como atrás foi referido, aquando da sua interação com outros grupos, cada sociedade tem uma série de particularidades, de diferenças culturais que, segundo Ward, Bochner & Furnham, cit. em Berry e Sam (2006, p.31), quanto maiores forem mais estressante é a experiência de aculturação.

Considerando **distância cultural** como a percepção de semelhanças e diferenças entre cultura de origem e cultura de contacto (Masgoret e Ward, in Berry, 2006, p.71), esta, quando maior for mais a aculturação será mais difícil.

Berry identifica seis dimensões culturais, entre outras: diversidade dentro da cultura (Portugal mais homogéneo que EUA, por exemplo), estruturas mais ou menos hierarquizadas, conformidade em relação ao sistema, nível de saúde, noção de espaço e tempo.

Vários autores procuraram formular classificações sobre as dimensões da cultura, ora dum ponto de vista sociológico ora antropológico.

Em 2003 Hofstede identifica cinco dimensões, quatro inicialmente e uma posteriormente, esta consequência dum trabalho com população chinesa, com as quais se poderiam caracterizar e diferenciar culturalmente países ou organizações. Mais tarde (Hofstede, 2011, p.7) introduz uma 6ª dimensão. Em 1991 O antropólogo House coordenou um projeto, o “Globe Project”, que identificou 9 dimensões (Hoppe, 2007).

As dimensões identificadas por Hofstede são:

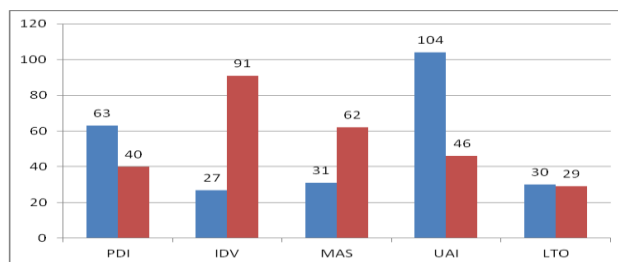
- Distância Hierárquica (PDI), refere como a sociedade encara as desigualdades na repartição do poder (por exemplo, num país com elevado PDI espera-se que os filhos sejam obedientes e que os professores sejam tratados com mais deferência).
- Grau de Individualismo (IDV), é colocado em contraponto com o coletivismo, afere como numa sociedade cada elemento deve ocupar-se de si próprio, ou se deve mais lealdade ao grupo (por exemplo, num país com elevado IDV espera-se que se diga diretamente o que se pensa, os filhos não sigam tanto a mesma profissão dos pais, e que a escola desenvolva capacidades individuais e onde o favoritismo é muito mal visto).
- Índice de Masculinidade (MAS), é colocado em contraponto com a feminilidade. Está relacionado com a divisão de papéis emocionais entre mulheres e homens, em que num país com maior MAS se espera uma maior divisão de papeis (por exemplo, num país com elevado MAS espera-se que na escola o melhor seja invejado, que seja mais viver para trabalhar do que trabalhar para viver e que na família se ensine a mulher a ser modesta); Todo mundo é suposto para tomar conta dele ou ela e sua família imediata só As pessoas nascem em famílias extensas ou clãs que protegê-los em troca de lealdade
- Grau de Controlo de Incerteza (UAI), afere a forma como a sociedade lida, com mais ou menos ansiedade, com o futuro desconhecido. (por exemplo, num país com elevado UAI espera-se uma participação muito ativa dos pais na escola e existe mais necessidade de regras claras e mais medo ao diferente)
- Índice de Orientação a Longo Prazo (LTO) relacionada com a escolha do foco para os esforços das pessoas: o futuro ou o passado e o presente, para uma sociedade de “virtude” (longo prazo) ou mais pragmática, a curto prazo. Espera-se que um país com elevado LTO dê mais valor à perseverança e estatuto social do que à estabilidade pessoal.

Foi ainda definida uma 6ª dimensão, formulada em contraponto, “Indulgência versus Restrição”, em que a primeira se refere a uma sociedade que permite de forma relativamente livre o usufruto e gratificação de necessidades não básicas, contra uma que controla e regula por meio de normas sociais essa gratificação.

A seguir apresenta-se um gráfico comparativo entre Portugal e EUA sobre as cinco dimensões:

Figura 3 - Gráfico Dimensões Hofstede Portugal-EUA

Portugal
corresponde às
colunas da
esquerda



Fonte: <http://www.geert-hofstede.com>

Todas estas dimensões duma cultura, um modelo conceptual, serão sempre insuficientes e não devem ser sobrevalorizadas. Na realidade elas combinam-se entre si, criando diferentes situações que, conjugadas com outros indicadores, ligados à geografia do local, à religião e à condição sócio-económica ajudam a compreender melhor e lidar com a complexa realidade do nosso mundo social (Hofstede, 2011, p.21).

2. ADAPTAÇÃO CULTURAL E ACULTURAÇÃO

Já foi referido atrás que quando membros de culturas diferentes entram em contacto se dá um processo de aculturação.

“Aculturação é o duplo processo de mudança cultural e psicológica que ocorre como resultado do contato entre dois ou mais grupos culturais e seus membros individuais. A nível de grupo envolve mudanças nas instituições e estruturas sociais, e nas práticas culturais. A nível individual, envolve mudanças no repertório comportamental da pessoa” (Berry, 2005, p.698).

Definida genericamente em termos de grupos, a aculturação coloca a cada indivíduo uma questão central: Como é que uma pessoa nascida e educada numa determinada sociedade se gere de modo a viver noutra sociedade que é culturalmente diferente daquela de onde vem? Esse processo de adaptação cria no grupo ou no indivíduo mudanças, mais ou menos estáveis, que adaptam melhor ou pior o grupo ou o indivíduo a exigências externas.

2.1. Adaptação e modelos

Para procurar perceber o processo de adaptação de um indivíduo a um novo ambiente cultural o uso de modelos é útil pois eles mostram que muitos dos desafios que se encontram durante uma experiência intercultural são normais, podem ser esperados, e podem permitir uma preparação para esses processos de aculturação, já que na situação específica deste

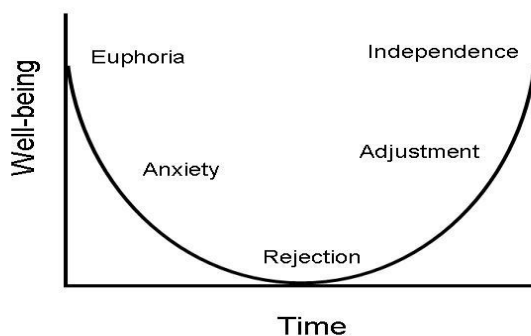
estudo são indivíduos isolados que se inserem noutra cultura, de forma que pode ser planeada.

Colleen Ward, Bochner e Furnham (cit por Bochner, 2003, p.6, Landis, 2004, p.186) distinguiram, no seu Modelo ABC, três componentes num processo de adaptação: O afetivo (“affect”), o comportamental (“behaviour”) e o cognitivo (“cognitions”)

Relativamente à componente afetiva os dois modelos mais internacionalmente aceites são o modelo de curva em U, desenvolvido por Kalervo Oberg (cit. por Davidson, 1969), que utiliza a analogia com a letra U para descrever os altos e baixos emocionais que ocorrem durante uma estadia intercultural numa cultura de acolhimento. Sugere que a experiência de um “sojourner” começa de forma muito positiva (uma “lua de mel”, com bastantes expectativas), cai para um estado mais negativo (as dificuldades de adaptação, com a linguagem, as regras, a perceção da existência da “parte invisível do icebergue” (Selfridge e Sokolik)) e, eventualmente, acaba com uma recuperação, uma maior adaptação.

Figura 4

The ‘U-curve’ pattern in adjustment to a new culture
(Culture shock)



Adapted from Lysgaard 1955

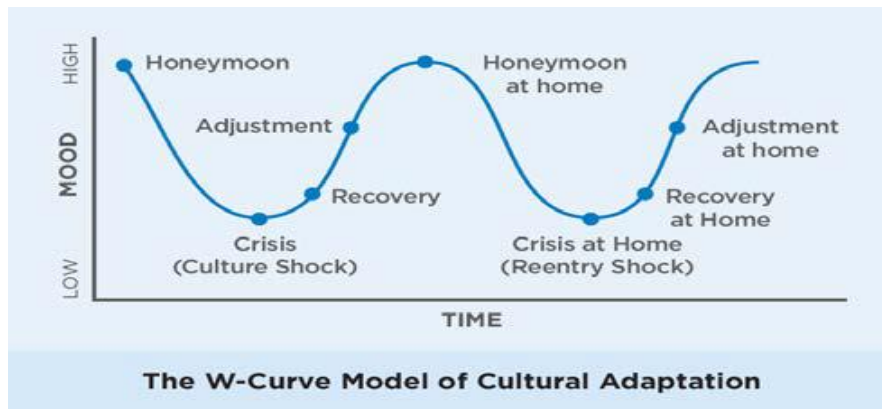
Fonte: Davidson, 1969

De notar que esta curva em U da adaptação, por inversão do U, em \cap dá-nos a curva da ansiedade aculturativa, que começa baixa, vai aumentando e depois torna a baixar

Posteriormente, em 1963 Gullahorn & Gullahorn adicionam outro U para o modelo da curva em U, formando o chamado modelo em W.

Este segundo U retrata a experiência do “sojourner”, aquando do seu retorno à sua cultura de origem

Figura 5 – Modelo em W de Adaptação Cultural

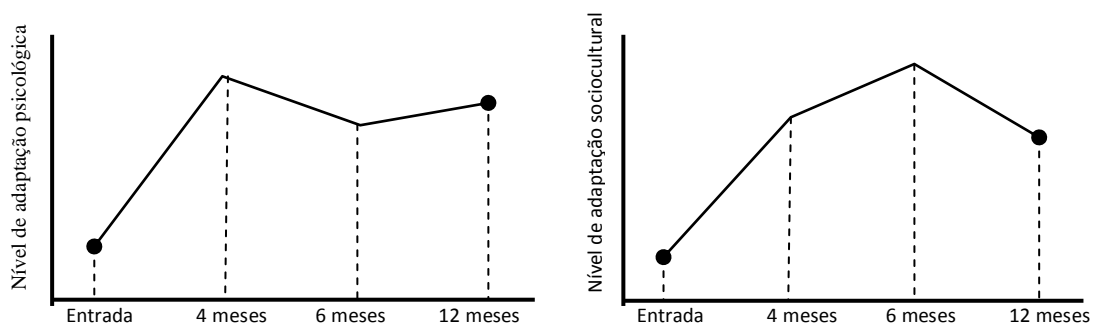


Estes modelos foram posteriormente criticados por Colleen Ward (cit. por Landis, 2004, p.188), que, juntamente com outros teóricos, criticou os modelos de curva em U e W porque nas suas pesquisas não encontrou sempre a chamada fase de "lua de mel", verificando que a angústia é com frequência mais alta no início da permanência.

Em vez disso, Ward propôs dois modelos, um de adaptação psicológica, e outro de adaptação sociocultural. O primeiro destaca que existe um início difícil, com ajustes, gestão de novas rotinas, seguido de uma ascensão em adaptação, seguindo-se uma pequena variação descendente, embora com pequenas flutuações, fruto da reflexão sobre as diferenças em cada circunstância, a todo o tempo. Este modelo sugere que o apoio aos “sojorneiros” se deve concentrar no início do processo.

O outro modelo proposto por Ward, o de adaptação sociocultural, ao contrário do primeiro (voltado mais para o indivíduo em si) descreve a capacidade crescente de um estrangeiro para interagir eficazmente com membros de sua sociedade de acolhimento. Quanto mais um estrangeiro fica no país de acolhimento, mais forte se torna a sua adaptação sociocultural. No entanto, Ward afirma que passados cerca de 6 meses pode não haver qualquer aprendizagem significativa adicional.

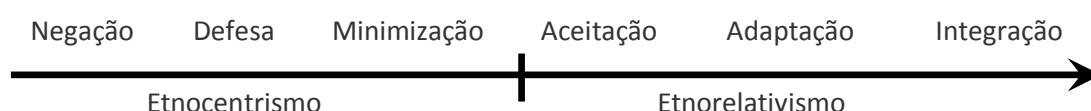
Figura 6 - Adaptação psicológica e sociocultural ao longo do tempo



Adaptado de Landis, 2004, p.188, da fonte Ward, Bochner e Furnham, 2001

Relativamente à componente comportamental foi apresentado num artigo por Milton Bennett (1993) um modelo que ficou conhecido por modelo do desenvolvimento da sensibilidade intercultural (DMIS). Este modelo defende que o referido desenvolvimento se processa em 6 fases, as 3 primeiras numa fase de etnocentrismo e as 3 últimas numa fase de etnorelativismo

Figura 7 – Modelo Desenvolvimento da Sensibilidade Intercultural



Adaptado de Landis, 2004, p.153

Aqui sensibilidade intercultural é definida como a forma como o indivíduo interpreta as diferenças culturais e os vários tipos de experiência relacionados com estas construções.

O DMIS baseia-se num conceito base: a diferenciação, no sentido que o indivíduo distingue os fenómenos à sua volta de várias formas e que as culturas variam essencialmente de acordo com os seus padrões de distinção. DMIS foi criado com o objectivo de descrever como a diferença cultural é entendida e identificar os factores que impedem esse entendimento. O modelo, que é linear, é entendido como uma aprendizagem dinâmica, na qual os níveis de consciência e compreensão são crescentes. Contudo o processo pode sofrer uma regressão.

Por último, os modelos referentes à componente cognitiva, relacionada com a identificação social, a estrutura cognitiva, olha como os indivíduos ou grupos se vêem a eles próprios e quais os efeitos de estereótipos e discriminação na sua identidade. Diz respeito às mudanças na identidade cultural e social, um processo que inevitavelmente ocorre durante uma experiência intercultural.

O modelo desenvolvido por Peter S. Adler (cit. por Davidson, 2009), em 1975, centra-se nas mudanças que ocorrem para a identidade durante a adaptação cultural.

Figura 8 – Fases de adaptação cultural

Contato → Desintegração → Reintegração → Autonomia → Independência

O processo começa com o contato inicial com a nova cultura. Segue-se um período de desintegração, onde o “sojourner” sente confusão e desorientação. Progressivamente torna-se cada vez mais consciente das diferenças de crenças, valores e comportamentos entre a cultura de origem e de acolhimento e isto pode levar à reintegração (ou uma rejeição). Como o indivíduo vai criando capacidades de lidar com as situações (como a aprendizagem da língua) ele progride para uma fase de autonomia. A fase final, independência, é marcada pela aceitação das diferenças culturais.

É de notar que os modelos nas três componentes têm algum paralelismo, como seria de prever, embora cada um em estruturas específicas.

2.2. Choque Cultural

Numa aculturação, neste caso potenciada pelo intercâmbio, tem que se ter em conta diferentes variáveis, como:

- as características do país de origem
- as características do país de acolhimento
- as diferenças entre os dois países, não só culturais
- o enquadramento dos participantes como grupo em aculturação
- as características individuais do participante

Quando um indivíduo sofre um processo de aculturação, as suas características individuais e as condições da sua introdução numa realidade cultural, são fatores a ter em conta na sua adaptação (é neste contexto que se pode situar a teoria ABC, atrás descrita). Mas a distância cultural entre a cultura de origem e a de acolhimento vão originar um estado de “crise”, um choque cultural.

Historicamente é atribuída a Oberg (1960) a primeira definição de choque cultural, que o considera uma doença provocada pela ansiedade que resulta da perda de todos os sinais e símbolos familiares de relações sociais (cit por Brein, 1971).

A partir das experiências vividas e relatadas na situação de adaptação, a palavra “choque” traduz alguns dos sentimentos presentes nessas experiências. O desconhecido pode ser uma experiência desconfortável e às vezes aterrorizante. No entanto, como refere Bochner (2003) o uso da palavra “choque” coloca muita ênfase sobre as circunstâncias ameaçadoras de contato sem reconhecer que tais experiências também podem ter consequências benéficas para os participantes. Torna-se pois necessário aqui notar que a palavra está a ser usada num sentido técnico e menos no sentido comum.

Schumann, (1986, p.383), que propõe um modelo de aculturação mais ligado à comunicação linguística, define choque cultural como “a ansiedade resultante da desorientação encontrada ao se entrar em uma nova cultura”

O choque cultural, a ansiedade, a expectativa, pode ocorrer quando um indivíduo imerge numa cultura diferente da sua. Mas neste sentido esta crise, nomeadamente nos “sojourners”, pode ocorrer em dois momentos: na sua entrada numa nova cultura e na sua reentrada na cultura de origem, a que iremos chamar retrochoque. Ambos os processos, que são processos de aculturação a uma cultura, são caracterizados por um “choque”, uma adaptação a uma realidade diferente daquela de que saíram.

No entanto, o choque resultante de entrar numa cultura de acolhimento é necessariamente diferente do retrochoque. Essa diferença resulta, acima de tudo, da diferença de expectativas que o “sojourner”, neste caso o estudante, tem: Quando vai para o país de acolhimento ele tem a expectativa que vai ser diferente. Aliado a isto, por ir na adolescência, em que valores e estilos de vida estão em formação e existe uma curiosidade (e também alguma ansiedade) pelo novo, o sujeito que faz o intercâmbio tem uma maior predisposição à novidade (são voluntários).

Quando regressa ao seu país de origem as expectativas são, muitas vezes, de regressar “ao que tinha”, ao que conhecia. Considerando que teve uma aculturação, com alguma reformulação de hábitos e eventualmente até de valores, quando regressa ao seu país de origem descobre que não está em sintonia, não se apercebeu que as suas mudanças tiveram uma direção diversa das mudanças ocorridas no seu país de origem, na sua família, nos que o rodeiam; tem agora que se reajustar de novo.

Se se atentar na curva em W, atrás descrita, podemos ver que o segundo U, o do retrochoque, tem as mesmas variações, embora intrinsecamente sejam de natureza diferente.

2.3.Estratégias de Aculturação

Quando se fala em aculturação, do choque cultural resultante, já foi referido que ela depende de várias variáveis, como seja as características de cada cultura, a distância cultural entre elas e de outros fatores.

Uma quarta variável diz respeito às características do grupo, que se move de uma cultura de origem para uma de acolhimento.

Ao longo da história esse processo de aculturação variou muito, fruto das conceções da cultura de acolhimento, muitas vezes uma cultura dominante, como no caso de emigrantes ,

refugiados e população indígena, num quadro teórico-político consequência da evolução do conceito de sociedade pluricultural.

Também pelas características do tipo de contacto cultural, nem todos os grupos e indivíduos se submetem à aculturação da mesma forma, isto é, variam nas suas estratégias de aculturação.

Seguindo a classificação proposta por Berry e Sam (2006, p.33) “estas estratégias consistem em dois componentes: atitudes e comportamentos (...) que estão expressos nos encontros interculturais do dia-a-dia”. As primeiras referem-se às preferências e buscas pessoais do indivíduo e os segundos referem-se às atividades reais, efectivas, do indivíduo.

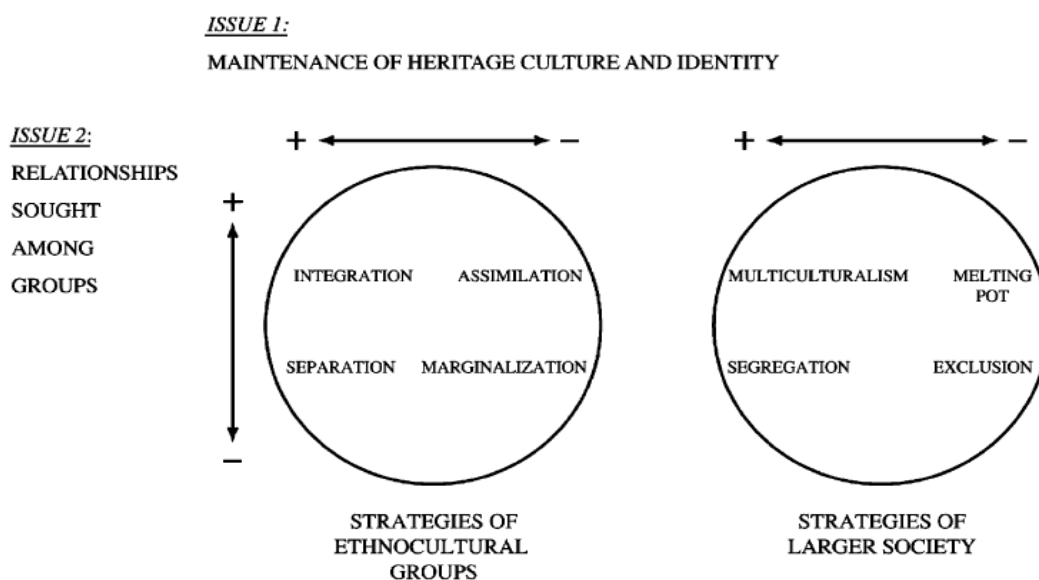
Berry e Sam (2006, p.35) propõem um modelo com 4 estratégias, no pressuposto de que o grupo não dominante e os seus elementos tiveram a liberdade de escolher como queriam o tipo de relações interculturais, o que na realidade nem sempre acontece.

Berry e Sam definem quatro estratégias – na figura a seguir - (dentro dos círculos) a partir de duas questões: uma (issue I) é a orientação para o próprio grupo, a preferência relativa à manutenção do património e identidade; a outra (issue II) é a orientação em relação a outros grupos

Atitudes e comportamentos em relação a estes dois problemas podem aumentar ou diminuir.

Por outro lado, as 4 estratégias têm o correspondente, se se trata de grupo dominante (larger society) ou não dominante

Figura 9 - Estratégias de Aculturação



Fonte: Berry, 2003, p.35

Dos modelos teóricos, o modelo de Berry é um dos modelos que mais tem recebido confirmação empírica. De acordo com este modelo as diferentes estratégias de aculturação indicadas podem ser formuladas a partir da resposta dada a duas questões distintas: uma, que corresponde ao eixo horizontal, “é importante manter a identidade e as características do seu grupo?”; outra, que corresponde ao eixo vertical, “é importante manter as relações com a sociedade de acolhimento?” (por exemplo resposta sim/sim será +/+).

Do ponto de vista do grupo não dominante:

- A estratégia de assimilação consiste, na rejeição da identidade cultural de origem pelo indivíduo ou grupo e na interiorização das normas da sociedade dominante;
- A estratégia de separação acontece quando os indivíduos evitam o contacto com a sociedade de acolhimento rejeitando os seus costumes e valores, mantendo e preservando a identidade cultural do seu grupo de pertença;
- A estratégia de marginalização existe quando ocorre uma situação de dupla negatividade, uma desvalorização da cultura de origem e uma não participação na sociedade mais alargada;
- A estratégia de integração consiste numa orientação para a manutenção da integridade cultural do grupo de pertença, coexistindo em simultâneo um movimento para uma relação positiva com a maioria dominante.

Embora se possa encontrar as diversas situações, mesmo quando é dada liberdade de opção ao grupo minoritário, situações estudadas sugerem que as minorias preferem a estratégia de integração como estratégia de adaptação.

Do ponto de vista do grupo dominante ter-se-á:

- “Melting pot” (caldo cultural), que acontece quando uma cultura dominante pratica uma política de impor os seus padrões, no meio da diversidade existente . *“Há aqui multiculturalidade, coexistência de diferenças culturais mas há nítida desigualdade nas interações. A comunicação estabelecida e as reações de poder são fundamentalmente unívocas”*.(Vieira, 1999);
- Segregação, quando a separação é forçada pelo grupo dominante;
- Exclusão, quando o grupo dominante impõe uma marginalização;
- Multiculturalismo (aqui no sentido de interculturalidade, atrás descrito), quando a diversidade é uma característica aceite da sociedade como um todo, incluindo todos os vários grupos étnico-culturais, criando *“uma unidade na diversidade. Metaforicamente, uma salada de frutas que não anula os diferentes sabores presentes no todo.”*, (Vieira, 2011, p.56) em contraponto a “caldo cultural”, onde não se distingue o sabor individual de cada componente.

Estes estudantes, “sojourners”, que neste programa são solitários (ou em número muito reduzido) para o local para onde vão, no contacto com a cultura de acolhimento são de três tipos, segundo S. Graig (1983), em AFS Orientation Handbook, (cit por Arnaut, p.14): Encapsulador, Cosmopolita e Mimetista.

- Encapsulador, que reduz ao mínimo os contactos com o povo e cultura de acolhimento, aprende muito pouco sobre eles. Se possível procura agregar-se a outros AFS ou a estudantes em programas semelhantes. Corresponde ao que adopta uma estratégia de separação.
- Cosmopolita, que desenvolve a capacidade de compreender a cultura de acolhimento e aceitá-la, sem sentir que apreciar o novo país implique não apreciar o país natal. Corresponde ao que adopta uma estratégia de integração.
- Mimetista, que se identifica totalmente com a cultura de acolhimento e afasta-se dos elementos de cultura de origem. Corresponde ao que adopta uma estratégia de assimilação.

A estratégia de marginalização aqui não se configura, pois que numa situação dessas ou o programa é interrompido ou o estudante muda de família.

3. APRENDIZAGEM INTERCULTURAL

Ao abordar-se aqui o conceito de aprendizagem intercultural, este é aqui interpretado como mais abrangente que o produto duma educação intercultural, no sentido escolar do termo.

Quando se fala em aprendizagem intercultural esta está necessariamente relacionada com a aculturação e a adaptação cultural; ao existir aculturação existe aprendizagem.

Num sentido mais restrito aprendizagem intercultural refere-se ao processo individual de aquisição de conhecimentos, de atitudes ou de comportamentos, quando há interacção com outra cultura

Num sentido mais lato pode traduzir o processo que leva a que pessoas com diferentes enquadramentos sejam susceptíveis de viver em conjunto de maneira pacífica. Não deve apenas fazer descobrir a alteridade e a diversidade, na relação com o outro; *“ela deve também produzir no jovem uma capacidade de agir em matéria de direitos do homem”* e uma capacidade do jovem *“integrar na sua formação da personalidade o sentido do combate contra qualquer tipo de discriminação.”* (Perotti, 2003, p.54).

Se considerarmos que para que exista uma adaptação cultural tem que existir uma aprendizagem, esta, numa perspectiva paralela, desenvolve-se a três níveis, interligados: afetivo, comportamental e cognitivo.

A nível cognitivo, é adquirir conhecimentos, entendendo aqui aquisição num sentido lato.

A nível afetivo, emocional, significa a mudança afetiva que se opera no indivíduo quando aprende; ele aprende como funciona um aparelho, e por isso fica a apreciar mais esse aparelho, e essa apreciação fá-lo olhar de outra forma e reter de forma mais eficaz o que aprendeu.

A nível comportamental é o resultado visível da aprendizagem: ser capaz de utilizar um telemóvel, saber conversar de forma educada.

Quando se aprende, estes três níveis estão presentes: Se quero ser participante de um desporto coletivo, tenho que aprender as regras e as estratégias básicas, mas isso só será duradouro, se eu gostar de praticar esse desporto e vier cada vez a gostar mais, em função dos bons resultados que vou obtendo ao praticá-lo.

Mas enquanto processo, a aprendizagem pode resultar de situações planeadas ou não. Num intercâmbio como o estudado, os participantes são envolvidos em situações tanto estruturadas, como a sua inserção num sistema escolar, em atividades de preparação, apoio e

de acolhimento, como em situações não estruturadas, como as relações na escola, algumas atividades no âmbito familiar ou no meio social em que se movem. Destes dois vetores resulta a aprendizagem intercultural, sendo que na vertente não planeada, ela só se realiza se se refletir sobre o que sucede.

Das características destes intercâmbios a aprendizagem intercultural resulta num processo abrangente que inclui educação formal e não formal, esta entendida como *“toda atividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos selecionados de ensino a determinados subgrupos da população”* (La Belle, 1982, cit por Gadotti, 2005, p.2).

A educação não-formal, neste processo muito importante, é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. A sua importância na aprendizagem intercultural neste tipo de intercâmbio advém da sua característica interativa, de duplo sentido: cada um aprende com o outro lado, não havendo tanto um papel de ensinante ou de aprendente.

O modelo de Bennet (atrás descrito como DMIS) revela-se um ponto de partida interessante para a concepção de formações e de orientações baseadas no desenvolvimento da sensibilidade intercultural. Para o tipo de aculturação em causa e a consequente aprendizagem o modelo pode servir de suporte teórico a um processo que é progressivo, embora com avanços e recuos. Permite também, em termos de estratégias para gerir a diferença, identificar dificuldades.

Mas a aprendizagem intercultural não pode estar desligada de conteúdos e metodologias. Na literatura existem muitos modelos e propostas (ver *“Handbook of Intercultural Training”*, por exemplo), mas aqui apenas se vão referir dois exemplos abrangentes.

Para que uma educação seja intercultural é necessário que existam princípios congruentes. A UNESCO (2006) recomenda:

- A Educação Intercultural respeita a identidade cultural do aprendente providenciando educação de qualidade responsável e culturalmente adequada para todos.
- A Educação Intercultural providencia, a todos os educandos, o conhecimento cultural, atitudes e competências necessárias a uma plena participação social.
- A Educação Intercultural providencia, a todos os educandos, o conhecimento cultural, atitudes e competências necessárias para contribuir para o respeito, compreensão e solidariedade entre indivíduos; grupos étnicos, sociais, culturais e religiosos, e nações.

A aplicabilidade destes princípios numa aprendizagem intercultural, deverá seguir passos que os permitam operacionalizar. Groschen/Leenen (cit por Max, 2008, p.28) propõem um processo de 7 passos:

- Compreensão e aceitação da própria cultura;
- Reconhecer que outros modelos culturais são diferentes, sem elaborar juízos de valor;
- Aprofundar a consciência da própria cultura;
- Alargar os horizontes culturais (ter mais critérios para identificar outras culturas);
- Desenvolver compreensão e respeito por culturas diferentes. Destruir estereótipos;
- Alargar as próprias opções culturais (capacidade de lidar de forma flexível com regras culturais e fazer escolhas responsáveis entre diferentes opções culturais);
- Desenvolver relações construtivas e satisfatórias dentro e com um ambiente cultural diferente. Lidar com conflitos interculturais na prática. Integrar padrões culturais diferentes de forma seletiva.

Se a aprendizagem é um processo complexo, em que os valores se relativizam, o normal pode deixar de o ser, ela é um questionamento permanente da identidade do indivíduo, com referência a vários quadros culturais, e ao mesmo tempo, um seu enriquecimento.

4. CULTURA E IDENTIDADE

Quando se fala em identidade do indivíduo, ela *“é um processo, não um facto ou uma estrutura (...) um projeto coletivo ou individual, conforme estejamos a falar de identidades sociais e culturais ou pessoais”* (Vieira, 2011, p.39).

Quando se fala nas componentes da identidade e se proponha analisar cada uma em si, há que ter presente que elas estão interligadas e que cada uma influencia as outras. Quando um estudante realiza um intercâmbio de um ano a sua identidade nas componentes pessoal, social e cultural e intercultural, incorpora elementos da cultura de acolhimento. Esta tem de ser vista não como uma sociedade com as suas características próprias, mas pertencendo também a uma sociedade nodal, global, pois os indivíduos, neste caso os estudantes envolvidos, não ficam isolados no “novo mundo”.

Na atualidade, onde a globalização é um facto, onde há uma estreita interação entre fatores económicos e culturais, numa escala mundial, a mobilidade de pessoas e uma forte dinâmica na produção, circulação e consumo de bens, materiais e simbólicos, produz, neste processo, pluriculturalismo, identidades novas e transculturais. O consumismo global de bens culturais, as comunicações levam o indivíduo a sujeitar-se a contrastes culturais, originando metamorfoses culturais nos projetos individuais (Vieira, 2011, p.49). Aquilo que estava longe no espaço e no tempo, agora devido a uma sociedade atual global, nodal, passou a estar não tão distante, e diferentes culturas, modos de vida, religiões, ideias, são agora partilhadas, produzindo, inevitavelmente, uma forte diversificação no processo de construção identitária.

Perante estas transformações as identidades pessoais mudam, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. *“Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento—descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos — constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.”* (Hall, 2006, p.9)

Esta crise de identidade surge do deslocamento da concepção de identidade. Seguindo Hall (2006), anteriormente, numa concepção iluminista, o indivíduo era dotado das capacidades de razão, sendo o centro essencial do “eu”. Posteriormente, na concepção sociológica, a identidade do sujeito resulta da interação de valores, sentidos, símbolos e cultura dos mundos habitados pelo sujeito. A identidade, nesta concepção, é relacional, *“costura (...) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis”* (HALL, 2006, p.12).

Na globalização esta ideia de identidade unificada e estável desapareceu, aparecendo como uma composição de várias identidades, algumas vezes contraditórias, criando uma identidade compósita. *“Identidade torna-se uma celebração móvel; formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam* (Hall, 1989. p.226). *É definida historicamente, não biologicamente”* (Hall, 2006, p.13).

Perante esta situação uma questão que surge nesta discussão é: Somos possuidores de uma identidade ou de várias identidades? Segundo Maalouf (2009), cada indivíduo possui uma identidade composta de muitas afiliações e pertenças, numa “dosagem” que o faz ser único. Maalouf (2009, p.27); *“quanto mais numerosas as pertenças que tenho em conta, mais específica se revela a minha identidade”*. Na verdade, existe em cada um uma enorme variedade de identidades (um estudante do intercâmbio será, por exemplo, português, mulher, budista, lisboeta, músico, classe média, ...). Por isso, alguns autores diferenciam identidades individuais de identidades culturais/sociais e, portanto, coletivas.

4.1. Identidade pessoal, social e cultural

“Há uma multiplicidade de identidades em cada um de nós, e também em cada um de “nós” coletivo, (...), o eu intercultural forjado entre o nós e o outro (...), numa construção duma identidade pessoal a partir da alteridade” (Serres, 1993, cit por Vieira, 1996, cap 2, p.12). No mesmo sentido Cuche (1999, p.182,183), afirma que *“a identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato”*. Mais adiante refere que *“não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A*

identidade existe sempre em relação a uma outra. Ou seja, identidade e alteridade são ligadas e estão em uma relação dialética. A identificação acompanha a diferenciação

Neste sentido “A identidade liga-se à percepção de cada indivíduo tem de si próprio, isto é, da sua própria consciência de existir enquanto pessoa em relação com outros indivíduos, com os quais forma um grupo social (a família, as associações, a sua própria nação, etc.” (Perotti, 2003, p.48). A identidade pessoal revela-se, pois, um fenómeno complexo e multidimensional, com diferentes significações.

Se o conceito de identidade pessoal nos remete para um conjunto relativamente estável de aspectos de um indivíduo que o distingue dos outros e o tornam único, também nos remete para um conjunto de padrões que são diferenciadores (comportamentos, pensamentos, atitudes...), tudo integrado numa unidade coerente.

Tomaz Silva (2005) nota que quando se diz “sou português”, embora pareça uma afirmação auto-suficiente ela só o é porque há pessoas que não são portuguesas. Na realidade a nossa identidade afirma-se na alteridade.

Neste sentido, a identidade pessoal não se estabelece de forma isolada, mas em sociedade, de forma relacional. Assim, surge a identidade social, que evidencia o efeito das diversas interações entre o indivíduo e seu ambiente social. Ela “*caracteriza-se pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculação a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente*” (Cuche, 1999, p.177). Segundo Vieira (1996) cada indivíduo constrói a sua identidade social pelo facto de pertencer a determinados grupos e do “significado emocional e avaliativo” que isso reveste. Mas, por sua vez, o grupo é dotado de uma identidade que o leva a comparar-se com outros, numa categorização em função do seu próprio grupo.

Nesta perspetiva, e ainda segundo Cuche (1999), a identidade cultural é um dos componentes da identidade social, ao categorizar a distinção entre nós e eles, baseada na diferença cultural, na diferença de atitudes, códigos.

Embora historicamente a identidade cultural tenha evoluído de algo “herdado”, ora ligado a uma etno-cultura, ora ligado a características base comuns (religião, língua, território), na realidade as duas perspectivas assentavam no pressuposto da existência de critérios determinantes, preexistentes ao indivíduo (Cuche, 1999).

Posteriormente foi posta em causa essa preexistência e a identidade seria um sentimento de vinculação a um coletivo imaginado, onde o importante são as representações que os indivíduos fazem da realidade social, portanto subjetivas.

Mas “se a identidade é uma construção social e não um dado, se ela é do âmbito da representação, isto não significa que ela seja uma ilusão que dependeria da subjetividade dos agentes sociais. A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas.” (Cuche, 1999, p. 182).

Nas sociedades modernas a identidade cultural dum indivíduo, como sentimento de vinculação a um coletivo, tem tido como uma das principais fontes a identidade nacional (Hall, 2006, p.47). Numa sociedade global, nodal, em que as interações são já constitutivas da sociedade, a identidade nacional aparece como uma representação, como a participação do indivíduo numa ideia de nação, além de uma comunhão de património, língua, religião.

Como diz Gellner (cit por Hall, 2006, p.48) “Ter uma nação não é um atributo inerente da humanidade, mas aparece, agora, como tal”.

Quando um estudante norte americano deste programa estava em casa numa família de acolhimento portuguesa, no decurso da sua estadia, em dado momento resolveu mostrar o seu livro de final de ano à sua família. Referindo este ou aquele colega que estava numa fotografia, apontou um deles como sendo o seu melhor amigo. O pai de acolhimento, observou e comentou: “ah, ele é chinês!”, ao que o estudante muito admirado respondeu: “não! Ele é americano!”.

É evidente que o pai sabia que o amigo dele era americano; quando referiu “chinês” referia-se ao conceito de etnicidade. Esta pequena situação ilustra a diferença de representação de nacionalidade do pai de acolhimento, em que a etnicidade está associada ao conceito de “ser português” e a ausência desta componente no conceito de “ser americano” do estudante a fazer o programa.

Assim, “a identidade nacional é uma comunidade imaginada”, como diz Benedict Anderson (cit por Hall, 2006, p. 51) e uma das fontes constituintes da identidade cultural.

Mas, numa sociedade global, nodal, em que o tempo e a distância se alteraram com a comunicação, em que património, valores, códigos, mitos, atravessam as fronteiras e passaram a ser partilhados e a fazerem parte da identidade social de indivíduos de várias nações, como é que essa conceção de identidade que a reduz a uma única pertença, não se torna uma identidade “assassina”, nas palavras de Maalouf (2009, p.41)?

Como diz ainda Maalouf (2009, p.33) a identidade tem que ser entendida como não sendo inteira e definitiva; ela constrói-se e transforma-se ao longo da nossa existência.

Se há uma multiplicidade de identidades em cada um de nós, elas interligam-se e interagem, criando uma identidade em permanente reconstrução, fruto duma herança “vertical”, que nos vem dos nossos antepassados, das tradições do nosso povo, da

comunidade religiosa, e duma herança “horizontal”, que vem da nossa época, dos nossos contemporâneos (Maalouf, 2009, p.114). Essa herança “vertical”, que tanto reclamamos, e a “horizontal”, que tanto nos influencia, por vezes sem nos apercebermos, cria uma identidade que não é uma justaposição de pertenças autónomas, um “pathwork” (fazer um tecido a partir de peças distintas), mas é um desenho sobre uma pele esticada; se se tocar numa só das pertenças, é toda a pessoa que vibra (Maalouf, 2009, p. 36). Essa identidade cultural e social, emergente de processos interativos que os indivíduos experimentam na sua realidade quotidiana, adquire um carácter mais que transcultural, intercultural, já que é uma identidade que vai incorporando novos elementos, não apenas por justaposição, e criando uma identidade intercultural.

5. PROGRAMAS DE INTERCÂMBIO NO MUNDO; AFS (American Field Service)

Nas últimas décadas, com o advento da globalização, uma das suas consequências tem sido o aumento da mobilidade dos cidadãos pelo mundo. Por exemplo, o aumento de mobilidade de imigrantes no mundo aumentou 93%, de 1985 a 2010 (UN, 2009) e o de turistas aumentou 152% (UNWTO, 2011). Essa mobilidade, em conjunto com a facilidade em viajar e em conhecer o distante através da comunicação (imprensa, TV, internet,...) contribui para os contactos multiculturais.

Neste sentido, conhecer os tipos de mobilidade, quem participa nessa mobilidade e o impacto que ela tem torna-se cada vez mais relevante.

Cingindo-nos à mobilidade estudantil, em que o participante é um tipo particular de “sojourner”, ela tem sofrido um incremento relevante. Só a nível europeu, com o programa ERASMUS, promovido pela EU, de 1987 para 2012 houve um aumento de 3244 para 250000 estudantes que fizeram o programa (fonte: ERASMUS, 2011-12). Além deste e doutros programas que são promovidos com objetivos políticos, científicos e financeiros (estágios,...), existem a nível regional, nacional ou mundial intercâmbios promovidos por organizações quer sejam estatais (universidades,...) ou particulares, como é o caso da AFS.

Quando se fala em mobilidade estudantil podem-se ter em conta várias categorias: a organização, a duração, o escalão etário e a finalidade.

Quanto à primeira, ela pode ser espontânea ou organizada, quanto à duração, de curto ou longo prazo, quanto à idade usualmente distingue-se os maiores (estes geralmente associados ao ensino universitário) dos legalmente menores, e quanto à finalidade esta é muito variável, se considerarmos a mobilidade espontânea.

No caso específico do intercâmbio em estudo, ele é organizado, apoiado e operacionalizado pela AFS, e destina-se a que o estudante, entre os 15 e os 18 anos, frequente uma escola durante um ano letivo. A finalidade global é a de promover a paz e compreensão entre os povos (à frente será detalhado).

Em especial a mobilidade de universitários, quer para fazer ou completar cursos, ou fazer estágios e/ou investigação tem sido objeto de alguns estudos, quantitativos (Klineberg, 1981, Choudaha, 2002, Murphy-Lejeune, 2004, King e Findlay, 2010, ERASMUS, 2011-12,). Normalmente com a finalidade confessa de desenvolver competências científicas, técnicas e pedagógicas, estes programas suscitam uma aculturação aos estudantes envolvidos, com as consequências daí decorrentes a nível da construção da sua identidade.

Já relativamente a programas com estudantes abaixo dos 18 anos, os estudos escasseiam.

Na União Europeia existe o programa Comenius, com os objetivos de desenvolver o conhecimento e sensibilizar os jovens e o pessoal educativo para a diversidade e para o valor das culturas e das línguas europeias; e ajudar os jovens a adquirir as aptidões e as competências básicas de vida, necessárias ao seu desenvolvimento pessoal, à sua futura vida profissional e a uma cidadania europeia activa.

A nível mundial existem organizações internacionais, não governamentais, que promovem e operacionalizam estes intercâmbios (AFS, YFU – Youth For Understanding's, ICC-Intercambio Cultural, TakeOff-Estágios Internacionais, UWC- United World Colleges, ...), a diferentes níveis, assegurando a integração ora numa escola e numa família, ora só na escola ou numa instituição, ora só na família, em que o programa pode ser escolar, de intervenção na comunidade ou de estágio.

Sendo o estudante num programa AFS, objeto deste estudo, um caso particular de “sojourner”, há que explicitar os parâmetros da sua especificidade.

- O estudante participa num programa, que formalmente é um programa escolar mas forte componente familiar, onde sofre uma aculturação segundo a terminologia de Ward, em que nenhuma das componentes é menor (é óbvia a componente afetiva e comportamental envolvida)
- Está num processo de aculturação voluntário, preparado e acompanhado;
- A comunidade local para onde vai, sendo fundamental, não pode ser escolhida;
- Suporta o custo económico do programa;
- A questão linguística, sendo fundamental num processo de aculturação intercultural, aqui não se revela um obstáculo difícil, quer por alguns conhecimentos anteriores, quer pelo fato do inglês “nos envolver” em variadas circunstâncias;

- O participante é um adolescente, mais predisposto a reflexões e a incorporar os efeitos da alteridade na construção da sua identidade pessoal e social/cultural.

5.1.AFS; o que é

A AFS historicamente surge na primeira guerra mundial como um corpo de civis, organizado por A. Piatt Andrew, que se ofereceram como voluntários para conduzir ambulâncias e transportar feridos. Durante a segunda guerra mundial o corpo é reativado e faz missões em todo o mundo. Acabada a guerra os condutores de ambulâncias voltaram a casa e resolveram trabalhar pela Paz. Nesse ano promovem o primeiro intercâmbio, envolvendo 52 estudantes de 10 países, para os E.U.A.. A partir daí, e até hoje, a organização tem aumentado a sua rede (Intercultura AFS-Portugal, “representante” nacional da rede, uma Associação de voluntariado, sem fins lucrativos e com Estatuto de Instituição de Utilidade Pública), promovendo atualmente intercâmbios entre 56 países, com mais de 5000 estudantes envolvidos anualmente.

Este pequeno percurso histórico é relevante na medida em que nos remete para aquilo que motivou os fundadores: a perceção, no seu voluntarismo, de que a discriminação e ódio presenciado vinha também dum não reconhecimento do outro na sua individualidade, sufocada por uma identidade nacional, coletiva. “Pensar global, agir local”, o lema adoptado pelos voluntários, sintetiza essa autoconstrução permanente da identidade pessoal na sua relação com o social. Maalouf afirma que “A humanidade inteira é feita apenas de casos particulares” (2009, p.29).

Institucionalmente a AFS em Portugal é uma associação sem fins lucrativos, com estatuto de utilidade pública. Não tem ligações ou dependências políticas ou religiosas, nem restrições étnicas.

5.2 AFS; objetivos e programas

A nível mundial a AFS definiu 16 objetivos, para atingir aquilo a que considera o seu pressuposto: Aumentar a competência cultural é o trampolim para um futuro global e um presente diversificado.

Esses objetivos, de 4 dimensões, valores pessoais e capacidades, construção de relacionamento interpessoal, conhecimento e sensibilidade intercultural e consciência dos problemas globais, servem a finalidade última que é “*contribuir para a Compreensão e Paz entre os Povos, ajudando a criar uma geração de Homens dispostos a lutar por um mundo mais justo.*” (programa da AFS)

Concretamente a AFS promove e organiza programas trimestrais, semestrais e anuais de “estudar no estrangeiro”, “ser família de acolhimento”, “cursos de línguas” e alguns outros programas.

5.2.1. O desenvolvimento do programa

No programa em que os inquiridos realizaram, chamado programa de envio anual, quando um estudante, que tenha os seguintes requisitos...

- ter entre os 15 e 18 anos de idade,
- ter aproveitamento escolar,
- não ter problemas de saúde e emocionais impeditivos,
- ser flexíveis, sociável e com motivação para aprender com experiências diferentes,

...e manifesta interesse em o realizar, seguem-se as seguintes etapas:

- Inscrição com 6 meses de antecedência e indicação do país (nunca uma região do país) para onde pretende ir;
- Voluntários farão uma entrevista ao estudante e família para análise de condições psicológicas e afetivas;
- Paralelamente, no país de acolhimento, é dado início a um processo de recrutamento de famílias de acolhimento, que também serão entrevistadas e as condições físicas do local e da casa analisadas;
- Antes do estudante partir para a sua família de acolhimento, é sujeito a uma formação por fases (em Portugal chamados “campos de preparação/seleção”), onde é preparado para o choque cultural, e analisado se tem condições para realizar o programa. Essa preparação também passa pelos candidatos fazerem um “mini-intercâmbio” nacional, com outro candidato, trocando de família;
- A atribuição de um estudante a uma dada família é realizada por escolha mútua;
- Quando chega ao país de acolhimento inicia-se com um “campo de chegada”, ao qual se segue uma série de momentos de “orientação” ao longo do ano, que culminam num “campo de despedida”, onde são preparados para o retrochoque;
- No momento da sua entrada na família de acolhimento, a cada estudante é atribuído um “conselheiro”, um voluntário da AFS que o acompanhará e à família ao longo de todo o ano. Esse voluntário tem como função ser um mediador entre o estudante e a família em situações de choque cultural. No caso de aparecerem incompatibilidades não superadas entre família e estudante é também com conselheiro que se organizará

um processo de análise da situação, (se deverá mudar de família ou regressar, como mudar, quando e para onde);

- Quando integrado na escola terá um professor tutor (professor da escola, previamente contactado pela AFS) que fará a ligação à família e à organização AFS, assim como ao conselheiro;

- Em paralelo com este processo, centrado no estudante, existem dois planos, também ao longo do ano: um de “orientação a famílias” e um plano de formação de voluntários, que passa por formações de vários níveis. Para isso a AFS tem uma bolsa de formadores, quer nacional, quer europeia, quer mundial.

5.3 Preparação para o programa de envio

Tendo em conta a finalidade e os objetivos deste programa, e considerando o enquadramento teórico sobre aprendizagem intercultural, subjaz a questão de como preparar um estudante para este tipo de intercâmbio, já que, *“um número objectivamente elevado de contactos entre membros de culturas diferentes não conduz necessariamente a uma melhor compreensão mútua. Para que as relações entre culturas diferentes se tornem um factor de coesão social e de desenvolvimento, é necessário que esses membros das culturas em contacto sejam preparados para as relações transculturais e acompanhados durante esse contacto.”* (Arnaut, s/d, p.13).

Um estudante deste tipo de intercâmbio no seu processo de aculturação, num programa anual, sofre um choque cultural, quando vai para os EUA, e um retrochoque, quando regressa a Portugal. Vai ter uma aprendizagem intercultural, no sentido mais restrito do termo, que se refere ao processo individual de aquisição de conhecimentos, de atitudes ou de comportamentos, quando há interação com a cultura de acolhimento. Neste caso, pela extensão e características geográficas dos EUA, se se pode falar numa cultura nacional, existem “culturas regionais, locais” muito diferenciadas. De notar que, segundo as dimensões culturais de Hofstede, as grandes diferenças entre Portugal e os EUA, este numa perspectiva nacional, são no grau de individualismo (IDV), - ver figura 3 - onde claramente os EUA têm um maior valor (aliás coincidentes com os estereótipos) e grau de controlo de incerteza (UAI) onde Portugal aparece com muito maior grau de ansiedade em relação ao futuro. Nestes intercâmbios as dimensões de Hofstede fornecem um enquadramento às questões comparativas que os participantes começam imediatamente a colocar, numa primeira reflexão, para evoluir para as questões (da relatividade cultural) como: não há

verdadeiramente "pior" nem "melhor"? Será melhor as estruturas hierárquicas serem rígidas ou não?

No processo de adaptação cultural destes estudantes, as componentes afetiva e comportamental são aquelas em que o programa se foca, já que são elas que são passíveis de preparação e acompanhamento. Perante a constatação empírica ao longo dos anos de intercâmbios, dos modelos apresentados aquele que melhor parece interpretar o percurso destes estudantes é o da curva em W, (Gullahorn & Gullahorn, 1963) que reflete o choque cultural que todos os voluntários tão bem conhecem nos estudantes, os “altos e baixos” afetivos e o retrochoque.

Mas esta adaptação, resultante da progressiva aculturação, resulta numa adaptação afetiva, no desenvolvimento da sensibilidade intercultural e na reconstrução duma identidade. Para que este processo possa ser efetivamente acompanhado os voluntários recebem formação sobre estes modelos.

Historicamente, no programa AFS, nas estratégias de adaptação, o encapsulador tem vindo a ser cada vez menos comum e o cosmopolita o mais comum, o que tem sido consistente com uma cada vez maior preparação e acompanhamento do estudante por parte da AFS, pese embora o facto da cada vez maior possibilidade de contacto permanente com a cultura de origem. Verifica-se também que a aprendizagem da língua de acolhimento é um fator determinante de integração.

5.3.1. Operacionalizando...

Sem querer entrar em detalhes quanto à preparação concreta dos participantes nestes intercâmbios importa realçar alguns vetores principais:

- Objetivos tendo em vista a consciencialização do que é uma sociedade intercultural, o relativismo cultural e o choque cultural
- Objetivos de adaptação afetiva e comportamental (“cortar o cordão umbilical”, reduzir expectativas, comunicação inter-pares, gerir conflitos,...)
- Objetivos instrumentais, como por exemplo gerir gastos, gerir rotinas,
- Metodologias centradas numa educação não formal, onde a dramatização de situações (“role play”, troca de personagens,...), a tempestade de ideias (“brainstorming”), e a reflexão sobre dinâmicas interculturais têm um papel dominante, procurando uma interiorização por uma pedagogia ativa e desenvolver a capacidade de descentração.

CAPÍTULO II – ESTUDO EMPÍRICO

1. Percurso do Trabalho

Feita a abordagem teórica, que enquadra este trabalho e na qual se referem os vários conceitos envolvidos, por vezes em diferentes perspectivas de autores quanto à problemática envolvida, parece pertinente neste momento focalizar o interesse do tema abordado, tornar a realçar a motivação e descrever a forma como o estudo se processou e com quem, fazendo também referência à recolha de dados e às vicissitudes encontradas, para fornecer um contexto de enquadramento da pesquisa.

A problemática surgiu do trabalho realizado durante bastantes anos com estudantes do ensino secundário de vários países do mundo, tanto portugueses que iam para vários países em programas, como com o trabalho com estudantes oriundos de várias partes do mundo, e que ficam em Portugal durante algum tempo.

Trabalhando também simultaneamente com estudantes emigrantes em Portugal, tanto em escolas como em associações apoiadas pelo ACIDI, foi sendo perceptível que a forma como cada um percebia e encarava os vários aspectos da realidade onde imergia, era diferente, tanto considerado individualmente como dentro de um determinado grupo, surgindo aqui possibilidades vastas de abordagem desta problemática assim como de muitos possíveis públicos-alvo.

Consequência de abordagens teóricas e de revisão de literatura sobre a problemática, no âmbito da organização da qual sou voluntário, a AFS, como de indagações próprias de tentar perceber o fenómeno destes intercâmbios num âmbito mais vasto. Atento aos fenómenos da diversidade cultural, aculturação e formação intercultural, surgiu a opção de fazer um estudo exploratório, com recolha de testemunhos e sua análise, sobre um fenómeno específico dentro deste universo vasto da aculturação de migrantes temporários, com características muito específicas; adolescentes portugueses que viveram um ano nos EUA, numa família, numa escola, numa comunidade, e sob o “chapéu de chuva” duma organização internacional.

O trabalho de recolha de dados foi dividido em duas fases: Uma primeira em que se procurou recolher informação para formar categorias e responder às três primeiras questões iniciais:

- Conhecer a motivação dos estudantes para a realização do intercâmbio;
- Conhecer o contexto familiar e escolar do estudante em Portugal e nos EUA;

- Identificar fatores que os estudantes mais tenham “retido” na sua experiência, quer factuais, quer valorativos, e o valor que lhe reconhecem nas suas vidas.

Uma segunda fase, onde se procurou perceber o modo como viram as consequências destas experiências nas suas identidades.

Na primeira fase foi pedido a 10 portugueses que viveram essa experiência nos EUA em diferentes épocas, enquanto estudantes, procurando abranger várias décadas (no caso entre 1988 e 2009) – escolhidos por “amostra de conveniência” - que elaborassem um pequeno testemunho escrito, um “registo de memórias”, uma pequena narrativa, sobre esse ano.

Foi-lhes pedido que abordassem três grandes temas, pelo menos: a Família, a Escola e a Sociedade.

Foram solicitados estes três grandes temas atendendo ao universo em que estes estudantes se moviam e às características do programa, atrás referidas. Embora estes temas se pré-configurem como categorias, eles não são disjuntos (não são mutuamente exclusivos), e categoria é aqui utilizada num sentido mais lato do termo. Em particular quando se fala de identidade é evidente que os vários tipos só o são por uma questão taxonómica e estão interdependentes.

Para que os inquiridos não se sentissem condicionados não foram dadas mais indicações, a não ser que referissem algum acontecimento ou história curiosa que os tenham marcado especialmente.

Em consequência do conteúdo escasso das respostas recebidas (anexo 3), optou-se por, a partir dos documentos recebidos, e dos três grandes temas definidos (Família, Escola, Sociedade), elaborar um guião de questões (anexo 4) para fazer numa entrevista semiestruturada, já que era condição importante o entrevistado responder às questões mas poder desenvolver conforme o que “lhe viesse à memória” e as associações que fizesse. O objetivo aqui era duplo: haver respostas às várias questões, mas deixar que pudessem surgir novas temas/assuntos que, porventura, não tivessem sido previstos e tentar perceber onde se focou mais a memória dos inquiridos.

É importante aqui salientar que, embora houvesse um guião, ele não foi seguido de forma rígida durante as gravações, pois que, por a entrevista ser semiestruturada, ou o entrevistado respondia a questões que ainda não tinham sido colocadas, ou trocava a sequência dos temas ou ainda o entrevistador antecipava uma pergunta que “vinha a propósito” no discurso.

Procedeu-se depois à organização dos dados, estruturados segundo categorias, umas dentro dos temas – Cidade (sociedade), Escola, Família - e outras que eram transversais a mais do que um tema (anexo 6)

Nesta altura algumas situações que, por evidência tinham sido vivenciadas por todos (por exemplo, como eram os pequenos almoços) e que alguns não tinham referido na sua narrativa/entrevista, foram feitas questões diretas sobre esses mesmos assuntos aos inquiridos de modo a preencher essas lacunas (final dos anexos 5.1, 5.3, 5.4, 5.5 e 5.6).

Concluído o trabalho de levantamento de temas que eram sensíveis aos inquiridos, procedeu-se à segunda parte, para procurar responder à questão

- Identificar como esses fatores possam ter contribuído para a construção da sua identidade, para uma “mudança de olhar” sobre si e sobre o que o rodeia

Foi pedido aos estudantes que respondessem por escrito a um questionário onde indicavam como mudaram em relação a 17 características (anexo 7) pessoais, que tinham sido identificadas em estudos empíricos efetuados pela AFS (Arnaut, s/d, p.58). Estas perguntas abrangiam três grandes categorias de análise para responder a esta última questão: Identidade pessoal, identidade social e identidade intercultural. Além destas 17 questões foi-lhes também pedido que respondessem a duas questões abertas relacionadas com a identidade pessoal e social.

Foi elaborado um outro questionário (anexo 8) com questões dentro dos temas e das categorias encontradas para saber como o estudante tinha mudado a sua opinião em relação a elas.

Com base neste questionário foi realizada uma segunda entrevista, onde foram colocadas as questões e pedidos alguns desenvolvimentos a respostas do questionário sobre as 17 características.

Por fim organizaram-se as respostas obtidas e fez-se a análise dos dados.

Em síntese:

- Recolha de testemunhos escritos;
- Pré-categorização sob os temas família, escola e sociedade e elaboração de um questionário segundo os temas;
- Entrevistas semiestruturadas, com base no questionário;
- Elaboração de grelhas de análise e sinopses;
- Elaboração de dois questionários que, cruzando os temas antes abordados e categorizados, criassem uma categorização segundo as identidades;
- Questionário e segunda entrevista;
- Análise dos dados obtidos.

2. Fundamentação metodológica

2.1. Opções metodológicas

Quando se opta por uma metodologia numa pesquisa ela depende do objeto em estudo, da sua natureza, da dimensão e dos objetivos de quem faz a pesquisa. Em geral, segundo Quivy e Campenhoudt (1992, p.41), a intenção de quem pesquisa em ciências sociais não é só descrever, mas compreender os fenómenos e, para tanto, torna-se necessário recolher dados que mostrem o fenómeno de forma inteligível.

Neste estudo o objetivo é compreender como é que indivíduos sujeitos a um processo de aculturação, à imersão cultural noutra cultura, em condições muito particulares, olham para as duas culturas, a sua de origem e a de acolhimento, e olham para as modificações que pensam que tiveram, como mudaram as suas identidades.

A abordagem desta problemática foi feita com um **carácter exploratório**, já que, embora haja estudos sobre a mobilidade de “sojourners” (turistas, estudantes internacionais, trabalhadores internacionais, trabalhadores expatriados, emigrantes, militares) nos seus vários grupos, relativamente aos estudantes internacionais o foco tem sido dado a estudantes universitários, além de que muitos são quantitativos. Por outro lado, este estudo assume algumas características muito particulares, em relação ao grupo dos estudantes internacionais: são estudantes adolescentes (com idades inferiores a 18 anos na partida); sendo um programa escolar o sucesso académico não é a primeira prioridade motivacional; há uma imersão profunda numa família de acolhimento (que não é remunerada) durante um ano escolar. Além destes aspetos este programa difere claramente dos programas de intercâmbios com adolescentes, organizados, os quais são de curta duração.

Neste estudo procura-se ter *"maior familiaridade com o problema, torná-lo mais explícito"* (Gil, 1989, p.44), e investigar de forma mais completa um contexto particular da vida destes estudantes (Sampieri, 1991, p.70). Procura-se perceber nas situações particulares analisadas, como elas se relacionam com conceitos sobre diversidade cultural e adaptação cultural e perceber como as suas diversas identidades foram sendo reconstruídas. Procura-se, a partir de situações particulares, analisar a sua particularidade, sem perder de vista o geral, ou, usando uma metáfora, “estudar alguns aspectos destas árvores, sem esquecer a floresta em que estão”.

Neste trabalho, quer pelo número de elementos envolvidos quer pelo objectivo do estudo optou-se por uma **abordagem qualitativa**, uma vez que não se pretende, a partir da recolha dos dados fazer medições, tirar conclusões quantificadas ou fazer generalizações.

Na metodologia qualitativa procura-se fazer uma análise compreensiva da informação obtida.

Para Bogdan e Biklen (1994, p.47), a metodologia qualitativa tem cinco características, que variam na sua existência e intensidade, consoante os casos estudados:

- A fonte directa de dados deste tipo de investigação é o ambiente natural, sendo o investigador o seu instrumento principal.

No estudo presente, pelas suas características de narrativa, em locais e em tempos diferentes, a postura assumida foi a do investigador ter um envolvimento em contextos semelhantes, vivência em situações similares e conhecer o enquadramento de todo o processo em que estes intercâmbios decorrem, tendo que aqui ter uma postura um pouco repositiva, no sentido de “contar o que lhe foi contado”.

- Uma outra característica deste tipo de investigação é o facto de ser descritiva, recorrendo à palavra, não apresentando tabelas nem quadros quantificados.

Os dados obtidos na investigação foram-no na forma de narrativa/entrevista e foram analisados qualitativamente e não quantitativamente “*respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registados ou transcritos*”. Bogdan e Biklen (1994)

- Uma terceira característica da investigação qualitativa é a de que se interessa mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.

Na investigação realizada foram privilegiadas

- o a forma como os estudantes “viram” o ambiente de acolhimento,
- o a forma como “viram” o ambiente onde antes viviam, antes e depois de fazerem o programa
- o aquilo que “acham que em si próprios” se modificou

- Ainda outra característica deste tipo de investigação é o facto dos investigadores tenderem a analisar os seus dados de forma indutiva. “*Para um investigador qualitativo que planeie elaborar uma teoria sobre o seu objecto de estudo, a direcção desta só se começa a estabelecer após a recolha dos dados e o passar de tempo com os sujeitos. (...) Está-se a construir um quadro que vai ganhando forma à medida que se recolhem e examinam as partes.*” (Bogdan e Biklen 1994, p.50).

No estudo realizado esta característica ficou bem patente, pois à medida que recolhemos dados de inquirido para inquirido novos aspectos foram surgindo e um quadro de semelhanças

e dissemelhanças foi surgindo, obrigando a colocar questões que antes não tinham sido equacionadas.

- A última característica deste tipo de investigação é que o significado é de importância vital na abordagem qualitativa.

Na investigação efectuada foi notório como os inquiridos reparavam em determinados acontecimentos e como os olhavam de forma diferente ou não, além de como se olhavam.

Porque é uma situação particular, a dos inquiridos deste estudo, que sofreram um processo de aculturação muito particular dentro dum quadro muito mais vasto (Sam, 2006, p.30), ela é não generalizável. Por outro lado, no quadro teórico atrás definido numa sociedade com diversidade cultural e constantes processos de aculturação, os intercâmbios internacionais na actualidade (e da AFS em particular, pelo número de jovens que movimenta, pela sua implantação a nível global, e pelo saber prático que acumula) têm cada vez mais de ser analisados no impacto que causam nos seus intervenientes diretos e indiretos nas especificidades em cada grupo, em cada região.

Embora sendo um estudo exploratório, pode colocar-se a questão do valor que se pode atribuir aos conhecimentos obtidos através desta investigação, qual a objectividade, a validade e a fidelidade da pesquisa, utilizando uma classificação de Lessard-Hébert (1994).

Neste estudo procurou-se ser objetivo, não por reduzir a interpretação de factos, que pela natureza do estudo tinha que existir, mas procurando deixar que o público alvo testemunhasse seguindo as suas memórias e associações, incorporando novos temas e indicadores que iam surgindo nas entrevistas, trabalhando numa situação em que se conhecia o contexto do tipo de experiência, fazendo questões em diferentes momentos que levavam a contextualizar e não apenas inquirir diretamente sobre os temas e repetir algumas situações para verificar se a informação obtida era coerente. Além disto todo o trabalho empírico norteou-se pelos conceitos teóricos sobre as temáticas abordadas.

2.2. Instrumentos

Segundo Lessard-Hébert (1994), a investigação qualitativa pode socorrer-se de várias técnicas, que lhe permitirão recolher os dados necessários ao estudo. *“Uma investigação pode exigir técnicas tão díspares como o uso de entrevistas, a administração de questionários, a análise de conteúdo de documentos, a produção de ou o recurso a documentos áudio, vídeo ou fotográficos (...). A ênfase dada na utilização das diferentes técnicas é que não poderá ser a mesma.”* (Silva, 2001).

Neste estudo foram algumas **técnicas de recolhas de dados** que segundo Bogdan e Biklen

(1994), são definidos como documentos pessoais, ou seja, *qualquer narrativa em primeira pessoa* que descreva acções, experiências e crenças do indivíduo.

As várias técnicas utilizadas foram o inquérito, ora forma oral (**a entrevista**) ora na forma escrita (**o questionário**), e a análise documental, neste estudo com menos ênfase.

Neste estudo foi usado principalmente o inquérito na forma de entrevista, complementado por questionários.

Considerando que a **entrevista** “*consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, (...), dirigida por uma delas com o objectivo de obter informações sobre a outra*” (Morgan, 1988, cit por Bogdan e Biklen, 1994, p.134), ela foi privilegiada, já que a taxa de resposta a uma primeira solicitação por narrativa escrita foi reduzida e a entrevista permite “*recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito*” (Bogdan e Biklen, 1994, p.134). Se se atentar ao quadro comparativo apresentado mais à frente no ponto 3, Apresentação de resultados, é visível que o mesmo facto originou diferentes apreciações, por exemplo, sobre a importância do vestir:

IS – Lá ligam menos; concorda que seja assim. Teve que se vestir como lá por engordar

AB – Lá não ligam, são “desmazelados” e ela ficou. Mudou quando veio.

PJ – Vestiam-se de forma particular, muito diversa. Importante como expressão da personalidade

MM – Lá não ligam, não concorda; manteve lá o vestir de cá

Foi utilizada a **entrevista semiestruturada**, já que existiu sempre um guião, mas que foi adaptável e que não seguiu um modelo rígido, para permitir aprofundar questões, flexibilizar a ordem e aprofundamento das questões e poder existir adaptação ao entrevistado, às suas reacções ou ao contexto. Embora uma entrevista deste tipo requeira mais tempo que a estruturada, quer na sua realização quer no tratamento dos dados recolhidos, e coloque algumas questões sobre a fiabilidade dos elementos recolhidos, ela permite a identificação de novos caminhos para ver e compreender o tema a investigar, essencial num estudo deste tipo, e possibilita uma melhor percepção de mudanças ou diferenças individuais e uma maior individualização da comunicação. O facto do entrevistador ter experiência nos vários contextos em que se fazem estes intercâmbios AFS (ter sido família de acolhimento, ter acompanhado como conselheiro dezenas de estudantes, ter sido tutor em escola com estudantes, ser formador de voluntários), permitiu superar algumas das insuficiências associadas a este tipo de entrevista, já que é reconhecido que uma entrevista “*ultrapassa os limites da técnica*,”

dependendo em grande parte das qualidades e habilidades do entrevistador” (Ludke e André, 1980. p.36).

Não se optou por uma entrevista estruturada porque um guião rígido iria cercear completamente a *evocação da memória*, que no estudo era importante, embora na segunda entrevista se tenha seguido um modelo ainda misto mas mais estruturado.

Foram também utilizados questionários para recolha de dados, de dupla forma: para complementar dados em relação à primeira entrevista, para completar lacunas ou referências a indicadores que iam sendo referidos apenas por alguns dos entrevistados; para obter respostas a indicadores já categorizados, e que depois eram aprofundados em entrevista, se as respostas fossem consideradas demasiadas concisas.

O objetivo foi, ao longo do percurso de obtenção de dados, seguir um caminho cada vez mais estruturado, com base nos dados adquiridos e indicadores identificados numa fase anterior, em que o questionário e a entrevista se complementavam.

Quanto a uma entrevista não estruturada, considerando o caráter exploratório, o tempo disponível e o número de entrevistas a realizar, ela não era adequada.

As entrevistas foram gravadas e depois transcritas e as narrativas e questionários foram feitos e respondidos por e-mail.

No início e antes de se iniciar cada entrevista, o entrevistador fez uma introdução a cada sujeito, explicando qual o objetivo e âmbito do trabalho, e a garantia de confidencialidade das identidades. Isto feito oralmente, num clima informal, dado o conhecimento institucional dos sujeitos pelo entrevistador (são todos voluntários da organização).

2.3. Técnicas de Análise dos Dados

Para analisar os dados obtidos utilizou-se como técnica a **análise de conteúdo**, esta entendida como *“o confronto entre um quadro de referência do investigador e o material empírico recolhido”* (Guerra, 2006, p.62). Ainda segundo Guerra a análise de conteúdo procura descrever o que é narrado e também interpretar, decorrendo essa interpretação das interrogações de partida face a um sistema de conceitos teórico-analíticos. *“Ela oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e complexidade”* (Quivy e Campenhoudt, 1992, p.225).

Tanto os dados recolhidos inicialmente por narrativa, como os recolhidos por entrevista e por questionário, dadas as suas características e face à análise qualitativa pretendida, foram sujeitos a análise de conteúdo. Ela permitiu sistematizar as questões e as ideias

compreendidas nas respostas semi-estruturadas dos sujeitos entrevistados e nas informações recolhidas nos questionários.

Segundo Bogdan e Biklen (1982), citados em Ludke e André (1980. p.46), esta técnica deve seguir vários procedimentos: a delimitação progressiva do foco de estudo, a formulação de questões, revisão da literatura, testagem de ideias junto dos indivíduos, leituras atentas e activas das entrevistas, tomando especial atenção a eventuais anotações que tenham efectuado.

Neste estudo estes procedimentos foram seguidos, obviamente contextualizados e aplicados ao estudo em particular, e em etapas, pois a análise dum recolha de dados serviu de base para a formulação de questões da etapa seguinte.

A análise de conteúdo é *“um processo empírico utilizado no dia a dia por qualquer pessoa enquanto leitura e interpretação; mas para se tornar uma metodologia de investigação científica, tem de seguir um conjunto de passos que lhe dão o rigor e a validade necessária”* (Amado, 2000, p. 61-62). Dadas as características inerentes às técnicas de recolha de dados, a análise de conteúdo foi a técnica escolhida para tratamento de dados. A análise de conteúdo foi um instrumento fundamental de organização dos textos obtidos nas diversas etapas permitindo sistematizar e estruturar as questões e as ideias compreendidas nas respostas semiestruturadas dos sujeitos entrevistados e nos questionários.

Neste estudo exploratório a análise de dados, o cruzamento de informação permitiu a inventariação dos temas relevantes, sem inibir os indivíduos de dar maior ou menor relevo a determinados temas, aspeto importante, se se pretende registar o que “mais fica na memória” dos indivíduos

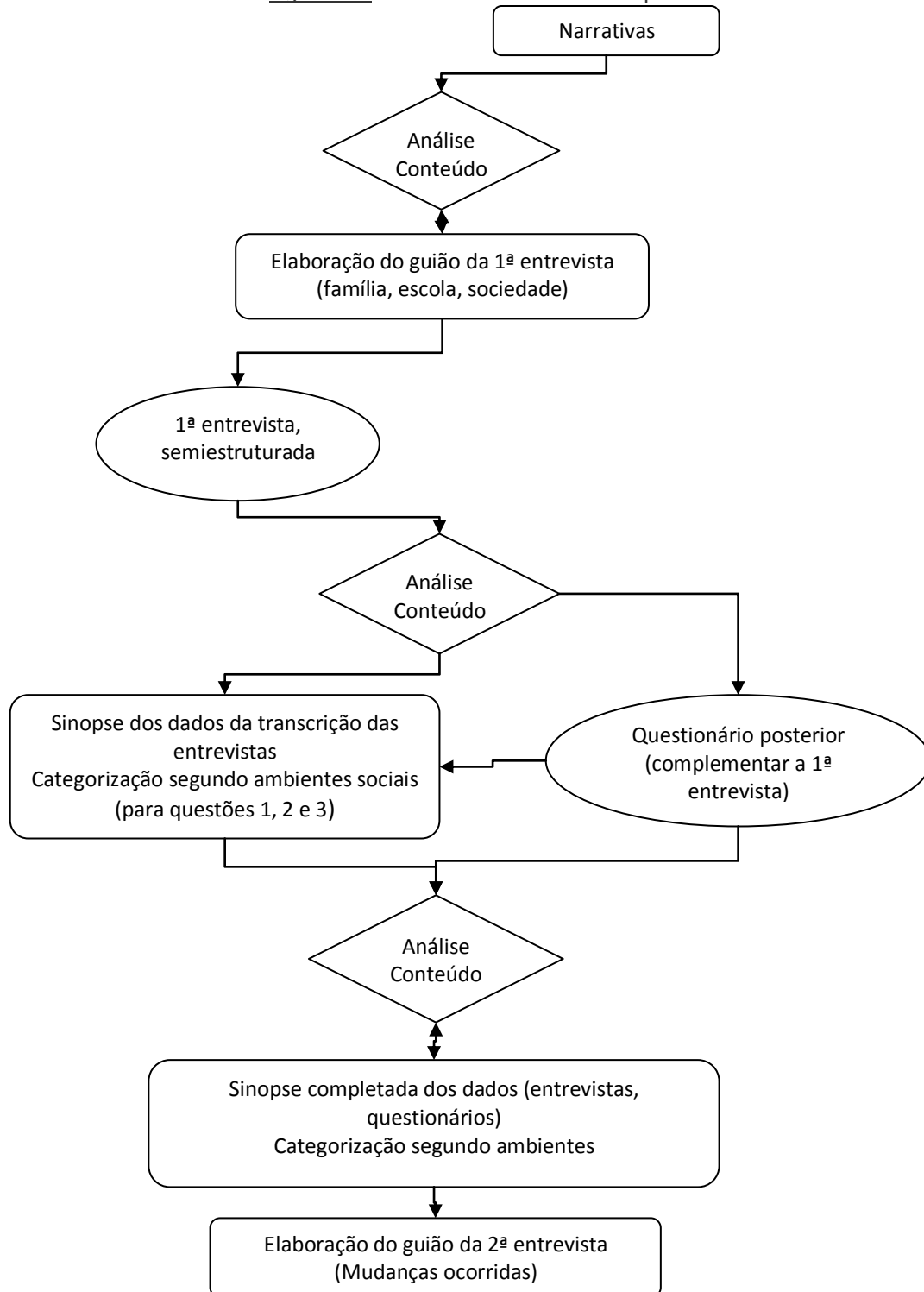
CAPÍTULO III – RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO

1. O Procedimento

Como atrás foi referido este estudo foi constituído por várias etapas, que a seguir se mostram no esquema seguinte:

1ª etapa

Figura 10 – Procedimentos na 1ª etapa



Como o organigrama indica, a partir dos pré-dados, as narrativas (anexo 3), elaborou-se um guião para uma entrevista (anexo 4), com base em três categorias: Família, escola e sociedade.

Feita a entrevista, a sua transcrição (anexo 5), e análise, elaborou-se uma sinopse (anexo 6), de onde se salientaram subcategorias das categorias existentes, e outras categorias, transversais.

A partir daqui completou-se a sinopse com um questionário posterior escrito (anexo 5).

Daqui prosseguiu-se para uma 2ª etapa.

2ª etapa

Este organigrama mostra o processo para elaborar uma sinopse e uma categorização segundo três categorias:

- Identidade pessoal
- Identidade social e cultural
- Identidade Intercultural

A partir dos ambientes antes categorizados (família, escola, sociedade) elaborou-se um guião para uma nova entrevista (anexo 7), subdividindo os temas família, escola e sociedade, numa categorização segundo os tipos de identidade.

Paralelamente elaborou-se um questionário (anexo 8), escrito de 19 questões, 17 das quais relacionadas com mudanças ocorridas e retirado de estudos já efetuados pelo departamento de investigação da AFS desde 1977, envolvendo milhares de estudantes, destinados a medir as características que os participantes neste programas sentiam que tinham evoluído mais com a sua experiência Intercultural (Arnault, s/d, p. 56).

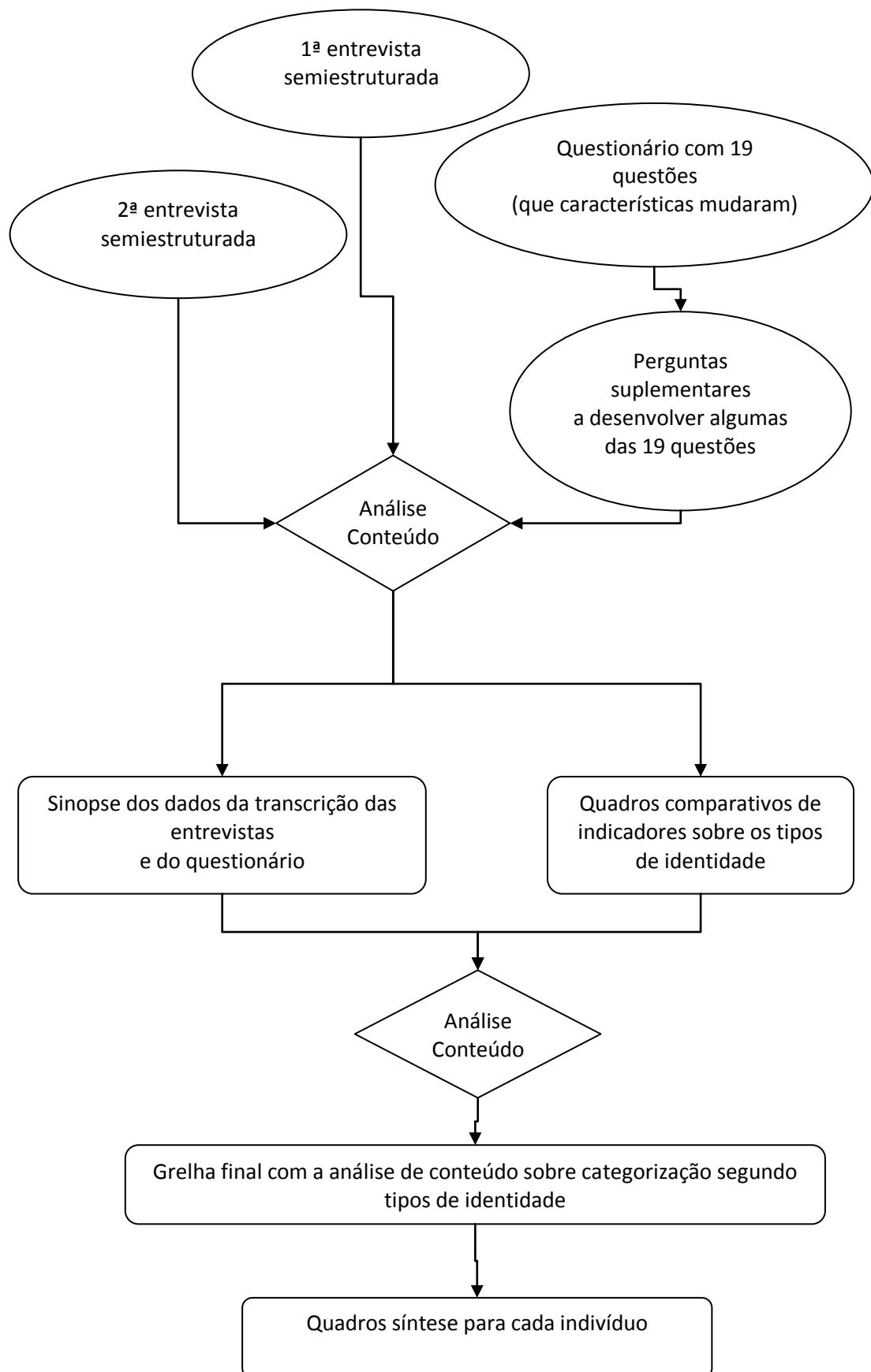
Feita a entrevista, a sua transcrição e análise, assim como a análise do questionário, elaborou-se uma sinopse provisória.

Posteriormente pediu-se aos inquiridos que desenvolvessem algumas das respostas dadas no questionário de 19 perguntas.

Elaborou-se depois uma sinopse definitiva, segundo as três categorias definidas, assim como alguns quadros comparativos com indicadores, para auxiliar numa síntese.

Finalmente elaboraram-se quadros síntese para cada indivíduo.

Figura 11 - Procedimentos na 2ª etapa



2. Sujeitos

Para este estudo, atendendo ao tempo e recursos disponíveis, definidos que foram os parâmetros dos estudantes a inquirir (entre um universo de dezenas de nacionalidades de destino e de vários tipos de programas), estudantes que fizeram o programa anual AFS nos E.U.A., e a questão de partida, o estudo qualitativo centrou-se em indivíduos com disponibilidade para prestarem depoimentos e serem entrevistados, sem a preocupação duma generalização.

A amostra foi de conveniência, que abrangeu indivíduos que fizeram o programa nas três décadas: 1981_1990, 1991-2000 e 2001-2010. Dos 6 elementos do estudo um é rapaz (na realização deste programa há muito mais raparigas que rapazes).

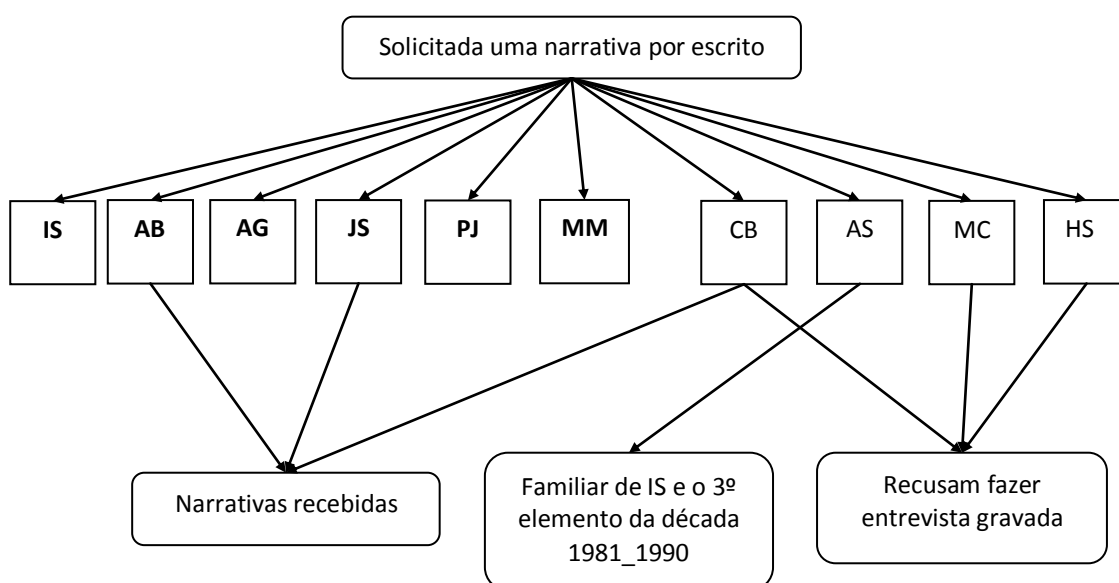
Inicialmente foram abordados 10 elementos, aos quais começou por ser solicitado um depoimento, um descritivo. Destes, três não quiseram entrevista gravada devido a factos que consideravam comprometedores, e um outro não foi considerado porque era irmão de um dos inquiridos e era o terceiro na sua década, já que, perante os elementos presentes pareceu relevante manter uma regularidade neste aspeto, ficando dois elementos por década

Foram inquiridos inicialmente 10 indivíduos, notados daqui para a frente como

IS AB AG JS PJ MM CB AS MC HS

É agora apresentado em esquema o processo de seleção dos seis elementos que foram alvo do estudo:

Figura 12 - seleção dos indivíduos



Indivíduos sujeitos a entrevistas, a amostra estudada:

IS	AB	AG	JS	PJ	MM
----	----	----	----	----	----

Destes 6 indivíduos foi depois feita uma caracterização, tendo como base dados retirados das entrevistas, telefonemas e trocas de e-mail, assim como algum conhecimento pessoal, uma vez que todos são voluntários da organização AFS-Portugal:

Quadro 2 - Caracterização do contexto português

	IS	AB	AG	JS	PJ	MM
1ª entrevista	28-5-12	3-5-12	9-5-12	8-5-12	10-7-12	30-5-12
Nasceu a	1968	1971	1974	1980	1985	1992
Ano do programa	86/87	89/89	92/93	99/00	01/02	08/09
Profissão atual	Professora História	Professora inglês	Desempregado	Empresária	Funcionária da AFS	Aluna do E Superior
Curso que tirou/a tirar	História	Trad/Intérprete Prof Ens. Básico	Jornalismo	Relações empresariais	Assistente social	Arquitetura
Escola	Sec. A.L.V., Leiria	Sec Leiria	Sec Lumiar	Sec Loures	Liceu Viana Castelo	Colégio Moderno
Local morava	Subúrbios Leiria	Subúrbios Leiria	Lumiar, Lisboa	Bucelas, Lisboa	Viana Castelo	Centro Lisboa
Tipo casa	moradia	Apart T3	Apart	moradia	Apart T4	Apart T4
Mobiliário	Clássico	Moderno	Clássico	Clássico	Clássico	Rústico
Pai - Profissão Idade na altura	Bancário 47	Falecido	Médico 48	Empresário 47	T.de controle industrial 45	Advogado 47
Mãe – Profissão Idade na altura	Professora 44	Bancária 40	Psicóloga 48	Func pública 48	Professora 42	Engenheira 47
Nº irmãos idades na altura	2 20,21	2 17,21	1 21	0	1 20	1 18
Quarto próprio	sim	Não	sim	sim	sim	Sim, partilhado

Quadro 3 - Características do ambiente de acolhimento, nos EUA:

	IS	AB	AG	JS	PJ	MM
Dimensão escola	Pequena ~600	Grande	1ª grande ~2000 2ª pequena ~500	Grande >5000	pequena	Grande em termos relativos
Local morava	Vila Perry (perto da fábrica Kodak, Rochester), N.Y.	Cedarburg, perto de Milwaukee, Wisconsin.	1ª Huntington Beach, CA 2ª Patterson, CA	Morganton Carol Norte	Ann Arbor , Michigan	Oregon, arredores de Madinson, Wisconsin
Dimensão do local	Pequeno ~3000	Pequena ~ 40000	1ª Grande ~150000 2ª Pequena ~10000	Cidade Pequena ~40000	Grande ~100000	Pequena ~8000
Tipo de casa	Moradia antiga de madeira	Moradia 1º andar (1º andar alugado)	Moradias	Moradia	Casa colonial	Moradia antiga e clássica
Pai Profissão e idade na altura	Canalizador “quarentão”	Arquiteto, sócio de uma empresa 38	1ª Advogado 40 2ª Prof Biologia	Empresário Construção Civil	Treinador de atletismo 45	Artista e fotógrafo 50
Mãe Profissão e idade na altura	“baby-siter” em casa “quarentona”	Professora 38	1ª Advogada 40	Professora linguagem gestual 45	psicóloga escolar 45	Artista e professora de pintura 50
Nº irmãos idades na altura	4 15,17,?,?	5, 3,5,7,9,13	1ª 1, 18	2 14,17	3 15,18, ?	1 17
Quarto próprio	Sim	não	Sim	não	sim	sim

Em anexo (1 e 2) seguem tabelas mais completas com os dados em Portugal e nos EUA

A estudante IS, atualmente com 45 anos, é professora de história e dinamizadora ativa de atividades extracurriculares e interculturais na sua escola. Insere-se numa família regressada de Moçambique, que foi muitas vezes família de acolhimento. Fez o programa em 1986/1987. Tem dois irmãos mais velhos que fizeram antes dela o programa também nos EUA. Era e é uma família muito ativa em atividades interculturais, com um nível sócio-económico médio. É uma pessoa extrovertida, e geralmente otimista. Sem filhos e com bastantes sobrinhos. Vivia e vive numa cidade pequena mas ativa, Leiria.

Quando fez o programa as comunicações por telefone fixo ainda não eram habituais, e internet e os telemóveis ainda não faziam parte dos meios disponíveis. A estrutura AFS em Portugal ainda tinha um número reduzido de voluntários.

Nos EUA a estudante foi para, segundo ela, uma família também com vários irmãos, com relativamente fraco poder económico, com algumas relações conflituais entre eles. A sua relação ao longo do programa foi de alguma gestão de conflitos. Foi para uma escola pequena, sem particularidades, inserida também numa comunidade pequena e rural, conservadora.

A estudante AB, atualmente com 42 anos, é professora de Inglês e voluntária ativa da AFS. Fez o programa em 1989/1990. Casada e com um filho pequeno, também se insere numa família regressada de Moçambique. O pai morreu quando ela tinha 8 anos, em Portugal, e a família é de nível social médio e económico remediado, na altura do programa com algumas dificuldades económicas. Tem dois irmãos que não têm ligações à AFS, mas tem primos que fizeram o programa. É uma pessoa muito tímida embora extrovertida. Vivia e vive numa cidade pequena mas ativa, Leiria.

Quando fez o programa as comunicações por telefone fixo ainda não eram habituais, e internet e os telemóveis ainda não faziam parte dos meios disponíveis. A estrutura AFS em Portugal ainda tinha um número reduzido de voluntários.

Nos EUA a estudante foi para, segundo ela, uma família diferente da de cá, já que tinha muitas crianças (como desejava) e eram bastante religiosos. Não tinham grande poder económico. A sua relação com a família foi muito próxima. A comunidade em geral era pequena, calma, onde a comunidade religiosa em que estava muito inserida a sua família, se relacionava e integrava bem. Foi para uma escola relativamente grande, sem particularidades.

O estudante AG, atualmente com 39 anos, faz trabalhos temporários ligados a formação e dinamização intercultural. Fez o programa em 1992/1993. Solteiro e com uma doença degenerativa insere-se numa família tradicional urbana, como bom nível sócio-económico. Tem uma irmã mais velha que fez o programa antes dele. Caracteriza-se por ser uma pessoa tímida, irónica e crítica. Vivia e vive em Lisboa.

Quando fez o programa as comunicações por telefone fixo já eram habituais, mas por internet e por telemóvel ainda eram pouco disponíveis. A AFS em Portugal já tinha uma estrutura nacional de voluntários.

Nos EUA o estudante esteve em duas famílias, pois mudou ao fim de alguns meses (não quis explicar porquê). A família final era muito diferente, pois era ele e o pai. Relações cordiais mas pouco próximas. O pai de acolhimento não tinha problemas económicos e era alguém sempre ocupado em todo o tipo de atividades (“Estava em todas”). A comunidade era pequena, calma, com indústrias características. Foi para uma escola relativamente pequena, com muitos hispânicos, com quem se relacionou bem.

A estudante JS, atualmente com 33 anos, é professora numa universidade privada e gerente dum micro-negócio. Fez o programa em 1999/2000. É muito ativa em atividades de dinamização empresarial. Solteira e sem irmãos, insere-se numa família tradicional urbana, de bom nível sócio-económico, com quem mantém uma relação não muito próxima. É uma pessoa um pouco extrovertida. Vivia nos arredores de Lisboa, Bucelas, e agora em Lisboa.

Quando fez o programa as comunicações por telefone fixo já eram habituais, mas por internet e telemóvel ainda eram pouco disponíveis. A AFS em Portugal já tinha uma estrutura nacional de voluntários.

Nos EUA a estudante foi para, segundo ela, uma família diferente da de cá, mas com quem sentiu profunda empatia (“esta família...se eu a pudesse ter escolhida como minha, ... porque eu identifico-me com eles!”), com dois irmãos. A família em que se inseriu tinha grande poder económico. A comunidade era pequena, conservadora. Foi para uma escola grande, sem particularidades.

A estudante PJ, atualmente com 28 anos, é funcionária da AFS-Portugal. Fez o programa em 2001/2002. Solteira e com um irmão mais velho que fez o programa AFS, é vegetariana e ligada a círculos de meditação oriental. Insere-se numa família tradicional, com bom nível sócio-económico. É uma pessoa introvertida. Vivia em Viana do Castelo e agora em Lisboa.

Quando fez o programa as comunicações por telefone fixo, telemóvel e internet já eram habituais. A AFS em Portugal já tinha uma estrutura nacional de voluntários.

Nos EUA a estudante esteve em duas famílias, pois mudou quase no fim (mudou por questões de separação na família). A família inicial foi sempre a “sua” família”. Relações cordiais mas pouco próximas, com a 2ª família. A família onde se inseriu assim como a escola tinham grandes ligações às artes, algo com que ela se identificou. A família tinha razoável poder económico e era uma família com laços fortes entre ex-parceiros e filhos, assim como com uma diversidade religiosa, de orientação sexual e de hábitos alimentares (ela era

vegetariana, assim como as irmãs de acolhimento). Vivia numa cidade universitária, onde a comunidade era uma elite intelectual e económica, pequena e muito liberal. A escola onde andou era pequena, alternativa, de artes (era uma “bolha”), multicultural e muito liberal.

A estudante MM, atualmente com 21 anos, é estudante de arquitetura. Fez o programa em 2008/2009. Insere-se numa família tradicional, com elevado poder económico e bom nível social. Família que gosta de viajar e seguir um padrão “tradicional-moderno”, reparte os seus momentos com familiares que residem no Ribatejo e o centro de Lisboa. Com um irmão, a sua casa habitualmente está com mais alguém a coabitar, seja de família sejam amigos ou pessoas relacionadas. É uma pessoa extrovertida, confiante.

Quando fez o programa as comunicações por telefone fixo, telemóvel e internet já eram habituais. A AFS em Portugal já tinha uma estrutura nacional de voluntários.

Nos EUA a estudante foi para, segundo ela, uma família também com um irmão, diferente da de cá (os pais eram artistas “despassarados”), mas com quem sentiu simpatia. A família em que se inseriu tinha algum poder económico, era mais desorganizada e informal que a de cá. A cidade era pequena, com muitos emigrantes e liberal, com as características duma cidade perto da capital de Estado, sem ser um dormitório. A escola era relativamente pequena, com diversidade cultural (havia “tabus”, frases interditas, na linguagem por causa disso).

Em síntese é possível destacar algumas características comuns aos seis elementos: viviam num meio urbano, a formação académica dos pais é superior ao ensino básico, e pertencem a um estrato social médio-elevado. Todos prosseguiram estudos e concluíram/estão no ensino superior. Já o ambiente de acolhimento ora era similar ora muito diferente, seja na família, seja na escola, seja comparando as comunidades de origem e de acolhimento.

Pelo quadro abaixo também é possível constatar que na sua envolvente familiar (excepto em JS) já tinha existido contacto com os programas AFS.

Quadro 4 – O que motivou a fazer o programa

	IS	AB	AG	JS	PJ	MM
Porque foi	2 irmãos já tinham ido, família tinha acolhido muitas vezes; EUA era o país notícia e veio de Moçambiq	EUA porque os primos já tinham ido, tinha “feed-back” positivo, a língua, o ser longe	A irmã já tinha ido e convenceu o pai a deixá-lo ir	Era um sonho viver nos EUA e fazer um programa de intercâmbio	Conheceu programa num curso de línguas AFS no UK. EUA porque queria país com inglês	Conheceu alguém que tinha feito. Sempre viajou e gostou dos. EUA; já lá tinha ido

3. Apresentação de resultados

Serão agora apresentados e analisados os dados recolhidos através dos vários instrumentos anteriormente apresentados: narrativas, entrevistas e questionários.

1ª Etapa:

Obter dados para:

- Conhecer a motivação dos estudantes (apresentada atrás, na caracterização);
- Conhecer o contexto familiar e escolar do estudante em Portugal e nos EUA;
- Identificar fatores que os estudantes mais tenham “retido” nas suas experiências, quer factuais, quer valorativos.

Como foi referido no procedimento, iniciou-se o processo com uma recolha de dados das narrativas

Quadro 5 - Categorias de Ambientes, das narrativas

Categorias *	Subcategorias *	Excertos	Análise
Escola	Sistema escolar Relações Recursos Organização Currículo	Ver anexo 3 com anotações	As três categorias encontradas vieram confirmar o universo em que estes estudantes se movem, já intuídas pela experiência com este tipo de programas. Foram depois analisadas quais as subcategorias emergentes em cada uma das categorias.
Família	Relação familiar Hábitos familiares Fins de semana Eventos importantes		
Sociedade	Relações Organização Hábitos Valores		

**Aqui usado no sentido lato atrás explicado*

A partir desta categorização dum estudo preliminar das três narrativas elaborou-se um guião (anexo 4) para uma entrevista semiestruturada através de questionário, a cada um dos indivíduos, que foram gravadas e transcritas.

Como a entrevista era semiestruturada, pelas razões atrás expostas, e os entrevistados foram fazendo associações de recordações e por vezes alterando a ordem das respostas ou respondendo implicitamente, foi feita uma análise das respostas e o seu cruzamento, de modo a verificar se algumas não teriam sido respondidas. Daí as questões posteriores.

Por exemplo a inquirida IS, em parte da resposta à questão

“Como era a escola? A sua organização?”

começa por responder

“O que mais apreciei foram as características e as condições físicas, [é referido o espaço físico]...

... o estilo descontraído dos professores com calções e sapatilhas e portanto gostei daquele estilo que era diferente daquele que havia cá que era muito mais formal...[resposta implícita ao estilo do vestir, que não era objetivo da pergunta]”

No anexo 5 apresentam-se as transcrições das seis primeiras entrevistas, seguidas imediatamente do referido questionário posterior (quando existente).

Recolhidos e analisados os dados da primeira entrevista, foram elaboradas sinopses (ver anexo 6), uma para cada inquirido, com as seguintes categorias e subcategorias:

Quadro 6 - Categorias de Ambientes, das primeiras entrevistas

Categorias	Subcategorias
Família	A família, características Organização da casa Vida social da família
Escola	Apetrechamento da escola Grupos na escola Relações na escola Organização escolar Eventos escolares
Sociedade	Estrutura/organização da comunidade Eventos importantes
Refeições	
Hábitos dos Jovens	
Valores	

As três primeiras categorias, já antes identificadas, foram depois divididas em subcategorias. As três últimas foram definidas separadamente pois eram transversais às três primeiras e aparecem com um âmbito cada vez mais geral.

O aparecimento de subcategorias apareceu em função dos testemunhos expressos e sem a preocupação ou intenção de elaborar uma listagem exaustiva e/ou completa de sub-aspetos da categoria.

Já explicitada a motivação que esteve presente a cada um dos indivíduos expõe-se a seguir como cada um dos estudantes percecionou o contexto onde esteve nos EUA.

A estudante IS, que considera a experiência muito positiva – *“foi EXCELENTE!”* – ainda hoje, passados 27 anos, mantém algum contacto com a família, tendo já lá voltado.

O seu testemunho é mais centrado na família e na escola e fazendo bastantes observações comparativas entre lá e cá,

“comparando a comida de cá, meu Deus, credo!”.

Relativamente à família há uma referência acentuada à conflitualidade existente entre os vários membros e que a envolveu por causa do namoro que teve, mas interpretada como uma conflitualidade normal mas a que não estava habituada,

“Era uma família que eu gostei bastante, tirando as duas pessoas que eu já falei, a mãe e a irmã do meio, que apesar de gostar delas, eram pessoas muito estranhas às vezes...”.

Há também uma referência à desorganização.

Sobre a escola existe também uma referência à sua “luta” por uma integração em algum grupo e em atividades, e os conflitos entre esse facto e os seus valores,

“Eu, por ser muito ativa e sociável, fui logo acolhida pelo grupo dos “populares”. Depois, acabei por colidir com eles, porque não me integrei nem me adaptei à forma de estar deles, ou seja, os valores colidiram com os valores dos populares.(...). Cheguei a ir a uma festa deles e jurei para nunca mais! Era a degradação completa, havia muito sexo (orgias), droga e álcool”. Por outro lado há uma referência positiva à organização escolar e aos professores, centrando-se a crítica na atitude dos alunos. É de opinião que a escola é mais fácil que cá.

Relativamente à comunidade, vivia num meio pequeno, rural e conservador. Existe no seu testemunho um constante quadro comparativo entre atitudes lá e cá, generalizações e afirmação de valores, com algum ênfase na constatação de alguma contradição lá entre o que se diz e o que se faz,

“A moralidade dos americanos é um pouco contraditória, digamos... Os adolescentes têm horários rígidos e não podem ter sexo, mas quando saem à noite, na noite do “graduation day” podem fazer tudo aquilo que querem,...”.

embora haja um reconhecimento quanto a pragmatismo e modernidade (trabalho de jovens, vestir, sexualidade, organização das cidades).

A estudante AB, que considera a experiência muito positiva, ainda hoje, passados 25 anos, mantém contactos com a família e amigos (alguns destes já cá vieram e ela foi ver um deles).

O seu testemunho é mais centrado na família e na comunidade religiosa Bahai, em que a família estava inserida. Quanto à escola é meramente descritiva, e fazendo notar que a sua timidez dificultou a sua integração...

“...agora reconheço que se fosse menos tímida tinha feito mais amigos... como o “salad-bar”(1) era maior eu podia estar no meu cantinho!”.

A sua vida social na escola fez-se sempre em torno de outros estrangeiros e em atividades com eles...

“Depois a meio do ano, depois de fazer mais amizade com a minha amiga do Japão, e de ajudá-la a mudar de família, íamos muito a atividades na escola, apoiando-nos uma à outra. Não fizemos assim tantos amigos”... “Havia a “Prom-party”(2) e a “Home-party”(3) mas não fui pois não tinha “date”(4), pois não se fazia nada sem “date”, e nem outra onde eram as raparigas a convidar os rapazes. O único que eu convidei, era um amigo meu que era espanhol, e já tinha sido convidado...”

É de opinião que a escola é mais fácil do que cá.

A grande parte do seu testemunho, as recordações, e alguma emotividade, centra-se na vida familiar a integração desta na comunidade Bahai. São referidas pequenas questões quanto a adaptação à organização familiar, mas sempre realçando a existência de harmonia...

“Havia pequenos conflitos com a minha irmã de 14. Não eram conflitos mas era porque ela dizia à mãe quando ficava triste, a mãe vinha-me dizer e depois as coisas resolviam-se”...

“Eles eram muito carinhosos. (...) A mim sempre me trataram muito bem e eles eram todos muito afetivos.”.

Devido à participação na comunidade Bahai, há algum detalhe dos seus rituais, costumes e valores, que parecem terem-na impressionado positivamente. A sua vida social também se circunscreveu muito às atividades que a AFS local organizava.

O estudante AG, que considera a experiência positiva, teve uma experiência marcada por mudança de família. Atualmente ainda mantém contactos com o pai que foi a sua segunda família e com amigos, os quais já visitou posteriormente.

O seu testemunho é mais centrado na sociedade, em apreciações sociais generalizadas. Quanto à família é descritivo e quanto à escola, mesmo quando se refere a ela o seu testemunho é analítico e procurando generalizar...

“Havia [Associação de Estudantes], nas duas. Tinham muitas atividades, (...). Cá a Associação de Estudantes só se nota na altura das eleições... Uma coisa em que senti uma grande diferença foi na atitude: Cá, se tens uma ideia todos te dizem “esquece”; lá, dizem-te “porreiro, vamos lá a fazer isso”.

1- Buffet de saladas

2-= promenade party : baile semiformal no final do ano letivo

3-Festa no início do ano letivo

4-Par /namorado

Na primeira escola, pequena, teve que se *“habituara a ser o centro das atenções”*.

Na segunda escola tem uma boa integração com os pares, pela existência de muitos hispânicos (muitos de origem portuguesa), mas tem pouco envolvimento nas atividades oferecidas pela escola. Considera a escola mais fácil do que cá.

A generalização e análise está sempre muito presente, mesmo quando se refere à comunidade,

...“Na cidade os cargos são todos por eleição: Chefe de polícia, juiz,... (normalmente a nível local isso acontece...)”

Uma coisa que reparei é que lá quando as pessoas gostam de alguém e dizem que vão fazer uma coisa fazem mesmo; não são só promessas!”

O facto de ser maior e ter um determinado grau de liberdade, leva-o a sair mais à noite e não participar tanto em atividades de adolescentes limitados pela legislação (álcool, “curfew” (1)).

A estudante JS, que considera a experiência muito positiva, mantém muitos contactos com a família e amigos, e voltou várias vezes aos EUA e a vários lugares. A experiência levou-a a identificar-se muito com os EUA e este país passar a fazer parte da sua vida e imaginário,

“O que senti e sinto cada vez que volto é que tudo é diferente, os carros são maiores, as estradas, as comidas, os sonhos. Tudo é sempre feito em grande escala. No entanto os USA têm muitos estados e muitas cidades que são bastante diferentes”

Teve uma primeira família, na qual esteve pouco tempo.

O seu testemunho é mais centrado na família e na escola e bastante apologético.

Quanto à escola faz uma descrição bastante positiva dos professores, do sistema e da filosofia subjacente,

...“Marcou-me imenso porque a relação com os professores era muito boa (...) O que eu posso dizer é que havia mais respeito,(...) cada pessoa empenhava-se para fazer mais e melhor, e para fazer bem!”

mas conta que detestava as atividades desportivas e se dedicou a um “part-time”, em parte para ter algo e também para ser diferente de cá, que não a deixavam e não sabia o valor do dinheiro.

É de opinião que a escola é mais fácil do que cá.

Grande parte do seu testemunho refere-se à empatia encontrada com a família, à boa relação com todos, às atividades feitas em família,

.....
1-Ordem dos pais, legalizada, para os adolescentes regressarem a casa até uma certa hora

“O que me lembro é que aquilo para mim sempre foi casa! O problema agora é em que casa é que fico? Na casa de lá ou na casa de cá?...”

A estudante PJ, que considera a experiência positiva, mantém contactos com a família e amigos (já lá foi e já cá vieram).

O seu testemunho, numa atitude de quase observadora, é mais centrado na família, embora de uma forma não muito marcada em relação à escola e à sociedade. Mostra ter consciência que a escola e a comunidade eram uma exceção em relação aos EUA.

Quanto à escola, embora descritiva, realça a sua excecionalidade, a sua liberalidade e tolerância, e ter aproveitado para potenciar a sua faceta artística,

“Era uma escola alternativa; tinha que se fazer testes para entrar e eu só entrei porque as minhas irmãs já lá andavam...”,

...“Era uma escola de artes, onde o vestir era muito liberal, os comportamentos muito tolerantes.”,

...“Cá (...) estudava Música, na academia. Lá... fiz um currículo diferente de cá, mais direcionado para as artes,...”

É de opinião que a escola é mais fácil do que cá, mas pela forma como se ensina.

Sobre a família mostra que teve uma boa relação com todos os membros, numa família muito pouco convencional (em orientação sexual, religião, formas de arranjar dinheiro,...) e que foi desconfortável ter que mudar (a AFS obrigou-a, por ter havido uma separação),

...“psicologicamente a minha família foi sempre a 1ª”.

Sobre a sociedade em geral refere a liberalidade da cidade, a tolerância e a literacia (era uma cidade universitária).

A estudante MM, que considera a experiência positiva, mantém contactos com a família e amigos (já lá foi e já cá vieram). Os pais naturais foram lá ver a sua “graduation”

O seu testemunho, numa atitude de quase observadora, é mais centrado na família, embora de uma forma não muito marcada em relação à escola. Existe no seu testemunho muitas referências à sua forma de viver em Portugal.

Duma forma geral centra-se na sua experiência, havendo poucas vezes análise do mais global.

Sobre a família há uma atitude de aceitação numa família excêntrica,

...“artistas, eram um bocado “despassarados”,

e numa irmã mimada,

...“sempre a fazer cenas de ciúmes por coisas sem importância”.

Faz muitas comparações com a vida familiar cá, geralmente em desprimor da vida familiar lá,

“Fez-me muita confusão os horários das refeições... por volta das 6 da tarde jantava-se! Cá era sempre a horas, e comida tradicional...”,

“Lá, discutia-se, bastante, gritava-se, batiam-se com portas...! Cá isso seria completamente impensável!”,

, excepto quando reconhece o grande humanitarismo da sua família nos EUA.

Está muitas vezes presente a sua sensibilidade pela arquitetura, quer a nível da casa ou da cidade.

Quanto à escola é bastante descritiva, referindo numa forma pragmática a sua tentativa de adaptação, facilitada por estar em artes,

...“tinha bastante aulas de arte e, portanto, era mais fácil para mim conviver com algumas pessoas...”

e ter ido com poucas expectativas.

Refere a multiculturalidade da escola e da cidade,

“...era uma cidade liberal, sem ser hipócrita”,

e a tolerância, a seu ver maior do que a que sentiu cá,

“Cá havia mais discriminação social, até porque era um colégio e não uma escola pública!...”,

e refere a existência de controle institucional sobre atitudes de discriminação,

“havia, inclusive, palavras tabu”.

É de opinião que a escola é mais fácil do que cá, uma “treta”, embora teoricamente o sistema seja melhor que o de Portugal.

Duma forma geral ressaltam algumas características: os estudantes consideram fácil obter bons resultados escolares, as atividades desportivas no período escolar das tardes não os interessa de forma significativa e ninguém refere a aprendizagem da língua como um problema. Aqui a questão da aprendizagem da língua de acolhimento como uma possível barreira à adaptação parece ter sido ultrapassada.

Existe uma boa impressão geral quanto à organização das escolas, variando mais as impressões quanto às relações dentro delas.

No que respeita à família existe maior variação – neste programa, sendo escolar, assume relevância fundamental o quadro familiar de acolhimento, já que a vivência numa família durante um ano escolar, num ambiente onde a intimidade e as relações profundas são

fundamentais, determina a exequibilidade ou não de tudo o resto. Alguns mudam de família (seja por questões mais circunstanciais (JS, PJ) quer mais relacionais ((AG), pois neste programa, como já atrás foi referido, a marginalização tem de ser contornada institucionalmente. Existe uma preocupação em adaptar-se à família, uns com maior distanciamento (AG, MM), ora com maior empatia (AB, JS, PJ), ora numa atitude de gestão de conflito (IS).

Em relação à comunidade existe, duma forma geral, ora uma atitude mais analítica e algumas generalizações do local para o global (IS, AG, JS), ora uma consciência que estão num local particular (AB, PJ), ora uma pouca preocupação quanto a isso (MM).

2ª Etapa:

Obter dados para:

- Identificar como esses fatores contribuíram a construção da sua identidade, para uma “mudança de olhar” sobre si e sobre o que o rodeia

Relativamente às categorias Identidade Pessoal, Identidade Social e Cultural e Identidade Intercultural há que ter presente que falar da construção da identidade é *“falar (...) de complexidade dialéctica, (...) de construção dinâmica, de constante reestruturação – constante metamorfose – para um novo todo”* (Vieira, 2008, p.8). As identidades interligam-se e afirmar que um determinado comportamento se inclui objetiva e exclusivamente num tipo de identidade é redutor e falacioso.

Caracterizados que estavam os inquiridos, o seu ambiente e o seu contexto, elaboraram-se dois instrumentos: Um questionário sobre mudanças ocorridas (anexo 7) e um questionário para uma segunda entrevista (anexo 8).

O questionário sobre mudanças ocorridas teve como base um estudo realizado pelo departamento de investigação da AFS iniciado em 1977, que elaborou um questionário destinado a medir as características que os participantes sentiam que mais tinham evoluído com a sua experiência. Este questionário foi aplicado ao longo de anos e identificou as 17 características expressas no questionário apresentado (Arnaut, s/d, p.56).

As 17 questões sobre mudanças ocorridas, assim como as perguntas 18 e 19, sobre identidade nacional e pessoal, que constituíam o questionário, foram assim estruturadas nas categorias:

Quadro 7 - Questionário sobre mudanças ocorridas

Categorias	Perguntas
	<i>Como mudaram as características seguintes?</i>
IP – Identidade Pessoal (Mudanças de atitude em relação a si próprio)	5-Não-materialismo 6-Adaptabilidade 7-Independência e responsabilidade (autonomia) 10-Pensamento crítico, não dogmático 13-Consciência das oportunidades 14-Espírito aberto 16-Crescimento pessoal e maturidade 17-Auto-confiança <i>19-O que sentiu que mudou mais em si próprio(a)?</i>
ISC – Identidade Social e Cultural (Mudanças de atitude em relação à cultura de origem)	8-Apreço pela família natural 9-Consciência e apreço pelo país e cultura de origem 11-Partilha de ideias 12-Aptidão para interagir 15-Relações pessoais profundas <i>18-Alguma vez se sentiu mais americano(a) que português(a)?</i>
IC - Identidade Intercultural (Mudanças de atitude em relação à cultura de acolhimento)	1-Consciência e apreço pelo país e cultura de acolhimento. 2-Apreço por línguas estrangeiras 3-Consciência internacional 4-Compreensão por outras culturas

Relativamente ao questionário para uma segunda entrevista (anexo 8), as perguntas elaboradas tiveram como base os temas definidos na primeira etapa.

As perguntas foram estruturadas nas categorias de tipos de identidade tendo em atenção que é um quadro meramente indicativo (com algumas questões a poderem inserir-se em mais do que uma categoria), pois que a resposta à mesma pergunta por dois indivíduos pode indiciar perspectivas identitárias diferentes. Por exemplo na resposta à questão seguinte do quadro “Mudaste, para ti, o que pensavas sobre a importância do vestir?” AG responde “isso é completamente fútil!...”, denotando uma característica marcadamente de identidade pessoal

(mas não só), enquanto que JS responde “*Mudou! Mudou radicalmente por uma questão muito simples: Eu, aos 18 anos, foi quando eu vivi lá, eu não precisava, por exemplo, de maquilhagem...não utilizava!*”, denotando assim uma predominância duma identidade social (mas não só).

Quadro 8 - Grelha com questões para a segunda entrevista

Categorias	Perguntas	Temas
Identidade pessoalP	<ul style="list-style-type: none"> • A sequência sopa...prato...sobremesa, ...manteve-se ou mudou?...em relação a isso o que se passou? • E em termos de organização do teu quarto? Aquilo a que se chama a logística, a organização da casa? Achas que mudaste ou ficaste na mesma? • E a distribuição de tarefas em casa? Por cada um... Sentes que introduziste alguma coisa ou não? Ou simplesmente te adaptaste de novo quando cá chegaste? • Qual achas que é, para ti, e se mudou ou não, o papel da escola no combate à discriminação? • A tua posição quanto ao sexo entre jovens?...permaneceu ou mudou? • ...e em relação ao sentido de responsabilidade dos jovens, ...achas que aquilo que pensavas sobre se os jovens eram responsáveis ou irresponsáveis, se manteve ou não? • A tua posição sobre os jovens beberem álcool ou não, manteve-se ou mudou? • As questões do voluntariado, a necessidade de fazer voluntariado para a sociedade, a tua opinião sobre isso mudou ou mantem-se? • Mudaste, para ti, o pensavas sobre a importância do vestir? • Em relação às diferenças de género? O que é que dizes? A tua opinião, continua a mesma ? • E a importância do consumismo, aqui não no sentido negativo, mas no sentido d a importância de ter, de se obter,para se ser? • Aquilo que pensas da autoridade mudou, ou manteve-se? Das autoridades, em geral...De quem tem o poder... • A tua atitude perante a droga, manteve-se ou mudou? • Sobre o sentido de hierarquia, achas que o sentido de hierarquia lá era igual ou diferente daqui...e se mudou a tua atitude em relação a isso? (Uma coisa é a constatação, outra coisa é a tua opinião pessoal...) 	<p>Família</p> <p>Escola</p> <p>Sociedade</p>

Categorias	Perguntas	Temas
Identidade Social e Cultural	<ul style="list-style-type: none"> • Em relação à família de cá o que é que mudou em relação às atividades que faziam em conjunto? • Mas encaras agora essas atividades mais engraçadas, menos engraçadas,...introduziste novas coisas nelas....ou não? • E nas festas com a família, com os parentes, achas mais ou menos interessantes? • Mudaste alguma coisa nas formas de cumprimentar as pessoas? • Quanto a passatempos com a família, mudaste ou não? • E a distribuição de tarefas em casa? Por cada um... Sentes que introduziste alguma coisa ou não? Ou simplesmente te adaptaste de novo quando cá chegaste? • Houve alguma alteração nas atividades religiosas com a família? 	Família
	<ul style="list-style-type: none"> • Como é que mudou a tua maneira de ver – a escola tem o chamado currículo normal e tem o currículo extra - , como é que tu vês a importância desse currículo extra em relação ao currículo normal? Manténs a mesma opinião, ou mudaste? • E o que deve ser o papel do professor, mudaste a tua opinião ou não? • Em termos de organização curricular, como achas que ela deve ser, mudaste ou não a tua opinião? 	Escola
	<ul style="list-style-type: none"> • Qual a tua opinião sobre o trabalho temporário em jovens? Antes e depois de teres ido... • Mudaste, para ti, o pensavas sobre a importância do vestir? • E a importância do consumismo, aqui não no sentido negativo, mas no sentido da importância de ter, de se obter, para se ser? • Aquilo que pensas da autoridade mudou, ou manteve-se? Das autoridades, em geral...De quem tem o poder... • ...Aquilo que chamamos as festas tradicionais, as coisas que uma sociedade tem, isso para ti continuou a ser importante, menos importante...ou passaste a olhá-las de outra maneira? • Sobre o sentido de hierarquia, achas que o sentido de hierarquia lá era igual ou diferente daqui...e se mudou a tua atitude em relação a isso? (Uma coisa é a constatação, outra coisa é a tua opinião pessoal...) • O urbanismo da cidade lá era melhor ou pior do que cá? • E o conceito de patriotismo? • A importância do “Doutor”? Ser doutor, “Dr” Mudou aquilo que tu consideras a importância disso? • E a importância da religião? 	Sociedade

Categorias	Perguntas	Temas
Identidade Intercultural	<ul style="list-style-type: none"> • Em relação às atividades que faziam em conjunto, encaras agora essas atividades mais engraçadas, menos engraçadas,...introduziste novas coisas nelas....ou não? • A sequência sopa...prato...sobremesa, ...manteve-se ou mudou?...em relação a isso o que se passou? • Quanto a passatempos com a família, mudaste ou não? • Em termos de organização do teu quarto? Aquilo a que se chama a logística, a organização da casa, achas que mudaste ou ficaste na mesma? • Há alguma coisa que introduziste de novo na família pelo facto de lá teres estado ...nas tuas relações..? 	Família
	<ul style="list-style-type: none"> • Como é que mudou a tua maneira de ver – a escola tem o chamado currículo normal e tem o currículo extra - , como é que tu vês a importância desse currículo extra em relação ao currículo normal? Manténs a mesma opinião, ou mudaste? • E o que deve ser o papel do professor, mudaste a tua opinião ou não? • Em termos de organização curricular, como achas que ela deve ser, mudaste ou não a tua opinião? 	Escola
	<ul style="list-style-type: none"> • A tua posição sobre os jovens beberem álcool ou não, manteve-se ou mudou? • Qual a tua opinião sobre o trabalho temporário em jovens? Antes e depois de teres ido... • As questões do voluntariado, a necessidade de fazer voluntariado para a sociedade, a tua opinião sobre isso mudou ou mantem-se? • Mudaste, para ti, o pensavas sobre a importância do vestir? • Em relação às diferenças de género? O que é que dizes? A tua opinião, continua a mesma ? • A noção de distância... alterou-se para ti? O que é uma distância grande, pequena? • E a noção de tempo? • E o conceito de patriotismo? • A importância do “Doutor”? Ser doutor, “Dr” Mudou aquilo que tu consideras a importância disso? • E a importância da religião? 	Sociedade

Das transcrições e respostas resultantes (anexo 9) e tomando como guia esta classificação foi feita uma análise de conteúdo das respostas das duas entrevistas, (anexo 10).

Segue-se uma grelha com as análises de conteúdo das entrevistas:

Quadro 9

IS:

	Extratos	Inferências/indicadores
Identidade pessoal	<p>-Mesmo quando lá tinha as crianças ela bebia e fumava</p> <p>-Eu, por ser muito ativa e sociável,</p> <p>-...fui logo acolhida pelo grupo dos populares</p> <p>-...os valores colidiram com os valores dos populares</p> <p>-em Portugal a mentalidade era sexo só depois do casamento.[e a dela]</p> <p>-Às vezes tratam os jovens como se fossem miúdos</p> <p>-eu não faltava e era muito assertiva</p> <p>-...não mudei nada. Sempre fui muito organizada, já era e continuo a ser.</p> <p>-A minha experiência AFS marcou-me sobretudo a nível da minha experiência profissional, porque eu sou professora... absorvi na escola americana...</p> <p>-...muito mais atenta a isso [à discriminação]</p> <p>-É claro que a minha forma de ver as coisas mudou [sobre sexo entre jovens]</p> <p>-Aceito a diferença com muito mais facilidade</p> <p>-Na sociedade americana percebi que é importante ...Acho que isso é uma estupidez.</p>	<p>Espírito crítico</p> <p>Boa auto imagem</p> <p>Capacidade de interagir</p> <p>Valores</p> <p>Valores</p> <p>Espírito crítico</p> <p>Boa auto imagem</p> <p>Organizada</p> <p>Modificação de hábitos de origem</p> <p>Espírito crítico</p> <p>Espírito aberto</p> <p>Espírito aberto</p> <p>Espírito crítico</p>
Identidade Social e Cultural	<p>-Havia muito disso nas escolas americanas</p> <p>-eles abrem os braços logo no início mas no fundo não abraçam ninguém</p> <p>-para eles os europeus normalmente tinham sempre uma cultura acima da média</p> <p>-Cá, (em Portugal) ... confiava-se aqui muito nos jovens,</p> <p>- Para mim era como se fossem mesmo meus avós</p> <p>-A comida deles era tipo “enfarta-brutos”;</p> <p>-aprendi a amar mais a família e a dar ainda mais valor à família [de cá]</p> <p>-Passei ainda a dar mais valor à minha pátria</p>	<p>Estereótipos sobre americanos</p> <p>Estereótipos sobre americanos</p> <p>Estereótipos sobre americanos</p> <p>Apreço pela sua cultura</p> <p>Relações pessoais profundas</p> <p>Apreço pela sua cultura</p> <p>Apreço pela família natural</p> <p>Apreço pelo seu país</p>

<p>Identidade Intercultural</p>	<p>-Na altura eu namorava até com um ex AFS americano, o Mark, que tinha cá conhecido</p> <p>-... apreciei ...o estilo descontraído dos professores com calções e sapatilhas...cá... era muito mais formal.</p> <p>-...admirei o esforço que fizeram para me receber,</p> <p>--... é uma característica que eu acho muito interessante na sociedade americana, os jovens, todos eles trabalham</p> <p>-faziam aliás muita variedade de saladas e muito boas e com muita gelatina</p> <p>-o churrasco com a família, eu achava aquilo espetacular</p> <p>-na maneira de vestir. ... e eu achava piada àquilo</p> <p>-...são cidades muito bem organizadas</p> <p>-...já vinha de uma família muito ligada às questões de intercultura</p> <p>-A cultura portuguesa na época era mais fechada em que a mulher acompanhava o homem e o homem é que era a chave,</p> <p>-Claro que ainda valorizei mais as riquezas culturais que a minha experiência me trouxe, e claro que valorizo tudo o que seja tradicional de todas as culturas.</p> <p>-...a dar muita importância à aproximação das culturas...</p> <p>-...ganhei uma consciência além da lógica Estado-Nação</p>	<p>Com relações interculturais</p> <p>Apreço por hábitos americanos</p> <p>Atitude de acolhimento</p> <p>Apreço por hábitos americanos</p> <p>Apreço por hábitos americanos</p> <p>Apreço por hábitos americanos</p> <p>Consciência internacional</p> <p>Apreço pela cultura americana</p> <p>Compreensão por outras culturas</p> <p>Compreensão por outras culturas</p> <p>Consciência internacional</p>
---------------------------------	--	---

AB:

	Extratos	Inferências/indicadores
Identidade pessoal	<p>- Eu era tímida e não fazia amigos com facilidade.</p> <p>- ...eu podia estar no meu cantinho,</p> <p>- E eu como era caladita</p> <p>-aprendi a escrever sem olhar para o teclado (hoje as pessoas ficam espantadas como eu escrevo sem olhar, depressa e com os 10 dedos</p> <p>- Eu ia com algumas expectativas ... Vai acabar por ser mais fácil por ser estrangeiro...</p> <p>- ...eu naquilo “dava cartas” e professor punha-me muitas vezes a falar para a turma. E aquilo nem sempre era bem recebido...</p> <p>-...e a “Home-party” mas não fui pois não tinha “date”</p> <p>-eu dizia: ou páras de beber para me lebares a casa ou telefono aos meus pais. Nunca mais me convidaram.</p> <p>- Eu estive muito tempo afastada da religião, não porque não acreditasse, muito tempo</p> <p>- senti que sempre que não estive integrada a culpa era minha.</p> <p>-O facto de [lá] haver tantas coisas [regras] acabava por criar muitos tabus e a vontade de os quebrar.</p> <p>-vim completamente desmazelada, e depois voltei a pouco e pouco a ter o gosto por me arranjar</p> <p>-...E vinha muito mais segura, (...) eu não teria segurança para ser professora.</p> <p>-descobri que conseguia ultrapassar a timidez e interagir com os outros por iniciativa própria, embora tenha demorado a consegui-lo</p>	<p>Consciência de dificuldade em interagir</p> <p>Aprendizagens úteis</p> <p>Expectativas frustradas</p> <p>Consciência que o que sabia a ajudava a socializar</p> <p>Pouco sociável</p> <p>Valores</p> <p>Valores</p> <p>Consciência de dificuldade em interagir</p> <p>Espírito crítico</p> <p>Permanência de estética</p> <p>Aumento de auto-imagem</p> <p>Aumento de auto-confiança</p>

<p>Identidade Social e Cultural</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Eles não tinham o hábito de ver televisão e foi um conflito no início, pois eu estava a habituada a ver e não tinha muito que fazer - A mim sempre me trataram muito bem e eles eram todos muito afetivos - , estava à espera de ser recebida doutra forma (como nós aqui com os estrangeiros) -... e era convidada para falar sobre o meu país, e aí era a coisa melhor, eu aí perdia a vergonha toda e falei em vários sítios -[lá] os professores não se envolvem tanto nos problemas dos alunos - A minha mãe americana não gostava de cozinhar, coisa que não acontecia com a minha mãe, em Portugal, que é uma excelente cozinheira! -Mas em termos de família não notei [mudanças]... éramos muito unidos e ainda ficámos mais unidos... -A minha mudança (...) foi mais na forma de vestir... -até porque eu vivia lá numa casa mais desorganizada do que cá -nós lá em casa nunca fomos muito religiosos -Sinceramente continuei a admirar muito mais a escola de cá -,...achava que não havia tanta responsabilidade lá [dos jovens] -eu não vivia num país daqueles -Eu vim para Portugal e dava comigo extasiada a olhar para as coisas...lembro-me perfeitamente! 	<p>Gostar dos hábitos na casa de origem</p> <p>Relações pessoais profundas</p> <p>Estereótipos sobre Portugal</p> <p>Apreço pela sua cultura</p> <p>Apreço pela sua cultura</p> <p>Apreço pela família natural</p> <p>Mudança de hábitos</p> <p>Apreço pela sua família</p> <p>Relativização da religião</p> <p>Apreço pela sua cultura</p> <p>Apreço pela sua cultura</p> <p>Apreço pela sua cultura</p> <p>Apreço pela sua cultura</p>
<p>Identidade Intercultural</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Eu fui várias vezes, a pedido meu [reuniões religiosas] fui a uma atividade muito engraçada com judeus. - eu gostei muito, o “Thanks Given Day”, - depois de fazer mais amizade com a minha amiga do Japão, (...) íamos muito a atividades na escola - nos estados unidos não há essa coisa de tu és dessa religião eu sou doutra - apercebi-me que um beijo nos lábios é sinal de muita afetividade -[na escola lá] Sempre tudo muito bem organizado -Havia também um grande sentido de comunidade - Mudei! Acho que é muito importante as atividades na escola -um “part-time”. Nesse aspeto achava muito importante fazermos como lá. -...pessoas com quem eu lidava não estavam nada no voluntariado, e não me tinha apercebido da importância...não custa nada, e lá é natural. -Se não fosse não tinha percebido tantas coisas do mundo... 	<p>Consciência de multiculturalidade religiosa social</p> <p>Apreço por hábitos americanos</p> <p>Compreensão das oportunidades da diversidade</p> <p>Estereótipo sobre atitudes perante a religião</p> <p>Perceção de formas de expressar afetos</p> <p>Apreço por hábitos americanos</p> <p>Apreço por hábitos americanos</p> <p>Apreço por hábitos americanos</p> <p>Apreço por hábitos americanos</p> <p>Apreço por hábitos americanos</p> <p>Apreço pela cultura americana</p> <p>Consciência internacional</p>

AG:

	Extratos	Inferências/indicadores
Identidade pessoal	<ul style="list-style-type: none"> - Tive que me habituar a ser o centro das atenções.... - Tive que aprender a desenrascar-me, cozinhar, a desenrascar-me...cá passei a cozinhar mais - Cá, não pertencia a nenhum grupo - sair um bocado da sombra do meu pai, e começar a afirmar-me mais enquanto pessoa - também comecei a ficar...aliás a questionar bastante o sistema de ensino cá ... -... tive a minha primeira relação sexual lá -Isso é completamente fútil!. - conceito de de patriotismo...também não mudou muito - ao Dr (...) foi uma coisa que cá quando voltei deixei de dar importância -...quando voltei a minha opinião mudou...no sentido de ser muito mais crítico e questionar muito mais a religião 	<p>Auto-imagem</p> <p>Adaptabilidade</p> <p>Independência pessoal</p> <p>Independência pessoal</p> <p>Espírito crítico</p> <p>Crescimento pessoal</p> <p>Pensamento crítico</p> <p>Pensamento crítico</p> <p>valores</p> <p>Pensamento crítico</p>
Identidade Social e Cultural	<ul style="list-style-type: none"> - Uma coisa que me chamou a atenção nos Estados Unidos foram as hierarquias na escola!... Lá a forma de tratar alguém por “tu”, ou seja...tratam por igual... que é bem diferente de cá! -porque as pessoas lá são muito consumistas - Lá, entre homens não havia contato...não me lembro de abraçar um amigo... -, passava vida a “comer porcarias”... o comer era bem pior do que cá -Cá tinha liberdade total para sair à noite, os meus pais tinham confiança -... namoro com uma americana que conheci lá!... namorei com uma AFS norueguesa - lá o coletivo decide muito o grau de liberdade dos indivíduos (por exemplo, beber álcool), enquanto que cá isso não é tão estanque! - para mim a filosofia americana é uma filosofia de extremos; ou fechavam os olhos ou eram implacáveis - cá os alunos faltavam mais ao respeito. ...Lá dava-se muito valor ao “ter” e eram muito individualistas, mas havia mais igualdade de género que aqui. - mas comecei a dar mais valor às atividades conjuntas ...- em vez de fazer com os amigos agora também a fazer coisas com a família - fiquei com uma expectativa muito mais positiva do papel precisamente desses grupos de jovens e do papel que podem ter voltei 100% convencido dessa necessidade de fazer voluntariado para ajudar a comunidade 	<p>Análise social das hierarquias</p> <p>Estereótipos sobre cultura americana</p> <p>Afetos</p> <p>Apreço pela sua cultura</p> <p>Apreço pela família natural</p> <p>Relações profundas</p> <p>Análise de situações de forma comparativa</p> <p>Estereótipos sobre cultura americana</p> <p>Análise de situações de forma comparativa</p> <p>Apreço pela interação em família</p> <p>Consciência social</p> <p>Consciência social</p>

<p>Identidade Intercultural</p>	<ul style="list-style-type: none"> - parecia que a casa cá tinha encolhido. - As pessoas lá organizavam por exemplo vendas de bairro - Diziam “na cara” o que pensavam, ao contrário das de cá - Lá as pessoas confiam mais na palavra umas das outras - Eu fiquei impressionado com o voluntarismo das pessoas! -que lá quando as pessoas gostam de alguém e dizem que vão fazer uma coisa fazem mesmo.... Reparei que as pessoas confiavam no que se dizia -Cá, se tens uma ideia todos te dizem “esquece”; lá, dizem-te “porreiro, vamos lá a fazer isso” - Lá os professores em geral eram espetaculares, estavam “por amor à camisola”. - também comecei a ficar...aliás a questionar bastante o sistema de ensino cá. -comecei a olhar para cá para os jovens e achava que (...) tinham muito menos iniciativa...do que lá. 	<p>Noção de distância mudou</p> <p>Apreço por hábitos americanos</p> <p>Apreço pela cultura americana</p> <p>Apreço pela cultura americana</p> <p>Apreço pela cultura americana</p> <p>Apreço pela cultura americana</p> <p>Apreço pela cultura americana</p> <p>Apreço pela cultura americana</p> <p>Apreço pela escola americana</p> <p>Apreço pela escola americana</p> <p>Apreço pela cultura americana</p>
---------------------------------	---	---

JS:

	Extratos	Inferências/indicadores
Identidade pessoal	<p>- E há sempre aquela ideia que os americanos são... são “estúpidos” e que não têm tema de conversa, etc...</p> <p>-... a minha irmã era “cheerleader”, portanto integrei-me bem em tudo</p> <p>-... que eu tentei fazer foi estar com várias pessoas e não me isolar e estar e ficar só com elas</p> <p>-...toda a gente fazia desporto à tarde, aquilo para mim transtornava-me porque eu odiava</p> <p>- ...eu estoirava o dinheiro (...) agora também tenho mais noção do que custa a ganhar</p> <p>- Eu tenho uma afilhada (...) ela agora chumba a tudo só para ser “cool”!</p> <p>-...não fui uma pessoa de andar agarrada a toda a gente</p> <p>- [foi trabalhar] mais por uma questão de afirmação</p> <p>-...necessidade de perceber melhor porque é que os outros funcionam como funcionam.</p> <p>- decidi logo que iria viver fora</p> <p>-...eu nunca teria pensado que pudesse vir a identificar-me mais com uma família não biológica do que com a biológica</p> <p>-... se calhar nunca tinha pensado! Mas depois de vir dos EU sim [mudei a forma de cumprimentar]!</p> <p>-...lá consegui uma coisa que cá com 18 anos não consegui, que é gostar de estudar</p> <p>-...eu mudei a minha opinião porque eu não sabia...quer dizer, cá as pessoas são mais conservadoras</p> <p>-...eu também achava que não fazia sentido. Neste momento acho que faz sentido [o trabalho temporário entre jovens]</p> <p>-...Uma das coisas que mudou foi a determinação, isso eu acho que foi lá!</p> <p>-...sou uma pessoa pouco flexível, e lá ganhei muita flexibilidade</p> <p>-Eu, por exemplo, o dinamismo, eu aqui sou uma pessoa que chego-me muito à frente com as coisas e sinto que sou muito líder...isso aprendi lá!</p>	<p>Espírito crítico sobre os estereótipos</p> <p>Consciência da oportunidade</p> <p>Adaptabilidade</p> <p>Adaptabilidade</p> <p>Sentido de responsabilidade</p> <p>Pensamento crítico</p> <p>Sentido de responsabilidade</p> <p>Atitude perante manifestação de afetos</p> <p>Necessidade de autonomia</p> <p>Aquisição de abertura de espírito</p> <p>Consciência de oportunidades</p> <p>Identificação de personalidade</p> <p>Atitude perante manifestação de afetos</p> <p>Aquisição de maturidade</p> <p>Pensamento crítico</p> <p>Pensamento crítico</p> <p>Crescimento pessoal</p> <p>Adaptabilidade</p> <p>Espírito de iniciativa</p>

<p>Identidade Social e Cultural</p>	<ul style="list-style-type: none"> - eles não eram típicos americanos, porque eram muito interativos com as outras pessoas... - Não se sentavam o dia todo a ver televisão (...)... E identifiquei-me bastante com eles. - Pensei: “Coitadinha, isto é mesmo de americana! Não me conhece de lado nenhum...!” - E, portanto, é muito mais fácil as pessoas falarem sobre aquilo e ...estarem sempre naquele, naquela zona sem terem que saber mais nada sobre outros sítios -, eu sempre tinha que vir para Lisboa, e sempre tinha que perceber mais aquilo se passava em termos de geografia - Sair à noite não é como aqui, beber um cafezinho,...isso não existe -Cá em Portugal (...) nós saíamos das aulas e íamos para o café beber copos - a chorar porque não me queria vir embora - necessidade muito grande de interagir e ir buscar coisas a outras culturas - Eu não poder ir para o café comer sardinhas e caracóis! ...Isso a mim transtornava-me. -Eu acho que passei a ajudar mais um bocadinho -...porque gostava, ou seja, estudar para aprender... Mas rapidamente perdi! -A discriminação lá é maior do que aqui -Como toda a gente que eu conhecia era super protegida... -...as pessoas lidam com o álcool melhor aqui do que lidam lá - o tempo aí estica, mas também não sei se foi da altura, não é? 	<ul style="list-style-type: none"> Estereótipos sobre cultura americana Apreço pela cultura americana Estereótipo sobre cultura americana Consciência do local/global Consciência que o meio molda Apreço por hábitos de origem Apreço por hábitos de origem Relações pessoais profundas Necessidade de interagir Apreço por hábitos de origem Apreço por hábitos familiares de origem Influência do meio Apreço pela cultura de origem Consciência do seu cultural local Apreço pela cultura de origem Capacidade de relativizar
-------------------------------------	---	---

Identidade Intercultural	- Não se sentavam o dia todo a ver televisão (...)... E identifiquei-me bastante com eles.	Apreço pela cultura americana
	- E há sempre aquela ideia que os americanos são... são “estúpidos” e que não têm tema de conversa, etc...	Apreço por hábitos americanos
	- fazíamos sempre imensa festa	Apreço pela cultura americana
	- nós víamos na televisão,...que às vezes são estereótipos a mais	Crítica aos esterótipos
	- - Quando cheguei cá (...) tive a clara noção que as coisas cá eram diferentes e tive muitas dificuldades em adaptar-me.	Apreço pela cultura americana
	-...[lá] cada pessoa empenhava-se para fazer mais e melhor	Apreço pela escola americana
	- Lá,(...) é “cool” ser bom aluno!	Apreço pela escola americana
	- ...a chorar porque não me queria vir embora!	Apreço pela escola americana
	-...as pessoas contribuem sempre para o bem-estar geral e não são tão individualistas como em Portugal	Apreço pela cultura americana
	- necessidade muito grande de interagir e ir buscar coisas a outras culturas	Apreço pela cultura americana
	- ah, eles fazem isto de forma diferente porque têm uma cultura diferente”	Consciência internacional Consciência do relativismo cultural
	-não era tanto comida de faca e garfo...só que isso eu não consegui implementar...	Apreço por hábitos americanos
	-Podem-me dizer que o de lá não funciona, ...é assim, não acredito nisso!	Apreço pela escola americana
	-[sobre sexo] lá eu acho que as coisas são mais naturais	Apreço pela cultura americana
	-...eu acho que há um respeito maior, lá [pelas autoridades]	Apreço pela cultura americana

PJ:

	Extratos	Inferências/indicadores
Identidade pessoal	- Fiz um currículo diferente de cá, mais direcionado para as artes, apesar do currículo regular e normal	Consciência da oportunidade
	- A mãe era (...) “hippy”, que agora era rica; e apoia causas como a causa tibetana...	Pensamento crítico
	-... lá sentia-se uma grande presença feminina na família, e cá não tanto! Lá havia partilha de tarefas, (...) cá os homens “ajudavam”...	Pensamento crítico
	-Fiquei mais crítica...	Pensamento crítico
	- actividades de família (...) de cariz mais religioso, (...) já não queria muito fazer parte delas.	Pensamento crítico
	-Se calhar eu sempre fui um bocadinho americana na forma de cumprimentar	Atitude perante afetos
	- ...não se levantarem da mesa no fim da refeição. E se calhar quando voltei era capaz de me manifestar mais relativamente a essa atitude	Espírito crítico
	-...lá senti que estaria mais adaptado às minhas necessidades...	Consciência da oportunidade
	-...senti que a luta contra a discriminação é feita no terreno e no dia a dia	Consciência de cidadania
	-...Naturalmente se eu estiver mais centrada em mim os outros não são uma preocupação.	Humanismo
	- Considerando que a minha educação foi católica, e ao ambiente em que fui exposta lá, (...) e terem uma opinião informada sobre aquilo que querem fazer, não sei...	Valores e espírito aberto
	-...O meu grau de concordância aumentou [sobre o trabalho temporário de jovens]	Pensamento crítico
	- [sobre a importância do vestir] Mudou (...), no sentido de não julgar o livro pela capa, ...	Não julgar pela aparência
	-... não senti que o termos mais dinheiro nos traga mais oportunidades.	Não materialismo
	-Já não tinha nenhuma, depois da minha experiência ainda pior, (...) ainda ficou mais apurado o desprezo pelos Drs.	Pensamento crítico
	-... não quero estar associada a grupos de pessoas que controlam as coisas através das religiões institucionalizadas,	Pensamento crítico

Identidade Social e Cultural	<ul style="list-style-type: none"> - a escola era uma “bolha”, assim como a cidade, -...éramos as três vegetarianas - ...o Natal (...) mais difícil por causa das saudades... -Era uma cidade diferente, mais liberal que outras... - era mais o andar de bicicleta, mais “green” -Cá os meus pais são voluntários AFS, fazem voluntariado na paróquia e com os escuteiros (são católicos praticantes). - Acho que continuei a valorizar o jantar com a família e conviver com as pessoas - por os homens portugueses normalmente não se levantarem da mesa no fim da refeição. -...senti cá no secundário é que há uma seriedade (formalidade) que acaba por não desenvolver determinadas características nos alunos - ... em Portugal se acaba por exigir um sentido de responsabilidade dos jovens mais cedo 	<p>Consciência do local/global</p> <p>Identificação cultural</p> <p>Apreço pela sua cultura</p> <p>Análise social</p> <p>Consciência do local/global</p> <p>Apreço pela família natural</p> <p>Apreço pela família natural</p> <p>Estereótipos sobre cultura portuguesa</p> <p>Análise da escola portuguesa</p> <p>Apreço pela cultura de origem</p>
Identidade Intercultural	<ul style="list-style-type: none"> - escola de artes, (...), os comportamentos muito tolerantes. -...não havia tanta necessidade do professor dizer que mandava - ...Uma escola bastante multicultural -...éramos as três vegetarianas - - O meu pai era padrao das irmãs, e era católico.(...) O pai das minhas irmãs era psicólogo criminal, era judeu (...)A relação entre todos eles era cordial - Havia 15 AFS (...) Foi bom tê-los como amigos, porque havia muito brasileiros...Por outro lado foi bom não me ligar muito a eles, porque assim criei bastantes amigos americanos. - ...lá havia a consciência de que a polícia é para respeitar e para não pôr a pata na poça... -[lá] as zonas residenciais são pensadas para as pessoas... - ...não entendo o conceito de patriotismo de seguir em missão em prol de uma nação -... eu sou mais uma perspectiva de sem fronteiras e no sentido muito mais global,... -...acabei por ter a presença de várias religiões no meu ano e por perceber (...) que não quero estar associada a (...) religiões institucionalizadas, ... 	<p>Apreço pela escola americana</p> <p>Apreço pela escola americana</p> <p>Apreço pela escola americana</p> <p>Identificação cultural</p> <p>Consciência de interculturalidade na família</p> <p>Relações interculturais</p> <p>Apreço pela cultura americana</p> <p>Apreço pela cultura americana</p> <p>Consciência internacional</p> <p>Consciência internacional</p> <p>Consciência do relativismo religioso</p>

MM:

	Extratos	Inferências/indicadores
Identidade pessoal	<p>- ... se hoje voltaria a fazer o programa no mesmo país (...)</p> <p>responderia que não, se calhar escolheria outro tipo de país...</p> <p>A minha família sempre me incutiu esta ideia de viajar...</p> <p>- Os de lá muito mesmo... eram pessoas muito humanas</p> <p>-...tive de lavar a minha roupa, pela primeira vez!</p> <p>- ...ia com poucas expectativas do que estava à espera</p> <p>- Lá (...) era muito mais fácil ter boas notas...</p> <p>- Cá havia mais discriminação social...</p> <p>-... conversamos mais e temos conversas muito mais de amigo, (...)... porque gosto de estar com eles...enquanto que quando era mais nova achava que era um bocadinho obrigação</p> <p>-... sempre fui uma pessoa com muita coisa para lá do horário escolar.</p> <p>- eu sempre tive aquela consciência de “o que é que o meu pai vai dizer se eu fizer isto?”!</p> <p>-...agora já tenho um bocadinho de noção de “calma, não posso gastar este dinheiro!</p> <p>- ... às vezes até por uma questão de “embelezar” o currículo, começa-se a fazer voluntariado.</p> <p>-..., dizia “sim sim legalizar a droga, porque é giro” (...)...hoje em dia tenho uma opinião completamente contrária...,</p>	<p>Expectativa “turística”</p> <p>Não materialismo</p> <p>Adaptabilidade</p> <p>Expectativas</p> <p>Consciência das oportunidades</p> <p>Pensamento crítico</p> <p>Crescimento pessoal</p> <p>Pensamento crítico</p> <p>Independência e autonomia</p> <p>Pensamento dogmático</p> <p>Responsabilidade e maturidade</p> <p>“Moral” utilitária</p> <p>Pensamento crítico</p>

<p>Identidade Social e Cultural</p>	<ul style="list-style-type: none"> - pelo facto dela ter ciúmes. No fim, antes de vir embora, ficámos a dar-nos bastante bem uma com a outra... -A primeira coisa que eu reparei quando cheguei foi que não se jantava em família - quando havia jantar em casa era sempre arroz com peito de frango!Comi pão, muito pão! -...ia para casa com fome e fartava-me de comer pão!... Isto também porque não estava para comer comia pizza o dia todo... -Cá (...) ... era muito mais social!....e lá, muito mais familiar! - Cá a minha família era mais organizada... lá, “artistas”, eram um bocado “despassarados”. - ...ia a uns concertos, (...), na capital, mas era sempre um risco... - no “thanks giving”, (...) gostei imenso!...Pareceu-me um dia muito “à portuguesa”, - ...cá discutia-se muito mas nunca faltando ao respeito de uns pelos outros; Lá, discutia-se, bastante, gritava-se, batiam-se com portas... -...existiam disciplinas que não serviam para nada... -...cá a pressão social não era tão grande e tinha “outra vida”. Lá vivem muito obcecados com a escola - Criei um bom grupo de amigos; inclusive, já lá voltei e eles já cá vieram.. - Era sempre a primeira a acordar e sentava-me no sofá, no único momento silencioso do dia a comer os meus cereais - conversamos mais e temos conversas muito mais de amigo, -...Sinto que dei muito mais valor aos meus pais, ao ritual familiar depois de ter voltado... -... ajudava um bocadinho... -... mas [lá] é um bocadinho ensino de burros, facilitar! -... que os meus amigos e eu vamos sair à noite para nos divertir-nos, se alguém ficar bêbedo ficou, pronto!...mas não é o objetivo da noite -..., lá nunca mudei os meus hábitos de vestir, porque, como tinha aprendido cá... -...“ah mas porque é que isto é assim?” e “porque é que se faz assim?” ... -...festas da terrinha...sempre adorei!...Mas...comecei a dar muito mais valor..., -... Eu continuo com o mesmo namorado de antes de ter ido... 	<ul style="list-style-type: none"> Relações familiares profundas Apreço pela sua cultura Apreço pelos hábitos familiares de origem Apreço pelos hábitos familiares de origem Apreço pela sua cultura Apreço pelos hábitos familiares de origem Apreço pela sua cultura Apreço pela sua cultura Apreço pela família natural Apreço pela cultura escolar de origem Relações pessoais profundas Apreço pela família natural Crescimento pessoal Apreço pela família natural Aquisição de maturidade Apreço pela cultura escolar de origem Apreço pela sua cultura Permanência dos modelos de origem Interesse por novas ideias e conhecimentos Apreço pela sua cultura Relações pessoais profundas
-------------------------------------	--	--

Identidade Intercultural	<ul style="list-style-type: none"> - fizeram bastante esforço para se manterem atualizados e ainda hoje isso acontece.... - Os pais de lá tinham muitos rituais de Natal(...)... Adorei ir buscar a árvore! - Em teoria poderei dizer que o sistema americano melhor pois funciona por créditos - ...a minha mãe criou uma [escola profissional] e...e dava apoio a essas pessoas com dificuldades, com famílias problemáticas,... - Criei um bom grupo de amigos; inclusive, já lá voltei e eles já cá vieram - havia inclusive, palavras-tabu. Não se podia dizer “bom Natal” ... na escola... mas...tinha que se dizer “boas férias de inverno” - Lá também havia o cuidado de não se fazer comentários sobre o vestuário. - A cidade, com grande taxa de natalidade entre mães menores (que cá nunca tinha visto) e era algo aceite. - ... era uma cidade liberal, sem ser hipócrita. - Sei que no ano a seguir todos se uniram numa causa contra o governador do estado. - ...aprendi a lidar, por exemplo, com pessoas com orientações sexuais diferentes da minha!... 	<p>Apreço pela atitude familiar de acolhimento</p> <p>Apreço pela cultura familiar de acolhimento</p> <p>Apreço pela escola americana</p> <p>Apreço pela cultura americana</p> <p>Relações interculturais</p> <p>Consciência internacional</p> <p>Compreensão por diferentes manifestações de cultura</p> <p>Compreensão por cultura diferente</p> <p>Apreço pela cultura local americana</p> <p>Apreço pela cultura americana</p> <p>Compreensão por outras culturas</p>
--------------------------	---	---

Ainda com base nas respostas dadas foram criados três quadros, que se seguem:

Quadro 10 - Quadro Comparativo das respostas às questões 18 e 19 e última da 2ª entrevista

	IS	AB	AG	JS	PJ	MM
18. Alguma vez se sentiu mais americano que português?	Nunca	Nunca	Várias vezes	Sim, quase sempre	Várias vezes	Nunca
19.O que sentiu que mudou mais em si próprio?	-Mais maturidade	-Mais auto-confiança -Maior capacidade de interagir	-Mais auto-confiança -Maior capacidade de interagir	-Mais ambiciosa -Mais divertida	-Mais altruísta	-Saber respeitar a diferença
O que mudou em ti sem ser pela idade?	-Aceitar a diferença -Gostar do conv entre culturas -Olhar com outros olhos	-Maior patriotismo -Menos agarrada à família -Mais segura de si	-Adquiriu consciência ambiental e sobre direitos humanos	-Mais determinada -Mais flexível -Ter iniciativa	- Ter consciência muito mais cedo de conclusões que tira	-Gerir o dinheiro -Falar mais com os pais -Mais madura

Quadro 11 - Quadro Comparativo das respostas às 17 questões sobre mudanças ocorridas

IC - Identidade Intercultural (Mudanças de atitude em relação à cultura de acolhimento)	IS	AB	AG	JS	PJ	MM
1 Consciência e apreço pelo país e cultura de acolhimento.	+	não era o que pensava	+	+ já gostava	+	±
2 Apreço por línguas estrangeiras	+	++	+	+ já tinha	+	+
3 Consciência internacional	+	++	++	+	+	=
4 Compreensão por outras culturas	++ já tinha	+	+ mais tolerante	++	++	= mais no Erasmus
IP – Identidade Pessoal (Mudanças de atitude em relação a si próprio)	IS	AB	AG	JS	PJ	MM
5 Não-materialismo	?	= não era	+	-	+	=
6 Adaptabilidade	++	+ não era	+ era tímido	+	+	+
7 Independência e responsabilidade (autonomia)	+ já era	++ não era	+ enfrentou o pai	+	++	= já tinha
10 Pensamento crítico, não dogmático	+	+	- mais certezas	+	- mais certezas	?
13 Consciência das oportunidades	++	?	+	++	+ já tinha	+
14 Espírito aberto	++	+	+ aceita mais	+	++	= já tinha
16 Crescimento pessoal e maturidade	++	++	+	++	+	+
17 Auto-confiança	++	++ não era	++	+	+ a intelectual	++
ISC – Identidade Social e Cultural (Mudanças de atitude em relação à cultura de origem)	IS	AB	AG	JS	PJ	MM
8 Apreço pela família natural	+ já tinha	+ já tinha	≠	=	=	++ já tinha
9 Consciência e apreço pelo país e cultura de origem	+ já tinha	++	- depois =	- mais crítica	-	+
11 Partilha de ideias	+	+ era tímida	++	+	++ diz mais o que pensa	?
12 Aptidão para interagir	+ já tinha	+ era tímida	+	=	+ já tinha	+
15 Relações pessoais profundas	++	+ não com amigos	=	++	++ namora com quem conheceu lá	++

- menos; = na mesma; + mais; ++ muito mais

Comparação com Indicadores, para contextualizar

Contextos comunitários, em comparação (dimensão, riqueza, conservadorismo) – cá → lá	
IS – médio urbano → pequeno rural ; rico → médio ; liberal → conservador (?)	
AB – grande → pequeno ; médio → médio ; conservador → liberal	
AG - grande → pequeno subúrbio ; médio → rico ; liberal → ?	
JS – grande → pequeno rural ; médio → rico ; liberal → conservador	
PJ - médio urbano → grande ; médio → rico ; liberal → muito liberal	
MM – grande → grande subúrbio ; médio → rico ; liberal → muito liberal	
Droga –	
IS - O liberalismo de lá deixou-a mais conservadora e radical	
AB – Discordava e discorda (não viu lá nada)	
AG - O liberalismo lá fê-lo ver que não era um papão	
JS - O liberalismo de lá deixou-a mais conservadora	
PJ - Sem opinião expressa; na comunidade lá isso era habitual e aceite	
MM – Concordava e deixou de concordar (viu a irmã de lá nisso)	
Distância – Espaço	
IS - O longe passou a ser perto	
AB - O longe passou a ser perto	
AG – A casa de cá encolheu, o longe passou a ser perto	
JS – Senti-me lá que aumentei de tamanho, o longe passou a ser perto	
PJ - O longe passou a ser perto	
MM – Mudou, tudo ficava fora de mão	
Autonomia	
IS – Já era, e ficou mais [autónoma]	
AB – Ficou mais autónoma, mas cá não a deixavam	
AG – Passou a cozinhar e limpar	
JS – Passou a ajudar um pouco	
PJ – Ficou muito mais [autónoma]	
MM – Ajudou mais um pouco	
Alimentação	
IS – Pior, sempre o mesmo lá, comida que sabia bem e fazia mal	
AB – Lá bem pior	
AG – Comeu só porcarias	
JS – Lá mais prático	
PJ – Era vegetariana como as irmãs. Então faziam o seu comer	
MM- Sempre o mesmo, pior, ou comer fora. Horários que lhe faziam confusão	
Afetos	
IS - Lá há distância de segurança (na família era como cá, que gosta mais); adaptou-se	
AB – Na família como cá (não refere na sociedade)	
AG – Não o incomodou haver distância de segurança	
JS – Lá há distância de segurança e identificou-se [com isso]	
PJ – Lá há distância de segurança e identificou-se, mas era flexível	
MM – Lá menos afetivos e distantes; gosta mais da afetividade de cá	
Integração na escola	
IS - Teve o dilema entre princípios e fazer o que queriam para ser aceite; era sociável mas tinha que mudar de grupo para não abdicar de princípios; vítima de “bulling”	
AB – Fraca, pela sua timidez. Refugiou-se nos contactos com outros estrangeiros	
AG – teve dificuldades em integrar-se; solicitado pelas raparigas	
JS – integrou-se foi protegida	
PJ – Muito boa	
MM – foi-se adaptando (ficar numa turma de artes, especial, ajudou)	

Sistema escolar	<p>IS – Lá mais fácil (pouco cultos), com o sistema de extras e opções melhor que cá</p> <p>AB – Lá mais fácil, prefere o de cá (aprende-se mais)</p> <p>AG – Lá melhor, mais prático</p> <p>JS – Lá muito melhor em tudo, incentivo a quem trabalha</p> <p>PJ – Lá era uma escola “bolha”. Seria mais fácil que cá pela forma como era ensinado</p> <p>MM- Lá teoricamente melhor, diversificado, na prática ensino para “burros”</p>
Iniciativa	<p>IS – (não referiu)</p> <p>AB – (não referiu)</p> <p>AG – Lá mais, e louvam quem o faz</p> <p>JS – Lá mais, e louvam quem o faz</p> <p>PJ – (não referiu)</p> <p>MM – (não referiu)</p>
Voluntariado	<p>IS – Era e continuou a ser importante</p> <p>AB – Passou a ser muito importante e eles lá são melhores nisso</p> <p>AG – Fazem lá mais, e passou a fazer mais</p> <p>JS – Fazem lá mais, e passou a fazer mais</p> <p>PJ – Era e continuou a ser importante</p> <p>MM – Fazem lá mais, acha que é importante para o currículo</p>
Relação com Professores	<p>IS – Muito “tu-cá-tu-lá”, os meninos faziam o que queriam</p> <p>AB – Mais distantes do que cá</p> <p>AG – Havia mais respeito, eles tinham “amor à camisola”</p> <p>JS – Tratam logo por “miss”; mais proximidade e respeito</p> <p>PJ – Muito próxima e pessoal, sem haver falta de respeito</p> <p>MM - Tratam logo por “miss” ou “sir”; fazia logo distanciamento, mais que cá</p>
Consumismo	<p>IS - Muita importância ao ter, para “mostrar que”</p> <p>AB – (sem opinião)</p> <p>AG – Individualistas, muita importância ao ter</p> <p>JS – Consomem mais, acha bem, pois usufruem do que trabalham</p> <p>PJ – (não referido). Era uma cidade de elites intelectuais, muito especial</p> <p>MM – Lá mais, gente muito rica lá. Aprendeu a dar valor ao dinheiro</p>
Relação com a família de cá	<p>IS – Era muito forte, ainda ficou mais</p> <p>AB – Era forte e ficou ainda mais forte</p> <p>AG – Passou a enfrentar o pai e a dialogar com a mãe</p> <p>JS- Secundarizada, deixou de ser importante</p> <p>PJ – Manteve-se como era</p> <p>MM – Saudades. Passaram ainda a ser mais importantes</p>
Sexualidade	<p>IS – Lá muito mais liberais</p> <p>AB – Lá mais liberais no sentido de quererem transgredir, cá mais naturais</p> <p>AG – Lá mais liberais, teve a sua primeira experiência</p> <p>JS – Lá são mais naturais</p> <p>PJ – Lá mais liberais, passou a aceitar mais um pouco</p> <p>MM – Lá mais libertinos, (havia muitas raparigas grávidas)</p>
Autonomia dos jovens	<p>IS – Mais autónomos, mas tratados como crianças, superprotegidos</p> <p>AB – Menos autónomos lá</p> <p>AG – Lá mais autónomos, menos dependentes dos pais</p> <p>JS – Lá mais autónomos, menos dependentes dos pais</p> <p>PJ – Cá são obrigados a ser autónomos mais cedo</p> <p>MM – (não referido)</p>

Trabalho temporário jovens	<p>IS – Concordava (fazia cá) e ainda ficou a concordar mais</p> <p>AB – Concordava (fazia cá) e ainda ficou a concordar mais</p> <p>AG- Mudou, passou a concordar</p> <p>JS- Mudou, passou a concordar</p> <p>PJ – Continuou a concordar</p> <p>MM - Mudou, passou a concordar</p>
Importância do vestir	<p>IS – Lá ligam menos; concorda que seja assim. Vestiu-se como lá por engordar</p> <p>AB – Lá não ligam, são “desmazelados” e ela ficou. Mudou quando veio.</p> <p>AG – Ligam tanto lá como cá, completamente fútil</p> <p>JS – Lá ligam mais, concorda, passou a fazer</p> <p>PJ – Vestiam-se de forma particular, muito diversa. Importante como expressão da personalidade</p> <p>MM – Lá não ligam, não concorda; manteve o vestir de cá</p>
Tempo	<p>IS – Mudou, tudo lá mais intenso</p> <p>AB – Na mesma</p> <p>AG – Na mesma</p> <p>JS – Mudou, lá chegava para tudo, eram mais organizados</p> <p>PJ – (não referiu)</p> <p>MM – Mudou</p>
Patriotismo	<p>IS – Ficou mais patriota</p> <p>AB – Ficou muito mais patriota</p> <p>AG – Era e continuou crítico em relação a Portugal</p> <p>JS – Sente-se mais americana</p> <p>PJ – Ficou a entender menos o que é o patriotismo (sente-se cidadã global)</p> <p>MM – Ficou muito mais patriota</p>
“Dr”	<p>IS – Ficou cada vez a ligar menos</p> <p>AB – Continuou na mesma mas não referiu se era importante</p> <p>AG - Lá não ligam, concorda e deixou de dar importância</p> <p>JS – Lá não ligam, concorda e deixou de dar importância</p> <p>PJ – Não gostava e ficou a gostar menos</p> <p>MM – Lá menos, até a própria forma de tratar o revela (miss...)</p>
Religião	<p>IS – Não ligava e continuou a não ligar</p> <p>AB – Afastou-se quando chegou, foi-se reaproximando. Ficou mais aberta</p> <p>AG- Passou a questionar mais a boa influência dela na sociedade; ficou menos</p> <p>JS – A religião tem um papel de socialização, mais lá; manteve-se católica</p> <p>PJ – Cada vez entende menos a religião organizada; é uma forma de controlar</p> <p>MM – Passou a encarar de forma natural ter amigos não católicos</p>
Retrochoque	<p>IS – Diz que não teve</p> <p>AB – Teve bastante, chegou cá e sentiu que ninguém a compreendia e não manteve amigos. Isolou-se por uns tempos</p> <p>AG - (não mencionou)</p> <p>JS – Foi violento, não queria vir</p> <p>PJ – Em relação, não ao seu círculo social, mas “isto era um atraso de vida”</p> <p>MM – Não teve (só saudades)</p>
Etnicidade lá (restrita)	<p>IS – Família com ascendência italiana</p> <p>AB – (não referido)</p> <p>AG – Identificado como sendo dum grupo de emigrantes</p> <p>JS – (não referido)</p> <p>PJ – Família de lá com muitas diferenças, mas religiosas</p> <p>MM – Mãe de lá com ascendentes italianos</p>

Estas três sinopses resultantes da análise, que não tiveram como objetivo ser exaustivos, quer pela subjetividade da categorização (atrás referida), quer pela diversidade das respostas e aspetos focados, tiveram como objetivo “fazer um retrato” de cada indivíduo, analisando, cruzando e comparando dados, embora muitos não sejam diretamente referenciados.

4. Síntese dos dados recolhidos

A seguir apresentam-se as sínteses elaboradas para cada um dos seis indivíduos, resultante da análise já efetuada e do enquadramento teórico feito, nomeadamente no que se refere às dimensões da cultura, de Hofstede (2011), e às estratégias de aculturação (Sam e Berry, 2006).

Sem embargo da apresentação de características particulares e que enquadram o indivíduo, elas apresentam a sua ligação aos tipos de identidade e mostram como esses fatores contribuíram para a construção da sua identidade, para uma “mudança de olhar” sobre si e sobre o que o rodeia.

IS

Motivação - Foi incentivada pela família a fazer o programa, sendo que 2 irmãos já tinham feito. A família tinha acolhido estudantes do programa muitas vezes. EUA era o país notícia.

A sua identidade pessoal antes de ir era marcada por três grandes vetores: sociabilidade, interculturalidade familiar e forte personalidade, assente em fortes convicções morais.

Essa identidade pessoal de origem foi construída numa cultura familiar que valorizava o voluntarismo e a pluriculturalidade.

As suas fortes convicções pessoais criaram alguns problemas de adaptação quando se viu confrontada com uma cultura de escola e até familiar, em que para se aculturar tinha que chocar com os seus valores. A sua identidade social é assim fruto de interações em que, não abdicando da sua identidade pessoal de origem, procura coletivos em que se possa integrar na diversidade da cultura de acolhimento (muda de grupo na escola, apoia-se mais nos avós e numa irmã que não mora com ela).

Numa cultura familiar onde o conflito está mais presente que o consenso, assim como a desorganização, continuou a procurar numa diversidade intercultural as suas formas de socialização (continua a relacionar-se com amigos que lá arranjou).

Foi uma experiência em que não sentiu o retrochoque devido a uma identidade intercultural que tinha vindo a adquirir em Portugal, tanto em família como em vida social.

O fato de ter sido uma experiência intercultural feita há mais de 25 anos, permitiu-lhe uma análise da sua identidade social e cultural, “olhando” para um seu passado cá após ter regressado dos EUA, e registar modificações de longo prazo. Concretamente as mudanças nas suas práticas profissionais criaram uma identidade social conscientemente diferente e influenciada pela experiência.

Com uma identidade pessoal com representações positivas de si própria (“eu, por ser muito ativa e sociável”, “...era muito assertiva”, “era (e sou) uma pessoa equilibrada”), as interações sociais e culturais que viveu, aparentemente com conflitos e constante superação dos mesmos, construiu uma identidade social e cultural mais intercultural (“ganhei uma lógica além da lógica Estado-Nação”) e reforçando a sua identidade nacional (sentiu-se sempre portuguesa).

Pela sua análise cria representações do que será uma identidade social americana (“eles abrem os braços mas não abraçam ninguém”, pouca cultura geral, “americanos eram pessoas muito formatadas”).

Nas suas respostas e reflexões, o enfoque é dado à superação de conflitos na escola e na família e a uma observação e análise social, que generaliza, procurando articular com a sua cultura académica e profissional (referências a análises históricas).

É uma cosmopolita, que mantém os valores culturais de origem mas que analisa e procura compreender a cultura de acolhimento e adaptar-se a ela, não apenas numa atitude mais de observadora mas interagindo e integrando-se.

Em relação às dimensões da cultura, de Hofstede (2011), há um equilíbrio na identificação, com duas características dos EUA (MAS - Índice de Masculinidade e UAI- Grau de Controlo de Incerteza) e nas restantes com as características de Portugal.

É patente que a sua identidade pessoal foi reconstruída numa interação e por gestão de conflitos numa identidade social diferente, tendo sido muito alicerçada numa identidade social e intercultural formada antes de fazer a experiência. Resulta também uma identidade intercultural, onde a descentração e o relativismo cultural são componentes importantes.

AB

Motivação - Escolheu fazer o programa nos EUA porque os seus primos já o tinham feito e tinha “feed-back” positivo.

Além disso, ser longe, do outro lado do mar, também ajudou. Com 18 anos isso era importante. Como achava que era mais fácil ir para a Europa do que para os EUA, então foi para os EUA.

As características pessoais, como a timidez e a insegurança, conjugadas com a sua identidade cultural mais tradicional de origem (valores, atitudes em relação a sexo, droga, sistema escolar, vestir,...) são fatores importantes na sua aculturação. Ao encontrar um meio social e cultural muito particular, numa cidade pequena, a sua nova identidade intercultural vai incorporar muitos dos valores da cultura familiar da família de acolhimento, universo dominante, uma vez que a sua timidez e inibição a levam mais a tentar “sobreviver” do que explorar novas realidades.

Com dificuldades de integração na cultura de escola devido às suas características pessoais (“a culpa era minha”), procura nos encontros interculturais da AFS (com situações e problemas idênticos, com quem se pode mais identificar) uma integração social.

Por outro lado a sua situação etária (meio pequeno com quase ninguém da sua idade) e académica (ao ter o 12º ano, os pares não a olham como sua igual, com as mesmas necessidades) restringe-lhe a inserção numa cultura e meio social de escola.

As atividades sociais da AFS são assim fundamentais para a sua reconstrução de uma identidade social e cultural nova, mas que ao ter características interculturais a leva a uma nova identidade com maior relativismo cultural e consciência do global. A cultura familiar ter uma religião particular e uma cultura social muito distinta, conjugadas com uma muito boa relação familiar, levam-na a focalizar a sua análise social nas interações da comunidade particular em que se insere.

A consciência de que o meio em que se insere é muito particular leva-a, por um lado a relativizar (muita referência que o que está a dizer “é em relação ao que conheceu”) as suas análises e, por outro lado, a ser menos crítica do sistema, procurando integrar na sua identidade cultural práticas e conhecimentos desse sistema muito particular.

A sua identidade pessoal de origem, marcada por valores e práticas tradicionais, vai sentir-se reforçada, por comparação com uma realidade muito particular, que lhe é sedutora: com muitos afetos, comportamentos educacionais, similares aos seus (a forma de manifestação de afetos) e comportamentos sociais solidários (altruísmo, campanhas,...). Por ser muito particular, a sua difícil transposição para uma outra realidade social e cultural mais global do país de acolhimento, leva-a a reforçar a sua identidade cultural de origem, em particular a sua identidade nacional (identificação com o sistema escolar, os hábitos dos jovens, o orgulho em falar dos aspetos “visíveis do icebergue”).

As expectativas iniciais e uma imagem estereotipada da sociedade norte americana, parecem não ter ajudado a uma aculturação, no sentido intercultural.

É uma cosmopolita, mantendo os valores culturais de origem mas analisando e procurando compreender a cultura de acolhimento, dum ponto de vista crítico (lá “não era

como nos filmes”), mas não rejeitando. Procura analisar, integrar-se na comunidade, embora consciente das dificuldades e tentado encontrar alternativas (a sua grande amiga é uma estudante japonesa AFS). A sua identidade pessoal, reconstrói-se não tanto por uma integração de valores da cultura de acolhimento mas na maior autoconfiança e numa identidade intercultural global, onde o relativismo cultural está presente.

Em relação às dimensões da cultura, de Hofstede (2011) há uma maior identificação com as características de Portugal (excepto no IDV- Grau de Individualismo).

AG

Motivação - A irmã já tinha feito o programa nos EUA ido e convenceu o pai a deixá-lo ir.

A sua identidade pessoal antes de ir era de alguém que era uma pessoa relativamente contestatária, mas em que a figura paterna era dominante.

A sua experiência nos EUA, numa zona bastante povoada, foi relativamente pouco influenciada pelas famílias, talvez por ter tido uma má relação com a 1ª (não quis especificar porque mudou) e a 2ª ser apenas um pai, com vida extra casa muito intensa; este, pelo facto de ser o coordenador da AFS pode ter acolhido AG numa situação de recurso. Parece aqui que a identidade social familiar pouco contribuiu para a construção duma identidade social a não ser em termos de autonomia (“tive que aprender a desenrascar-me, cozinhar, ...a ajudar na limpeza da casa”). A atitude americana legal muito diferenciada para quem tem menos e mais de 18 anos também pode explicar alguma distância dos pais de acolhimento e a sua pouca referência a uma socialização com os adolescentes.

Já uma identidade intercultural parece ter sido reforçada, quer por ter tido um pai de acolhimento intercultural, quer pelos namoros (americana e norueguesa), quer pelos amigos (refere o amigo mexicano com quem se encontrou, depois de lá regressar), quer pela representação social que tinham dele (“pensavam que eu era emigrante e tratavam-me como um deles”). Há uma construção de uma identidade cultural e intercultural a partir de interação com franjas sociais particulares (estrangeiros, mexicanos, “nerds”(1), “weirdo”(2)...), não se sentindo mais americano que português.

A sua identidade pessoal é também bastante reconstruída com as suas relações com o outro sexo (namoro, 1ª experiência sexual, ser o “centro das atenções”, “elas tinham muito mais iniciativa a aproximar-se dum rapaz”).

Nas suas respostas e reflexões, o enfoque é dado à escola e acima de tudo às relações

.....
1-Intellectual excêntrico, muitas vezes não participa nas atividades físicas

2-Estranho, esquisito

sociais entre as pessoas e à observação da sociedade em geral. Há uma atitude de análise à cultura americana, nos seus valores e padrões de comportamento: sentido de hierarquia, voluntarismo, frontalidade nas relações interpessoais, iniciativa, confiança na palavra do outro. Na sua identidade pessoal parece ter incorporado a nível cultural conceitos de cidadania ativa e a nível pessoal, uma atitude crítica perante a sociedade e uma reconstrução da sua identidade cultural familiar (maior emancipação em relação à família de origem).

A cultura de escola lá leva-o a refletir mas revela-se menos importante (pelas poucas alusões, não envolvimento nos eventos,...)

É um cosmopolita, mantendo os valores culturais de origem mas analisando e procurando compreender a cultura de acolhimento.

Em relação às dimensões da cultura, de Hofstede (2011), há uma identificação com características dos EUA (PDI- Distância Hierárquica) mas nas restantes mais com as características de Portugal.

É patente que a sua identidade pessoal foi reconstruída na análise social e por interação com uma identidade cultural e intercultural, que não teve tanto como base a cultura familiar ou de escola (há quase um ignorar os eventos) e em que os valores da sua identidade pessoal de origem quase se mantêm.

JS

Motivação - Era para ela um sonho viver nos EUA e fazer um programa de intercâmbio.

A sua identidade pessoal antes de ir era muito de alguém mimado, com privilégios mas que sentia “que não era ela”.

Cá era muito protegida e sem oportunidade de sair do “canónico”. Uma identidade pessoal construída com base em valores familiares tradicionais, a partir de relações sociais formalizadas (fazer o que se espera dela, na sua classe) e duma identidade cultural influenciada por valores tradicionais.

A sua identidade pessoal incorporou a identidade social, cultural e nacional americana, sentindo-se depois mais americana que portuguesa: “Home is not where you live but where they understand you” (1).

É uma mimetista, identificando-se mais com a família de lá; ...”esta família...se eu a pudesse ter escolhido como minha, identifica-se em tudo!... porque eu identifico-me com eles...”.

Em relação à cultura de origem manteve o apreço pelos indicadores visíveis do icebergue

.....
1-Lar não é onde vives mas onde te compreendem

(comida, vida de café, ..). Incorporou na sua identidade social, a vida social de família, que cá não tinha.

A identidade social lá foi assimilada mais a partir da empatia com a família (teve lá o que gostava de ter tido cá, no dia a dia e vida social familiar).

Na sua identidade social incorporou uma cultura escolar formal (a organização, a pedagogia, a relação professor-aluno, a atitude do aluno perante o sucesso, a filosofia da exigência e de “yes you can”) em detrimento da cultura escolar portuguesa (o único professor que não gostou era europeu...). Em relação à informal não lhe interessava e foi-se adaptando (“Eles tinham muitas atividades,...aquilo que eu fiz foi depois arranjar um “part-time”... como toda a gente fazia desporto à tarde, aquilo para mim transtornava-me porque eu odiava”).

A sua personalidade leva-a a querer trabalhar, não só para fugir ao desporto mas para se afirmar.

Há uma análise reflexiva, uma incorporação de valores numa identidade social e cultural, em constante comparação com a de origem (lá os jovens mais responsáveis, piores no álcool e nas drogas...). Parece haver um alicerce quanto a valores na sua identidade de origem e uma assimilação de uma identidade social, quanto a atitudes e comportamentos de adaptação social (o vestir, o espírito de iniciativa, a determinação, a ambição adquirida)

Em relação às dimensões da cultura, de Hofstede (2011), há claramente uma identificação com as características dos EUA.

É patente que a sua identidade pessoal ficou marcada pela identidade social e cultural construída com a família, com quem se identificou, ao encontrar um social onde a sua identidade pessoal de origem se “encaixou”.

Parece haver uma desconstrução da sua personalidade, compensando o ser diferente cá com a semelhança e equivalência ao grupo de lá (“senti uma necessidade muito grande de interagir e ir buscar coisas a outras culturas... porque é que os outros fazem as coisas de forma diferente, porque isso ...eu não tinha cá”)

Há uma interculturalidade na medida que contacta muito com eles e os EUA passaram a fazer parte das suas visitas habituais e projetos futuros

PJ

Motivação - Conheceu a AFS num curso de línguas que fez na Inglaterra e o irmão já tinha feito o programa. Queria um país de língua inglesa...então escolheu os Estados Unidos.

Esta experiência, pelas respostas apresentadas, caracteriza-se por uma atitude reflexiva em relação ao lá observado, não se centrando no local e generalizando, mas tendo sempre

presente a convicção de que a identidade social e cultural local era uma exceção (uma “bolha”) em relação à identidade social e cultural dos EUA.

Compara e analisa comportamentos e atitudes do meio social, escolar e familiar(es) onde se passou a inserir, quer com base em valores que tem, da sua identidade pessoal de partida, quer procurando relativizar as suas análises. O meio social e cultural onde se vai inserir, é analisado como sendo de exceção (“era uma escola alternativa...com vestir muito liberal e comportamentos muito tolerantes”, cidade “muito mais liberal que o resto do estado”, “...cidade com mais nível intelectual e cultural”), e essas características, atitudes e comportamentos, e valores mais liberais vão ser incorporados para uma reconstruída identidade cultural e social. Uma cultura familiar muito diversificada em religião (católicos, judeus), em orientação sexual (hetero e homossexuais na família), profissional, hábitos alimentares, leva-a, por um lado a relativizar (a sua nova posição sobre religiões, sobre drogas), e por outro a encarar a identidade nacional como algo cada vez mais ultrapassado, no sentido de uma identidade intercultural, transnacional (“Passei a perceber que não sou uma ilha”, “...perder a noção geográfica e patriótica das nações”, sentiu-se mais americana algumas vezes, lá e cá).

Na sua identidade cultural não parecem ser muito importantes os modos de vida e as tradições, seja antes ou depois. No regresso olha a cultura de origem de forma bastante crítica (comparação sobre as autoridades, as questões de género, urbanismo), sendo indiciador de um retrochoque, não sobre a sua identidade mas sobre a matriz cultural e social.

A sua identidade pessoal sofre influência de duas novas situações: uma interculturalidade muito presente (familiar e escolar) e uma cultura escolar alternativa, seja em clima social seja institucionalmente (currículo e organização). Esta última vai ser determinante para a sua identidade pessoal, ao escolher um currículo artístico, que “estaria mais adaptado às suas necessidades”, em que sente que pode desenvolver potencialidades latentes, chegando a integrar uma banda de jazz. Há uma análise bastante crítica da cultura escolar portuguesa.

É uma estudante cosmopolita. Numa postura crítica em relação a uma cultura nacional e organizacional de origem procura integrar um social e cultural novo, mas tendo consciência da sua especificidade e de que era uma oportunidade para desenvolver potencialidades pessoais, numa síntese que resulta numa identidade intercultural.

Em relação às dimensões da cultura, de Hofstede (2011), há uma identificação relativamente equilibrada com as características ambos os países (IDV- Grau de Individualismo e MAS- Índice de Masculinidade com Portugal).

MM

Motivação - Conheceu alguém, no colégio que frequentava, que tinha feito o programa. Sempre viajou e gostou dos EUA porque já lá tinha ido.

A sua identidade pessoal é muito alicerçada em valores tradicionais e familiares (de classe média alta urbana portuguesa). Há um constante comparar e analisar comportamentos e atitudes no meio social que a acolhe, numa perspectiva de adaptação utilitária (saber gastar o dinheiro, ficar mais informada sobre a realidade internacional e política). Incorpora esses comportamentos na sua identidade pessoal de forma pragmática, de forma a ter uma mais valia na sua identidade social e cultural. Os valores que tem na sua identidade social e cultural de origem não são questionados.

A sua apetência para a arquitetura também molda o seu foco (as casas, o local, o urbanismo) de atenção, mantendo quase sempre a perspectiva da sua identidade cultural de origem.

O modelo familiar em que formou a sua identidade social e pessoal, mantem-se determinante e as interações muitas vezes reforçaram-lhe as convicções (refeições, passeios, atividades extra escolares e com a família). Quando uma situação concreta a chocou (droga) reformulou as suas convicções, não por valores (cá concordava porque “achava que era fixe”, por moda).

A sua identidade social permanece bastante hermética a mudanças (mesmo na aparência, onde os adolescentes costumam ser muito voláteis), conjugada com a familiar (“o que é que o meu pai vai dizer se eu fizer isto?”). De notar que questionada sobre o pensamento crítico, nada refere.

Há uma perspetiva de relativismo cultural mas mais de tolerância multicultural do que intercultural, mais numa perspectiva de aceitar do que integrar numa nova identidade em reformulação. A questão da discriminação é encarada de maneira institucional (“tudo muito controlado; havia, inclusive, palavras-tabu. Não se podia dizer “bom Natal”... na escola... mas...tinha que se dizer “boas férias de inverno”. A relação pobre rico é, para ela, mais saudável que cá (“Cá havia mais discriminação social, até porque era um colégio e não uma escola pública.”).

A cultura escolar rigorosa em que formou a sua identidade cultural manteve-se, sendo que a americana fica a perder nas suas comparações. Reforça o seu sentimento de identidade nacional e cultural de origem (patriotismo cresceu) e seguindo o modelo do icebergue a parte invisível permanece quase inalterada e na visível há um reforço da cultura de origem (eventos,...).

É uma estudante quase encapsuladora, não adotando, contudo, uma estratégia de separação. Mantendo os valores culturais de origem procura compreender a cultura de acolhimento, numa perspetiva de se adaptar o melhor possível e sem conflitos (se voltasse a escolher, “se calhar escolhia outro tipo de país”). Com uma matriz familiar de gostar muito de viajar e conhecer, há uma atitude de quase turista.

Em relação às dimensões da cultura, de Hofstede (2011), há uma identificação mais com as características de Portugal.

É patente que a sua identidade pessoal incorporou pouco da identidade social e cultural do país de acolhimento, tendo uma postura de multiculturalidade e não de interculturalidade.

5. Conclusão

O presente trabalho desenvolveu-se com a finalidade de perceber como é que a participação dum estudante num programa de intercâmbio, concretamente um estudante português num programa anual da AFS, nos EUA, contribui para o desenvolvimento da sua interculturalidade, nas suas relações pessoais, sociais e culturais.

Portugal foi desde há séculos uma sociedade pluricultural, inserido num cadinho chamado Europa e simultaneamente fruto de influências de várias partes do globo, não só de uma forma esporádica e pontual, mas profunda e continuada, ao longo dos séculos. Este nosso pluriculturalismo não resulta só das migrações mas da própria génese da cultura portuguesa, fruto de contributos de outras civilizações na formação histórica da sua cultura.

Atualmente, numa sociedade cada vez mais global e nodal, e em consequência pluricultural, a formação identitária do cidadão é uma identidade “partilhada” sob novos referenciais produzidos a partir da complexidade da sociedade contemporânea, esta pensada, segundo Ortiz (s/d, cit em França, 2008) *“sob um “outro patamar” entre o passado e a sua transformação, diversidade e semelhança, globalização, desterritorialização”*.

A identidade pessoal está assim sempre em constante construção, reconstrução, num *“processo de interação onde o indivíduo percorre o caminho entre o nós e o outro que vai descobrindo”* (Vieira, 1996, p.13). Ela é resultante de duas ou mais matrizes culturais diferentes, isto é, resultante da interação social entre grupos de culturas diferentes, sendo que todos, ou um deles, sofrem mudanças.

Neste trabalho a construção da identidade de indivíduos sujeitos a uma aculturação muito particular, foi sendo percebida e conhecida através do conhecimento, do contexto familiar e

escolar do estudante em Portugal e nos EUA, assim como da identificação de fatores que os estudantes mais tenham “retido” na sua experiência, quer factuais, quer valorativos.

A escolha de entrevistas semiestruturadas como principal instrumento de investigação prendeu-se com o facto de, apesar de existirem já vários estudos quantitativos sobre este tipo de mobilidade com estudantes, parecer adequado para fazer um estudo exploratório, qualitativo, com estudantes adolescentes e que estão imersos numa cultura familiar durante 10 meses.

Os estudos existentes com estudantes são usualmente com estudantes universitários (e portanto com um escalão etário diferente, onde a questão identitária é muito distinta), em programas onde normalmente não estão inseridos numa família.

Embora os estudos de mobilidade se centrem mais em grupos de emigrados, exilados, refugiados e em grupos específicos, o estudo sobre estes grupos, ditos não desfavorecidos e não forçados pelas circunstâncias, revela-se cada vez mais importante no futuro pois ele pré-configura o tipo de mobilidade que existirá entre membros de sociedades ditas dominantes, onde a mobilidade é um capital.

Assim, a questão de “ver por dentro” uma nova cultura familiar justifica abordar o tema de forma compreensiva, também para abordagens posteriores, já que o objetivo é proporcionar uma visão mais aproximativa sobre este fenómeno de “sojourners” específicos, num tema que ainda é pouco explorado (Gil, 1989, p.45).

A metodologia escolhida, por etapas, permitiu ir identificando fatores que posteriormente serviam de base para a etapa seguinte, permitindo uma categorização “não imposta”, e ir percebendo como é que cada indivíduo, em função do seu contexto e identidade pessoal foi tendo modificações e de que tipo.

Dos resultados obtidos emergem algumas características que é importante salientar. Se à partida, pelo cardinal da amostra, era erróneo generalizar ou ceder à tentação de encontrar regularidades, a diversidade encontrada nos vários aspectos mostra que uma experiência intercultural deste jaez é por si só diversificada, motivando modificações que resultam da sua identidade pessoal originária, das condições específicas (familiares, locais,...) do local e ambiente de acolhimento e das expectativas.

Considerando que os indivíduos entraram no programa de modo voluntário e estavam fortemente motivados, as suas estratégias de aculturação são bastantes variadas (seis elementos adoptam as três possíveis!), mostrando que as expectativas e a cultura familiar de

origem são determinantes. Esta componente era expectável, já que um programa destes é planeado a longo prazo e normalmente fazendo parte dum projeto pessoal e/ou familiar.

Isto pode também explicar em grande parte a língua não ter sido identificada como um obstáculo e o sucesso escolar ter acontecido em todos os indivíduos.

A existência duma instituição que fornece um “guarda-chuva”, em termos de preparação intercultural, logística e acompanhamento durante o programa, favorece a aquisição duma identidade intercultural e a integração como estratégia de aculturação. Isto está patente nos testemunhos (IS, *“a minha conselheira na escola foi uma benção que caiu do céu”*; AB, *“todos me deram dois beijinhos, como lhes tinha dito (...) antes de sair de Portugal”*; AG e JS, mudança de família; PJ, estadia provisória em casa da conselheira), e mesmo sem generalizar e apenas constatando, a pessoa que não refere a instituição AFS (MM) utiliza uma estratégia multicultural e menos intercultural.

A consciência de ter sofrido um choque cultural no regresso (AB e JS) aparece nos indivíduos que tiveram uma grande imersão na cultura familiar de acolhimento, o que é consistente com a pesquisa efetuada, que sustenta a hipótese de que os indivíduos que se adaptam com mais sucesso no exterior têm um problema de ajuste mais severo de reentrada do que aqueles indivíduos que não se adaptam no exterior.

Dos testemunhos obtidos, a influência da cultura familiar de origem e a imersão na cultura familiar de acolhimento mostram ser importantes numa integração numa cultura social e cultural de acolhimento, já que esses mesmos testemunhos dão enfoque ao tema “família”, quer direta quer indiretamente. O único indivíduo que não o faz, AG, sofreu um processo de mudança de família (do qual recusou falar) que culminou numa família atípica e pouco presente, um pai muito ocupado.

O facto de ser um programa escolar e a família ser tão importante no processo de adaptação sociocultural, essencial à reconstrução duma identidade social e cultural, sugere que esta componente é fundamental para o processo de adaptação a um novo meio social e cultural e não só o meio escolar, muitas vezes apresentados nos estudos de mobilidade estudantil.

Como estudos com vários grupos têm mostrado, *“um número (...) elevado de contatos entre membros de culturas diferentes não conduz necessariamente a uma melhor compreensão mútua”* (Arnault, s/d, p.13). Este estudo sugere que para isso aconteça é necessário que exista uma preparação e acompanhamento do processo, não só numa componente, como seja o caso do meio escolar.

Neste processo de aculturação a reconstrução duma identidade pessoal, social e cultural é constatada nos sujeitos do estudo, assim como duma nova identidade intercultural, pois elas modificam-se num processo em que, como diz Vieira (1996), a identidade e a alteridade se constroem numa *“interação onde o indivíduo percorre o caminho entre nós e o outro que vai descobrindo”*.

No estudo realizado, nos indivíduos que fizeram o programa há uma modificação da sua identidade pessoal com a aquisição consciencializada de mais auto-confiança, maior capacidade de interagir e maior adaptabilidade, assim como maior maturidade (ver quadro comparativo atrás). Este último indicador tem de ser relativizado uma vez que o programa é feito na adolescência, período com muitas modificações a este nível, haja ou não contatos com diversidade cultural.

Na identidade social e cultural, além duma maior capacidade para interagir, há a incorporação de novos conhecimentos, atitudes e comportamentos.

É na identidade intercultural que é visível uma maior reconstrução, com a aquisição de maior consciência internacional, uma maior compreensão e aceitação do que é diferente, numa perspetiva menos etnocentrista, numa ótica de *“se o outro é diferente deve haver uma razão para tal”*.

5.1. Perspetivas e limites

Sendo um estudo exploratório, este estudo qualitativo deixa muitas interrogações e direções que quase são difíceis de enumerar:

- Estudo comparativo com estudantes em diferentes países de acolhimento
- Estudo da reconstrução identitária, através de um estudo diferencial no tempo
- Estudos de caso
-

Numa outra perspetiva

- Estudo dos efeitos dum processo acompanhado e dum processo não acompanhado
- Estudos com enfoque no local de permanência de estudantes, que não no meio escolar
-

Quanto a limitações elas prenderam-se acima de tudo com o fator tempo.

Noutra perspetiva, as limitações dum estudo qualitativo, por não ser generalizável.

De qualquer forma, como diz Maalouf (2009),

“A humanidade é feita de particulares”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFS, Intercultural Programs, in <http://www.afs.org/>
- AMADO, J.S., 2000, *A Técnica de Análise de Conteúdo*. In Revista Referência nº5, Novembro
- ARNAUT, L., ARNAUT, S, sem data, *A Terra É Azul Como Uma Laranja*. Lisboa, Intercultura, IPJ
- BENNETT, M, 1993, *Towards Ethnorelativism: A Developmental Model of Intercultural Sensitivity*, em Paige, R. M. (Ed.), *Education for the intercultural experience*, Intercultural Press, Yarmouth, Intercultural Press, pp. 21-71,
- BERRY, J, 2005, *Acculturation: Living successfully in two cultures*, International Journal of Intercultural Relations, 29, 697–712, in <http://isites.harvard.edu/fs/docs/icb.topic551691.files/Berry.pdf>
- BOCHNER, S., 2003, *Culture shock due to contact with unfamiliar cultures*. In W. J. Lonner, D. L. Dinnel, S. A. Hayes, & D. N. Sattler (Eds.), *Online Readings in Psychology and Culture* (Unit 8, Chapter 7), Center for Cross-Cultural Research, Western Washington University, Washington USA.
- BOGDAN, R., BIKLEN, S., 1994, *Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora
- BREIN, M., DAVID, K, 1971, *Intercultural communication and the adjustment of the sojourner*, Psychological Bulletin, Vol. 76, No. 3, 215-230, in <http://www.michaelbrein.com/Intercultural-Communication-and-the-Adjustment-of-the-Sojourner.pdf>
- CARNEIRO, R., e outros, 1997, *Interculturalidade e Coesão Social na Intervenção Educativa*. In Revista Colóquio/Educação e Sociedade, Lisboa, F. Calouste Gulbenkian, Out
- CUCHE, D., 1999, *A Noção de Culturas nas Ciências Sociais*. S. Paulo: Ed da Universidade do Sagrado Coração

DAVIDSON, M, 2009, *Culture Shock, Learning Shock and Re-entry Shock*, The University of Nottingham, in

https://www.google.pt/?gws_rd=cr#bav=on.2,or.r_qf.&fp=7f0763dc22f5f10a&q=kalerivo+oberg+1960

ERASMUS, Facts, Figures & Trends The European Union support for student and staff exchanges and university cooperation in 2011-12,

in http://ec.europa.eu/education/erasmus/doc/stat/erasmus1112_en.pdf

FRANÇA, M^a C, 2008, *Cidadãos do mundo: experiências pessoais e familiares entre participantes de um programa de Intercâmbio Cultural*, in Mouseion, vol.2,nº3, Jan-Jun, in

http://www.unilasalle.edu.br/museu/mouseion/cidadaos_do_mundo_rv3.pdf

FLEURI, R., 2002, *Educação intercultural: a construção da identidade e da diferença nos movimentos sociais*, Perspectiva, Florianópolis, \020,11.02, p.405-423, jul./dez. 2002 in

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/.../10410/10007>

GADOTTI, M, 2005, *A Questão Da Educação Formal/Não-Formal* , Institut International Des Droits De L'enfant (Ide) Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Sion (Suisse), 18 au 22 octobre 2005, in

http://www.virtual.ufc.br/solar/aula_link/llpt/A_a_H/estrutura_politica_gestao_organizaciona_l/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf

CHOUDAHA R., (Dir), 2012, *Trends In International Student Mobility*. Nova Iorque: WES Research and Advisory Services, in <http://www.uis.unesco.org/Library/Documents/research-trends-international-student-mobility-education-2012-en.pdf>

GIL, A.C., 1989, *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. S.Paulo: Editora Atlas

GLAZER, M, sem data, *Cultural Relativism*, in

<http://www.ciampini.info/file/CULTURAL%20RELATIVISM.pdf>

GUERRA, I. C.,2006, *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo*. Estoril: Ed Princípia

GULLAHORN, J.T. GULLAHORN, J.E., 1963, *An Extension of the U-Curve Hypothesis*, Journal of Social Issues, 19, 3, 33-47

HALL, Stuart, 1989, *Cultural Identity and Diaspora*, in journal Framework (no.36), in http://www.unipa.it/~michele.cometa/hall_cultural_identity.pdf

HALL, Stuart, (org. Liv. Sovik), 2003, *Da Diáspora, Identidades E Mediações Culturais*. Belo Horizonte. Editora UFMG

HALL, Stuart, 2006, *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Dp&A Editores

HARO, C. B, sem data, *Relativismo Cultural, evolución de un concepto antropológico ante los derechos humanos*, in Biblioteca Jurídica Virtual del Instituto de Investigaciones jurídicas de la UNAM, in <http://www.juridicas.unam.mx/publica/librev/rev/derhumex/cont/5/art/art1.pdf>

HENDERSEN, A. T., MAPP, K. L., JONHSON, V. R., DAVIES, D., 2013, *A Escola também se vive cá fora*. Lisboa: Plátano Editora.

HOFSTEDE, G., 2003, *Culturas e Organizações*. Lisboa: Edições Sílabo.

HOFSTEDE, Geert, 2011, *Dimensionalizing Cultures: The Hofstede Model in Context*, Online Readings in , Psychology and Culture, 2(1), , in <http://scholarworks.gvsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1014&context=orpc>

HOPPE, Michael H., 2007, *Culture and Leader Effectiveness: The GLOBE Study*, , in <http://www.inspireimagineinnovate.com/PDF/GLOBEsummary-by-Michael-H-Hoppe.pdf>

KING, R, Findlay, A., 2010, Report to HEFCE, and co-funded by the British Council, UK National Agency for Erasmus, in http://www.britishcouncil.org/hefce_bc_report2010.pdf

LANDIS, D, BENNETT, J e M, 2004, *Handbook of Intercultural Training*. Londres; Sage Publications, Inc.

LESSARD-HÉBERT, M, Goyette, G., Boutin, G., 1994, *Investigação Qualitativa - Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget

LUDKE, M, ANDRÉ, M, 1980, *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. S. Paulo: E.P.U.

MAALOUF, A, 2009, *As Identidades Assassinas*. Lisboa: Difel

MAX, Fraz, (org), 2008, *Intercultural Communication Resource Pack*, Salto-Youth Cultural Diversity Resource Center (EU)

MONDIACULT, 1982, *Declaración de México sobre las Políticas Culturales*. UNESCO, in <http://unesdoc.unesco.org/images/0005/000546/054668mb.pdf>

OBERG, K, 2006, *Cultural Shock, Adjustment to the New Cultural Environments*, reprint Practical Anthropology 7:177-182, Curare 29, 2+3; 142-146, in http://agem-ethnomedizin.de/download/cu29_2-3_2006_S_142-146_Repr_Oberg.pdf

PEROTTI, A., 2003, *Apologia do Intercultural*. Lisboa, Secretariado Entreculturas

QUIVY, R, CAMPENHOUDT, L. V., 1992, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva

SAM, D, BERRY, J, 2006, *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. Cambridge Univerty Press,

SAMPIERI, R. H., 1991, *Metodología de la Investigación*. México: McGraw – Hill

SHUMANN, J, 1986, Research on the acculturation model for second language acquisition, *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, Vol 7, nº 5, in <http://pt.scribd.com/doc/65178233/Schumann-s-Acculturation-Model>

SILVA, M^a C. V., 2008, *Diversidade Cultural na Escola, Encontros e Desencontros*. Leiria: Edições Colibri

SILVA, P, 2001, *Interface Escola-Família, Um Olhar Sociológico – Um Estudo Etnográfico no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Tese de Doutoramento Policopiada

SILVA, T (org), HALL, S, WOODWARD, K, 2005, "*Identidade e diferença*", Petrópolis, Editora Vozes, in <http://ccs.ufpel.edu.br/wp/wp-content/uploads/2011/07/a-producao-social-da-identidade-e-da-diferenca.pdf>

Tkita, (Coord GILLERT A.), 2000, *Intercultural Learning*, Council of Europe Publishing, Strasbourg

TRIANDIS, H. C., 2002, *Subjective culture*. In W. J. Lonner, D. L. Dinnel, S. A. Hayes, & D. N. Sattler (Eds.), *Online Readings in Psychology and Culture* (Unit 15, Chapter 1), Washington, in <http://www.wvu.edu/~culture>

TRIANDIS, H. C., 2002, SUH, E. M., *Cultural Influences on Personality*, *Annu. Rev. Psychol.* 53:133–60, USA, in <http://web.yonsei.ac.kr/suh/file/cultural%20influences%20on%20personality.pdf>

TRIANDIS, H. C. , 2004, *The Many Dimensions of Culture*, *Academy of Management Executive*, Vol. 18, No. 1, 2004~, in http://home.sandiego.edu/~pavett/docs/msgl_503/dim_of_cult.pdf

TROMPENAARS, 1996, *Resolving international conflict: culture and business strategy*. London Business School, v. 7, n. 3, p. 51-88, in [http://www.exeter.ac.uk/media/universityofexeter/internationalexeter/documents/iss/Trompennaars - Culture and Strategy.pdf](http://www.exeter.ac.uk/media/universityofexeter/internationalexeter/documents/iss/Trompennaars_-_Culture_and_Strategy.pdf)

TSOUKALAS, I., 2002, *Elizabeth Murphy-Lejeune: Student Mobility and Narrative in Europe: The New Strangers*. London: Routledge. In books.google.pt/books?id=TiBh2tUPCUC&pg=PP6&lpg=PP6&dq=Elizabeth+Murphy-Lejeune:+Student+Mobility+and+Narrative+in+Europe:+The+New+Strangers

UNESCO, 2006, *Guidelines for Intercultural Learning*, in <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001478/147878e.pdf>

UNITED NATIONS, 2008, Trends in International Migrant Stock: The 2008 Revision, in [United Nations database, pop/db/mig/stock/ver.2008](http://UnitedNationsdatabase.pop/db/mig/stock/ver.2008)

VIEIRA, R., 1996, *Educação, Tradição e Mudança: Histórias de Vida, Práticas e Representações Sociais*. Lisboa: ISCTE, Tese de Doutoramento

VIEIRA, R, 1999, *Ser Inter/Multicultural*, Jornal “A Página”, pg 20,nº 78, ano 8, Março

VIEIRA, R., 2008, *Identidade Intercultural: algumas reflexões*, Seminário Internacional Decise, uri: <http://hdl.handle.net/10400.8/516>, S Paulo, in

<https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/516/1/Identidades%20e%20Interculturalidade%20algumas%20reflex%C3%B5es%20a%20prop%C3%B3~1.pdf>

VIEIRA, R, 2010, *Identidades Pessoais, Interações, Campos de Possibilidade e Metamorfoses Culturais*. Leiria: Edições Colibri

VIEIRA, R., 2011, *Ser Igual, Ser diferente, Encruzilhadas da Identidade*. Porto: Profedições

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO

Estudantes portugueses nos EUA

Experiências de intercâmbio no desenvolvimento da interculturalidade

Um Estudo Exploratório

João Manuel Baptista Rino

ANEXOS

ÍNDICE DOS ANEXOS

Anexo 1 - Quadro com caracterização dos estudantes e sua envolvente em Portugal	3
Anexo 2 - Quadro com caracterização dos estudantes e sua envolvente nos E.U.A.	4
Anexo 3 - Narrativas iniciais (AB, JS e CB)	5
Anexo 4 - Guião para questionário da 1ª entrevista	14
Anexo 5 - Transcrições das primeiras entrevistas e questionários complementares	
5.1 – IS	16
5.2 – AB	30
5.3 – AG	38
5.4 – JS	46
5.5 – PJ	54
5.6 – MM	63
Anexo 6 - Sinopses das análises das primeiras entrevistas	
6.1 – IS	74
6.2 – AB	77
6.3 – AG	80
6.4 – JS	83
6.5 – PJ	85
6.6 – MM	88
Anexo 7 - Questionário sobre mudanças ocorridas (17+2 perguntas)	91
Anexo 8 - Guião para questionário da 2ª entrevista	92
Anexo 9 - Transcrições das 2ªs entrevistas e respostas ao questionário, por estudante	
9.1 – IS	94
9.2 – AB	102
9.3 – AG	110
9.4 – JS	117
9.5 – PJ	129
9.6 – MM	136

Anexo 1 – Quadro com caracterização dos estudantes e sua envolvente em Portugal

	IS	AB	AG	JS	PJ	MM
1ª entrevista	28-5-12	3-5-12	9-5-12	8-5-12	10-7-12	30-5-12
Ano de nasc	1968	1971	1974	1980	1985	1992
Ano do programa	86/87	89/89	92/93	99/00	01/02	08/09
Profissão atual	Professora	Professora inglês	Desempregado	Empresária	Escritório da AFS	Estudante
Religião			Católico		Budista	
Curso que tirou/a tirar	História	Tradutor/Intérprete e Prof Ens. Básico	Jornalismo	Relações empresariais	Assistente social	Arquitetura
Escola e dimensão	Sec. Gândara, Leiria Grande	Sec Leiria Grande	Sec Lumiar Grande	Sec Loures Grande	Antigo Liceu V Castelo Grande	Colégio Moderno, Lisboa Médio
Local morava	Subúrbios Leiria	Subúrbios Leiria	Lumiar, Lisboa	Bucelas, Subúrbios de Lisboa	Viana Castelo	Centro Lisboa
Dimensão do local	Média	Grande	-grande	-grande	Grande	Grande
Tipo de casa	moradia	Apartamento T3	Apartamento	moradia	Apartamento T4	Apartamento T4
Logradouro	Jardim	não	Não	pequeno	não	Não
Mobiliário	Clássico	Moderno	Clássico	Clássico	Clássico	Rústico
Pai Profissão idade na altura	Bancário 47	Falecido	Médico 48	Empresário 47	Técn de controle industrial 45	Advogado 47
Mãe Profissão Idade na altura	Professora 44	Bancária 40	Psicóloga 48	Funcionária pública 48	Professora 42	Engenheira 47
Nº irmãs idades na altura	2 20,21	2 17,21	1 21	0	1 20	1 18
Quarto próprio	sim	Não	sim	sim	sim	Sim, partilhado

Anexo 2 – Quadro com caracterização dos estudantes e sua envolvente nos E.U.A.

	IS	AB	AG	JS	PJ	MM
Dimensão escola	Pequena ~600	Grande	1ª grande ~2000 2ª pequena ~500	Grande >5000	pequena	Grande em termos relativos
Local morava	Vila Perry (perto da fábrica Kodak, Rochester), N.Y.	Cedarburg, perto de Milwaukee, Wisconsin.	1ª Huntington Beach, CA 2ª Patterson, CA	Morganton Carol Norte	Ann Arbor , Michigan	Oregon, arredores de Madinson, Wisconsin
Dimensão do local	Pequeno ~3000	Pequena ~ 40000	1ª Grande ~150000 2ª Pequena ~10000	Cidade Pequena ~40000	Grande ~100000	Pequena ~8000
Tipo de casa	Moradia antiga de madeira	Moradia 1ª andar (1ª andar alugado)	Moradias	Moradia	Casa colonial	Moradia antiga e clássica
Logradouros	Sim	sim	Sim	Sim	sim	Sim, com quinta
Tamanho		média	Grande	Grande	grande	grande
Mobiliário	“gira”, grande, tipo americano	Vulgar, pouco bonita	Moderno, funcional	Clássico	Clássico	Mobiliário clássico, com espaços
Pai Acolh Profissão Idade	Canalizador “quarentão”	Arquiteto, sócio de uma empresa 38	1ª Advogado 40 2ª Prof Biologia	Empresário Construção Civil	treinador de atletismo 45	Artista e fotógrafo 50
Mãe Acolh Profissão Idade	“baby-siter” em casa “quarentona”	Professora 38	1ª Advogada 40	Professora linguagem gestual	psicóloga escolar 45	Artista e professora de pintura 50
Nº irmãs idades na altura	4 15,17,?,?	5, 3,5,7,9,13	1ª 1, 18	2 14,17	3 15,18, ?	1 17
Quarto próprio	Sim	não	Sim	não	sim	sim

Anexo 3 – Narrativas iniciais (AB, JS e CB)

Código de categorização : escola família sociedade

AB

Sistema escolar – *Estudei numa escola secundária, com alunos do 9º ao 12º ano. As turmas eram compostas de forma diferente. Aqui os alunos juntam-se todos numa turma e têm sempre as mesmas disciplinas com os mesmos professores. As turmas têm a sua própria sala e é o professor quem se desloca à sala dos alunos. Na minha escola americana os alunos não tinham todos as mesmas disciplinas e as turmas variavam conforme as disciplinas. Os alunos que assistiam às aulas de espanhol não eram os mesmos que assistiam às aulas de história, por exemplo. Cada professor tinha a sua própria sala e eram os alunos quem se deslocava à sala para ir ter com o professor. O leque de disciplinas era muito mais vasto do que aqui. Havia mais disciplinas que cá não há: cozinha, escultura, moda e costura, etc.*

Relações na turma, professor-aluno - *As relações na turma não eram tão estreitas como as que temos nas nossas escolas. Entre os alunos a ligação não era tão próxima porque não estavam sempre juntos, uma vez que não tinham sempre as mesmas disciplinas. Com o professor também não era tão próxima. Os professores não se envolvem tanto nos problemas dos alunos. Também não era fácil fazer amizades com os colegas porque para além de não estarmos na mesma turma o dia todo, os intervalos eram muito reduzidos: 4 minutos entre cada aula e 23 minutos para almoçar!*

Recursos das escolas – *Os recursos eram muito melhores, quer ao nível das infraestruturas (sala de informática, biblioteca, piscina, laboratórios, anfiteatro, campos de jogos: ténis, basquetebol, hóquei, golf, etc), quer ao nível de livros, computadores, equipamentos desportivos, etc.*

Organização burocrática da escola – *Sempre tudo muito bem organizado. Lembro-me que todos tínhamos de ter um passe se, em tempo letivo, tivéssemos de sair da sala de aula. Se fôssemos “apanhados” nos corredores em tempo de aulas, tínhamos de ir à sala do diretor! Quando um aluno não aparecia nas aulas e não havia aviso prévio da parte da família, o diretor telefonava para os pais para saber porque é que o aluno não tinha ido às aulas.*

Programas e disciplinas - *Havia mais disciplinas e algumas com uma componente muito prática, o que motivava os alunos. Todos os alunos tinham de ter algumas disciplinas obrigatórias. Por exemplo, dentro das ciências tinham de escolher uma, ou duas, ou três disciplinas (geologia, física, química, biologia, etc), dentro da matemática também tinham de escolher (álgebra, aritmética, geometria ...) e o mesmo acontecia para outras disciplinas na área do inglês, estudos sociais ... depois havia outras que eram opcionais: cozinha, escultura, moda, etc.*

Todos os alunos frequentavam, pelo menos, uma atividade extra ou um clube: clube de drama, clube AFS, clube de debate, equipa de natação, etc. Isto era muito importante porque era aqui que os alunos se sociabilizavam. As aulas acabavam sempre às duas e meia, mas quase toda a gente ficava na escola até às cinco ou seis, porque tinham todas estas atividades.

Relação familiar – A família com quem vivi não era um exemplo, pois a maior parte das famílias não eram tão unidas como a minha. Vivi com uma família composta por pai, mãe e 5 filhos, com idades entre os 2 e os 13 anos. Eu tinha 18 anos e fui a 6ª filha do casal naquele ano. Era uma família muito unida, muito próxima. Faziam muitas atividades juntos. Os pais eram muito unidos e carinhosos para com os filhos. Preocupavam-se muito com a sua educação, quer académica, quer cultural, quer religiosa. A família alargada (avós, tios ...) também estava sempre muito presente, sobretudo os avós paternos que moravam muito perto.

Apesar de não fazerem parte da família, havia alguns casais muito amigos, vizinhos, que pertenciam à mesma comunidade religiosa da minha família (Bahá'í faith). Havia uma grande cumplicidade com estes amigos e havia muito convívio com eles.

Utensílios em casa, usos, hábitos, “rituais” / Atividades de fim de semana e férias – Os pais trabalhavam imenso e durante a semana não havia muitas atividades, mas o jantar incluía a família toda, que ia conversando sobre o seu dia. Ao fim de semana ficávamos em casa, ou íamos a casa de algum familiar ou amigo, ou a alguma atividade dos miúdos (atividade desportiva ou audição de música). Todos os domingos havia catequese lá em casa, porque a mãe tinha um grupo de miúdos a quem ensinava a religião deles. De 15 em 15 dias havia uma reunião em casa de cada um dos membros da religião Bahai e uma vez por mês havia um encontro maior. Todas estas reuniões acabavam sempre num lanche / jantar partilhado e eu só assistia a essa parte. Nunca fui obrigada seguir a religião deles, embora levassem aos encontros se fosse a família toda. Todos os miúdos praticavam um desporto (o pai era treinador de futebol) e tocavam um instrumento, incluindo o pai.

A televisão era algo quase proibido lá em casa. Havia televisão, mas os miúdos só podiam ver uma hora por dia e desenhos animados. Esta foi uma questão complicada para mim, porque tinha 18 anos, não tinha amigos ainda e a televisão era uma forma de me distrair e aprender a língua. Aos poucos fui ganhando o direito de ver televisão e até me arranjaram uma pequenina, que podia ver quando a minha “irmã” Amy (com quem partilhava o quarto) não estava presente.

Tirámos férias uma vez e fomos acampar. Andámos a conhecer o norte do estado e, como éramos muitos e era verão, a opção mais económica foi acampar. De vez em quando íamos ao estado vizinho, a Chicago e ficávamos lá no fim de semana, quando algum dos miúdos tinha campeonato desportivo.

Relações na comunidade / Família/comunidade, escola/comunidade, novos/velhos, rapaz/rapariga...– Vivíamos numa comunidade pequena, onde toda a gente se conhecia e cumprimentava na rua. A maior parte das pessoas que conhecia pertenciam ao grupo de Bahais e viam-se e ajudavam-se muitas vezes.

Havia também um grande sentido de comunidade. Havia serviços de voluntariado a que os “meus” pais pertenciam. Havia um centro de reciclagem, onde todas as semanas duas famílias da comunidade iam, em regime de voluntariado, fazer a triagem da reciclagem. Todas as semanas iam famílias diferentes. Achei isso fantástico! Também se organizavam para levar os miúdos para a escola e para o treino desportivo ao fim de semana. Cada semana calhava a um pai diferente levar os miúdos.

Não havia divisão entre novos e velhos, rapazes e raparigas. Todos se davam bem e os convívios incluíam todos. Não sei se isto se passava nas outras famílias, mas na comunidade Baháí era assim.

Urbanismo – a cidade era muito pequena e calma, com casas baixas. Não havia muitas lojas ou shoppings. Era uma cidadezinha subúrbio de uma grande cidade, a 20 minutos dali: Milwaukee.

Havia um parque enorme, sempre cheio de gente a passear ou a fazer desporto.

Não havia cafés, mas havia uma gelataria que eu gostava muito. Era o mais parecido que havia com os nossos cafés, que eu estava habituada a frequentar em Portugal. Ia lá muitas vezes estudar ou apenas comer um gelado.

Havia clubes, mas eu não os frequentava, por isso não vou falar sobre eles.

Valores e hábitos . A comunidade Baháí era uma comunidade com valores muito marcados pelo altruísmo. Fazer o bem para e pelos outros. Participei em caminhadas e manifestações contra a fome e a pobreza. Valorizavam muito a educação. Diziam que só podiam amar a Deus se fossem instruídos e educados e que só a educação nos pode tornar pessoas melhores. Eram muito pouco retrógradas, mas havia uma regra entre eles que eu achava um pouco ultrapassada. Eles só casavam se os pais aceitassem a futura esposa / marido. Se os pais não concordavam, eles não aceitavam.

Algumas situações que me marcaram muito.

A minha chegada a Milwaukee foi fantástica. Estava muito assustada, como é óbvio, mas assim que desembarquei e atravessei a manga, entrei na sala e vi logo a minha família. A minha receção foi fantástica! Estavam lá os pais, os 5 filhos e os avós paternos. Todos tinham o seu nome no casaco e um balão com o meu nome! Todos me deram dois beijinhos, como lhes tinha dito nas 3 cartas que escrevi antes de sair de Portugal. Senti-me muito bem recebida. O aeroporto ficava a uns 40 minutos de casa, então fomos o caminho todo a conversar (de tão assustada que estava, deu-me para falar, o que era estranho porque eu era muito tímida). Isto agradou à minha mãe, pois adora conversar. A viagem foi feita na nossa carrinha de 7 lugares, pois a família era grande. No caminho parámos numa banca para comprar milho, pois eu nunca tinha comido milho doce cozido. A chegada a casa foi incrível. Assim que estacionámos vi logo um grande cartaz na porta a dizer "Welcome Ani". Senti-me feliz! Por toda a casa havia mais cartazes com o meu nome a darem-me as boas vindas. Tinham sido feitos pelos meus

irmãos. Foi algo que nunca mais esqueci. Dias depois houve uma festa lá em casa para eu conhecer os amigos da família. O meu irmão mais novo fazia 3 anos e esse foi o pretexto para a festa, mas o objetivo era apresentar-me aos amigos e familiares. Fui muito bem recebida por todos.

Nunca esqueci, também, a primeira vez que saí com colega americanas. Não gostei muito. A saída não foi mais de que passar a noite em casa de uma colega, cujo irmão mais velho conseguiu comprar bebidas alcoólicas. A noite baseou-se numa série de jogos em que tínhamos de ir bebendo. Como eu estava de boleia com uma delas e percebi que iam todos acabar alcoolizados, acabei por ter que dizer à colega que me tinha levado que ela não podia beber mais, caso contrário teria de ligar à minha família e pedir-lhe para me irem buscar. Nunca mais me convidaram para sair, obviamente.

A minha grande amiga nos Estados Unidos era uma estudante japonesa. Foi quase adotada pela minha família porque lhe demos muito apoio e a incentivámos a mudar de família, coisa que para ela era quase impensável. Eu e a Noriko íamos a todos os jogos de basquetebol lá na escola. Eram sempre à sexta-feira à noite e era uma forma de nos distraírmos as duas. Chegámos a participar em algumas atividades da escola juntas, embora ela fosse júnior (11º ano) e eu fosse sénior (12º ano).

Outra coisa que nunca esquecerei era o orgulho que eu tinha em falar do meu país. Levei posters e slides e era comum pedirem-me que fizesse uma apresentação sobre o meu país. Eu adorava falar sobre Portugal, até porque havia a ideia de que Portugal era um país de bêbados e analfabetos (pude constatar que foi essa a informação que a minha família leu quando soube que ia receber uma estudante portuguesa). Eu ficava chocadíssima com as perguntas que me faziam sobre o meu país. Vi mapas que não tinham a divisão entre Portugal e Espanha e para eles falávamos espanhol (embora soubessem que no Brasil se falava português) e Lisboa era uma cidade espanhola.

O episódio da reciclagem que contei atrás também me marcou muito porque em Portugal, pelo menos na altura, era impensável uma família inteira passar um sábado, de manhã e de tarde, a fazer triagem num centro de recolha de materiais recicláveis. Tudo isto em regime de voluntariado!

As refeições eram complicadas! A minha mãe americana não gostava de cozinhar, coisa que não acontecia com a minha mãe, em Portugal, que é uma excelente cozinheira! Tirando uma taça de legumes com “dip” (molho), eu não comia vegetais nem saladas. Não comia sopa. Carne e peixe, raramente. Muitas pizzas, “macarroni and cheese”, hambúrgueres, etc. E não se bebia água à mesa! Eram só sumos! Resultado: 12kg a mais quando cheguei a Portugal!

JS

O ano AFS mudou a minha vida.

“Home is not where you live but where they understand you” (Lar não é onde vives mas onde te compreendem) foi uma das frases que li algures quando cheguei aos à Carolina do Norte, EUA em 1999 – ano do meu programa.

Tudo era diferente.

Lembro-me da escola. Era redonda e as paredes eram divididas por cacifos. Na ala principal tinha um grande placard a dizer: “Go, Fight, Win” – nunca mais me esqueci. Era um sinal claro de que a escola era diferente.

Cada professor tinha uma sala sua. Os alunos movimentavam-se de sala em sala conforme a disciplina. Não havia desrespeito e estava-se na sala para se aprender. Os bons alunos eram recompensados e os mal comportados punidos. Ao contrário de Portugal. O ser cool no secundário significava andar sempre a ir para a rua.

Cada uma das salas tinha todos os equipamentos necessários ao seu excelente funcionamento.

O funcionamento dos programas era claramente diferente. Todos os alunos deveriam seleccionar disciplinas base: matemática, inglês, história, etc.. mas tinham muitas disciplinas optativas, entre elas: culinária, aprender a trabalhar com o barro, costura, dança, música. Uma grande panóplia que ajudava a que as pessoas experimentassem um pouco de cada para perceberem o que realmente gostavam de fazer antes de escolherem uma área um pouco mais específica na universidade.

A minha família de acolhimento era constituída por duas irmãs. Uma delas, que andava no meu ano era cheerleader. A verdade é que as pessoas são mais independentes são autónomas e tomam responsabilidade pelos seus actos. Os pais não são hiper protectores e espera-se que os filhos errem mas que sejam responsáveis por isso.

A minha família era muito unida e fazíamos muitos eventos no final de semana em conjunto. Pais, tios, primos, avós, era sempre uma festa.

A comunidade, vivia tal como o nome indica em comunidade. Havia e há uma entre-ajuda muito grande, as pessoas contribuem sempre para o bem-estar geral e não são tão individualistas como em Portugal.

Uma das grandes diferenças da vivência é que grande parte é realizada em casa de amigos ou família. O conceito de ir para o café é quase inexistente e a grande necessidade está em comer fora. O conceito de jantar fora é uma prática comum, numa base quase diária.

O que senti e sinto cada vez que volto é que tudo é diferente, os carros são maiores, as estradas, as comidas, os sonhos. Tudo é sempre feito em grande escala. No entanto os USA têm muitos estados e muitas cidades que são bastante diferentes. Logo a realidade de Nova Iorque os Los Angeles é totalmente diferente de uma pequena cidade na Carolina do Norte.

CB - fez o ano AFS com 17 anos em 2008/2009 (estudante não inquirida)

Pisei solo americano pela primeira vez na minha vida a Agosto de 2008. Acabara de chegar a O'Hare, Chicago, quando ouço uma voz autoritária, muito pouco ao estilo português: All AFS student are to come here! Are you an AFS student? Yes. Where is your badge? Must be in my bag. Where are you from? Portugal--. Anyway, join this group. Ok guys, everyone going to Madison, Wisconsin, needs to come here. Ok, to Minneapolis, Minnesota, here. Rapidamente, o grupo de portugueses com quem me encontrava se separou de mim e só os voltei a ver daí a um ano.

Des Moines, Iowa, here! Juntei-me a três holandeses que continuaram a falar a sua língua nativa enquanto os olhava, na esperança que algum se dirigisse a mim, preferencialmente, em inglês, embora, na altura, tivesse aceite qualquer língua só pela companhia.

Foi assim que começou o meu ano AFS e o mais marcante da minha vida. A primeira reacção das pessoas quando sabem que estudei nos EUA é perguntarem em que cidade estive. "Nova Iorque, Chicago? Estado da Califórnia? Não. Shenandoah, Iowa". Confesso que fiquei surpreendida por ter ido parar a uma pequena vila, muito conservadora e fechada, no meio (literalmente) de campos de milho, mas que me abriu os olhos para a realidade americana e como este lado, pouco conhecido, é, de facto, o motor deste país tão controverso.

Na base da minha life-changing experience está, para além de mim, da pessoa que sou e as características que me definem, a minha família de acolhimento. Conheci o núcleo de uma família tradicional americana e de como o que são influencia a sua interação familiar, social e escolar.

Aprendi que os americanos são muito mais tradicionalistas (ou, até, puritanos) do que um adolescente europeu de 17 anos está à espera. A idade comum para casar é durante os verdes vinte e uma vida familiar forte e unida é levada bastante a sério. Apesar desta forte união, é muito comum os americanos viverem a 10 ou mais horas de distância do resto da família; contudo, são várias as visitas feitas...e várias as horas de aborrecimento puro dentro de um carro.

Todos os membros da família são tratados como adultos, algo que apreciei e, actualmente, admiro bastante. As crianças são, desde tenra idade, ensinadas a falar correctamente e a ganhar autonomia verbal, sempre com a maior educação. A maturidade das crianças americanas (tive duas irmãs de acolhimento de 8 e 9 anos) mostra como a independência, o trabalho e o valor de cada pessoa (como pessoa e não como criança) é a base da sociedade americana. Uma criança mal educada, ou que não saiba falar ou que se mostre um pouco mimada é mal vista e criticada, enquanto cá em Portugal é aceite como normal, desculpando-se por ser criança.

A melhor palavra para caracterizar os meus pais americanos seria equilibrados. Os problemas eram sempre resolvidos com a maior discrição e racionalidade; em vez de se perderem na questão de quem é a culpa (algo de que me apercebi ser bastante comum cá - talvez sejam

vestígios de séculos de uma educação católica), concentram-se no que é o problema e a melhor maneira de o resolver.

Outra coisa que me surpreendeu foi o papel do pai. É-lhe esperado ajudar em casa, até nas tarefas ditas femininas. E, jamais, em tempo algum!, seria aceite o pai estar à mesa ou a ver um jogo de futebol, enquanto resto da família trabalhava e ele não participar. Todas as tarefas são igualmente divididas por todos os membros. Não existem empregados, a não ser nas famílias bastante ricas.

Para além de cada membro ter tarefas pré-definidas, também cada membro é responsável pelo o que lhe pertence. Por exemplo, a minha irmã Caroline (de 8 anos) quis mudar a decoração do seu quarto; os pais consentiram mas ela teve de contribuir com metade dos custos, através da sua mesada. É o que é esperado dela, e ela aceita-o, sem zangas nem birras. Os americanos são uma cultura baseada em rituais: os eventos ou actividades, normalmente, estão pré-planeados e pré-programados. Por exemplo, casual friday na escola ou no trabalho. Lá em casa, era a Friday Movie Night. Para além de ser um programa divertido, é um bom método de criar laços na família, mesmo através de uma simples actividade.

O desporto é algo muito apreciado e bastante praticado pelos americanos. Confesso que a minha família dava maior importância a actividades culturais, portanto, enquanto a maior parte das famílias americanas estariam a correr o último km do fim de semana, eu e a minha família estaríamos numa cidade maior a assistir a um espectáculo ou musical no teatro.

Domingo: church day. A minha família era bastante aberta, especialmente em termos de religião, comparando com outras famílias que fui conhecendo. Apesar da sua abertura, fui, por escolha própria, todos os domingos à missa com eles. A religião é algo muitíssimo importante nos EUA que tanto une como separa as pessoas. É muito comum, em famílias mais conservadoras (ou republicanas), que o que é ensinado em casa não é questionado; não era o caso da minha família mas sim o caso do resto da minha vila rural. Opiniões diferentes são vistas como reacionárias, esquerdistas e pouco aceites.

Shenandoah é uma pequena vila rural no Iowa, pertencente à Page County. A Page County contém 11 pequenas vilas, sendo Clarinda onde se encontra o county seat. O poder local é hierarquizado iniciando-se ao nível da pequena vila alargando-se depois para a decisão do nível da county.

Tal como qualquer cidade/vila nova americana, Shen é estruturadamente organizada por ruas horizontais e verticais, partindo de uma mainstreet/rua principal. O comércio local encontra-se perto desta mesma rua principal. As grandes superfícies encontram-se numa rua ao lado, todas de seguida.

A comunidade rural de Shen é bastante unida e, também, cada pessoa tem o seu lugar a onde pertencer. Os meus pais por serem os donos de um dos bancos da vila, e por terem maior capacidade financeira, especialmente numa vila menos favorecida, tinham, a seu ver, a responsabilidade de serem bastante activos na comunidade e ajudar quantas pessoas e grupos voluntários conseguissem. O meu pai, sem qualquer obrigação, oferece-se, todos os anos, para treinar as equipas de desporto da middle school; fazer a casa de terror de halloween, ir a vários grupos falar e fazer contribuições. A minha mãe está metida em todas as actividades comunitárias que existam em Shen, para as quais me arrastou várias vezes, com muito prazer! A posição privilegiada da minha família era vista, lá em casa, como uma oportunidade para serem role models na comunidade, algo que desde muito cedo incutiram nas filhas (ainda este

fim de semana, as minhas irmãs tiveram de acordar às 7 da manhã para ajudar um grupo de mulheres do exército americano).

Das maiores críticas que poderia fazer ao povo americano e à sua política social é o sistema nacional de saúde e educação superior. Contudo, apesar de haver uma grande falha nestas duas áreas, a sociedade civil é bastante enérgica, generosa, conseguindo organizar-se, quase sempre em regime de voluntariado, para ajudar os cidadãos. Por isso é que todos os anos, inúmeros fundraisers são feitos, bolsas de estudo atribuídas. (Por exemplo, este ano, uma mãe de uma amiga minha descobriu que tinha cancro, e imediatamente comunidade organizou uma bakesale para ajudar com as despesas médicas). Revela uma sociedade bastante pró-activa, que se baseia na entre-ajuda a quem merece e aos mais trabalhadores e menos favorecidos.

A imagem estereotipada dos filmes de um liceu americano corresponde, de facto, a grande parte da realidade. Existe, claro, um exagero retratado no grande ecrã; contudo, a hierarquia social no liceu é uma realidade; a competitividade entre colegas é uma realidade; a popularidade dos desportistas e respectivas cheerleaders é uma realidade; o bullying é uma realidade.

Tendo vivido numa pequena aldeia rural americana, a minha escola, além de pública, era pequena com apenas 300 estudantes. O ensino secundário começa no 9º até ao 12º (freshmen, sophomore, junior senior). Sendo uma escola pequena, as pessoas estão muito mais familiarizadas e ligadas umas com as outras. Os professores têm um grande à vontade com os alunos (e vice-versa). Cada professor tem a sua sala, organizada e caracterizada de acordo com a disciplina e a própria personalidade de cada professor.

Os professores foram das maiores surpresa que tive durante o meu ano. Para além de terem sido os melhores professores que tive, a seu gosto pelo ensino era visível e transmitido. Eram pragmáticos e ensinavam o que era importante, recusando pormenores supérfluos. Explicavam quantas vezes necessárias até que todos os alunos percebessem a matéria e tinham grande tolerância com alunos com dificuldades. A honestidade e crença que tinham nos alunos era notável: lembro-me que num teste de história, alguns dos alunos não o conseguiram terminar. O professor ficou preocupado pois o seu primeiro pensamento foi que fizera um teste demasiado longo para os curtos 45 minutos da aula. Pediu aos alunos que não acabaram o teste para que não lessem o resto do mesmo, pois ia dar-lhes outra oportunidade para o acabar, no dia seguinte, logo de manhã. No dia seguinte, falei com os alunos que iriam acabar o teste e perguntei-lhes se tinham estudado mais para ter melhor nota; ficaram todos chocados a olhar para mim e a primeira frase que proferiram foi “That’s cheating, Carolina”. Ocorreram outros episódios parecidos, em que a honra da verdade, a honestidade sobrepuseram-se à mentira e ao benefício próprio, algo que muito dificilmente aconteceria numa escola em Portugal. Comecei a admirar esta vertente americana pois nunca me tinha identificado com o “chico-espertismo” e o “desenrascos” português. Uma sociedade em que um indivíduo (neste caso, a posição sensível de um adolescente) segue as regras, não sendo gozado por isso, e em que um indivíduo que não as segue é mal visto e conotado como cheater faz sentido para o género de pessoa que sou.

Voltemos ao desporto, uma grande parte do estilo de vida de um estudante americano. A escola proporciona uma vasto leque de desportos, organizados por seasons. Todas as semanas

há jogos e competições, e os restantes alunos e a comunidade vão apoiar a equipa da escola. Este simples apoio reflecte, mais uma vez, o sistema de entre-ajuda, valor e crença que existe na sociedade americana.

Contudo, apesar de toda esta entre-ajuda, o liceu americano é socialmente brutal para quem não se consiga adequar. De certo que existem órgãos de apoio para quem seja um outcast, mas não resolvem o problema de raíz. Sendo uma sociedade muito pró-activa, que dá importância aos melhores, quem não o é numa certa área (ou, preferencialmente numa área mais popular) pode ser vítima de gozo por vários grupos. Também, infelizmente, o aspecto físico tem grande importância para os adolescentes americanos, fazendo-os, por vezes, ter atitudes pouco éticas e morais para quem não detenha o dote da beleza. Creio que seja assim em grande parte do mundo, não tão acentuado e idolatrado como notei na América; mas, de facto, a beleza sempre fascinou.

Outra grande crítica ao sistema escolar americano, é o programa curricular. Apesar de ser bem leccionado, o programa é um pouco limitado em termos de abertura e interesse, que vá para além dos próprios EUA. O conhecimento do mundo por parte dos estudantes americanos é absolutamente nulo, contudo, têm interesse em aprender, sempre apoiado pelo complexo, por parte deles, de que "americans are dumb".

O que precisa de ser feito, é feito e não é atrasado por uma data de papeis e complicações de última hora. A organização e o pré-planeamento parecem ser a chave para que tudo funcione.

Uma história interessante

Há milhares como podes imaginar mas a primeira de que me lembrei foi um lockdown que tivemos na escola em outubro. Nessa manhã, alguém ligou para a secretaria da escola e disseram que tinham uma arma. As salas foram fechadas, ninguém saiu de onde estava, as luzes apagadas e tivemos de estar assim durante 3 horas, no escuro, em salas pequenas com imensas pessoas (para quem tem um pouco de claustrofobia, não foi agradável.. para além dos nervos de alguém poder entrar com uma arma e disparar) e a ouvir passos. A polícia foi logo avisada e foi super eficiente. No final das 3 horas, e depois de terem revistado todas as carteiras e cacifos, chamado todos os alunos para falar, todos os alunos foram dirigidos para o auditório para a directora e a polícia falarem connosco. O polícia explicou que suspeitava-se que tinha sido uma brincadeira mas uma brincadeira de mau gosto que envolvia a "state felony" e que se o culpado fosse apanhado, as consequências seriam muito mais graves do que alguma vez poderia imaginar. A directora falou depois. disse-nos que estava orgulhosa de como todos se tinham portado, mantivemos o sangue frio e não houve cenas.

Eu durante essas três horas só pensava na coincidência de estar ali fechada na sala. Na Europa, ouvimos sempre sempre falar destes "assaltos" a escolas americanas com armas e mass murders... e eu não queria acreditar que me encontrava numa situação dessas. Os nervos foram muitos, mas ao ver como todos os outros reagiam, incluindo professores, aprendi a controlar-me. Toda esta situação correu muito bem graças aos vários drills feitos regularmente nas escolas. Mais uma vez, pré-planeamento.

Anexo 4 – Guião para questionário da 1ª entrevista

- Objetivos:
- Conhecer a motivação dos estudantes
 - Conhecer o contexto familiar e escolar do estudante em Portugal e nos EUA
 - Identificar fatores que os estudantes mais tenham “retido” na sua experiência, quer factuais, quer valorativos

Guião

- *Objetivo da entrevista*
- *MOTIVAÇÃO: Porque fazer o programa? E porquê os Estados Unidos?*
- *CARACTERIZAÇÃO:*
 - *Caracterização em Portugal:*
 - *Família: irmãos, pais, idades e profissões*
 - *Onde vivias? Como era a casa? A mobília?*
 - *Tinhas um quarto teu?*
 - *Em que escola estudaste? Grande ou pequena*
 - *Caracterização nos EUA:*
 - *Família: irmãos, pais, idades e profissões*
 - *Onde vivias? Como era a casa? A mobília?*
 - *Tinhas um quarto teu?*
 - *Em que escola estudaste? Grande ou pequena?*
- *Contactos com ainda com a família?*
- *ESCOLA NOS EUA:*
- *Sistema das disciplinas? Matéria mais fácil ou difícil?*
- *Currículo*
- *Organização da escola*
- *Horário*
- *Estruturas da escola, equipamento*
- *As refeições*
- *Relação professor aluno*
- *Existência de grupos, havia AE? Havia AFS?*
- *Eventos na escola, “prom-party”...*
- *Cumprimentos*
- *Cabular*
- *Era multicultural?*
- *FAMÍLIA NOS EUA:*
- *Como eram os cumprimentos em família?*

- *Falavam de quê, normalmente?*
- *Como eram as refeições? Comiam à mesa todos juntos?*
- *As famílias faziam voluntariado?*
- *Como era um fim de semana típico?*
- *Eventos importantes: Natal, Dia de Ação de Graças, Ano Novo, Carnaval...outros...*

- *CIDADE*
- *Ambiente na cidade (urbanismo, vestir, conservadora ou liberal, autoridade...)*
- *Como eram os cumprimentos em geral?*
- *Havia TV local? Jornais?*
- *Havia “curfew”?*
- *Hábitos dos jovens à noite?*

- *Algumas coisas que te tenham chamado a atenção? Na família, na escola, na cidade?*

Anexo 5 – Transcrições das primeiras entrevistas e questionários complementares

5.1 - IS

Fez o programa em 1986/1987

Professora de História

Pai – 47 anos, bancário

Mãe – 44 anos, professora

.....

Como é que resolveste fazer o programa? E porquê os Estados Unidos?

Resolvi fazer o programa porque fui incentivada por toda a família, os meus irmãos, inclusivamente, já tinham feito o programa antes de mim e antes de eles irem, já os meus pais tinham recebido estudantes AFS e portanto já estava habituada a contactar com este tipo de programa e este tipo de projecto desde os meus doze anos de idade. Ora quando chegou a oportunidade para eu concorrer, para eu participar, eu já tinha dezoito portanto a experiência já vinha desde os doze. A minha motivação para participar, para fazer o programa, era total, os meus pais eram família de acolhimento, eram pessoas envolvidas na Intercultura e até estavam como representantes – acho eu – da Intercultura em Leiria, portanto a minha motivação era completa.

Onde é que moravas quando foste fazer o programa? Vivias numa moradia? Como era a mobília?

Eu morava nos arredores de Leiria, numa zona aqui perto que se chama Gândara dos Olivais, com os meus pais e com os meus irmãos. O meu irmão mais velho tem dezassete meses de diferença da minha irmã do meio, que por sua vez também tem dezassete meses de diferença de mim, temos dezassete meses de diferença uns dos outros. Morávamos ali perto, a cerca de cinco quilómetros, no total, do centro de Leiria.

Qual a profissão dos teus pais? Que idade tinham?

O meu pai era bancário, tinha 47 anos na altura, minha mãe era professora do primeiro ciclo, tinha 44.

Que idade tinham os teus irmãos?

Ora, se eu tinha dezoito, a minha irmão teria talvez dezanove, a caminho dos vinte e o meu irmão teria dois anos, teria para aí, 20, a caminho dos vinte e um.

E lá, como é que era, onde é que vivias?

Lá, vivia numa moradia, antiga, em madeira, na vila de Perry. É uma vilinha perto de Rochester, de onde originário o famoso Kodak, no estado de New York.

Era uma vila com poucos habitantes, era um meio rural, com poucos serviços, a mobília da casa até era gira, era uma casa grande, bem ao estilo americano, a casa era mobilada com o estilo clássico deles. Lembro-me de ter um cobertor elétrico que era uma coisa diferente, cá ainda não havia, e pronto, era assim.

Como era a tua família de lá?

Era uma família remediada.

O meu pai era canalizador, quarentão, e a minha mãe também, penso que ela era até mais velha que ele. A minha mãe era “baby-sitter” em casa, bebia e fumava imenso, mas não era beber ao ponto de se embriagar, não, mas tem uma capacidade de beber diferente. Mesmo quando lá tinha as crianças ela bebia e fumava. Tinha quatro irmãos, que era o Rick, o mais velho, a Renne, que trabalhava já na altura, a Rhonda de 17 anos que era a mais forte, a Shelly, de 14 anos, que era uma espécie de uma “barbie”, mas muito simpática.

Cá, onde estudaste? Era uma escola grande ou pequena?

Estudei na escola da Gândara dos Olivais, perto de Leiria, perto de onde morava. Era uma escola de terceiro ciclo e secundário.

E lá, nos EUA?

Era uma escola pequena, com cerca de 600 alunos. Tinha uma parte com ensino... são os chamados “business”, que cá corresponderá ao nosso ensino “profissional”. Aliás, penso que, neste momento estamos a “beber” do sistema educativo americano.

Lembro-me que quando lá cheguei tive que apresentar o currículo de cá e foi em função disso que me integraram.

E a organização do currículo?

Havia uma parte teórica comum e uma parte prática que podíamos integrar.

Não havia Filosofia e então um professor de Psicologia fez um programa específico para mim em função daquilo que eu levava daqui. Tive que fazer trabalhos e algumas sessões específicas sobre o programa de filosofia, para no fim poder obter equivalência e deu-me imenso trabalho.

Já sabias inglês?

Não, não sabia inglês.

Na escola havia A.E.?

Não me lembro... Lembro-me de pensar “tenho que me integrar nos projetos de escola e absorver tudo, senão fico à parte”, portanto fiz os possíveis por me integrar.

Integrei-me o coro, integrei-me também na turma de culinária, que era uma espécie de clube, meti-me nas artes, no ski, no “soccer” ...

A escola tinha outros AFS?

Sim. A escola até já tinha tido experiências anteriores no programa, até havia na entrada, no hall de entrada, as fotos dos estudantes que já tinham estado em anos anteriores, era um hall imenso, talvez com uns cinquenta metros e tinha de estudantes AFS dum lado e do outro.

No meu ano havia mais 2 AFS, uma da França, Frederic e outra da Alemanha, a Maika.

Eu andava mais com a francesa no início e ainda hoje nos mantemos em contacto inclusivamente com a filha dela que já é crescida – tem para aí 19 anos. Tinha bastantes amigos, em especial a minha conselheira, que é a Rute «Mitsek» ?

As outras duas tiveram que mudar de família durante o ano.

A francesa, a Frederika, morava na minha rua, no início, numa família típica americana: acolhedora mas caótica, sem horas, sem arrumação, tudo amontoado, aquilo era uma confusão, era uma família de classe média baixa. Lidava mais com ela porque ela morava mesmo na minha rua, um bocadinho mais acima. Lembro-me até um dia que fui a casa dela e fiquei em estado de choque com o aspecto da casa.

Quando ela mudou, a conselheira, que era a minha e que era dela, que era a tal senhora, que tinha 50 anos na altura, acolheu-a francesa temporariamente mas depois gostou tanto dela e gostavam tanto uma da outra que acabaram por ficar com a francesa. Tanto que esta minha amiga AFS ficou lá definitivamente. Ela agora até vai regressar aos EUA com a família para a visitar. A conselheira achava que ela iria ficar com má experiência se ela não ficasse em casa dela e se encontrasse outra família daquele género que era complicado para ela, então resolveu ficar com ela para sempre. Esta senhora que eu falo era professora de “reading” – que nós não temos cá.

Fala sobre os grupos na escola...

Eu, por ser muito ativa e sociável, fui logo acolhida pelo grupo dos “populares”. Depois, acabei por colidir com eles, porque não me integrei nem me adaptei à forma de estar deles, ou seja, os valores colidiram com os valores dos populares. Eles eram um bocado fúteis, e só queriam era ser vistos, falados, dar nas vistas, assediados, só queriam relações superficiais e eu sinceramente não tinha nada a ver e continuo a não ter nada a ver com esse tipo de gente. Havia muito disso nas escolas americanas e por aquilo que eu vejo nos filmes e pelo feedback que tenho acho que continua a existir.

Foi o meu primeiro choque em relação à cultura americana, eles abrem os braços logo no início mas no fundo não abraçam ninguém – é uma expressão dos escoteiros, e acho que se aplica aqui. Para continuar tinha que continuar sempre “na onda”, e portanto não me preocupar com os que os outros sentiam.

Cheguei a ir a uma festa deles e jurei para nunca mais! Era a degradação completa, havia muito sexo (orgias), droga e álcool – eu nunca na minha vida tinha visto semelhante coisa. Faziam-nas em casa de alguém, quando os pais se ausentavam, eles chamavam toda a gente (gente jovem) e nós alinhávamos todos e íamos... Eu alinhei em ir à festa porque não sabia o que ia encontrar e as implicações que aquilo iria ter. Portanto a partir do momento em que

comecei a tomar consciência que aquela simpatia, que aquela forma de abraçar, quem chegava depois implicava este tipo de adesão, ou de comportamento, evidentemente que depois me retirei de imediato. Então comecei a aproximar-me daqueles que eles chamavam de “freaks”, na gíria americana. Que eram pessoas perfeitamente normais mas que se vestiam de uma forma de vestir simples, eram humildes, muitos deles usavam óculos normais, não tinham aquela preocupação em usar lentes de contacto ou estar sempre muito bem com a moda, e por isso eles eram considerados “freaks”, só por isso. Porque em termos de maneira de ser, valores, estrutura mental, comportamento, eram pessoas completamente normais e muito afáveis. Precisamente por começar a alinhar com estes e “desalinhar” com os outros, isso começou a ter implicações, por exemplo a nível de turma, a nível de equipa de futebol, deixaram de me passar a bola, coisas assim deste género.

Além deste havia também os desportistas, que eram os mais populares, e os totós, que eram os cérebros, que eram os tais que usavam óculos. Estes eram os marginalizados, já cá acontecia, e lá também acontecia.

Em geral, como era a vida social dos adolescentes?

A vida dos adolescentes passava pela escola, depois não havia mais anda na terrinha. O divertimento à noite era o chamado “cruising with the car”, que era andar às voltas a passear horas de carro. Eu costumava ir com a minha irmã, a tal Rhonda, de 17 anos, que bebia, mas de forma controlada.

Voltando à escola, como eram as relações com os professores?

Com os professores a minha relação era muito boa! Achavam que eu era uma pessoa muito culta, para eles os europeus normalmente tinham sempre uma cultura acima da média comparativamente à média americana. Não é que eu fosse assim nada de extraordinário, era assim. Cá eu era, digamos, de uma cultura normal, mediana, uma pessoa mediana, informada, lá era considerada uma pessoa excepcional. Achavam-me piada.

Para mim a relação aluno–professor, que vinha de cá, era de respeito e distância, sem necessidade de “marcação”, tipo “low-profile”. Com os alunos americanos os professores tinham uma “paciência de Jó”, ou seja, os meninos podiam fazer o que queriam.

Chocava-me muito as relações na sala de aula, em relação ao que havia cá; era quase um “tu cá tu lá”, como com um parceiro mais velho.

Como eram os cumprimentos, os afetos?

Os cumprimentos eram sem se tocarem muito, com um simples “Hi”. Tive a minha primeira “date” que é uma saída, por tradição todos tinham que saber, portanto toda a gente ficou a saber quando houve um rapaz que me convidou e como era desportista, do futebol americano, pronto, aquilo foi lá uma sensação.

Levou-me a jantar e ao cinema, e a dar uma volta de carro, tentou ir um pouquinho mais longe, mas com uma certa suavidade ao que eu disse que não porque eu apenas queria amizade e conviver e mais nada. Na altura eu namorava até com um ex AFS americano, o Mark, que tinha cá conhecido (em Portugal) antes de ir para a minha experiência. Ele tinha partido nesse verão

e eu saí nesse mesmo verão para a minha experiência AFS. E depois lá continuámos e ele morava mais ou menos a umas quatro horas, o que para lá é consideravelmente perto. E por isso continuámos lá e que ia ter muitas vezes comigo de carro. Foi curioso porque a minha família aceitou e ele passou a ir lá a casa de vez em quando ao fim de semana. Era uma família um bocado esquisita porque tanto aceitava que ele fosse lá a casa ao fim de semana como às vezes faziam-me sentir mal por ele lá ir, embora não se passasse rigorosamente nada, cada um no seu quarto. Convivia durante o dia e ponto final. Quando eu digo que era uma família um bocado esquisita é no estilo que eu disse lá atrás era naquele sentido em que abrem os braços mas depois parece que não abraçam ninguém.

O meu pai era uma pessoa espectacular, mas não tinha voto na matéria lá em casa. A minha mãe é que era a general, a minha mãe americana. Convidavam-no para ir lá a casa e depois levantavam tanto vento, nomeadamente a minha mãe e a minha irmã do meio, aquela mais forte. Porque ela dizia “Bom, se vocês permitem à Isabel que traga cá o namorado a casa, significa que ela pode fazer sexo com ele, então eu também posso sair e ser independente, então vou passar uma noite fora e faço aquilo que quero.” E por causa disso houve logo confusão, porque o meu pai disse logo que sim, que ele podia ir lá passar um fim de semana a casa, apesar de cada um ficar no seu quarto. E então a minha mãe armou logo esta confusão juntamente com a minha irmã e aquilo foi um ambiente terrível e de vez em quando eu tinha de lidar com estes problemas, o que me fazia muita confusão. O pai e a outra irmã mais velha eram extremamente agradáveis, era com quem eu tinha mais proximidade e também com a mais nova. O meu irmão, também gostava muito dele embora só o visse de vez em quando, que ele vivia no Alasca. Só comecei a ter mais contacto com ele quando ele começou a viver lá em casa quando regressou do Alasca.

Uma vez fui humilhada em frente de todos e tive que jurar que nunca ia ter sexo com o meu namorado. Que era uma coisa, um assunto tão simples como convidar o namorado para ir jantar lá a casa e aquilo transformou-se neste problema a ponto de eu ter de jurar que não ia fazer sexo com o namorado, uma coisa perfeitamente humilhante e que não cabe na cabeça de ninguém. Curiosamente, nunca pensei fazer pois há vinte anos atrás achava que isso seria preferível depois do casamento, ainda havia essa mentalidade. Ainda para mais, eu vinha aqui duma região menos urbana, aqui em Leiria, em Portugal a mentalidade era sexo só depois do casamento. Portanto aquela conversa nem fazia sentido na altura.

Mas os americanos eram muito à frente já na época e para haver relacionamento entre namorado e namorada o sexo era inevitável. Eles lá perceberam que eu não estava para aí virada, não tinha essas preocupações, apenas queria poder conviver com o meu namorado, que também era meu amigo. Uma vez que estávamos a quatro horas não dava para termos uma relação de dia-a-dia, então tinha que aproveitar de vez em quando aos fins de semana. Depois convidaram-me, a família do meu namorado, para ir passar o fim de semana a Ohio, que era a cidade onde ele estava a estudar Belas Artes. O meu pai disse logo que sim, a minha mãe também, embora sempre fazendo aquelas confusões, a minha irmã do meio, a Rhonda de 17 anos, a mais forte, fazia sempre aquelas coisas e que ia sair de casa e fazer sexo com alguém se eu fosse passar o fim de semana fora com o meu namorado, quando eu até ia acompanhada com os pais dele.

O fim de semana correu muito bem, deram-me oportunidade de conhecer mais uma zona. No regresso houve um acidente e eu pedi aos pais do Mark que avisassem os meus pais porque tinha medo da reacção da minha mãe, porque ia chegar depois da hora que estava estipulada que era às dez. Então ligou-se a avisar. Quando cheguei lá para a meia-noite, também não foi um atraso assim tão grande, a minha mãe ralhou logo comigo como se eu tivesse feito uma coisa gravíssima sabendo que tinha havido um acidente – tinha ouvido até a explicação por parte dos pais – e por causa disto estive de castigo uma semana, isto para mim não bateu a bota com a perdigota.

Tive uma relação muito grande foi com os meus avós, que moravam logo ao lado e passei a ter uma relação mais próxima com eles, sendo que de dia passava mais na casa ao lado do que na casa dos meus pais, embora adorasse o meu pai e os meus outros irmãos. A minha mãe e a minha irmã do meio é que eram pessoas um bocado mais desequilibradas e mais complicadas de lidar.

Como era a escola? A sua organização?

O que mais apreciei foram as características e as condições físicas, o estilo descontraído dos professores com calções e sapatilhas e portanto gostei daquele estilo que era diferente daquele que havia cá que era muito mais formal.

Havia clubes para tudo, que era uma coisa que para mim era novidade, admirei o esforço que fizeram para me receber, a minha conselheira na escola foi uma bênção que caiu do céu porque sempre me acompanhou e foi extremamente importante para mim. Lá entrava-se às oito horas, havia dez minutos para acalmar ainda antes de começarmos as aulas e reuniam-nos todos juntos na cantina, logo às oito horas, e tínhamos dez minutos onde os alunos estavam todos sentados e tínhamos de ouvir, por altifalante o director da escola que nos desejava bom dia e nos explicava as normas de funcionamento da escola e comportamento para que não houvesse problemas. Isto era a recepção diária na escola, antes de irmos para as aulas. Gostei um bocado no início mas depois lembrava-me um bocado algumas das situações que não me parecem adequadas para quem é adolescentes. Às vezes tratam os jovens como se fossem miúdos. Havia aulas sempre, não havia interrupção, não podia haver falhas de professores, se houvessem falhas de professores, haviam os que eles chamam professores de substituição. Os alunos não podiam andar a circular nos corredores da escola e haviam aqueles que eram caixa-de-óculos, ou aqueles que não eram populares e que eram considerados os “freaks” estavam sempre nos corredores a controlar as saídas e as entradas para saber a que horas é que uma pessoa saiu duma aula, porque é que saiu e onde é que vai. Se vai à casa de banho fica registado, então dão uma margem de cinco minutos, se demorasse mais tinha de explicar porquê. Portanto essa questão das faltas era extremamente controlado, era completamente diferente de cá e eu sentia isso como pressão. Mas como eu não faltava e era muito assertiva, nunca tive problemas. A maioria almoçava na escola onde o almoço era normalmente pizza, hamburgeres e um pacotinho de leite e chocolate. Ficávamos livres a partir das duas da tarde, havendo depois actividades desportivas, as pessoas integravam-se em função daquelas actividades a que estavam inscritos ou dos clubes a que pertenciam.

Cabulava-se?

Não me lembro de haver... A única coisa que eu me lembro é que tinha que fazer tudo a lápis, não podia usar caneta. Lá está uma das coisas que para mim não é concebível para estudantes adolescentes, isso para mim é próprio de crianças, os alunos têm de usar lápis porque não sabem o que estão a fazer e se enganam frequentemente, agora para mim, os adolescentes... não fazia sentido não poderem usar lápis, não podia mesmo, era uma coisa fora de mim. Até os testes tinham de ser respondidos a lápis. Lembro-me de algumas situações engraçadas, mas tinha mais a ver com a questão da língua. Uma vez numa aula pedi uma “rubber”, que em inglês de Inglaterra significa borracha mas nos estados unidos significa “preservativo”. Quando pedi toda a gente olhou e o professor perguntou-me se eu tinha a certeza que era mesmo aquilo que eu queria mas já num tom um bocado altivo. Eu disse que sim, que era mesmo aquilo que eu queria, e porquê, eu precisava de uma borracha. Mas para eles eu estava a dizer que precisava de um preservativo e qual é que era o problema, é evidente que eu fui enviada ao director da escola. O professor ficou chocado porque até gostava de mim, considerava-me uma pessoa impecável. O director de imediato percebeu que aquilo era um choque cultural e que havia ali uma confusão de linguagem e quando eu saci do meu dicionário inglês-inglês, eles perceberam que eu tinham razão e que eu queria uma borracha e que eu estava a falar inglês de Inglaterra e não dos Estados Unidos da América, e aí fartou-se de rir.

Um outro choque que eu obtive foi relativamente à roupa de cama e às expressões ligadas à cama. Mal cheguei eu precisei de uma almofada porque não havia almofada no quarto. E então queria explicar que precisava de uma almofada mas não sabia explicar-me porque eu não sabia inglês e então a minha mãe percebeu, por causa dos gestos, que eu queria uma “pillow” e aquilo a mim soava-me a “pila” e eu disse “não, obrigadinho, não é preciso.” No dia seguinte tinha uma dor de costas e de pescoço que era qualquer coisa. E perguntou se eu tinha dormido bem, e eu “sim, mas falta-me ali qualquer coisa” “pillow?” “Não, não é preciso!” e andei três dias nesta história. Entretanto eu perguntei o que era aquilo e pedi-lhe para mostrar o que era a “pillow” e ela lá foi buscar a almofada e “Eh pá, é mesmo disto que eu preciso!” E pronto, e ficámos nisso, ao fim de três dias lá consegui dormir normalmente até ao final da minha experiência.

A moralidade dos americanos é um pouco contraditória, digamos... Os adolescentes têm horários rígidos e não podem ter sexo, mas quando saem à noite, na noite do “graduation day” podem fazer tudo aquilo que querem, podem aparecer em casa só passado dois dias, podem fazer o sexo que querem que ninguém lhes pergunta coisa nenhuma. De um dia para o outro, ou passado umas horinhas, e só porque fizeram a graduação passam a ser adultos a quem ninguém tem o direito de dizer nada. Para mim isto não bate certo. Cá, saía com amigos e havia uma relação de confiança, sentia-me bem entre os meus pares, confiava-se aqui muito nos jovens, não havia esta preocupação frequente se eu sair com um rapaz “Vais fazer sexo?!” nem esse tipo de pergunta, cá não se fazia, as pessoas não andavam com essa tensão sobre os jovens, com essa pressão, as pessoas confiavam nos seus filhos e quando não confiavam é porque havia realmente motivos para não confiar. Ao contrário, isso nem sequer fazia sentido nenhum. Mas lá, esse tipo de pressão era sistemática e era uma conversa de “chacha”.

Havia muita campanha de “tudo pela Pátria”, são muito patriotas, talvez até nacionalistas. Na altura ir para o sistema militar era uma honra, era uma carreira que todos queriam ir, lembro-me até de uma vez que chegaram as campanhas para recrutamento e que foi a terra fria

dentro de uma sala de aula que da minha professora de inglês que demos de dar os parabéns ao fulano tal, não me recordo do nome dele, porque ele vai-se alistar na “army”. Ainda fiquei assim espantada porque é que aquilo estava a ser referido numa aula mas toda a gente se levantou a bater palmas, era uma homenagem que estávamos a fazer àquele que ia servir a pátria. Para nós vermos a carga que isto tinha.

Acho que os americanos eram pessoas muito formatadas, ao contrário do que inicialmente pensava. Fazia-se muito para ser do “cool”, isto dentro dos jovens, e no final das contas eram menos liberais e abertos pois faziam aquele tipo de pressão num rapaz, se tinha sexo, se não tinha sexo, até que horas saía, como é que bebia, como é que não bebia... Afinal muito abertos, mas muito fechados.

Como eram as relações com os polícias?

Os polícias não se metiam e os adolescentes só tinham medo deles se tivessem com álcool por perto. Acho que quem ia para a polícia até eram os jovens menos populares. Portanto os mais populares iam para as forças armadas e os menos populares iam para a polícia.

Um dia, estava lá nos EUA ainda há bem pouco tempo e estava com uma cerveja na mão e estava a beber, estava super tranquila, e nem me lembrei, nem me passava pela cabeça que não pudesse estar a beber com 18 anos uma cerveja, pois porque cá isso seria possível. De repente desapareceu tudo aos gritos, começa tudo a fugir cada um para o seu lado e surgiu um polícia, muito delicado, abordou-me e disse-me que eu não podia estar a beber e que estava longe dos critérios da lei americana. Na conversa, o polícia percebeu que eu era uma das estudantes AFS e percebeu que eu não estava a provocar e que não estava por dentro, e disseram-me que “Olha, não podes beber cerveja, não tens idade antes dos 21” e então os outros chegaram ao pé de mim, e fizeram uma grande festa, como se eu fosse uma grande heroína, porque tinha estado com uma cerveja e o polícia não me tinha feito nada.

Os jovens trabalhavam?

Sim, isso é uma característica que eu acho muito interessante na sociedade americana, os jovens, todos eles trabalham, depois todos eles arranjam maneira de ter carro e de pagar as suas despesas e etc. Acho isso tudo muito interessante e acho que é uma cultura que nós também devíamos ter aqui. Quase todos...e todos os andavam de carro, a partir dos 16 anos.

E quanto a religião? Qual era?

Nos EUA a questão da religião é difícil dizer qual é, penso que a maioria é da religião Católica, mas ali naquela zona acho que havia mais adeptos da religião Baptista. Os meus pais não eram praticantes nem muito religiosos, nem havia lá muito disso em casa. Chamou-me à atenção foi a forma como as pessoas iam vestidas para os casamentos todos com “papillon”, e roupas muito coloridas, e vestidos tipo de princesa e cores muito berrantes, nomeadamente cor-de-rosa choque, e coisas assim. Quer eles quer elas. Isso é que eu achei diferente nas cerimónias religiosas, que era o casamento.

Fala agora da família, nas relações, hábitos...

Era uma família que eu gostei bastante, tirando as duas pessoas que eu já falei, a mãe e a irmã do meio, que apesar de gostar delas, eram pessoas muito estranhas às vezes, não eram muito certas. Tanto eram muito simpáticas como eram umas bestas, passo a expressão.

Na festa de natal, por exemplo, deram-me muitas prendas, nem sabia o que é que havia de fazer com tanta prenda, mas era só para mostrar que havia dinheiro. Como é que eu cheguei a esta conclusão: porque muitas das prendas estavam desajustadas quer quanto ao tamanho quer ao facto de às vezes de não estarem completas em peças e portanto eu não podia utilizar aquilo de maneira alguma. Eu pedi então que se trocasse e então eles disseram que sim, que iam trocar. Passaram-se meses, passou-se o ano todo, nunca se trocou. Nunca se trocou nada, porque daquelas vinte ou trinta prendas que me deram era para ficar com duas, ponto final, o resto era só para abrir as prendas, um disparate. E depois devolvidas as prendas e recebiam o dinheiro. E eu fiquei sempre sem perceber o que raio é que se tinha passado.

Segundo os nossos padrões, era uma família de nível médio, pois todos tinham carro, nesse aspecto para cá era médio alto, mas para lá era nível médio. Porque lá é assim: os estudantes trabalham portanto arranjam carro, às vezes podem estar todos a cair aos bocados, mas todos têm carro. Mas depois não tinham dinheiro para coisas básicas.

E os filhos?

Eram 4 filhos.

O mais velho, que era o Rick, vivia no Alasca e estava a prestar serviço militar. Tinha sido recrutado pelo sistema de ensino, era o “herói” da família.

A Renné era independente e trabalhava. Era muito porreira e era uma pessoa muito compreensiva com uma mentalidade muito aberta, era a quem eu recorria muitas vezes quando me sentia um bocado “stressada” lá em casa e explicava as minhas angústias e ela entendia e servia de mediadora.

A Rhonda, que era a mais forte, que vivia directamente comigo e era aquela que me acompanhava à escola e que no fundo fiquei a perceber que queria receber uma estudante AFS para ser aceite pelos populares precisamente porque ela era forte, ela era diferente. Era um passaporte de aceitação na escola. Era uma pessoa frustrada, que não conseguia arranjar namorado e depois descarregava em cima de mim. E depois porque eu tive sucesso na escola aquilo ainda mais raiva lhe dava, embora não lhe guarde rancor, fez-me passar momentos difíceis, mas também tive momentos muito agradáveis com ela.

A mais nova era “cheerleader”, era muito bonita, era muito acarinhada por todos, era muito querida e por isso também era alvo desta inveja da irmã Rhonda. E então, esta mais nova, a Rachel, entendia-me bem, porque ela passava pelo mesmo.

Em relação à família em geral, o suporte financeiro da família era, basicamente os avós paternos, que eram descendentes de emigrantes italianos, e que investiam na bolsa, os tais que viviam ao lado e que eram maravilhosos. Para mim era como se fossem mesmo meus avós e quando fiquei a saber da perda deles, já estava cá, já era bastante mais velha, foi mesmo como se fosse uma perda real, de avós reais. Gostei muito deles e foram eles que me fizeram aguentar o ano. Já morreram, e portanto tive esse desgosto como se fossem avós verdadeiros.

Tinha cá em Portugal só um avô materno e a minha ligação com ele, infelizmente, não era tão forte como a que eu tinha com os avós de lá.

...contactas ainda com eles?

Mantenho o contacto, pouco, mas ainda vou mantendo o contacto, através do Facebook, nomeadamente agora está tudo à mostra. Mas já lá voltei depois dos vinte anos, a minha grande ligação é mesmo com a minha conselheira e com a sua família, alguns dos meus professores e alguns daqueles meus amigos “freaks”. Com eles é que eu tenho uma ligação mais forte.

Continua...sobre a vida em casa...

As refeições eram com todos à mesa e a comida era sempre a mesma: esparguete com almôndegas à italiana, carne cozida com puré de batata, hamburgueses, e um dia, sopa. Comparando com a comida de cá, meus Deus, credo! Aquela comida é gira mas ao fim de algum tempo era a roda e toca o mesmo. Era exactamente este o menu todas as semanas. Misturavam tudo, faziam verdadeiras saladas, faziam aliás muita variedade de saladas e muito boas e com muita gelatina. Que eu nunca tinha visto misturar gelatinas com alfaces e saladas. A comida deles era tipo “enfarta-brutos”; muitos refrigerantes, chocolates - engordei cerca de 11kg - sandes com pão tipo “panrico”, sempre, não havia cá pão doutro, manteiga de amendoim com fatura, com geleia, leite, muito leite, e depois havia uma sandes que eles faziam, que aquilo engorda que é uma coisa bestial que é “panrico” barrado com manteiga de amendoim com geleia. Aquilo é terrível.

Também comia cereais de manhã, ao pequeno almoço, e cá em casa estava habituada a fazer-se o pequeno almoço com pão, com sandes de fiambre ou queijo logo de manhã. Lá, só tinha direito ao pequeno almoço, porque ou almoçava na escola, ou, se não tivesse na escola, ninguém se preocupava com isso. Só depois só fazia era o jantar, que era aquele menu que eu estive a dizer. Durante o dia cada um que quisesse, que tivesse fome, que fosse fazer uma sandes, e era o que era. As crianças que a minha mãe tomava lá conta, à hora de almoço também era sandes, guloseimas e porcarias, não era uma alimentação saudável.

...e quanto a divisão de tarefas?

Cá em casa, em Portugal, havia divisão de tarefas e todos tinham que colaborar para o bem estar da família, o que significava também limpeza da casa, e a casa organizada.

Lá, desde que o meu quarto estivesse organizado, não tinha que me preocupar com mais nada, isso era tudo da responsabilidade da mãe, que era doméstica, e era assim que eles assumiam a coisa.

Cada um usava uma toalha por dia, não passavam roupa a ferro, na altura não estava habituada, achava aquilo sem jeito nenhum, hoje em dia faço a mesma coisa, não passo a roupa a ferro nem tenho paciência para isso.

Lembro-me da minha mãe me arranjar a roupa e de estarem todos sempre a verem TV por cabo. Portanto aquilo era: jantar e depois íamos ver TV. E aquilo era horas, a ver Tv. Eu cá não

conhecia a versão da TV por cabo - que cá não havia, lá já havia há uns 20 anos - e a comerem pipocas, chocolates e gelados. Por isso é que a malta engordava que era uma coisa estúpida.

Os meus pais tinham muito o hábito (descobri eu, que de vez em quando precisava de vir cá abaixo) de ver filmes porno.

E os afetos em casa?

Lá, todos se cumprimentavam afectuosamente, nomeadamente com beijos na boca, e isso é que me arrepiou, porque eu não estava nada habituada a isso e ao fim de algum tempo não consegui disfarçar e disse mesmo “Olhem, não me levem a mal, mas para mim isso é extremamente complicado beijar toda a gente na boca, não estou habituada e só faço isso com o namorado.” Beijos na cara, abraços, chi-coração, não tinha problemas. Por outro lado eram uma família que mostrava ascendência italiana porque discutiam muito, falavam muito alto, quando haviam discussões, pareciam coisas do arco da velha, que ia cair a casa toda, batiam as portas, faziam um escândalo. Mas quando estavam bem dispostos eram muito queridos entre eles. Eles eram de extremos. Eu é que como era (e sou) uma pessoa equilibrada, aquilo fazia-me um bocado de confusão.

Como eram os fins de semana?

Passava mais os fins de semana que lá estava com a família, mas sempre que pudesse estava era mais com os avós e dava voltas com os meus amigos, com outros AFS e com a minha conselheira AFS.

Havia aqueles churrascos...com vizinhos?

Havia o churrasco com a família, eu achava aquilo espetacular, com grandes saladas, com grandes salsichas, entrecosto, muita Coca-Cola, muito queijo derretido, era um espetáculo, era uma coisa muito engraçada, aqueles “barbecues” americanos. Também passava muitas tardes com a minha conselheira, ou até passava lá o fim de semana, às vezes, e foi através dela que contactei mais com a comunidade e com a cultura a sério, porque era uma pessoa muito ligada à cultura.

Como era o vestir?

Ao fim de 2 meses tive que mudar de roupa porque fiquei tão gorda que já não cabia dentro da roupa que tinha. Passei a vestir-me mesmo ao estilo americano, aquelas sapatilhas típicas deles, com meias típicas deles, com aquelas cores muito aguerridas, pronto, passei a ser uma autêntica americana na maneira de vestir. Porque como tive de comprar roupa, também não havia outro estilo, a não ser aquele, e eu achava piada àquilo.

Mas as roupas cá depois eram um bocadinho desajustadas, as que eu levei de cá para lá eram mais formais, cá vestia-se de forma mais formal, lá era muito mais à vontade e eu passei a vestir mais a de lá senão parecia mais uma “alien” do que outra coisa.

Discutias com eles assuntos?

Eu discutia assuntos de actualidade, mas depois via que os meus irmãos, a Rhonda, ou a mais nova, não tinham pedalada para acompanhar a conversa. Os meus pais gostavam de

acompanhar e a minha irmã mais velha também e os meus avós então, que eu estava à vontade porque tinham bagagem cultural.

O que sabiam sobre Portugal?

Pouco ou nada, pensavam que isto era uma província espanhola, e o facto de eu ter nascido em África, achavam que isto era uma coisa fora do comum, que eu vinha lá de outro mundo.

As notícias? Eram nacionais ou internacionais?

As notícias eram locais ou nacionais, raramente internacionais.

Agora, sobre a cidade... Como eram as pessoas?

Eu não vivia na cidade, a que havia mais perto de mim era Rodchester, são cidades muito bem organizadas, com zonas verdes, com edifícios altos, tem uma zona de prédios e uma zona de moradias, são cidades bonitas. A paisagem é lindíssima. As vilas já não são tão bonitas, a não ser aquelas mais pitorescas, mas aquelas mais comuns, como aquela em que eu vivia não era feia, mas n era particularmente bonita, era agradável.

...sobre drogas?

Sabia que havia, e chegaram-me a oferecer, mas eu disse que não queria e nunca consumi.

E quanto a voluntariado?

Na minha família não havia voluntariado, não se fazia isso. Com a minha conselheira eu estava muito ligada aos Rotários e havia uma intensa actividade com os Rotários e com os bombeiros, quer com os mini-grupos das comunidades que faziam tertúlias e eu participava em todas as que me chamassem.

Havia emigrantes?

Não havia muitos.

Alguma coisa que te lembres...?

Apesar de haver aspectos que me custaram na minha adaptação que foi o choque com a minha mãe americana e com a minha irmã, gostei muito delas, gostei muito da família, e ainda bem que tive esta experiência, adorei os meus avós. Acho que os americanos são pessoas extraordinárias, mas é uma cidade de contrastes. Existe gente fantástica com valores maravilhosos e que dão tudo como existe gente extremamente preconceituosa e invejosa e que depois chegam a ser um bocado severos por causa disso. Estes contrastes existem muito e verificam-se na cultura americana e passam muito pela escola, que é um reflexo dessa sociedade. Não é fácil ser-se jovem e não estar integrado dentro dos padrões dos ditos “populares”. Por outro lado, aquilo que eu mais me lembro, e que me ficou para sempre na memória foi que me fartei de viajar, fui convidada várias vezes a passar fins de semana fora pela minha conselheira aquele fim de semana a viajar com os pais do meu namorado, fora da minha terrinha e também com as viagens que fiz integrada na intercultura durante quinze dias estive a viajar de autocarro por uma boa parte dos estados unidos e passei por treze zonas

diferentes, o que é muito. A minha festa de graduação, achei muito giro, porque era diferente, lembro-me muito bem, porque era diferente, lembro-me muito bem da oferta de graduação feita pelos meus avós, que me ofereceram cinco dias em NY com as minhas irmãs e a minha mãe.

Na escola recebi prémios de excelência a nível de envolvimento com a comunidade, “Academic achievement” e “Art”.

Questões Posteriores (Respondidas Por e-mail)

Onde era mais fácil a matéria escolar?

A matéria escolar, não achei difícil. Acho que o nosso sistema era bem mais puxado.

Houve “prom-party”?

Sim!

Havia muitas festas na escola?

Não muitas.

Idade dos irmãos de lá, na altura?

14, 17, 21 e 23 (se não estou em erro).

O irmão mais velho costumava estar lá em casa?

Não vivia lá em casa mas passava por lá em visita.

Como foram o “Halloween”, Ação de Graças, outras?

Foi muito giro. No Halloween, mascarei-me juntamente com um grupo de amigos da minha irmã de 17 anos (que era a que estava comigo na escola) e fomos todas brincar ao Halloween na rua, batendo às portas a pedir guloseimas (como se faz aqui com o dia do Bolinho). Na Ação de Graças a família juntou-se toda para jantar peru. Foram festas muito agradáveis.

Os professores eram colaborativos?

Muito colaborativos. Sempre disponíveis e tinha uma que me ajudava muito e que era a minha professora de “Reading” e, simultaneamente, minha conselheira AFS.

Costumavam comer fora?

Não. A comer fora só no MacDonalds.

Era uma sociedade rica ou pobre?

Nem rica nem pobre.

Como era a igualdade de género?

Havia um tratamento igual para homem e mulher.

As pessoas eram consumistas?

Muito.

Como era a estrutura da vila? Bem organizada? Tipo de urbanização?

Era uma pequena vila, com uma rua principal (bem comprida) onde se situava um ou outro café/restaurante, bombeiros, loja de conveniência, cabeleireira, bombeiros, etc. Dessa rua saía uma perpendicular que ia dar à escola. Tudo casas de R/C ou R/C e 1.º andar com relva (umas muito bonitas e outras descuidadas e velhas).

Como era habitualmente o clima?

Muito frio e neve no inverno (27°C negativos) e quente no verão.

Havia “curfew”?

Não sei se sei o que é. É recolher obrigatório? Não havia recolher obrigatório mas a partir das 21h não havia quase ninguém na rua, à exceção do FDS e mesmo assim, muito pouco a partir dessa hora.

Havia jornal local?

Não tenho ideia.

Foi experiência positiva ou negativa, no geral?

Foi EXCELENTE!

5.2 - AB

Fez o programa em 1989/1990

Professora de Inglês

Tirou o curso de Tradutor/Intérprete e de Professora do Ensino Básico

Pai – Falecido (quando tinha 7 anos)

Mãe – 40 anos,

.....

Como é que resolveste fazer o programa? E porquê os Estados Unidos?

Escolhi os EUA porque os meus primos já tinham ido e tinha “feed-back” positivo.

Além disso ser longe, do outro lado do mar, também ajudou. Com 18 anos isso era importante. Como achava que era mais fácil ir para a Europa do que para os EUA , então fui para os EUA.

Onde é que moravas quando foste fazer o programa? Vivias numa moradia? Como era a mobília?

Vivia num bairro periférico [de Leiria], num apartamento T3. A mobília era simples, era moderna mas era simples, vivíamos num prédio num rés do chão, sem jardim, com a minha avó, a minha e os meus dois irmãos. Como éramos tantos partilhava o quarto com a mãe, os meus irmãos dormiam no mesmo quarto e a minha avó tinha um quarto só para ela. Não éramos abastados, vivíamos com dificuldades.

Cá, onde estudaste? Era uma escola grande ou pequena?

Estudei na E.S. F. Rodrigues Lobo, em Leiria., que era uma escola grande, uma das mais conhecidas de Leiria

E lá, onde é que vivias?

Lá vivia em Cedarburg, que era a cerca de 20 minutos de Milwaukee, que era a maior cidade dos Estados Unidos, que era uma pequena cidade, pacata, simples, não chegava a 40 000 habitantes, uma cidadezinha pequena muito simpática.

A tua família de lá? Como era? Que idade é que tinham?

A família era grande; a mãe tinha 36 e o pai 38 anos.

Tinham 5 filhos, 2 raparigas e 3 rapazes: O Max com 3, a Elena com 5 o Alex com 7, o Everet com 9 e a Amy, de 13. Era uma família simples, relativamente culta, mas não viviam com muito dinheiro. Partilhávamos quartos, eu e a Amy partilhávamos um, o Everet e o Alex outro, A Elena e o Max dormiam na sala (o quarto das traseiras estava em obras)

O que é que os pais faziam?

O pai era arquiteto tinha uma sociedade com um amigo, tinha um gabinete já conceituado, tinham feito algumas obras mesmo na Europa. A mãe era professora mas não exercia; fazia

“home-school” com os seus filhos (os 3 mais novos). Ela estava muito envolvida em atividades humanitárias. Entre a escola dos filhos e as atividades humanitárias era assim que ela vivia.

Era muito engraçado porque eles eram duma religião que eu nunca tinha ouvido falar, a religião Bahai, muito engraçada, eram muito ligados à religião. Era uma religião que não tinha fanáticos. Eram muito contra isso; o chefe da religião tinha sido alguém expulso do Irão; eles estavam ligados ao Corão mas tinham alguns princípios cristãos. Eles não eram nem acreditavam no fanatismo, mas eram bastante religiosos.

Eles encontravam-se de x em x tempo, não era uma missa mas reuniam-se em casa uns dos outros, faziam leituras, faziam sempre um lanche após isso, ...depois mais alargado faziam de mês a mês ou de dois em dois meses a “Feast”, que era o encontro de várias famílias já num espaço maior. Eu fui várias vezes, a pedido meu; foi-me explicado mas nunca me pediram para ir; eu não ia a todas. Uma vez ficava outras vezes íamos todos; era uma reunião entre amigos. Depois eu ficava a ver televisão enquanto eles conversavam.

Tive também contacto com outras religiões, aliás sabiam que eu era católica, explicaram-me onde era a igreja, eu cheguei a ir... Depois fui a uma atividade muito engraçada com judeus (era uma comunidade com muitos judeus). A própria AFS local organizou uma atividade com judeus, a explicar o que era o judaísmo. Estudantes com irmãos AFS iam jantar a casa duma família, numa sexta feira à noite. Explicavam o que era o “Sábat”, comíamos a refeição típica do “Sábat”, no final íamos à Sinagoga, mas não eram ortodoxos. Eram muitos estudantes. No fim fizemos perguntas ao Rabit e no fim mais um “comes e bebes”. Também tive contacto mais direto com a religião Batista, esses eram um bocadinho mais fanáticos, levantavam-se e gritavam ...aquilo assustou-me... isso já no final, quando fizemos uma viagem , o “bus-trip”, até NY, e dormimos em duas famílias. Uma delas era Batista e levaram-me com eles à cerimónia deles.

Havia muitos AFS?

Havia. Na minha escola havia dois, mas havia mais de outros programas. Na área havia mais e encontrávamo-nos em atividades. Havia muitos...

Falaste nas várias religiões...como eram as festas religiosas? O Natal?

Era diferente, a religião Bahai não celebra o Natal mas a minha mãe já tinha sido católica: a família do meu pai era toda Bahai mas celebrámos em Madison, em casa dos avós maternos. Era encarada como uma festa de família pelos meus pais. Trocámos presentes participaram, mas mais como festa de família.

Eles celebravam o natal deles, foi-me explicado, em Fevereiro, o “Ayyam-i-Ha”, onde trocavam também prendas. Eu recebi prendas em ambos.

Houve outra festa que eu gostei muito, o “Thanks Given Day”, que em Portugal não se celebra, mas nos Estados Unidos tem uma grande importância, e nós celebrámos com a família do meu pai, em casa da irmã, numa casa cheia. É um dia mesmo muito importante, em família.

Foram as duas festas que me marcaram mais.

Como passavas o tempo?

Era difícil...eu tinha 18 anos e a minha irmã 13...Eu era tímida e não fazia amigos com facilidade. Os meus pais lidavam com casais com filhos pequenos; eu só via à minha volta crianças. Não havia muitos da minha idade...Havia alguns, na escola, mas eu não era uma pessoa muito dada, não saía assim muito. Depois a meio do ano, depois de fazer mais amizade com a minha amiga do Japão, e de ajudá-la a mudar de família, íamos muito a atividades na escola, apoiando-nos uma à outra. Não fizemos assim tantos amigos...

Mas...além de ver televisão e ler uma coisa que me ajudou muito foi o “baby-siting”.

Como precisava de dinheiro, fiz com filhos de casais amigos.

Um deles até me levou nas férias em Abril à Flórida (tinham duas filhas) em que não me deixaram pagar nada a não ser a entrada na “Disneyworld”! Foi uma história fantástica, eu a tomar conta das meninas.

Além do “baby-siting” e também fiz outra coisa: a minha irmã lavava a loiça no escritório do meu pai, e eu comecei a ir; o dinheiro recebido passou a ser dividido. No início a minha irmã achou injusto, mas depois lidámos bem com isso.

Como era a casa lá? A mobília?

Eles viviam numa vivenda com rés do chão e primeiro andar; o 1º andar estava alugado a outra família. Havia o quarto dos meus pais. Tinham um quarto em obras e uma casa de banho. Tinha uma sala comum e tinha mais dois quartos e uma casa de banho...Portanto nós éramos 8 a utilizar uma casa de banho.

Tinha um quintalzinho e uma divisão onde nunca entrei. Era uma cadeira em madeira (como todas lá), que me fazia confusão (batia na parede para ver se era pedra...). Era uma casa simples, a minha cá era menos.

Eles não tinham o hábito de ver televisão e foi um conflito no início, pois eu estava a habituada a ver e não tinha muito que fazer... depois lá se arranjou uma televisão para o meu quarto; acabámos por resolver mas foi complicado.

Outro conflito foi a casa de banho! Uma miúda de 18 anos é capaz de passar bastante tempo na casa de banho; eles eram 8 e eu demorava, até porque não tinha espelho no quarto...Depois arranjam espelho e ficou melhor.

Havia pequenos conflitos com a minha irmã de 14. Não eram conflitos mas era porque ela dizia à mãe quando ficava triste, a mãe vinha-me dizer e depois as coisas resolviam-se.

Como era a comunidade em relação a essa comunidade religiosa?

Eram amigos, eram unidos... Eles conheciam-se todos e ainda hoje, passados tantos anos ainda mantenho contactos com alguns deles.

...mas pergunto...da comunidade em geral em relação à comunidade religiosa...

Não...não havia...nos estados unidos não há essa coisa de tu és dessa religião eu sou doutra...Portanto...estavam perfeitamente integrados.

Como eram os cumprimentos na família?

Eles eram muito carinhosos. Foi muito giro porque ...eu troquei duas cartas com eles antes de ir (eu fui das primeiras a ser colocada, disse que gostava muito de crianças, por isso a primeira família com crianças foi para mim) e disse-lhes que aqui eram dois beijinhos. Mas eles eram muito afetivos. A minha mãe vinha dar-me dois beijinhos. Os avós também eram com beijinhos. A mim sempre me trataram muito bem e eles eram todos muito afetivos. Eles são mais de se abraçar que dar beijinhos, como nós.

Houve uma situação muito engraçada...duas... apercebi-me que um beijo nos lábios é sinal de muita afetividade. Eles faziam comigo e depois deixaram de o fazer mas uma vez a minha mãe com um casal amigo vizinho beijou nos lábios ao marido e eu “não acredito!”, e foi complicado para digerir, até porque não disse a ninguém. Depois acabei por me aperceber que era uma forma muito carinhosa de as pessoas se tratarem. Era assim que eu vivia, numa comunidade muito carinhosa.

Como era a família, economicamente?

Não viviam com muito dinheiro, não! Via-se que faziam alguma “ginástica”; só o pai é que trabalhava

...em relação a cá...

Não percebi bem...mas era mais ou menos o mesmo nível económico que nós cá.

Ainda contactas com eles?

Sim, com os meus amigos, com os meus pais....

Como eram as refeições?

Eram diferentes! Não se bebia água, só se bebia sumo e aquilo fazia-me impressão.

A minha mãe não gostava de cozinhar... volta e meia havia uma taça de legumes...mas eram coisas congeladas: pizza, pão com queijo...De vez em quando uma coisa diferente... Uma taça de legumes crus, com bife...era a coisa mais saudável que comíamos.

...o pequeno almoço...

O pequeno almoço cereais, pão, leite e aos fins de semana eram “french-toast” (muito boas). Na escola...ninguém almoça fora da escola (está-se lá de manhã até à tarde e ninguém sai). Almoçar em casa é inconcebível; cá fazemos mas lá não.

Havia dois sítios: um refeitório, com quentes, e um “salad-bar”, uma sala maior onde se podia comer à base de salada ou o que se levava de casa (o que fiz muitas vezes)

...foste ao refeitório muitas vezes?

...agora reconheço que se fosse menos tímida tinha feito mais amigos... como o “salad-bar” era maior eu podia estar no meu cantinho

O jantar era com todos à mesa, sopa e taça de legumes, pizza,... o que desse menos trabalho.

Cozinhas lá?

Cozinhei! Pouco mas cozinhei. Fiz uns rissóis e frango na caçarola, fiz umas duas ou três coisas...e gostaram. Era difícil os pesos e as medidas, porque não havia. ...Fiz menos porque não cozinham...

Fala agora da escola. Como era a organização do currículo?

Era assim: eles têm umas disciplinas que são divididas...Por exemplo matemática, cá era global e lá eles compartimentam; nestas eu tinha que ter uma. Na área dos estudos sociais eu tinha que ter uma...eu não eles. Eu como tinha o 12º feito eles foram muito flexíveis; eu escolhi mesmo o que quis. Tive Espanhol, Francês, Costura, coisas muito práticas, Escultura... Tive Teclado, “K-boarding” onde aprendi a escrever sem olhar para o teclado (hoje as pessoas ficam espantadas como eu escrevo sem olhar, depressa e com os 10 dedos), tive “Advanced History”, que era pré-universitário, conflitos do Séc XX, que gostei mesmo muito (conflitos mundiais, em que se tinha de ler um livro para cada tema...aprendi muito!), era mais como é aqui, um bocado mais puxado. Tive Psicologia, que era completamente diferente daqui! Nós simulávamos situações do dia a dia, do género casal com filhos, fomos visitar um hospital de doentes mentais,... foi muito engraçado. Tínhamos situações reais e depois discutíamos como é que reagimos e como nos sentíamos.

Achas que as escolas eram todas como a tua?

Não! ...Era a maioria branca, tinha hispânicos e tinha um negro. Eu estive em mais duas escolas, completamente diferentes. Uma delas, em que passámos o dia inteiro numa atividade, uma escola no centro de Milwaukee, onde havia todo o tipo de pessoas, das classes mais baixas. Vi uma coisa que me chocou; vejo grades, durante as aulas, e polícias armados! Em cada corredor, para o átrio, tinha grades e polícias armados, infantário para filhos de alunas. Depois estive noutra, nessa estive mais tempo...Eu estava num meio duma periferia de Milwaukee (apesar de ser a 20 minutos de carro pertencia à cidade) onde tudo era mais simples, onde não havia tanta criminalidade, mas essas tinham menos coisas que as da minha zona. Foi muito giro, vivemos uma semana numa família: foi giro, durante muito tempo ainda contactámos, eles tinham um brasileiro. Havia lá uns 7 AFS, da minha zona eram uns outros 7 e juntámo-nos todos na semana; foi uma festa. Foi muito giro e foi aí que aprendi porque é que iam pôr sal no chão, na rua.

Havia grupos na escola?

Sim, havia os populares, os desportistas, havia vários grupinhos, mas parece-me que se davam bem. Eu não dei por isso...

Foi difícil para mim integrar-me, porque não havia turmas. As turmas organizam-se de outra maneira: Com era, com em Psicologia, por exemplo, depois mudavam. Se não arranjávamos um bocadinho para estarmos juntos então... Havia os clubes!...havia uma rapariga que tenho pena de só sermos amigas no fim...

Eu ia com algumas expectativas, estava à espera de ser recebida doutra forma (como nós aqui com os estrangeiros)! Vai acabar por ser mais fácil por ser estrangeiro...mas comigo não. Só

percebiam se eu usava uma roupa diferente, e os óculos... Lá usava-se os óculos chamados de borboleta, grandes e feios, e eu na altura usava uns diferentes, mais pequenos, mais redondinhos, mais elegantes, em que eles reparavam. Mas fora isso as pessoas só se apercebiam que era estrangeira quando eu abria a boca, e aí ficavam admirados de ter alguém estrangeiro na escola deles...mas de resto não...E eu como era caladita

A que clubes é que pertenceste?

Pertenci ao clube AFS e ao clube de drama, de que saí. Mas saíamos e encontrávamo-nos. Uma das minhas professoras preferidas era a que dinamizava o clube AFS, era uma professora de artes, ...e acabou por ajudar.

Como eram as aulas?

Diferente, muito diferente daqui! As pessoas estavam muito mais à vontade, aqui eram muito mais rígidas. Havia daquelas que cadeiras que têm um tabuleiro que se move... As pessoas dormiam nas aulas (aqui; pelo menos há 20 anos era inconcebível)! Outra coisa é que não davam apontamentos, era tudo nos livros.

Os testes eram de cruz, de vez em quando fazia-se um ou outro trabalhito,... portanto eu achava que não era tão exigente como em Portugal

E sobre cabular?

Ah, era inconcebível. Eu lembro-me de uma cena ...eu tinha alguma dificuldade em “apanhar tudo”, era em inglês, não era! Às vezes olhava para os colegas para ver se ele me dava alguma informação; eles punham logo o braço em cima, a tapar. Havia também o facto de na disciplinas de História, eu naquilo “dava cartas” e professor punha-me muitas vezes a falar para a turma. E aquilo nem sempre era bem recebido

Na escola havia festas?

Havia. Havia alguns, até porque começavam as aulas muito cedo, começava às 7 e um quarto...não eram bem aulas...chamava-se “home-room”, íamos para lá com um professor. Uns dormiam outros faziam os trabalhos de casa, outros estudavam... Eu acho que era sobretudo para não se chegar atrasado...

Festas...havia dias especiais, como o dia do “donnut”, em que era giro e andavam a vender “donnuts”, havia os jogos.

Havia a “Prom-party” e a “Home-party” mas não fui pois não tinha “date”, pois não se fazia nada sem “date”, e nem outra onde eram as raparigas a convidar os rapazes. O único que eu convidei, era um amigo meu que era espanhol, e já tinha sido convidado...

Como eram os outros eventos? O “Haloween”, por exemplo?

O Haloween foi comemorado na escola, em que tudo foi vestido...Na minha comunidade foram os pequeninos mas não foi à noite, porque achavam que era inseguro para as crianças.

Eu lembro-me de ir com os meus irmãos, pequeninos, em se sentavam à porta a dar doces às crianças... Foi assim que eu celebrei.

Depois foi o “Thanks Giving” a seguir, depois houve o Natal, depois houve a passagem de ano. Foi giro. Fui na casa de duas AFS brasileiros que tinha conhecido no campo de chegada. Eles organizaram uma passagem de ano latina. Eu era a única europeia, havia a minha amiga venezuelana, da América latina, algumas americanas que tinham lá estado [na América latina como AFS] e lembro-me de uma que ia para Espanha, com quem falei sobre Espanha.

Depois houve...

Houve o “Ayyam-i-Ha”, que é o Natal da religião Bahai.

Havia o “Feast”... Que mais...

...E fui a um encontro, não me lembro como soube, que não tinha a ver com a AFS “World Affairs Conference”. Eu lembro-me que foi aí que tive consciência do problema de Timor, Indonésia...aprendi muita coisa... Eram os jovens até mais ou menos aos 18, e fomos para uma universidade em Whitewater, no Wisconsin, éramos milhares de estudantes, entre americanos e estrangeiros, eu era a única portuguesa. Penso que foi uma semana inteira, em que dormíamos no campo universitário e debatiam-se assuntos mundiais, havia, seminários...Foi engraçado. E foi a primeira vez que ouvi estudantes de Timor e Indonésia falar sobre os seus países. Foi muito interessante. Foi aí que fiz os meus grandes amigos brasileiros.

Uma semana depois de eu chegar fui ao casamento da irmã do meu pai.

Como era um fim de semana típico?

Um fim de semana típico era passar os sábados de manhã a ir ver os irmãos a fazer desporto (temporada de verão e temporada de inverno, com desportos diferentes) Eles jogavam basebol e futebol. À noite ia a casa de amigos.

Domingos de manhã a minha mãe fazia o “Sunday-school” na minha casa. As crianças da comunidade organizavam-se por idades e cada idade ia para casa de uma mãe. Era em casa, ou a sair ou a fazer compras.

Na cidade havia “curfew”?

Não tenho ideia... Eu na casa era a [filha] mais velha e foi uma experiência para mim mas também foi para a família; eles nunca tinham lidado com uma adolescente. Eu também era muito certinha,...nunca houve castigos nem nada.

Como era a vida dos jovens em geral?

A maioria tinha “part-time”, depois da escola ou ao fim de semana. Encontravam-se na casa uns dos outros. Eu lembro-me que no início convidavam-me, mas era preciso beber, o objetivo eram embebedarem-se...

...havia as festas s/d/a?

Havia, mas é assim: a maioria das festas onde estive eram festas AFS, nós não...tudo isso me chocava. De vez em quando havia um casal a sair e era um bocado complicado para nós porque não estávamos habituados a isso, mas não eram assim.

Lembro-me que nas primeiras festas iam levar-me a casa e depois quando estavam todos a beber eu dizia: ou páras de beber para me lewares a casa ou telefono aos meus pais. Nunca mais fui convidada.

Os jovens tomavam drogas?

Nunca me apercebi disso, e as bebedeiras eram pontuais. Fui muitas vezes jogar “bowling” ...é assim, não saía muito mas saía. Fui muitas vezes jogar, era uma espécie de discoteca com chão de madeira em que se andava de patins.

O que sabiam sobre Portugal, as pessoas?

Nada! Fizeram-me as perguntas mais estranhas (foi há 24 anos). Os meus pais tentaram aprender e tinham um mapa, com a divisão entre Portugal e Espanha. Lisboa pertencia a Espanha e no Brasil falava-se português. Mas os meus pais tentaram mesmo saber algumas coisas. Quando eu me vestia um pouco mais cuidada ficavam admirados a pensar que eu vinha dum país atrasado...perguntaram-me se tínhamos máquina de lavar, tv a cores, esse tipo de coisas...

Eu levei muita coisa sobre Portugal e tudo o que dava de prendinhas eram coisas que tinha levado de Portugal... e era convidada para falar sobre o meu país, e aí era a coisa melhor, eu aí perdia a vergonha toda e falei em vários sítios, não só na escola, em que mostrava os “slides” da minha cidade, levei e expliquei sobre a minha bandeira, ...faziam muitas perguntas e eu aí acho que desmistificava aquela coisa de Portugal ser do 3º mundo. Eu adorava falar sobre o meu país.

5.3 - AG

Fez o programa em 1992/1993

Desempregado

Tirou o curso de Jornalismo

Pai – 48 anos, Médico

Mãe – 48 anos, Psicóloga

.....

Como é que resolveste fazer o programa? E porquê os Estados Unidos?

A minha já irmã já tinha feito lá o programa nos Estados Unidos e convenceu o meu pai a deixar-me ir e era um sítio que sempre quis visitar.

Onde é que moravas quando foste fazer o programa? Vivias numa moradia? Como era a mobília?

Vivia no Lumiar, num apartamento, com os meus pais e a minha irmã. Em termos de mobília era tradicional, clássica... antiga

Qual a profissão dos teus pais? Que idade tinham?

O meu pai é médico e a minha mãe é psicóloga...e na altura tinham uns 48 anos

Que idade tinha a tua irmã?

É mais velha que eu...portanto na altura tinha 21 anos

E lá, como é que, onde é que vivias?

Vivi sempre em moradia, na Califórnia. Com a primeira família foi em Huntington Beach que é uma cidade nos subúrbios de Los Angeles e depois em Patterson, que fica no centro da Califórnia

Eram cidades grandes?

... Huntington Beach, tinha cerca de 150000 habitantes...Patterson era mais pequena, tinha uns 10000 habitantes

Cá, onde estudaste? Era uma escola grande ou pequena?

Foi aqui na Secundária do Lumiar...era...é uma escola grande

E lá, nos EUA?

Uma coisa que me chamou a atenção nos Estados Unidos foram as hierarquias na escola!... Lá a forma de tratar alguém por “tu”, ou seja...tratam por igual... que é bem diferente de cá!

Os professores lá não têm tanto distanciamento e só em ocasiões especiais é que havia mais formalidade... por exemplo, mesmo quando se questionava a polícia havia mais informalidade,

Os polícias eram informais?

.....Não eram informais mas eram mais acessíveis...ao mesmo tempo eram mais distantes, duma certa forma.

Como era o sítio onde vivias? E as casas? A mobília da tua casa como era?

Vivia num bairro mais ou menos com classe; a casa era maior do que cá. Aliás, quando voltei e entrei em casa disse à minha mãe “parecia que a casa cá tinha encolhido!”

Nas duas casas a mobília lá era melhor que a de cá, mais funcional , mais moderna, linhas mais direitas...Em relação a tralha, “tralha acumulada” é igual, talvez lá mais...

As pessoas lá organizavam por exemplo vendas de bairro... que até participei nelas...para vender tralha... porque as pessoas lá são muito consumistas, compram muito mais coisas do que cá.

A família de lá como é que era?

Eu mudei de família ao fim de 5 meses. Na primeira os meus pais eram advogados,... pelos 40 anos e tinha um irmão com 18 anos.

Depois fui para uma família em que era apenas um pai solteiro, era professor de biologia...e vivíamos apenas os dois

Economicamente como eram as famílias?

As duas tinham melhor nível económico que os meus pais cá.

Como eram os afetos lá? Compara com cá...

Cá cumprimentávamo-nos normalmente, com abraços e beijos...lá era diferente!

Lá, entre homens não havia contato...não me lembro de abraçar um amigo...

Com a minha mãe americana, quando lá cheguei dei-lhe dois beijos e ela ficou chocada...Depois disse-me que tinha gostado... mas ao mesmo tempo era estranho...ela beijava muito raramente o filho... mas nos lábios.

Com as pessoas senti mais uma distância de segurança... não me incomodou...também era o que acontecia cá...não foi muito diferente.

Senti, sim, foi uma distância entre homens, distância homem – homem!

Mas onde senti mais diferença, foi na atitude das raparigas, nas duas escolas...

Como eram as escolas? Eram grandes?

Não...a 1ª devia ter uns 2000 alunos...mas a 2ª só tinha uns 500...

...lá elas tinham muito mais iniciativa a aproximar-se dum rapaz... e também a afastar-se!...Diziam “na cara” o que pensavam, ao contrário das de cá, que só davam a entender...Tive que me habituar a ser o centro das atenções...

...pela situação particular em que estava...

...Não havia mais AFS?

Só na 2ª escola: um brasileiro, de quem fui amigo, e uma suíça.

...Lá as pessoas confiam mais na palavra umas das outras; são mais otimistas, acreditam mais nas boas intenções dos outros.

E quanto a voluntariado? Como eram as pessoas?

Eu fiquei impressionado com o voluntarismo das pessoas! ...E a sua organização para fazerem atividades cívicas! Por exemplo...lembro-me de terem feito um grupo para ir apanhar lixo junto à auto-estrada!

Cá, uma vez um professor contou-me que no prédio onde vivia propôs juntar todos para manterem os logradouros do prédio limpos – e foi...e ignoraram-no!

...Lá... estar sozinho...estar sozinho. é um “hobby”; 2 pessoas juntas, e tens um amigo; 3 pessoas fazem uma associação!

E os teus pais? Cá e lá...

Lá o meu primeiro pai pertencia a uma associação do tipo dos “Lyons”; o segundo era o coordenador local da AFS... na escola organizava de tudo e “estava em todas”.

Os meus pais de cá não faziam nada.

Lá, como era o dia a dia em família?

Na 1ª família via-se muita televisão! Jantava-se lá pelas sete, mas nem todos à mesa; às vezes íamos para o sofá...e às vezes depois discutiam-se assuntos.

Na 2ª família o meu pai não cozinhava e nem comia nada ao jantar!

...Tive que aprender a desenrascar-me, cozinhar, a desenrascar-me! Cá é, era coisa que nunca fazia!

Também tive também que me habituar a ajudar na limpeza da casa

E a alimentação?

Tanto cá como as de lá acho que eram típicas dos países...

Lá comia bastante menos do que cá...mesmo assim engordei!.

O almoço eram sandes e passava vida a “comer porcarias (bolachas, batatas fritas,...)”. Não me lembro de ter comido carne vermelha ou peixe...!, Comia muito poucas verduras... e a sopa era água!

Lá costumava comer fruta; cá nem por isso..

Como eram as relações com o resto da família? Com os parentes? Como era um fim de semana típico?

Na 1ª família os parentes viviam perto mas na 2ª viviam longe.

Cá em Portugal os meus pais aos fins de semana costumavam ir ver a família; lá raramente. Nos fins de semana normalmente ficavam em casa ou iam “dar uma volta”.

Os de lá, da 1ª família, às vezes estavam com vizinhos, ora em casa ora na dos vizinhos, a fazer churrascos, e jogar futebol,...Um fim de semana típico era ficar em casa, ver TV, ir jantar fora...

Com o meu pai, da 2ª, um fim de semana típico era viajar; acampar, etc. O meu pai tinha sido guarda florestal e além de conhecer parques naturais, gostava ir passar neles. Com a 1ª era ficar em casa, jantar fora, ver TV.

Como eram as tuas saídas no fim de semana? Como era uma saída típica?

Cá tinha liberdade total para sair à noite, os meus pais tinham confiança. Lá, tinha que sair com horas marcadas...

A 1ª família era conservadora...Tinha que chegar a uma hora marcada, até á meia noite e havia problemas se não cumprisse!... A minha mãe controlava-me o namoro com uma americana que conheci lá! Acho que tinha saudades de namorar...

Quando estive em Patterson namorei com uma AFS norueguesa, mas tive sempre liberdade total... já era maior.

Uma saída típica à noite...,

...Na 1ª família, era sair pelas sete, dar uma volta de carro, ir ao cinema, beber bebidas não alcoólicas...

...Na 2ª o meu pai dava-me liberdade total; saía todos os fins de semana, pois tinha 18 anos ...Mas a polícia controlava os carros, via se dentro do carro estava tudo bem, e depois deixava seguir.

Havia “curfew” (polícia leva os estudantes menores a casa, por decisão dos pais)?

Sim, como em muitas cidades lá.

Como achaste a organização da cidade?

É diferente!

Na cidade os cargos são todos por eleição: Chefe de polícia, juiz,... (normalmente a nível local isso acontece...)

Uma coisa que reparei é que lá quando as pessoas gostam de alguém e dizem que vão fazer uma coisa fazem mesmo; não são só promessas!

Quando voltei lembro-me de reparar nas enormes quantidades de comida que cá se comia, nas sopas e na pastelaria (lá não há).

...Lembro-se de lá não haver variedades de coisas típicas...

Coisas que te lembres nas cidades...

Na 1ª lembro-me que havia carros e carros...

Na 2ª era o cheiro característico (tinha leitarias e damascos). Diziam que era a capital mundial dos damascos. Era uma cidade com muito sossego.

De Lisboa lembro-me de chegar e reparar que era uma cidade com muita luz.

Lá nas cidades o urbanismo era muito melhor do que cá, feito a régua e esquadro! Um edifício com 100 anos era considerado um monumento!

E burocracia?

Senti que quase não existia...O meu processo de matrícula, que era muito diferente, demorou apenas 2 horas!

Reparei que as pessoas confiavam no que se dizia (é verdade que a escola já tinha tido estudantes AFS...).

Tive a sensação que quanto a papeis, tipo declaração de impostos, assim como assinar um acordo escrito, tinha muita força a confiança, tipo acordo de cavalheiros...

Uma vez fui com um amigo ao México (3 anos depois, quando lá voltei) e não foi precisa documentação! Na fronteira bastou falar (só que bem isto foi antes do 11 de Setembro...).

Quando voltaste visitaste as famílias?

A 2ª sim, a 1ª não.

Como era a escola? Havia grupos?

Na primeira havia vários grupos: os “nerds” (pertencia a estes), os “jocks”, que eram os desportistas, com as “cheerleaders”, os “weirdo” que eram os excêntricos ou alternativos.

Na segunda identificava-me mais com o último grupo, embora os grupos estivessem mais esbatidos...era uma escola pequena. Havia muitos mexicanos, cerca de 25% de brancos e 25% descendentes de portugueses dos Açores. Encontrava muitas pessoas que falavam português (a minha conselheira escolar fala português, por exemplo)

Lá os portugueses eram chamados de “portagee”, que era meio depreciativo... mas mesmo assim ainda era acima dos mexicanos....

Na segunda escola havia grupos que tinham a ver com as origens, os mexicanos eram os de classe baixa e com cultura de “gang”. O que os alunos queriam normalmente era acabar a escola e ir trabalhar.

Cá, não pertencia a nenhum grupo! Dava-me com todos os grupos (também os havia, como os betos...).

Como era a organização do currículo? Em comparação com o nosso...

Podia escolher o currículo. Tinha um grupo de disciplinas obrigatórias, como História Americana e depois tinha grupos, Economia, Desporto, Língua Estrangeira, Ciências, dos quais tinha que escolher pelo menos uma em cada, para ter um mínimo de créditos. Era assim em todas as escolas públicas da Califórnia.

Havia vários níveis de cada disciplina e se não pudesse e não houvesse podia matricular-me numa escola exterior e adquirir os créditos.

Fui o melhor aluno em História Americana, na última escola!

Onde era mais difícil?

Cá era mais difícil, com muito para memorizar; lá era muito mais prático! Quando voltei, com as equivalências fiquei com média de 18!

Como eram as aulas? E material?

Lá os professores têm uma sala e os alunos é que rodam.

Os livros eram emprestados para o ano escolar e o resto do material era fornecido.

Nas escolas não havia controle; eu saía ou entrava quando queria. Se faltasse era logo comunicado para casa por telefone. Além disso, quando não tinha justificação, por cada falta tinha que estar uma hora na escola numa sala.

“Cabular” era para esquecer!... Os alunos criticavam e se necessário denunciavam ao professor.

Comias na escola?

Comia, como quase todos. O comer era bem pior do que cá. Comia quase sempre a mesma coisa: sandes, chocolates, “cookies”....

Havia A.E.?

Havia, nas duas. Tinham muitas atividades, clubes, danças, desporto.

Cá praticava natação e “Aikido” e lá fazia mais caminhadas e jogava futebol (“soccer”).

Cá a AE só se nota na altura das eleições...

Uma coisa em que senti uma grande diferença foi na atitude: Cá, se tens uma ideia todos te dizem “esquece”; lá, dizem-te “porreiro, vamos lá a fazer isso”.

Lá os adolescentes começam a ter responsabilidades mais cedo (por exemplo, tiram a carta aos 16) e sobre vários aspetos da sua vida vão adquirindo responsabilidades de forma gradual. Cá “cai-nos tudo em cima” aos 18 anos. Lá incentivam a ter um “part-time” para poder comprar as coisas que se gosta.

Por outro lado lá o coletivo decide muito o grau de liberdade dos indivíduos (por exemplo, beber álcool), enquanto que cá isso não é tão estanque; os jovens têm mais acesso às coisas do mundo, são mais informados.

Apesar de tudo não senti que houvesse intrusão da comunidade na família e as relações pais-filhos pareceram-me mais igualitárias.

Havia jornais e TV locais? Como eram as notícias?

Havia. Lá, nos jornais, a secção local era enorme, a nacional pequena e a internacional quase inexistente (lembro-me de uma vez ter lido sobre a Bósnia, na altura muito falada), ao contrário de cá.

Lá havia muito também a ideia das “causas”...

Como foram as datas importantes, Natal, Acção de Graças, “Halloween”, festas na escola?...

O dia de Acção de Graças era uma festa familiar, como aqui o Natal...

No “Halloween” ... fui ver um concerto

Havia muitas festas em ambas as escolas, ao contrário de cá, mas nunca fui.

...e sobre drogas...

Lá era mais vulgar, mais assumido; cá havia, mas era mais clandestino.

Tipicamente, para mim a filosofia americana é uma filosofia de extremos; ou fechavam os olhos ou eram implacáveis!

Eu e os meus amigos éramos muito controlados pela polícia por causa do álcool e droga (... mandavam para o carro e revistavam). Mas lá o cidadão olha com melhores olhos que nós os polícias; são contestados mas respeitados.

Cá era “somos iguais, quem és tu para?”.

Lá existe uma cultura de atendimento (a gorjeta é vista como um prémio pelo bom trabalho). Toda a gente vai falar com toda a gente, sobre tudo, salário, problemas; esta atitude estende-se às autoridades. No relacionamento a classe social não transparece tanto e falam mais informalmente.

Que te marcou mais lá, na escola?

Lá os professores em geral eram espetaculares, estavam “por amor à camisola”. O único de que não gostei foi o de História Americana, que era descendente de portugueses..., e bem mesquinho...

Na 1ª custou-me o isolamento e a dificuldade em integrar-me...

Cá, gostava do ambiente da turma, éramos muito unidos, mas não gostava da atitude dos alunos para com os professores. Acho que uma diferença entre lá e cá é que cá os alunos faltavam mais ao respeito.

Lá dava-se muito valor ao “ter” e eram muito individualistas, mas havia mais igualdade de género que aqui.

Questões Posteriores (Respondidas por e-mail)

Porque mudou de família?

Por ter incompatibilidades com a 1ª (não quis especificar)

Como eram os seus pequenos almoços?

Eram quase sempre cereais

Nas escolas houve festa de fim de ano?

Só sei da 2ª; houve

A família costumava comer fora?

A 1ª muito e a 2ª de vez em quando

As famílias eram religiosas?

Não

As cidades eram conservadoras ou liberais?

Não sei definir

Havia cafés e/ou esplanadas?

Em nenhuma delas

A forma de vestir era diferente?

Vestiam mais informal do que cá e só senti a mudança na 2ª família, mas uma mudança progressiva, natural

A escola era bem equipada?

Tinha tudo!

Aulas todo o dia?

Aulas de manhã e atividades de tarde

5.4 - JS

Fez o programa em 1999/2000

Empresária

Tirou o Curso de Relações Empresariais

Pai – 47 anos, Empresário

Mãe – 48 anos, Funcionária pública

.....

J..., já tínhamos falado para que é esta entrevista.

Sim

OK. Porque quiseste fazer o programa? E porquê os Estados Unidos?

Porque tinha o sonho de viver nos Estados Unidos e fazer um programa de intercâmbio

Quantos irmãos tens?

Sou filha única

Algumas perguntas sobre ti naquela altura ... Onde é que cá moravas quando foste fazer o programa? Vivia numa moradia? Como era a mobília?

Eu cá vivia em Bucelas... a moradia era normal, tinha uma mobília muito clássica. Não tinha um jardim muito grande...portanto aquilo era uma parte de trás, um jardimzinho em pedra

Relativamente ao espaço lá, era muito maior, era mesmo quase vivenda, como é aqui o nosso conceito, tinha muito mais coisas, também era clássica, a moradia lá também era relativamente clássica...e tinha era um jardim grande e tinha muito espaço exterior que eu cá não tinha, mas isso é porque as casas lá são todas assim

Onde moravas lá? Como era o local, o ambiente?

...Portanto, a cidade lá era pequena, chama-se Morganton, e é na Carolina do Norte, é a 6 horas da costa e é perto de Charlotte, a umas 2 horas. ...tinha cerca de 400 000 habitantes... Era também uma cidade também pacata, era conservadora, tinha era muitas florestas, muita natureza à volta, coisa que em Bucelas também havia mas era mais montanhosa; ali era tudo mais plano

Como era a tua “família” de lá?

A minha família de lá...eu ...eu digo sempre que eles não eram típicos americanos, porque eram muito interativos com as outras pessoas...Não se sentavam o dia todo a ver televisão... e não eram gordos, como aquele estereótipo que vemos... E identifiquei-me bastante com eles.

Portanto, eu tinha duas irmãs, uma na altura com 17 e a outra....com...14...mais ou menos, era mais nova

Isto foi a minha 2ª família! ...Porque eu na 1ª família, assim que cheguei lá eu tive uma família em que tinha dois irmãos rapazes... Portanto, eu cá sou filha única e lá tinha dois rapazes. Fiquei literalmente no meio do mato...era, digamos, um género de uma cabana...eu demorava pelo menos 20 min a meia hora para chegar à estrada principal!...Portanto, estavam mesmo...fora de tudo

Como é que foste para esta 2ª família?

Foi num encontro... porque é assim... Eu estava com aquela família..., como tinha dito, estávamos longe e era complicado eu deslocar-me...E então fui uma vez a uma festa, comecei a falar com a minha irmã e disse-lhe “olha tenho este stress”...vou para longe, etc..”...”então porque é que não vais viver comigo?”...Pensei: “Coitadinha, isto é mesmo de americana! Não me conhece de lado nenhum...!” Entretanto ela falou com a AFS de lá, eu consegui fazer a mudança e continuei a dar-me muito bem com a família de lá [a 1ª] Aconteceu que fiquei com duas famílias...

Como eram as relações em casa? Os afetos? Falavam de quê?

Eu acho que os afetos eram como cá; o que eu acho é que lá, como as pessoas não se cumprimentam com dois beijinhos, eram mais os abraços.

Nós falávamos bastante, interagíamos muito mas geralmente não se falava muito de política...de vez em quando falava-se muito das notícias que apareciam na televisão ...E há sempre aquela ideia que os americanos são... são “estúpidos” e que não têm tema de conversa, etc...

Eu acho que no que diz respeito à política sim, é difícil, porque cada cidade tem, no fundo, a sua tv local. E o que acontece é que as notícias acabam por passar sobre aquela cidade e sobre aquele sítio! E, portanto, é muito mais fácil as pessoas falarem sobre aquilo e ...estarem sempre naquele, naquela zona sem terem que saber mais nada sobre outros sítios

Aqui, por exemplo, o que é que acontecia, em Bucelas: eu não tinha escola, não tinha universidade..., portanto eu sempre tinha que vir para Lisboa, e sempre tinha que perceber mais aquilo se passava em termos de geografia. Agora, lá sei, lá, como era uma cidade pequena, com uma universidade, ...também não se interessam muito por aquilo que está à volta. Se fosse uma cidade maior, eu sei lá, NY, Boston, ...cidades maiores já é diferente o entendimento do mundo.

Como eram os fins de semana?

Nós no fim de semana fazíamos sempre imensa festa,...porque tínhamos em casa duns primos um quintal com jacuzzi; por vezes íamos para casa uns dos outros...E havia sempre...basicamente havia sempre festa ao fim de semana...qualquer coisa, ou então reunião de família

...as festas eram sempre na tua casa, ou rodavam?

Não, nós tínhamos muitas na minha casa, mas... também depois íamos para a casa da ou avó, ou do avô, ou da prima da tia...portanto, também fazíamos muito na nossa casa...também era sempre um albergue... sempre que fazíamos alguma festa com os amigos ficava sempre gente lá a dormir...

Os teus pais faziam voluntariado?

A minha mãe sim, lá fazia alguma coisa...

E os de cá?

Não!

Como eram as refeições?

Cá sempre às oito da noite, toda a gente sentadinho à mesa, com relógio... certinho!... Lá já era diferente! Nós púnhamos a comida num género de balcão, portanto, a minha mãe lá cozinhava, deixava a comida e cada um comia quando queria, a que horas lhe apetecia...

Era muito comum irmos jantar fora; mas isso também porque, cá e lá, tem a ver com uma questão monetária, não é?... Porque, no fundo, lá noto que - agora também não sei – mas na altura havia uma qualidade de vida muito maior do que cá!... Portanto, era normal ir jantar 4 vezes por semana fora, se não fosse todas...

Saías à noite?

Não!... Lá eu tinha 18, não é, ...portanto eu para ir para um bar era ilegal. Por exemplo, depende, com consumo de álcool mais eu tinha sempre de ir a festas específicas ou ir para casa de amigos. Sair à noite não é como aqui, beber um cafezinho,...isso não existe

Bom, fala agora da escola de lá...

A escola de lá era muito grande, era diferente da minha. Em termos físicos aquilo parecia um ovni, porque era central, depois não tinha armários...ou havia...armários que faziam a divisão, mas não tinha paredes até ao teto... mas não deixava de ser uma escola muito típica americana.

Eu tinha...a minha irmã era “cheerleader”, portanto integrei-me bem em tudo, em todos...em todas as atividades. E...em termos de espaço tinha sempre o campo de futebol, tinha os campos de ténis, tinha os campos de corrida, portanto, tinha Depois à volta todos os apoios desportivos

Havia grupos?

É assim, no meu caso eu nunca notei muito...eu com aquela escola perguntam-me: então não havia grupos? Eu digo sempre, eu não notei muito por uma questão: como a minha irmã era “cheerleader” eu já estava num grupo específico.

Eu acho que aquela escola também não tinha assim grupos muito marcados, como aquilo que nós víamos na televisão,...que às vezes são estereótipos a mais!

Havia AFS?

Sim, havia duas...uma do Chile e outra da Dinamarca.

Eu...a minha amiga do Chile até hoje grande amiga minha... A dinamarquesa, pronto, não temos uma relação assim muito próxima, e aquilo que eu tentei fazer foi estar com várias pessoas e não me isolar e estar e ficar só com elas, como havia algumas pessoas que faziam isso

Havia A.E.?

...Haaaa...havia algumas associações, se calhar não se designam A.E...mas tinha uma...era, no fundo, um grupo que organizava uma série de coisas. Eles tinham muitas atividades,...aquilo que eu fiz foi depois arranjar um “part-time” numa escola para ganhar algum dinheiro e para perceber como é que o sistema funcionava [era ilegal no programa]. Toda a gente lá trabalhava...

Aquilo que eu fiz na escola foi entrar nos clubes que eu gostava: clube, por exemplo, de pintura.

A minha única questão era com o desporto é que como toda a gente fazia desporto à tarde, aquilo para mim transtornava-me porque eu odiava, e acho que isso foi uma coisa que eu fiquei em questão um bocadinho mas depressa perdi porque eu não achava graça nenhuma...ao desporto, não é!... Não achava que aquilo tinha piada nenhuma

Cá em Portugal lembro-me, por comparação, nós saíamos das aulas e íamos para o café beber copos!

Depois...relativamente ainda às outras AFS nós ficámos muito unidas, todas..ui; como estávamos naquele enquadramento obviamente na escola sentia que ...fazia tudo parte e fazia tudo sentido. Quando cheguei cá foi um bocado um choque, o retrochoque, como se chama, porque tive a clara noção que as coisas cá eram diferentes e tive muitas dificuldades em adaptar-me.

Lá também, em termos da gestão da escola e do dinheiro sabia que eu pedia e eles enviavam...Portanto eu estoirava o dinheiro num consumismo exacerbado mas agora também tenho mais noção do que custa a ganhar

E...como era a Escola? Como estava organizada?

Na minha opinião a escola também era muito diferente... Marcou-me imenso porque a relação com os professores era muito boa (excepto com um de alemão, que vinha da Europa), mas sei se era mais próxima do que aqui, não posso dizer,...na escola cá os professores também eram muito bons onde estive. O que eu posso dizer é que havia mais respeito, menos distanciamento, e as pessoas também colaboravam mais.

No que tem a ver com o ambiente aquilo que eu acho que lá acontecia, e que é diferente, é que cada pessoa empenhava-se para fazer mais e melhor, e para fazer bem! ...Não era o passar com 10 só por passar.

Lembro-me muito, e ainda hoje, quando cheguei à escola a primeira que via era aqueles bonequinhos, o “snopy”, que era o “can” e outro era o “can not”! E então era o “can” a empurrar o “can not” do caminho, e isso estava pela escola inteira, que era muitos letreiros a dizerem frases “yes you can”, tu consegues, é possível, para incentivar as pessoas a fazerem qualquer coisa.

Como eram as aulas? Era como cá? Como era?

Os professores lá cada um tinha uma sala...o professor estava na sala e nós é que rodávamos pelas várias salas.

O sistema basicamente era dividido áreas, ou seja, tenho uma área que tinha obrigatoriamente que fazer...que era a básica não é!...que era Inglês, Matemática, etc... e depois tudo o resto aquilo que eu fazia era um pouco o que me apetecia! Por exemplo, tinha História tinha o Inglês, tinha...Geografia como base. Depois o que eu fazia era...fui para Pintura, fui para aulas de Cozinha, ou seja, coisas todas que eram feitas à parte. Lembro-me de ter como opção por exemplo o Barro, a Pintura..

As disciplinas têm diferentes níveis de dificuldade e estávamos sempre a trabalhar, estávamos sempre a fazer qualquer exercício para saber se estava a correr bem ou não.

...Comparando com o sistema de cá...como era?

Lá era muito mais fácil! Portanto, eu vim com média de 16, e não me esforcei muito! Tenho a sensação que era mais fácil...

O que é que eu acho... acho que... no caso de Portugal é mais difícil para alguém de fora, que se vem enquadrar no nosso sistema. Portanto, é um sistema muito pesado, é muito teórico. Lá, aquilo que acontece é se uma pessoa for bom aluno é “cool” ser bom aluno! Cá é precisamente o oposto! Eu tenho uma afilhada com 16 anos na escola, ela agora chumba a tudo só para ser “cool”!... e lá isso não existe!...quer dizer, se chumbar é porque foi um grande burro e não fiz nada daquilo que devia ter feito...

...Aquela questão, por exemplo, das cábulas, que cá nós dizemos “é pá, cabulaste...conseguite!...” Lá é péssimo, as pessoas não andam propriamente a copiar e as pessoas querem saber, e saber aquilo que estão a dizer.

..O que é que eu tirei, eu tirei uma coisa que foi “Comunicação Social ”...que eu adorava!... E que basicamente nós dissertávamos sobre tudo! E o giro é que eu tinha notas muito boas...e achei interessante...eu própria naquela turma que até era...nem sequer falava inglês como língua nativa tinha as melhores notas a dissertar sobre um frigorífico! Tinha que se aprender a fazer discursos

Os alunos como se cumprimentavam?

Portanto, a questão do contacto físico lá era muito reduzida..., ou seja, as pessoas aqui davam dois beijinhos, lá não!...Era como se fosse um braço de distância...as pessoas não se aproximam muito...Cumprimentavam-se com um “passou bem”...realmente era muito a questão do “passou bem.

Eu gostava de dar beijinhos e abraços mas também não fui uma pessoa de andar agarrada a toda a gente... quando vim aquilo que eu notei foi que esse espaço para mim é fundamental! Eu, por exemplo, vou a uma discoteca; quando vejo pessoas a aproximarem-se fico logo histérica...sinto falta de espaço!... E eu acho que lá era bom porque cada um tem o seu espaço de segurança à sua volta e eu não tenho de invadir muito...portanto, as pessoas a cumprimentar era nesse sentido.

A escola era apetrechada?

Sim! Tinha.... imensas tecnologias! Quer dizer, computadores, tinha imensa coisa disponível, estava nas bibliotecas, estava tudo muito informatizado. Aquilo que acontece é que...no caso do e-mail... Eu lembro-me perfeitamente que quando fui para lá...portanto, quem vai hoje tem facebook, não é!, tem as redes sociais. Naquela altura as redes sociais...isso era um luxo! A não ser em contextos muito específicos. O que eu acho em termos de tecnologia, lá, na escola, toda a gente tinha um e-mail. Foi lá que criei lá o meu 1º mail!

E a maturidade dos adolescentes?

Eu acho que com a mesma idade, lá e cá, lá são um bocadinho mais maduros. Cometem algumas loucuras e etc, mas parece que as pessoas têm uma maturidade maior

As pessoas sabiam alguma coisa de Portugal?

Muito pouco, quer dizer, se eu dissesse que morava em cima de uma árvore numa cabana, eles diziam “really?” ...

Algumas coisas que te tenham chamado a atenção, que te lembres...

...chamar a atenção na escola!?

...em geral...

Uma das coisas era que não me queria vir embora. Lembro-me de não querer vir para cá

Uma história gira foi antes de eu vir... A minha avó, de lá, não é!, fez-me um vestido com a bandeira dos Estados Unidos! Portanto, eu vinha com um chapéu, lágrimas por todo o lado e a chorar porque não me queria vir embora

Assim, das coisas que eu acho que chamaram a atenção duma forma geral foi o facto de como a sociedade era organizada, e porque me identificava muito com... eu refiro sempre esta frase, que às vezes as pessoas não entendem, mas:

“Home is not where you live but where they understand you”, (o teu lugar não é onde tu vives mas onde te entendem)

O que me lembro é que aquilo para mim sempre foi casa! O problema agora é em que casa é que fico? Na casa de lá ou na casa de cá? Porque há sempre essas duas partes, essa dualidade

Questões Posteriores (Respondidas por e-mail)

Qual a tua profissão atual?

Fundadora do espaço Entre Nós – Petiscar e Conversar

Que curso tiraste?

Relações empresariais – Univ. Católica Portuguesa

Em Portugal a casa onde moravas na altura tinha logradouros?

Não

Qual a profissão e idade do teu pai na altura?

Empresário

Qual a profissão e idade da tua mãe na altura?

Funcionária pública

Qual a profissão e idades dos teus pais de lá?

O pai, empresário de construção civil, a mãe professora de linguagem gestual

Como passavas habitualmente cá os fins de semana?

Com amigos

Cá quem costumava cozinhar em tua casa?

Mãe

Quando foste já sabias inglês com que fluência?

Mais ou menos, só tinha tido o inglês normal de secundário

Como eram habitualmente os almoços e os pequenos almoços? Onde?

Pequenos-almoços em casa, os almoços com os amigos. Aos finais de semana era tudo em família em casa

A escola tinha hispânicos e negros?

Ambos

Porque foste trabalhar?

Mais por questão de afirmação, e porque não gostava de desporto. Cá nunca me tinham deixado fazer nada

Que faziam habitualmente os jovens à noite, lá?

Casa de amigos

Houve "prom-party"?

Sim, na cabana de uns amigos

Em casa comiam todos à mesa (lá)?

Sim

Lá tinhas um quarto para ti?

Não, era partilhado

Como foram o Natal, o "Halloween" e o dia de Ação de Graças?

Natal – em família em casa dos tios

Halloween – com os amigos

Acção de graças – com a família em casa dos tios

5.5 - PJ

Fez o programa em 2001/2002

Trabalha no escritório da Intercultura AFS Portugal

Tirou o Curso de Assistente Social

Pai – 45 anos, Técnico Controle Industrial

Mãe – 42 anos, Professora do Ensino Secundário

.....

P..., já tínhamos falado para que é esta entrevista.

Sim, para a tua tese de mestrado

OK. Como é que resolveste fazer o programa? E porquê os Estados Unidos?

Conheci a AFS num curso de línguas que fiz na Inglaterra...e além disso o meu irmão já tinha feito o programa e eu queria um país de língua inglesa...então os Estados Unidos surgiram naturalmente

Quantos irmãos tens?

Tenho aquele que fez o programa nos Estados Unidos; é mais velho 3 anos que eu

Só algumas perguntas sobre ti naquela altura, para saber um pouco mais de ti...

Onde é que moravas quando foste fazer o programa? Vivias numa moradia? Como era a mobília?

Vivia em Viana do Castelo, num apartamento, um T4, quase no centro da cidade. A mobília era normal, mais pró clássico, de madeira.

Tinhas um quarto teu?

Sim...

Onde estudaste? Era uma escola grande ou pequena?

Estudei em Viana do Castelo, na Escola Santa Maria Maior...era uma escola grande, ...era o antigo liceu

E lá, nos Estados Unidos, conta com era a tua casa, onde moravas. Fala um pouco sobre a tua família “americana”:

Morava próximo duma cidade universitária, conhecida, em Ann Arbor, no Michigan...tinha aí uns 100 000 habitantes, tinham bastante poder económico!

Como é que era, mais ou menos, a casa?

...Morava numa casa colonial, aí de 1800 e tal... muito grande, com jardins. Parecia uma casa vitoriana...Tinha mobília clássica, e a minha mãe tinha muito jeito para fazer dinheiro...de vez em quando fazia uns chás vitorianos, com convidadas, e agora transformou a casa num “Bed and Breackfeast” ...uma espécie de residencial

Como era a tua família de lá?

O meu pai de acolhimento era o padrasto das minhas irmãs, era treinador de atletismo universitário... passava a vida a treinar.

A minha mãe era psicóloga escolar.

Tinha duas irmãs, uma com 15 e outra com 18 mas a de 18 já não vivia lá em casa.

Que idade tinham os teus pais?

O pai devia ter uns 45...a mãe também.

E como era a escola?

Era uma escola alternativa; tinha que se fazer testes para entrar e eu só entrei porque as minhas irmãs já lá andavam...

Que é isso de alternativa?

...Era uma escola de artes, onde o vestir era muito liberal, os comportamentos muito tolerantes.

Contactas com eles ainda?

Sim... continuo a falar com eles. Já lá fui e eles já cá vieram...

Fala das escolas de lá e de cá.

Cá andava em Humanidades no liceu e estudava Música, na academia. Lá estive numa banda de jazz, tive aulas de fotografia! Fiz um currículo diferente de cá, mais direccionado para as artes, apesar do currículo regular e normal...o Inglês,...outras matérias

Como era o ambiente? Havia grupos?

Havia muita liberdade de expressão em tudo, ...liberdade artística, na maneira de vestir ...E não sentia que houvesse grupos,...se os havia eram muito esbatidos, eu não dava por eles. Não senti que houvesse discriminação

...não havia “bulling”?

Não, nunca senti nem presenciei nenhuma situação de “bulling” na escola

E nas aulas, como eram as relações?

A relação com os professores era próxima mas com respeito; não havia tanta necessidade do professor dizer que mandava!

E as matérias? Era mais fácil que cá?

Não posso dizer que fosse mais fácil.... talvez o fosse pela maneira como era ensinada fosse diferente...

...copiar e fazer batota nas aulas e na avaliação não era, de todo, tolerado! ...dava-se muita importância ao percurso do aluno, éramos bastante acompanhados.

Tinha aulas de manhã e de tarde mas a escola era uma “bolha”, assim como a cidade, em relação ao Michigan. Muito mais liberal que o resto do estado! Aliás o representante no Senado era um Homossexual assumido! ... comparando com Detroit (que era a 15 min), por exemplo, havia muito mais literacia, menos violência,...

A cidade era segura, de vez em quando ouvia-se dizer que tinham aparecido os gangs de Detroit.... No entanto Ann Arbor já foi considerada a cidade com mais nível intelectual e cultural...

Integraste-te bem?

Sim... foi fácil (a minha irmã,... o facto dela estudar na mesma escola ajudou) e nunca me senti marginalizada ou discriminada pela forma como me vestia, embora fosse bem diferente.... Era uma escola bastante multicultural, mas não de elite, embora houvesse lista de espera para se entrar. Era a única AFS!!

E como era o equipamento da escola?

A escola estava muito bem equipada..., livros, material de desenho e de teatro eram dados. O instrumento musical que eu tocava na banda, que era guitarra, tinha que o levar, mas depois tínhamos microfones,..., e todos os materiais necessários para trabalhar com o instrumento na banda.

Em relação à organização dos alunos na escola, como era cá e lá?

Cá havia AE mas só no sentido formal!... lá, havias clubes, grupos que defendiam direitos específicos (nomeadamente o grupo LGBT [Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis]... A minha irmã mais velha era lésbica e nunca a vi ser marginalizada por isso!...

A escola era muito particular e havia alunos que...havia alunos doutras escolas que iam lá ter aulas e alunos da minha turma que iam a outras escolas fazer algumas disciplinas.

Eu tive que fazer Espanhol e Filosofia noutra escola e os alunos que queriam fazer desporto não eram alunos de lá; apenas lá iam fazer essas disciplinas para completar o currículo.

Onde é que comias?

Na minha escola não havia cantina. Por isso levava-mos almoço de casa, normalmente sandes de qualquer coisa, éramos as três vegetarianas

O pequeno almoço, que era muito cedo, era em casa: sumo, cereais,...

Era uma cidade muito fria no inverno, com -15º, e muito quente no verão, com cerca de 40º. Por causa dos nevões às vezes não havia escola, voltava para casa pelas 5 da tarde; vivia nos subúrbios.

Como eram os teus pais de lá?

O meu pai era padrasto das irmãs, e era católico. Eu vivia com a mãe, o padrasto, e a irmã mais nova, ...e o cão. A mais velha vivia com o pai, só os dois ...era pai das duas.

Que fazia ele?

O pai das minhas irmãs era psicólogo criminal, era judeu, ... tinha cerca de 50 anos.

Eu até mantinha uma boa relação com ele ...ia lá dormir a casa lá uma vez por semana, porque tinha aulas de meditação que ficavam perto da casa dele; ia à aula e depois ia lá dormir.

A relação entre todos eles era cordial!... Entretanto a mãe divorciou-se do padrasto das filhas... Foi um processo complicado, tive que sair da casa por decisão da AFS... a minha conselheira achou que era o melhor para a minha estabilidade...mas eu e a minha mãe de acolhimento não queríamos...

Foi um bocado complicado...foi na altura do Natal...

Passei o Natal no Nevada, com a família da minha mãe de acolhimento e as irmãs, mas foi o Natal católico... o padrasto...não sei onde é que ele foi no Natal!...

....Fala dos eventos, tipo Ano Novo, dos eventos importantes...

Ora bem, antes do Natal nós já tínhamos celebrado o “Hannukah”, que é o natal judeu, no fim de novembro com a mãe e as irmãs em casa...as irmãs eram judias.

Depois, de quando viemos passar o natal católico, que foi no nevada, fui passar o Ano Novo com a família que tinha sido família de acolhimento do meu irmão natural. Quando voltei para casa, em Ann Arbor, é que os meus pais de acolhimento me disseram que se iam divorciar...e que a minha irmã mais nova ia viver com o pai...aliás já não vivia lá...

Foi aí que me perguntaram se mesmo assim lá queria continuar, ...disse que sim, todos se puseram a chorar! Era uma grande confusão!...porque se separaram mas continuaram a viver na mesma casa, a mãe e o padrasto das filhas!

Então... fui para casa da responsável da AFS naquele núcleo.

Quando?

...Fui em Fevereiro durante um mês! ...até foi divertido porque ela estava a acolher uma AFS do Brasil e ela também tinha sido AFS no Brasil.

...Uma coisa que ainda hoje tenho dúvidas é se a minha mãe de acolhimento foi avisada com tempo da minha saída...foi tudo muito repentino

E depois? Foste para outra família?

Fui....não me lembro quando...mais ou menos em Maio, pois já não nevava...devo ter lá estado uns 2 meses...

Como era essa família?

Era nos subúrbios da mesma cidade, uma família de classe alta. Tinham uma vizinhança que me lembra a série “donas de casa desesperadas”...

Era uma moradia grande, sem nada de especial, com jardim.

O pai era cientista numa farmacêutica e a mãe era nutricionista... tinham entre 45 e 50 anos. Tinham 3 filhos, uma rapariga de 13 anos que era desportista...ainda hoje tenho contato com ela...com o resto da família não – psicologicamente a minha família foi sempre a 1ª!...

Eram todos californianos, (como a maioria das pessoas dali), que tinham ido para ali. A mãe era daquelas pessoas claramente tem um visual e um estilo de vida “hippy”, que agora era rica; e apoia causas como a causa tibetana...

Já disseste onde foi o Natal; como é que foi, o que comeste? E os amigos?

Sinceramente o que comemos não me recordo...Sei que havia uma bebida típica tipo gemada com álcool, que é o “eggnog”, que não gostei particularmente... Como éramos uma família muito grande decidiu-se não haver prendas para todos...então, por sorteio, cada pessoa ficou encarregue de dar uma prenda a outra e a mim calhou-me o avô! [risos]

...Tinha amigos judeus na escola, eles não celebravam o Natal, mas fiquei com a impressão que as pessoas viajavam por todo o país para ir passar o Natal com a família....

Nessa altura foi um bocadinho mais difícil por causa das saudades... Falei com a minha avó de cá, fiquei um bocadinho com saudades...mas eles foram carinhosos e passei bem o Natal.

Uma grande diferença que senti, tanto nessa altura como também em geral era que lá sentia-se uma grande presença feminina na família, e cá não tanto! Lá havia partilha de tarefas, todos participavam; cá os homens “ajudavam”...

E outros eventos? Como é que foram?

O “Thanks Giving” foi em NY com o pai das minhas irmãs e família dele. Fomos jantar fora, na versão vegetariana...também havia peru, mas não comi...

O 4 de Julho foi típico...no Lago no norte do Michigan, com família, na praia, com churrasco, foguetes e muito calor.

...Havia também na cidade um acontecimento muito importante...Uma feira de Arte, um festival, no Verão... e na escola havia o “prom”, mas era um “prom” alternativo;... feito com atividades quase a caricaturar o “prom” normal, era uma sátira ao baile do secundário

Fala sobre a cidade...

Era uma cidade diferente, mais liberal que outras... As pessoas na cidade vestiam-se de forma variada, que chamaria de “hippy-chic”. Havia muitas manifestações pró-marijuana, pelos direitos da comunidade LGBT,...

Fumar tabaco não era bem visto, era associado a pessoas com problemas com drogas e prostitutas – agora lá já não é assim, é um hábito vindo da Europa...mas na altura era mais comum fumar-se marijuana do que tabaco. Os meus pais, de ambas as famílias, fumavam marijuana! Na 1ª família até tinham um dia para isso!

A minha 1ª família sei que atualmente converteu a casa num negócio, num “Bed and Breakfast”. Já na altura havia dois dias por mês em que o meu quarto tinha que ser arrumado para ter a configuração de quarto vitoriano!...Eu vestia-me à época e servia um chá vitoriano, com tudo a rigor!!

Havia grupos de senhoras que iam lá a casa para isso!...foi o meu primeiro rendimento: recebia 20 dólares de cada vez!. E as senhoras pagavam por esta encenação e por esta tarde vitoriana. Tinham que ir vestidas a rigor, com chapéu vitoriano, que era a minha mãe que fornecia...Tínhamos um quarto cheio de chapéus!

No início e no fim todas ajudavam a arrumar mas no fim era eu a minha mãe e uma amiga dela.

Faziam também “baby showers”

O que é isso?

...São encontros... Quando alguém que fica de bebé faz-se um encontro para oferecer presentes à mãe....e ao bebé.

...E também faziam despedidas de solteira,...

A minha mãe era muito boa a fazer dinheiro daquilo que tinha ou arranjava; comprava coisas antigas e restaurava, vendas de garagem e “Art sales”.

Tinha também uma adega, que foi construída e oferecida pelo Henry Ford aquando da construção da casa... era muito....”spooky”, assim...assombrada, escura,e...

Como passavas em geral os tempos livres? E os jovens?

Íamos ao cinema, mas mais de táxi partilhado (na cidade havia pouco o culto do carro, era mais o andar de bicicleta, mais “green”)... Normalmente íamos para os jardins...e passeava-se...Costumávamos ir para um centro de jovens, onde nos encontrávamos depois das aulas...e até aos fins de semana para coisas artísticas que haviam.

Como eram os cumprimentos? e em família?

Dava beijos a um amigo que tinha estado na Europa, mas normalmente eram abraços, e aos mais velhos era um “hi”... ou um aperto de mão.

Em casa só abraçava a mãe.

Como era o comer em casa?

A mãe é que cozinhava, o pai raramente estava... quando vinha trazia comida de fora.

Uma vez por semana havia comida chinesa, na 1ª família, e sushi, na 2ª.

Comiam à mesa todos juntos?

Normalmente sim, todos aqueles que estivessem em casa.

Havia TV local? Jornais? De que se falava quando estavam juntos?

Tínhamos TV local e havia jornais mas quase só com notícias sobre os EU.

Os meus pais discutiam assuntos da atualidade, mas não política...Com os de cá discutia-se muito política...!

Havia “curfew”?

Sim...tínhamos “curfew” para chegar a casa, quando saíamos

As famílias onde estiveste faziam voluntariado?

A 1ª não fazia e a mãe da 2ª família fazia algumas coisas relacionadas com causas orientais.

Cá os meus pais são voluntários AFS, fazem voluntariado na paróquia e com os escuteiros (são católicos praticantes).

Diz como era um fim de semana típico?

Bom, eu ao sábado de manhã ia fazer aulas de meditação, tomava o pequeno almoço com a minha irmã mais velha num café ou restaurante vegetariano, fazíamos arrumações,...lia... E os meus pais às vezes faziam churrascos e convidavam amigos...

...e convidavam os vizinhos também?

...não! A minha mãe era bastante sociável mas o meu pai tinha o “mundo dele” dos atletas, ...passava com eles muito tempo, vivia para aquilo

...aos domingos ou fazia trabalhos, ou via filmes, ou tocava guitarra... De vez em quando saía com amigos, no sábado, ou ia a festas AFS ...Havia 15 AFS perto de mim.

Convivias muito com eles?

Humm.... Foi bom tê-los como amigos, porque havia muito brasileiros...Por outro lado foi bom não me ligar muito a eles, porque assim criei bastantes amigos americanos.

Dia agora algumas coisas que te tenham chamado a atenção... Na família, na escola, na cidade...

...na escola o “yearbook”, o livro do ano era muito curioso.... tinha a capa preta e era a preto e branco, o que não era nada habitual...

Reparei que a cidade não tinha particularmente espírito comunitário mas organizava-se para chamar a atenção com coisas pela luta pela igualdade e diversidade!! Aprendi a “não julgar os livros pela capa”!

Questões Posteriores (respondidas por e-mail):

Na 2ª família quantos irmãos tinhas e a suas idades?

Tinha 3: Uma irmã com 13, um rapaz, com 16 e outro mais velho (não sei a idade) que andava na faculdade

A escola era pequena ou grande?

Este é o lema da escola: “Small School, Open Minds”

Havia muita gente negra e hispânica? Na escola? Na cidade?

Sim, era uma comunidade diversa. Mais afro-americanos do que hispânicos.

Quais os hábitos dos jovens à noite?

Fim-de-semana: festas, cinema, concertos, eventos no centro de jovens, etc.

Como foi o “Halloween”?

Baile na escola, com disfarces muito criativos.

A escola tinha circuito interno de TV?

Não.

Havia intervalos?

Sim, curtos.

Eram os professores com a sua sala ou a turma é que tinha uma sala fixa?

Os professores tinham a sua sala.

Havia droga na escola? Fumavam marijuana na escola? E fora da escola?

Na escola ou no recinto exterior era proibido, fora da escola era comum.

A escola tinha grupos desportivos com campeonatos?

Não.

Nos sábados ficavas todo o dia na casa da irmã mais velha?

Não ficava na casa da irmã mais velha, ficava na minha casa.

Qual o instrumento musical que tocavas?

Guitarra.

Na escola sabiam muito ou pouco sobre Portugal? E em casa?

Pouco, em casa mais um pouco.

Que jantavam normalmente?

Salada, legumes salteados, tofu ou sopa.

Os jovens faziam festas em casa uns dos outros?

Às vezes mas costumávamos passar mais tempo na rua ou no centro de jovens.

Os jovens costumavam consumir álcool?

Algum.

Havia as festas sexo/droga/álcool?

No meu caso e dos meus amigos não eram as típicas festas dos filmes, eram cenários mais alternativos, acampamentos, fogueiras...

Como era a relação pais/filhas em casa?

Normal com os típicos conflitos e casas com filhas adolescentes.

A família participava nos movimentos por direitos na cidade?

As minhas irmãs sim.

5.6 - MM

Fez o programa em 2008/2009

Estuda Arquitetura

Pai – 47 anos, Advogado

Mãe – 47 anos, Engenheira

.....

M..., já tínhamos falado para que é esta entrevista...

Sim, para a tua tese de mestrado

Como é que resolveste fazer o programa? E porque é que foste para os Estados Unidos?

Eu estudei a minha vida inteira num colégio em Lisboa que se chama colégio Moderno,...foi lá que conheci uma rapariga que já tinha feito o programa, também nos Estados Unidos.. na altura “era um bocadinho moda” ir para lá, e também pelo facto de já ter visitado o país uma duas ou três vezes antes, sentia esta grande simpatia esta grande ideia de viver nos Estados Unidos...não propriamente na cidade ou estado onde vivia mas como país em si..

Se me perguntassem se hoje voltaria a fazer o programa no mesmo país se calhar responderia que não, se calhar escolheria outro tipo de país...No entanto ainda continua a ser minha ideia voltar para lá e viver mais um bocado de tempo lá....sempre com a ideia de regressar a Portugal e a Lisboa, sendo Lisboa a minha cidade perfeita!

A minha família sempre me incutiu esta ideia de viajar e sempre o preferimos a ter uma segunda casa...

Quantos irmãos tens?

Tenho um irmão mais velho, mais velho 2 anos que eu.

Onde é que moravas quando foste fazer o programa? Vivias numa moradia ou num apartamento? Como era a mobília?

Vivia em Lisboa, num apartamento T4, relativamente no centro, e era uma casa, podemos dizer, tipo rústica.

E lá, nos Estados Unidos, conta com era a tua casa, onde moravas. Fala um pouco sobre a tua família “americana”:

Eu vivia em Oregon, Wisconsin, a 10 minutos da capital de estado, que era Madison.

... A casa era basicamente uma quinta, numa das casas mais antigas da cidade, com mais ou menos 100 anos.

Tanto o meu pai de acolhimento como a minha mãe, eram os dois artistas, o meu pai era fotógrafo...e vivia disso... tinha uns 50 anos na altura, e a minha mãe, também da mesma

idade, dava aulas de pintura e vendia uns quadros de vez em quando... Ela foi também AFS em Itália durante 3 meses...

...tinha também uma irmã, de 17 anos, que se chamava Katie e que estudava no mesmo liceu que eu

A casa em si era uma quinta grande, com animais, que se encontrava no centro da aldeia, no centro da cidade...

....O estado era um estado agrícola, e a cidade onde eu vivia, que era uns arredores da capital, era pequena, com cerca de 8000 habitantes.

A casa era um bocadinho diferente das casas americanas!...Eu fui uma vez a casa de um amigo meu e senti que a casa era diferente das outras... americana mas antiga e clássica; era de madeira...e...quando se entrava na casa, não era tão ampla com as outras, era mais fragmentada. Nas casas americanas normais quando se entra fica-se logo no “living room”, a sala de estar, grande, ampla...e dá acesso à casa inteira...portanto não são “recortadas” como era a minha...

A casa, apesar de ser no centro da cidade estava completamente “escondida” e tinha também um estábulo, que o meu pai de acolhimento que...que, na altura converteu em estúdio de fotografia...era onde trabalhava.

Como era o mobiliário?

O mobiliário era clássico mas não muito... e não havia assim muita mobília...

... Viver numa casa de alvenaria, como cá, é completamente diferente de viver numa casa de madeira! Cá as paredes são permanentes; enquanto que lá se podia facilmente mudar o espaço!

...e sobre a família?

Cá...Lá tinha uma irmã mais velha um ano do que eu...no início dávamo-nos bem mas que depois começámos a ter algumas discussões pelo facto dela ter ciúmes. No fim, antes de vir embora, ficámos a dar-nos bastante bem uma com a outra...

...ainda falas com eles?

Ainda...bastante....A minha irmã...foi presa há uns tempos por fraude bancária...hoje em dia já se encontra em casa

Como eram os costumes lá em casa?

A primeira coisa que eu reparei quando cheguei foi que não se jantava em família, todos juntos! Cá era “religioso”!

Cá esperava-se por toda a gente para se jantar.

Lá...lá se me recordo jantámos duas vezes juntos; uma no dia em que eu cheguei e no “Thanks Giving”. Comia-se em qualquer lugar da casa...

Cozinhava-se? Que tipo de comida?

Cozinhava-se muito poucas vezes! Normalmente íamos jantar fora ou era “take way” ...mas quando havia jantar em casa era sempre arroz com peito de frango!

...Comi pão, muito pão!

Fez-me muita confusão os horários das refeições... por volta das 6 da tarde jantava-se!

Cá era sempre a horas, e comida tradicional. A minha mãe cozinhava comida caseira e mediterrânea.

Lá não se almoçava... no fim das aulas, pelas três da tarde, ia para casa com fome e fartava-me de comer pão!... Isto também porque não estava para comer comia pizza o dia todo e todos os dias, como as outras pessoas normais que andavam na minha escola.

E na escola?

...Na escola era basicamente sempre o mesmo, todos os dias: havia umas bancas, umas com pizza, umas com sandes e outras com comida mexicana!

A cidade e o estado tinha muitos emigrantes mexicanos e descendentes (de 1ª geração), de muitos sítios. Havia inclusivamente muitos alunos com pais e avós portugueses e brasileiros!... É um dos estados mais liberais dos Estados Unidos!

Já agora, os teus pais, de lá e de cá, faziam voluntariado?

Os de lá muito mesmo... eram pessoas muito humanas. Cerca de 80% da dispensa era sempre para dar ao Banco Alimentar! O meu pai fazia atividades com fotografia para angariar coisas para os pobres, para o Banco alimentar lá da cidade.

Os de cá ...não tanto.

Como eram, em geral os fins de semana?

Lá fazia alguns programas com a minha irmã! Íamos às compras, íamos jogar mini-golfe íamos visitar algumas coisas novas que apareciam

Quando não havia nada para fazer ou nenhum programa de novo ficávamos em casa, com os meus pais, a arrumar qualquer coisa.

Cá na altura já saía à noite... já ía ter com amigos... ou ficava a estudar... era muito mais social!....e lá, muito mais familiar!

A minha mãe lá juntava-se a beber com amigos... num bar ou em casa. O meu pai era muito tímido....!

Faziam convívios com os vizinhos?

Sim!...De vez em quando fazíamos churrascos mas com um número restrito de vizinhos. Normalmente era mais com a família em si.

Cá íamos muitas vezes ao Ribatejo (a mãe é de lá) e, se não estivessemos a estudar fazíamos um passeio por Cascais ou pelos arredores.

Cá a minha família era mais organizada... lá, “artistas”, eram um bocado “despassarados”. Víamos televisão mas não ligavam muito.

Não acho que fossem uma família muito típica americana.

...Juntava-me de vez em quando com a minha mãe numa salinha que havia, a ler ou a conversar.

...discutiam assuntos? Atualidade? Sabiam alguma coisa de Portugal

...Com o meu pai de acolhimento discutia bastante sobre política e sobre atualidade, e até sobre Portugal e sobre a situação económica portuguesa; com a minha irmã e a minha mãe nem tanto.

....Antes de eu ir para lá eles não sabiam onde era Portugal...mas por me terem acolhido fizeram bastante esforço para se manterem atualizados e ainda hoje isso acontece...ainda hoje quando falamos falam bastante sobre o que se está a passar em Portugal

Cá...cá em Portugal não falava muito com os meus pais sobre a política ou sobre História; lá, com o meu pai de acolhimento falava....sobre política e a história, principalmente dos Estados Unidos.

Todos os dias os meus pais de cá liam o jornal enquanto que lá o mais comum com as notícias era o “Dailly Show”, que via com o meu pai de acolhimento todos os dias!

As notícias nos “media” eram locais ou também internacionais?

...Por norma eu diria que eles se interessam pela atualidade local. 80% dos meus amigos não sabiam onde era a Europa!... e nunca tinham saído do seu “local de conforto”, da sua cidade.

Fala sobre a cidade...

A cidade tinha tudo mas as pessoas iam à capital, porque ficava bastante perto. ... não era uma cidade dormitório...

Saías à noite?

Não!... não podia, não tinha idade ainda. Quando saíamos, íamos normalmente a casa uns dos outros.

De vez em quando ia a uns concertos, em Madison, na capital, mas era sempre um risco, porque não poderia andar fora de casa depois da meia noite.

Havia muita polícia, e até a escola em si tinha um polícia que ficava na escola sempre! Cá isso nunca aconteceu.

Como eram os cumprimentos?

Cá, ... normalmente dá-se um beijo e um abraço quando se sai ou quando se entra.

Lá, a minha mãe de acolhimento, por ter ascendentes italianos, era muito de abraços. O pai e a irmã nada; apenas olá (abracei a minha irmã uma vez!).

Quando chegava a casa tirava a mochila, e sentava-me e dizia “olá!”, pura e simplesmente

Como era com o resto da família? Conviviam?

...Os meus avós de acolhimento eram os chamados “aves migratórias”, que durante o verão estavam no norte, portanto estavam relativamente perto de nós e no inverno iam para a Florida, onde estava calor

A cidade, onde eu estava, era uma cidade muito muito muito fria, uma das mais frias dos Estados Unidos.

Os tios, o irmão e a irmã do meu pai de acolhimento viviam relativamente perto, a umas 3 horas de distância. Fomos visitar os avós só uma vez e os tios a mesma coisa.

Como foi o dia de Ação de Graças e o Natal?

No dia de acção de graças, no “thanks giving”, fomos para casa da tia, da irmã do meu pai e os avós foram lá ter. Gostei, gostei imenso!...Pareceu-me um dia muito “à portuguesa”, ...conversámos, comemos... Não houve troca de presentes; só no Natal. Abri os presentes só no dia 25 de manhã. Como era nova e tinha feito anos a 4 de Dezembro aproveitaram e juntaram tudo...

Os pais de lá tinham muitos rituais de Natal: Todos os anos na véspera viam o mesmo filme, comiam sempre o mesmo, iam buscar e cortar a árvore de natal... Adorei ir buscar a árvore! Cada um escolhia um ornamento para a árvore... Gostei!....Fez-me lembrar cá, a minha casa. Mesmo a troca de presentes lá e cá não foram muito diferentes (...cá nunca tive muitos presentes e lá aconteceu a mesma coisa).

Como eram as relações entre vós?

A relação entre pais e filhos era muito diferente...Lá a minha irmã era filha única... e cá partilhei sempre as minhas coisas...o meu quarto inclusive...a minha avó, com uma AFS de NY que também viveu comigo durante 6 meses e, portanto estava sempre habituada a partilhar as minhas coisas...

Lá tinha quarto só para mim mas não tinha porta, com uma cortina... A mim não me fez muita diferença, porque...eu vivia num sótão havia uma porta antes das escadas para entrar no sótão... e nunca me entravam no quarto. Cá, ao contrário, entrava-se...Nunca fechei a porta do meu quarto

Em casa, cá discutia-se muito mas nunca faltando ao respeito de uns pelos outros; Lá, discutia-se, bastante, gritava-se, batiam-se com portas...! Cá isso seria completamente impensável!. No entanto nunca me envolveram nas discussões.

A minha irmã estava sempre a fazer cenas de ciúmes por coisas sem importância...

E a organização, lá em casa?

Cá havia empregada (eu só tinha a responsabilidade do quarto) e não fazia limpeza.

Lá eram menos arrumados e limpos, enquanto que cá eu tinha uma empregada...e portanto só me preocupava como o meu quarto. Lá, por exemplo, inclusivé deixavam acumular os pratos sujos,... e de vez em quando alguém tinha que arrumar tudo! Geralmente era eu ou o meu pai. Foi lá, inclusive, que tive de lavar a minha roupa, pela primeira vez!

Fala agora das escolas de lá e de cá. Como era a organização?

Tanto lá como cá eu estudei Artes...maioritariamente (a minha mãe de lá foi minha professora de Artes). A grande diferença que eu notei mais foi o facto de na escola de lá não haver intervalos; saíamos de uma sala e íamos a correr para outra. O professor mantinha-se sempre na mesma sala

O horário era diferente de dia para dia, cá, em Portugal, enquanto que lá tínhamos os mesmos horários todos os dias, a mesma disciplina à mesma hora.

Qual sistema que achas melhor?

Em teoria poderei dizer que o sistema americano melhor pois funciona por créditos, o que permite escolhas ao aluno; tinha que fazer um número mínimo de créditos., com alguma, com algumas disciplinas obrigatórias (Matemática, Inglês, Educação Física,...) e outras extra (tive um crédito a Arte, por exemplo). Depois dentro de cada disciplina havia várias subespecialidades (por exemplo, em Inglês, existia Normal, Discurso, Escrita Criativa, Gramática,...)...Mais ou menos como o sistema académico da Universidade em Portugal.

Havia disciplinas chamadas “a.p”, e que funcionavam como disciplinas com créditos suplementares, a nível universitário. Tive uma disciplina de Portefólio extra; eu escolhi todas as que se relacionavam com Arte.

Na prática, o contra era que existiam disciplinas que não serviam para nada (eram escolhidas porque eram disciplinas do “não fazer nada” (por exemplo “ver filmes”). Havia alunos só com essas disciplinas, o que se tornava um pouco pior em comparação com o ensino Português.

Lá muitos alunos assumem logo que não querem ir para a universidade e, portanto, escolhem disciplinas mais práticas, como o caso de mecânica, para poderem ir logo trabalhar depois do ensino secundário.

Faziam-se também, além do ensino secundário normal, havia também uma escola profissional...não era profissional mas era uma escola paralela para alunos com algumas dificuldades...Ah...por, exemplo, a minha mãe criou uma e...e dava apoio a essas pessoas com dificuldades, com famílias problemáticas, até em certos casos eram para mães adolescentes. Tinham depois equivalências para poderem fazer, para poderem equivaler ao ensino normal, e faziam os exames pela internet. Funcionava por módulos, como se cá fosse estudar á noite, por exemplo.

Lá a ideia de “high school” é muito dura; cá a pressão social não era tão grande e tinha “outra vida”. Lá vivem muito muito obcecados com a escola, com a vida na escola e com o desporto relacionado com a escola.

Havia A.E.?

Cá a minha escola tinha...eu era, inclusive, a presidente, antes de ir para os Estados Unidos. Como colégio não tínhamos muita margem de manobra e nem se podiam fazer muitas coisas, festas, por exemplo. Colocávamos música e fazíamos uns campeonatos desportivos.

Lá, não havia A.E. estruturada, mas haviam clubes de tudo. De tarde íamos para a escola e faziam-se todo o tipo de atividades que se quisessem. Cá tinha aulas de manhã e de tarde.

Havia grupos na escola?

Sim, haviam desportistas, “cheerleaders”, ... Notava-se quem pertencia a clubes mas todos se relacionavam bem uns com os outros. Eu tinha boas relações sociais com todos...mas se me tivesse que me identificar com algum talvez com o dos artistas, dos “boémios”. O melhor aluno da turma era um gozão e falava alto no refeitório, para ser notado.

Havia AFS?

Na minha escola haviam 8 alunos AFS...no entanto eu só dei-me bastante bem com uma sueca.

Foi fácil integrares-te?

Quando saí de cá fui a pensar que seria mais difícil... no entanto quando cheguei lá comecei a falar e a meter-me com todos e a pouco e pouco, deixou de ser complicado. ...tinha bastante aulas de arte e, portanto, era mais fácil para mim conviver com algumas pessoas...porque era uma aula mais livre mais de convívio, também. Além disso como ia com poucas expectativas, do que estava à espera, também acabou por correr bastante bem.

Criei um bom grupo de amigos; inclusive, já lá voltei e eles já cá vieram para me visitar umas vezes...

Cá, eu estudava com a mesma turma desde os 3 anos, e, portanto, não notei muito as separações entre os grupos. Além disso há que reconhecer que era um colégio de elite.

E as matérias? Eram mais fáceis cá?

Lá eu poderei dizer que era muito mais fácil ter boas notas. Também me esforcei mais, porque era uma língua diferente e tive melhores notas; no entanto não sei se foi do trabalho ou do próprio sistema...Quando vim fiquei cá com média final de 18. Deram-me equivalência [de lá] a uma média de 18,4!.

E como era a relação com os professores?

Lá tinha 6 disciplinas todos os dias; estava mais com os professores. Cá, no colégio não notei que fosse muito diferente, porque os professores também vinham ter sempre connosco.

Não vi grandes problemas disciplinares de... “monta”...cá havia menos distanciamento aos professores e mais à vontade na sala de aula; lá era logo o “sir”, “miss”,... o que criava logo algum distanciamento entre os alunos e os professores.

Os professores de lá eram da localidade e das redondezas. Havia alguns que, inclusivé, não eram só professores eram também treinadores...tinham uma dupla função dentro da escola e com esses criava-se bastante mais empatia com esses, mas...por norma só mesmo com esses.

Era uma escola com muitas pessoas e de várias origens

Havia racismo?

Como em todas as escolas dos Estados Unidos, ou pelo menos naquelas que eu conheci, era tudo muito controlado; havia, inclusive, palavras-tabu. Não se podia dizer “bom Natal”... na escola... mas...tinha que se dizer “boas férias de inverno”, ou...”bom intervalo escolar” . Se dissesse “Bom Natal” seria considerado discriminação religiosa... o que cá não existia

Cá havia mais discriminação social, até porque era um colégio e não uma escola pública!... Lá tinha amigos tanto muito ricos como muito muito pobres, e todos se davam sem complexo algum.

...e o vestir?

Enquanto que cá notava-se bastante cuidado no que se vestia... inclusive não se podia usar havaianas ou decotes para o colégio, lá as raparigas, de uma forma geral, andavam de fato de treino e podiam usar decotes e ter o “rabo à mostra”. Lá também havia o cuidado de não se fazer comentários sobre o vestuário.

...e a forma de se cumprimentarem?

Cá na escola não se andava agarrado – era um local de trabalho. Lá os pares, hetero, homo, andavam sempre agarrados uns aos outros e aos beijos!...

Por outro lado havia uma distância de segurança entre as pessoas. No 1º dia a minha irmã apresentou-me à sua melhor amiga e eu fui abraçá-la e beijá-la, e ela disse: “ não não aqui não fazemos isso!”; fiquei muito envergonhada.

Cá somos muito mais carinhosos uns com os outros.

Fala-me agora da cidade...

A cidade, com grande taxa de natalidade entre mães menores (que cá nunca tinha visto) e era algo aceite. A escola tinha um infantário para os filhos das alunas.

... era uma cidade liberal, sem ser hipócrita.

E as festas na escola?

Eram engraçadas! (aqui saía bastante à noite, portanto era um bocadinho diferente)

Pertencias a grupos na escola?

Pertencia ao clube das artes e jogava softball. Cá tinha feito judo, ténis e mais coisas (ginástica acrobática,...), mas já tinha deixado todos esses “clubes”quando fui.

Lembras-te de algo engraçado que te recordes?

Lembro-me duma história engraçada com o inglês. Cá tinha estudado na Cambridge School e o meu inglês era de Inglaterra, do Reino Unido.

Quando cheguei fui a uma loja e perguntei à senhora se a senhora tinha “rubber”! Todos à minha volta se riram! A senhora da loja quando me viu fazer o gesto para o que queria, disse “ah!...eraser”! E aí eu percebi que “rubber” usava-se para preservativo...

Questões Posteriores (respondidas por mail)

Qual a profissão da tua mãe, na altura?

A minha mãe de lá era professora de artes na minha escola e a minha mãe de Portugal trabalhava na galp, para ser sincera não sei muito bem o que é que fazia.

Havia “curfew”?

Por lei os menores de 18 anos não podiam estar fora de casa depois da meia noite, mas a minha família nunca me disse horas.

Comunidade unia-se em torno de causas?

Algumas sim, mas no ano em que eu lá estive não houve assim muitas causas para se unirem. Sei que no ano a seguir todos se uniram numa causa contra o governador do estado.

Era uma comunidade pobre ou rica?

Posso dizer que na minha escola haviam mais estudantes ricos do que pobres.

Como caracterizas o urbanismo da cidade?

Como qualquer subúrbio Americano diria, todos vivem em vivendas, com o seu bocado de jardim. A maioria das casas eram todas iguais, bastante grandes, feitas em madeira, e sempre com o seu jardim super bem arranjado.

O que faziam as famílias ao fim de semana, normalmente?

Muitos iam para as suas “Cabins” no norte do Wisconsin, mas o mais normal era, em caso de os filhos terem alguma prova de desporto toda a família ia, se não, os filhos iam trabalhar e os pais ficavam em casa.

Na cidade a classe social importava?

Nem por isso, a cidade onde eu estava era bastante pequena, todos se conheciam, e por norma davam-se todos bem, no entanto existia um bairro que fazia parte de um clube de golfe, onde só os mais ricos poderiam entrar.

Havia cafés na cidade (no nosso sentido)?

Sim, havia um café bastante parecido com o que nós temos, onde todos se encontravam e onde liam, trabalhavam... De resto só bares onde os adultos se encontravam aos fins-de-semana à noite para beberem umas cervejas.

Os jovens habitualmente tinham “part-time”?

Sim a maioria sim.

Havia festas de jovens com sexo/droga/álcool?

Sim, visto que os jovens não podem ir para bares ou discotecas, faziam-se festas, com álcool, e drogas... Sexo, bem acho que isso dependia de cada um, mas a verdade é que no ano em que eu lá estive existiam 10 raparigas grávidas, e mais umas quantas já com filhos.

Como era a dimensão da escola?

A minha escola era uma escola distrital, como tal era bastante grande, não sei ao certo quantos estudantes tinha, mas por ano deveríamos ser mais ou menos 150.

A escola era bem equipada?

Sim, posso dizer que tinha tudo o que fosse preciso. Cada sala estava equipada exactamente com as coisas que eram necessárias, e havia inclusive um “day-care”, onde tanto professores, como alunos poderiam deixar os filhos durante o período de aulas.

Qual a atitude perante o cabular?

Por e simplesmente não se fazia. Os alunos preferiam chumbar a fazerem cábulas ou copiar,

A maioria almoçava na escola?

Sim a maioria almoçava pela escola. Tinham uns cartões onde os pais punham dinheiro e eles almoçavam por lá.

Houve “prom-party”?

Sim, claro. A parte mais importante do ano.

Costumavam visitar familiares?

Bem, o meus pais foram lá no fim do ano para verem a minha “graduation”. Os familiares da minha família de acolhimento iam lá bastantes vezes, principalmente os pais do meu pai de acolhimento, visto que moravam relativamente perto.

Qual a religião dos “pais”?

Os meus pais não tinham nenhuma religião. Não acreditavam, nem deixavam de acreditar em nada.

Como foi o “Halloween”?

O “Halloween” foi bastante engraçado, o meu pai é fotografo profissional, e como tal criou uma campanha muito gira. Cada pessoa trazia comida, qualquer coisa, e recebia uma fotografia de graça. Posteriormente, essa comida iria para o banco alimentar da vila.

Onde e o que costumavas comer ao pequeno almoço?

Em casa sempre. Era sempre a primeira a acordar e sentava-me no sofá, no único momento silencioso do dia a comer os meus cereais.

Quais os hábitos dos jovens?

Escola durante o dia, assim que acaba, ou vão para as actividades depois da escola, ou vão trabalhar. Sexta e Sábado à noite bebem.

Costumavas sair com a família pela cidade?

Saía muitas vezes com o meu pai para irmos as compras, e com a minha mãe para passear.

Na comunidade havia a ideia de se unirem por uma causa?

Como disse antes, uniam-se quando era necessário.

Anexo 6 – Sinopses das análises das primeiras entrevistas

6.1. - IS 86/87

<p>Família</p>	<p>A família, características Conservadora, remediada, pouco orientada economicamente Discutiam muito, faziam escândalo 4 irmãos, (14, 17, 21 e 23 anos) o mais velho no Alaska no início. Os 2 mais velhos independentes. Avós viviam ao lado, mais “equilibrados”, suporte económico da família Cumprimentavam-se como cá, mãe beijava filho na boca, mas havia uma distância de segurança Mãe dominava, sempre a beber e a fumar (com crianças em casa) Não religiosos</p> <p>Organização da casa Um quarto próprio Tinham logradouros Casa num caos Todos usavam uma toalha por dia e roupa não se passava</p> <p>Vida social da família Churrascos em família , ver muita TV e filmes, viagens curtas Relação tensa por causa do seu namoro Por vezes passeavam num parque</p>
<p>Escola</p>	<p>Apetrechamento da escola Todos os equipamentos necessários Sistema de comunicação geral e diário Muitos clubes</p> <p>Grupos na escola “jocks”(populares, desportistas) com as “cheerleaders”, “freeks”, os “cérebros”, totós, que se automarginalizavam Havia “bulling” para quem não seguisse certos padrões de um grupo Havia AFS</p> <p>Relações na escola Bem integrada no início, tentou muito Vítima de “bulling” por contestar os populares Conselheira era professora lá, o que a ajudou Cumprimentos com distância e o “hi” Respeito pelos professores, boa relação, por ser “diferente” Relações dos professores com os alunos americanos muito “tu-cá-tu-lá” Professores colaborativos Alunos que vigiam outros e obtêm vantagens Criticism quem cabula</p> <p>Organização escolar pequena Currículo com parte fixa, teórica, e outra que podia escolher, que no caso dela foi feito em função do que tinha tido cá. “memorial fotográfico” de antigos AFS</p>

	<p>Matéria mais fácil que cá A base era a disciplina e não a turma; Aulas manhã e tarde atividades Professores colaborativos</p> <p>Eventos escolares Envolvida (coro, artes, sky,...) jogava “soccer” “Prom-party” Poucas festas</p>
Sociedade	<p>Estrutura/organização da comunidade Vila rural Muito poucos emigrantes Jovens com “part-time” Nem rica nem pobre Tudo à volta duma rua principal, da vila, com casa baixas Muito fria no inverno (-27°C) e quente no verão</p> <p>Eventos importantes Natal – com a família, muitas prendas, sem utilidade Halloween – Foi giro. Foi com a irmã de 17 bater a portas, pedir goluseimas.. Ação de Graças – Em família, a comer peru</p>
Refeições	<p>Refeições Pequenos almoços - cereais Almoço - normalmente na escola, pizza, hamburgers, muito tipo de chocolates e leites, Jantar – parecido com cá; todos à mesa, às 19h. Comiam quase sempre o mesmo, muita mistura, saladas boas, e comida tipo “enfarta-brutos” Não se comia fora</p>
Jovens	<p>Hábitos dos jovens Não havia nada para fazer à noite, Ela tinha horas marcadas para regressar Ela com amigos costumavam sair de carro, beber bebidas não alcoólicas. Tiram a carta de condução cedo, tinham um “part-time” Hierarquia social dependente dos grupos na escola Festas sexo/droga/álcool</p>
Valores	<p>Valores Sentido de hierarquia mais igualitário na escola Confia-se pouco nos adolescentes, no sentido tem que se estar sempre a dar-lhes oportunidades Sentido de comunidade, voluntarismo, ideia de “causa” O sexo nas relações era habitual, mas com uma moral apregoada de não se poder Alunos a vigiarem alunos Exaltação do patriotismo Menos liberais do que aparentavam “Cada um se que se desenrascasse” em algumas tarefas domésticas Sabia que havia alguma questão com o problema das drogas No relacionamento social não transparece a classe social O título de DR não dizia nada a ninguém</p>

	Dar imagem que se tinha dinheiro Bastante igualdade de género Muito consumistas
--	---

6.2. - AB

89/90

<p>Família</p>	<p>A família, características</p> <p>Pai arquitecto e dono em sociedade dum gabinete de arquitetura, 38</p> <p>Mãe professora, 36, fazia “hom-school” com os 3 filhos mais novos</p> <p>Cinco irmãos, 3,5,7,9,13</p> <p>Todos da religião Bahai</p> <p>Família muito unida, com muitas atividades em conjunto</p> <p>Família alargada (paternos) muito presente (viviam próximo)</p> <p>Todos os filhos praticavam um desporto (o pai era treinador de futebol)</p> <p>Todos tocavam um instrumento, incluindo o pai.</p> <p>Cumprimentos afetuosos, com muitos abraços; mãe beijava na boa, em sinal de muito afeto.</p> <p>Mãe não gostava de cozinhar</p> <p>Comiam à mesa todos</p> <p>Tinham um gato</p> <p>Organização da casa</p> <p>Casa vulgar de 1º andar (este alugado), com jardim, com obras</p> <p>Casa de banho única para todos, 3 quartos para todos (algumas queixas da irmã mais velha por causa da casa de banho)</p> <p>Mobiliário vulgar, pouco</p> <p>Partilhava quarto com a irmã mais velha</p> <p>TV quase proibida</p> <p>Vida social da família</p> <p>Relações muito estreitas e muitas atividades com amigos/vizinhos da mesma religião</p> <p>Muito voluntariado, ligado à religião ou não</p> <p>Catequese em casa, da religião deles, dada pela mãe</p> <p>Encontros religiosos periódicos, em casa e fora dela, com comer e beber</p> <p>Atividades desportivas ou audições de música que envolvessem os filhos (podia envolver viagens)</p> <p>Férias em campismo</p>
<p>Escola</p>	<p>Apetrechamento da escola</p> <p>Muito bem equipada</p> <p>Muitos clubes e atividades</p> <p>Refeitório e “salad-bar”</p> <p>Grupos na escola</p> <p>Muitos grupos, sem se antagonizarem</p> <p>Tinha que se pertencer pelo menos a um clube</p> <p>Era 4 AFS</p> <p>Relações na escola</p> <p>Escola com quase todos brancos</p> <p>Não havia discriminação</p> <p>Sem problemas de segurança</p> <p>Vestia diferente e não foi discriminada</p> <p>Integração lenta, por timidez</p> <p>Relação com os professores pouco próxima mas com respeito</p> <p>Relação entre alunos pouco próxima</p>

Comunidade	<p>Poucos amigos americanos Nada de cabular</p> <p>Organização escolar Escola grande Currículo com parte fixa e outra que podia escolher A mesma disciplina com vários níveis Muitas disciplinas para optar Disciplinas de nível pré-universitário “Home-room” antes de começarem as aulas Muito rigor nos atrasos Passe para sair da sala em hora letiva Proibido andar nos corredores em hora de aula Pais informados de imediato se houvesse falta Havia disciplinas muito práticas Aulas manhã e atividades de tarde</p> <p>Eventos escolares Muitas festas e campeonatos de jogos (via os de basquetebol) “Prom-Party” e “Home-party”(não foi pois não tinha “date”)</p> <p>Comunidade Bahai: Eram unidos e entretajavam-se Grande sentido de comunidade, sem divisões etárias ou de género Caminhadas e manifestações contra a fome e a pobreza</p> <p>Estrutura/organização da comunidade Pequena, quintas à volta, todos se conheciam Vivia mais de serviços Muitos emigrantes Calma, casas baixas, traçado geométrico Poucas lojas e shoppings Centro de reciclagem Cidade segura Centro de patinagem, “bowling”, parque grande Não havia cafés, havia uma gelateria Havia clubes Não sabe se havia “curfew” Jovens com “part-time” TV local e havia jornais quase só com notícias americanas Não se viam polícias Comunidade religiosa Bahai importante</p> <p>Eventos importantes Natal – Em Madinson celebrar com a a família materna, que eram católicos. Troca de prendas, mais como festa de família Halloween - na escola e na comunidade a dar doces às crianças, mas de dia. O “Ayyam-i-Ha” (Natal da religião bahai) - fim de Fevereiro, com trocas de presentes “Feast” – Encontros periódicos da religião, onde comiam e bebiam, socializavam e iam a palestras. “Naw Ruz” – Encontro maior, religioso, em Março (não foi) Fim do Ano - Auto-organizado por AFS em casa de uma. Jogos, comer, dançar, conversar “World Affairs Conference”, Encontro com muitos jovens, em Whitewater.</p>
------------	--

Refeições	<p>“Thanks Giving” - Em casa da irmã do pai, longe. Jantar grande, com todos à mesa, e jogos no jardim.</p> <p>Refeições</p> <p>Pequeno almoço eram cereais, pão, leite e aos fins de semana panquecas e “french-toast”</p> <p>Almoço – quase sempre na parte do “salad-bar”, uma sala onde se podia comer o que se levava de casa (o que era vulgar) ou comprar no bar</p> <p>Jantar –Taça de legumes, pizza, o que desse menos trabalho. Bebiam-se sumos.</p> <p>Cozinhou comida portuguesa mas poucas vezes</p>
Jovens	<p>Hábitos dos jovens</p> <p>Jovens com “part-time”</p> <p>Jovens em casa uns dos outros, ora em festas envolvendo álcool, ora não</p> <p>Jovens costumavam jogar “bowling” ir para uma espécie de discoteca em que se andava de patins.</p> <p>Tinha que se pertencer pelo menos a um clube da escola, porque era aqui que os alunos se sociabilizavam.</p> <p>Muitas atividades organizadas pela AFS</p>
Valores	<p>Valores</p> <p>Grande sentido de comunidade; vários serviços de voluntariado</p>

6.3. - AG

92/93

<p>Família</p>	<p>A família, características</p> <p>Teve duas famílias; 1ª conservadora, com pais e um irmão, 2ª apenas pai, liberal</p> <p>1ª família via muita TV, algum tempo juntos, discutiam assuntos Comiam muita vez fora. Cumprimentavam-se como cá, mãe beijava filho na boca, mas havia uma distância de segurança</p> <p>2ª família o pai estava sempre ocupado em atividades, dava-lhe liberdade Comiam de vez em quando fora</p> <p>Nenhuma das famílias era religiosa</p> <p>Organização da casa</p> <p>Um quarto próprio</p> <p>Tinham logradouros</p> <p>“tralha acumulada”</p> <p>Vida social da família</p> <p>1ª - churrascos com vizinhos , jogar futebol, ver TV</p> <p>Participou em vendas de bairro</p> <p>2ª- Viajar, acampar (o pai tinha sido guarda florestal), o pai sempre em atividades sociais e a organizar atividades na escola</p>
<p>Escola</p>	<p>Apetrechamento da escola</p> <p>Todos os equipamentos necessários</p> <p>Muitos clubes</p> <p>Grupos na escola</p> <p>1ª – “jocks”(desportistas), “nerds” (ao qual ele pertencia), “werds” (excêntricos, alternativos).</p> <p>2ª – como era mais pequena os grupos eram mais esbatidos e ele identificava-se mais com o último</p> <p>A 2ª tinha muitos mexicanos (com muita cultura de “gang”), os brancos eram cerca de 25%, assim como os descendentes de portugueses. Havia grupos relacionados com as origens</p> <p>Havia AFS</p> <p>Relações na escola</p> <p>Sentiu-se isolado na 1ª e integrado na 2ª.</p> <p>Em ambas nos cumprimentos havia distância entre rapazes</p> <p>As raparigas tinham muita iniciativa a aproximar-se e a afastar-se dum rapaz; diziam “na cara” o que pensavam</p> <p>Havia grupos relacionados com as origens; os mexicanos com cultura de “gang”.</p> <p>Respeito pelos professores, eram espetaculares, com “amor à camisola”</p> <p>Criticam quem cabula</p> <p>Organização escolar</p> <p>1ª escola grande, 2ª pequena</p> <p>Currículo com parte fixa e outra que podia escolher</p> <p>Possível fazer disciplinas fora da escola que davam créditos</p> <p>Matéria mais fácil que cá</p> <p>A base era a disciplina e não a turma;</p> <p>Aulas manhã e tarde atividades</p> <p>Pouco controle se saía ou entrava mas rigor nas faltas</p> <p>Professores colaborativos</p>

Comunidade	<p>Eventos escolares Pouco envolvido, não ia às festas, namorava, e jogava “soccer” Só se lembra de festa de fim de ano na 2ª; não foi</p> <p>Estrutura/organização da comunidade 1ª – havia muitos carros 2ª - tinha um cheiro característico; tinha muitas leitarias e damascos (auto-intitulava-se a capital mundial dos damascos). Era uma cidade muito sossegada Cidades com “curfew Cargos na cidade por eleição Vendas de bairro (participou) Polícia informal no tratamento, embora distante Nos cumprimentos os homens não se tocavam; havia distância de segurança Não havia coisas típicas Urbanismo bom; a régua e esquadro Não havia nem cafés nem esplanadas Pouca burocracia; fazia-se muita coisa por confiança Na 2ª havia pessoas com muitas origens: mexicanos, portugueses (acima dos mexicanos) Muitos jovens com “part-time” Não havia “pastelarias”, cafés Havia jornais locais, com sessão local enorme e internacional quase inexistente</p> <p>Eventos importantes Halloween – Foi a um concerto rock Ação de Graças – como cá o Natal, festa de família Carnaval - não havia</p>
Refeições	<p>Refeições Pequenos almoços - cereais Almoço - normalmente na escola, sandes, batatas fritas, chocolates, “porcarias” Jantar – Na 2ª, comia sozinho o que fazia. De vez em quando comiam fora (na 1ª bastantes vezes)</p>
Jovens	<p>Hábitos dos jovens Illegal sair à noite, mas ele podia pois tinha 18, mas tinha horas marcadas para regressar Costumavam sair de carro, beber bebidas não alcoólicas. Tiram a carta de condução cedo, são incentivados a ter um “part-time” para comprar as coisas de que gostam Saía com amigos e namoradas</p>
Valores	<p>Valores Sentido de hierarquia mais igualitário Confia-se mais na palavra do outro, acredita-se mais na boa intenção do próximo Muito sentido de comunidade, muito voluntarismo, muito a ideia de “causa” Quando se diz que se vai fazer uma coisa faz-se mesmo Pessoas muito consumistas, dava-se muito valor ao “ter” Relativa igualdade de género O coletivo decide muito a grau de liberdade dos indivíduos, mas não sentiu que a comunidade se intrometesse na família Havia alguma questão com o problema das drogas, mas assumido A filosofia americana era de extremos: ou fechavam os olhos ou eram implacáveis</p>

	<p>Há uma cultura de atendimento: todos falam com todos de tudo</p> <p>No relacionamento social não transparece tanto a classe social</p> <p>Adolescentes mais maduros e autónomos (adquirida progressivamente)</p> <p>Vestiam-se de maneira mais informal do que cá. Houve uma mudança nele, progressiva, depois de estar na 2ª família</p>
--	--

6.4. - JS

99/00

<p>Família</p>	<p>A família, características Teve duas famílias; esta a 2ª (a 1ª por pouco tempo) Identificou-se muito com eles Faziam-se muitas coisas em família Tinha duas irmãs, com quem se relacionava bem Família muito unida Cumprimentavam-se como cá, com beijos e abraços, mas mais abraços (confortável para ela) Discutiam assuntos em família, mas não atualidade política</p> <p>Organização da casa Um quarto partilhado Muita coisa dentro de casa Confortável, grande, espaçosa Tinha logradouros Tarefas definidas para cada um</p> <p>Vida social da família Festas nos fins de semana com os familiares que viviam perto Nos fins de semana sempre alguém lá a dormir</p>
<p>Escola</p>	<p>Apetrechamento da escola Todos os equipamentos necessários Muitos clubes Fez lá o seu primeiro mail</p> <p>Grupos na escola Não notou isso Havia AFS Havia diversidade (hispânicos e negros)</p> <p>Relações na escola Bem integrada (irmã era “cheerleader”) Bastante respeito pelos professores Ser “cool” é só possível se for bom aluno Criticam quem cabula</p> <p>Organização escolar Escola grande No início havia rituais a cumprir Currículo com parte fixa e outra que podia escolher Matéria mais fácil que cá Professores colaborativos A base era a disciplina e não a turma; Aulas manhãs e tardes atividades Pouco controle se saía ou entrava mas rigor nas faltas Sabiam pouco sobre Portugal</p> <p>Eventos escolares Pouco envolvida pois tinha um “part-time” (ilegal, pelo programa) Houve “prom-party”, numa cabana, com amigos</p>

Comunidade	<p>Estrutura/organização da comunidade</p> <p>Cidade de serviços</p> <p>Não havia cafés, no nosso sentido</p> <p>Era norma ir comer fora</p> <p>Tudo em grande escala, muito maior</p> <p>Eventos importantes</p> <p>Natal – em família, em casa de tios</p> <p>Halloween – passou com amigos</p> <p>Ação de Graças - em família, em casa de tios</p>
Refeições	<p>Refeições</p> <p>Pequenos almoços: em casa</p> <p>Almoço: com amigos</p> <p>Jantar - feito pela mãe e colocado no balcão. Cada um comia a horas diferentes. No final já comiam à mesa</p> <p>Fins de semana tudo em família, em casa</p> <p>Normalmente comiam fora (era prática geral)</p>
Jovens	<p>Hábitos dos jovens</p> <p>Quase todos tinham “part-time”</p> <p>Ilegal sair à noite, iam para casa de amigos</p> <p>Saía com amigos</p> <p>Com mais maturidade do que cá</p>
Valores	<p>Valores</p> <p>Cidade conservadora, pequena</p> <p>Havia espírito de comunidade</p>

6.5. - PJ

01/02

<p>Família</p>	<p>A família, características</p> <p>Teve duas famílias, a 1ª a “sua” família e a 2ª “apenas” para acabar o tempo</p> <p>1ª família – Uma psicóloga, com uma filha, de 15, e um 2º marido, que era treinador de atletismo. Perto vivia a outra filha, de 18, com o pai (das duas), psicólogo criminal. Pai muito ausente por causa dos “seu mundo de atletas”</p> <p>Relação cordial entre todos.</p> <p>Dormia regularmente na casa do pai das irmãs</p> <p>No Natal mãe e 2º marido separaram-se, mas ficaram a viver na mesma casa.</p> <p>Todos queriam que ela lá continuasse mas AFS decidiu o contrário.</p> <p>Pais dela (onde vivia) católicos, irmãs e pai delas judeus</p> <p>Sentimento de grande presença feminina</p> <p>Mãe sabia “fazer dinheiro” de tudo</p> <p>Abraços só com a mãe</p> <p>Mãe cozinhava e uma vez por semana comiam comida chinesa</p> <p>Comiam à mesa todas</p> <p>Tinham um cão</p> <p>Família de transição:</p> <p>Uma irmã AFS brasileira e a mãe tinha sido AFS no Brasil; foi divertido</p> <p>2ª família:</p> <p>Classe alta</p> <p>Pai cientista e mãe nutricionista</p> <p>Mãe tipo que foi hippie e agora é rica</p> <p>3 filhos, dois desportistas, um na faculdade</p> <p>Vieram da Califórnia</p> <p>Tinham um cão</p> <p>Mãe apoiava causas tibetanas</p> <p>Boa relação com a irmã, a mais nova</p> <p>Organização da casa</p> <p>1ª família:</p> <p>Casa antiga, grande, colonial, com mobiliário clássico, que periodicamente era “transformada” em casa vitoriana</p> <p>Partilha de tarefas por todos</p> <p>Quarto próprio</p> <p>Havia jardim</p> <p>Vida social da família</p> <p>1ª família:</p> <p>“Encenação” na casa, com senhoras, duas vezes por mês</p> <p>Mãe sociável</p> <p>Vendas de garagem</p> <p>Pai tinha o “mundo dele” dos atletas, onde ocupava muito tempo</p> <p>Alguns fins de semana churrascos com amigos</p> <p>Sábados aula de meditação, pequeno almoço na casa da irmã mais velha, arrumações, ler.</p> <p>Domingos - Fazer trabalhos, ver filmes, tocar guitarra</p> <p>Irmãs participavam nos movimentos por direitos, na cidade</p> <p>Apetrechamento da escola</p>
-----------------------	---

<p>Escola</p>	<p>Muito bem equipada, sem circuito TV Livros e material dados Clubes e atividades sobre defesa de direitos Não havia cantina Grupos na escola Não havia grupos Juntavam-se em torno de causas Não havia outros AFS Relações na escola Escola multicultural, mas não de elite, mais afro-americanos que hispânicos Não havia “bulling” nem discriminação Vestia diferente e não foi discriminada; vestiam de forma muito diversa Irmã ajudou a integrar-se Cumprimentos com aperto de mão e “hi” Relação com os professores próxima mas com respeito Organização escolar Lema da escola: “Small School, Open Minds” Escola pequena, de artes, alternativa, com acesso condicionado Currículo com parte fixa e outra que podia escolher (escolheu artes) Possível fazer disciplinas fora da escola, e de fora irem lá fazer disciplinas Matéria não mais fácil que cá Cada professor com sua sala Intervalos curtos Aulas manhã e de tarde Alunos acompanhados no seu percurso Nada de cabular Eventos escolares Livro do ano diferente das outras escolas “Prom-Party” – alternativo, sátira aos usuais Não havia campeonatos desportivos internos</p>
<p>Comunidade</p>	<p>Estrutura/organização da comunidade Cidade universitária, grande, com poder económico. Cidade segura Cidade com grande amplitude térmica (55º), com tornados e nevões Vestiam-se de forma diversificada, “hippie-chic”. Andava-se mais de bicicleta, não tanto de carro. Centro para jovens Jovens com “part-time” Havia algumas esplanadas TV local e havia jornais quase só com notícias americanas Havia “curfew” Sabiam pouco de Portugal Eventos importantes Hannukah” (natal judeu) - com a mãe e as irmãs em casa “Thanks Giving”- em NY com o pai das irmãs e seus familiares (era judeu de NY). Jantaram fora comida vegetariana Natal – em Reno, Nevada, com familiares da mãe. Só se lembra que bebeu “eggnog”. Cada um dava uma prenda a um, sorteadas Ano Novo - com a família de acolhimento do irmão natural (que esteve lá 3 anos antes)</p>

<p>Refeições</p> <p>Jovens</p> <p>Valores</p>	<p>4 de Julho - foi no Lago do norte, com a 2ª família, na praia, com churrasco, foguetes e muito calor.</p> <p>Feira de Arte, um festival, no Verão.</p> <p>Halloween – baile na escola, com disfarces criativos</p> <p>Refeições</p> <p>Pequeno almoço – cereais, fruta,...</p> <p>Almoço – sandes que levava de casa, vegetarianas Jantar – Todos à mesa, geralmente, normalmente salada, legumes salteados, tofu ou sopa</p> <p>Hábitos dos jovens</p> <p>Tinham “part-time”</p> <p>Vestiam de forma diversificada, “hippie-chic”</p> <p>Irem ao cinema</p> <p>Partilharem táxi, bicicleta, serem “green”</p> <p>Irem ao centro para jovens, onde se encontravam depois das aulas, noites e fins de semana, em eventos culturais, musicais e artísticos.</p> <p>Iam pouco a casa uns dos outros</p> <p>Participarem em eventos pela igualdade e pela diversidade</p> <p>Fumar tabaco associado a drogados e prostitutas; chique fumar marijuana.</p> <p>Bebiam algum álcool</p> <p>Na escola não havia droga, mas fora havia muita</p> <p>Havia festas mas não tão s/d/a mas mais acampamentos com fogueiras</p> <p>Valores</p> <p>Cidade mais liberal que o resto do estado, uma “bolha”</p> <p>Cidade com muitas manifestações pró-marijuana, pró-homossexualidade,...</p> <p>Comunidade intelectual, com literacia</p> <p>Era chique fumar marijuana</p> <p>Havia pouco o culto do carro, era mais “green”.</p> <p>Não muito sentido de comunidade</p>
--	--

6.6. - MM

08/09

<p>Família</p>	<p>A família, características Humanitária e voluntarista, “artistas despassarados”, pai a trabalhar em casa e mãe professora em vários locais Vestiam desportivamente Bem economicamente Discutiam muito, sem a envolver 1 irmã mais velha, com ciúmes dela. Cumprimentos: mãe afetiva, pai e irmã sem se tocarem, com “hi” Avós eram “aves migratórias” Pais não religiosos</p> <p>Organização da casa Casa antiga e clássica Um quarto próprio, sem porta Tinham quinta grande, com estúdio e animais Pouco arrumados e limpos; de vez em quando tinha-se que se arrumar e limpar tudo Discussão com o pai sobre história e política dos EUA. Não liam jornais Sabiam pouco de Portugal mas faziam esforço (ainda hoje) para saberem mais</p> <p>Vida social da família Saír com a irmã e pai às compras: com a mãe a passear Com a mãe a ler A mãe juntava-se com amigos a beber (pai muito tímido) Discussões com a pai sobre atualidade e Portugal Churrascos com vizinhos mas restrito Viam pouca TV, sempre o “Dailly show” Muitos iam para as suas “cabins” no norte do Wisconsin...no caso dela iam ver provas desportivas se algum filho tinha ou ficavam em casa A classe social não era muito importante, pois era uma cidade pequena onde todos se conheciam Os familiares dos pais iam visitá-los frequentemente</p>
<p>Escola</p>	<p>Apetreçamento da escola Todos os equipamentos necessários Muitos clubes</p> <p>Grupos na escola Desportistas) com as “cheerleaders”, boémios,... vários mas que se relacionavam bem Havia AFS Havia mais ricos que pobres</p> <p>Relações na escola Integrou-se aos poucos (estar em artes ajudou) Mãe era sua professora Cumprimentos com distancia de segurança, mas os pares, na escola, hetero e homo, andavam sempre agarrados e aos beijos Notava-se a que grupo se pertencia, mas bom relacionamento “Tabus”, quanto a coisas que pudessem ser interpretadas como racistas Amigos ricos e pobres, sem problemas Alunas quase sempre de fato de treino</p>

<p>Comunidade</p>	<p>Vida na escola muito importante para os alunos Boa relação com os professores, mas um pouco distantes Alguns professores/treinadores eram mais próximos Criticam quem cabula</p> <p>Organização escolar Pequena (grande, em termos relativos) Currículo com parte fixa e outra que podia escolher (escolheu ligadas a artes) Possível fazer disciplinas fora da escola que davam créditos, a nível superior Escola paralelas para alunos com dificuldades Matéria mais fácil que cá A base era a disciplina e não a turma; Aulas manhã e tarde atividades Sem intervalos Um polícia em permanência Infantário para filhos de alunas, um “day-care”, também para filhos de professores Professor com a sua própria sala Muito bem apetrechada</p> <p>Eventos escolares Algo envolvida (artes...) Jogava “softball” Houve “prom-party”, a parte mais importante do ano</p> <p>Estrutura/organização da comunidade Cidade vizinha da capital Muitos emigrantes Liberal Muitos polícias Jovens com “part-time” Não havia cafés nem discotecas Havia “curfew”, mas a minha família nunca colocou horas para voltar a casa Subúrbio com vivendas, todas iguais, grandes, de madeira, com jardim super arranjado Havia um café parecido com os em Portugal, como os de estudantes. De resto só bares onde os adultos se encontravam á noite ao fim de semana para beber cerveja</p> <p>Eventos importantes Natal - Com troca de presentes. Família com rituais de natal “Thanks giving” – em casa de tio e com avós; conversaram e comeram. Gostou, “parecia à portuguesa!” “Halloween” – passada com uma campanha feita pelo pai, com vizinhos, e em que angariaram comida para o banco alimentar</p> <p>Refeições Pequenos almoços – sempre em casa, cereais (era a primeira a acordar) Almoço – escola (pizza, sandes e comida mexicana) depois pão em casa. A maioria almoçava lá Jantar – Fora, “Take-way”, ou sempre o mesmo. Comia cada um num lugar.</p> <p>Jovens Hábitos dos jovens Jovens em casa uns dos outros Tinham “part-time” Havia festas s/d/a</p>
--------------------------	--

Valores	<p>Escola de manhã, tarde ou atividades ou a trabalhar. Fins de semana a beberem</p> <p>Valores</p> <p>Cidade liberal</p> <p>Cidade com muitos emigrantes</p> <p>No relacionamento social não transparece a situação económica</p> <p>Alguns locais juntavam-se em torno de causas, mas não se lembra de quando lá esteve.</p>
----------------	---

Anexo 7 – Questionário sobre mudanças ocorridas (17+2 perguntas)

Como mudaram as características seguintes?

- 1- *Consciência e apreço pelo país e cultura de acolhimento.*
- 2- *Apreço por línguas estrangeiras*
- 3- *Consciência internacional*
- 4- *Compreensão por outras culturas*
- 5- *Não-materialismo*
- 6- *Adaptabilidade*
- 7- *Independência e responsabilidade (autonomia)*
- 8- *Apreço pela família natural*
- 9- *Consciência e apreço pelo país e cultura de origem*
- 10- *Pensamento crítico, não dogmático*
- 11- *Partilha de ideias*
- 12- *Aptidão para interagir*
- 13- *Consciência das oportunidades*
- 14- *Espírito aberto*
- 15- *Relações pessoais profundas*
- 16- *Crescimento pessoal e maturidade*
- 17- *Auto-confiança*

- 18 - *Alguma vez se sentiu mais americano(a) que português(a)?*
- 19 - *O que sentiu que mudou mais em si próprio(a)?*

Anexo 8 – Guião para questionário da 2ª entrevista

	Objetivos	Questões
Família	<p>Conhecer como mudou a visão em relação à família natural</p> <ul style="list-style-type: none"> - Nos seus costumes e rotinas - Nos seus gostos e preferências - Nas suas relações 	<ul style="list-style-type: none"> • Em relação à família de cá o que é que mudou em relação às atividades que faziam em conjunto? • Mas encaras agora essas atividades mais engraçadas, menos engraçadas,...introduziste novas coisas nelas....ou não? • E nas festas com a família, com os parentes, achas mais ou menos interessantes? • Mudaste alguma coisa nas formas de cumprimentar as pessoas? • A sequência sopa...prato...sobremesa, ...manteve-se ou mudou?...em relação a isso o que se passou? • Quanto a passatempos com a família, mudaste ou não? • Em termos de organização do teu quarto? Aquilo a que se chama a logística, a organização da casa, achas que mudaste ou ficaste na mesma? • E a distribuição de tarefas em casa? Por cada um... Sentes que introduziste alguma coisa ou não? Ou simplesmente te adaptaste de novo quando cá chegaste? • Houve alguma alteração nas atividades religiosas com a família? • Há alguma coisa que introduziste de novo na família pelo facto de lá teres estado ...nas tuas relações..?
Escola	<p>Conhecer como mudou a visão em relação ao papel da escola</p> <ul style="list-style-type: none"> - Nas relações entre jovens - Na criação de competências - No desenvolvimento de relações sociais mais amplas 	<ul style="list-style-type: none"> • Como é que mudou a tua maneira de ver – a escola tem o chamado currículo normal e tem o currículo extra - , como é que tu vês a importância desse currículo extra em relação ao currículo normal? Manténs a mesma opinião, ou mudaste? • E o que deve ser o papel do professor, mudaste a tua opinião ou não? • Em termos de organização curricular, como achas que ela deve ser, mudaste ou não a tua opinião? • Qual achas que é, para ti, e se mudou ou não, o papel da escola no combate à discriminação? • Qual deve ser o papel da escola na organização dos jovens; a tua opinião mudou ou manteve-se?

Sociedade	<p>Conhecer como mudou a visão em relação à sociedade onde estava inserido</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A tua posição quanto ao sexo entre jovens?...permaneceu ou mudou? • ...e em relação ao sentido de responsabilidade dos jovens, ...achas que aquilo que pensavas sobre se os jovens eram responsáveis ou irresponsáveis, se manteve ou não? • A tua posição sobre os jovens beberem álcool ou não, manteve-se ou mudou? • Qual a tua opinião sobre o trabalho temporário em jovens? Antes e depois de teres ido... • As questões do voluntariado, a necessidade de fazer voluntariado para a sociedade, a tua opinião sobre isso mudou ou mantém-se? • Mudaste, para ti, o pensavas sobre a importância do vestir? • Em relação às diferenças de género? O que é que dizes? A tua opinião, continua a mesma ? • E a importância do consumismo, aqui não no sentido negativo, mas no sentido d a importância de ter, de se obter,para se ser? • Aquilo que pensas da autoridade mudou, ou manteve-se? Das autoridades, em geral...De quem tem o poder... • ...Aquilo que chamamos as festas tradicionais, as coisas que uma sociedade tem, isso para ti continuou a ser importante, menos importante...ou passaste a olhá-las de outra maneira? • A tua atitude perante a droga, manteve-se ou mudou? • Sobre o sentido de hierarquia, achas que o sentido de hierarquia lá era igual ou diferente daqui...e se mudou a tua atitude em relação a isso? (Uma coisa é a constatação, outra coisa é a tua opinião pessoal...) • O urbanismo da cidade lá era melhor ou pior do que cá? • A noção de distância... alterou-se para ti? O que é uma distância grande, pequena? • E a noção de tempo? • E o conceito de patriotismo? • A importância do “Doutor”? Ser doutor, “Dr” Mudou aquilo que tu consideras a importância disso? • E a importância da religião? • Dos vários aspetos que mudaram o que é que tu tens a certeza que mudaram em ti, que não foi só por causa da idade, que foi por teres ido e não tens dúvidas nenhuma que foi pelo facto de teres ido ...porque há coisas que foram também por causa da idade...
-----------	--	---

Anexo 9 – Transcrições das segundas entrevistas e respostas ao questionário, por estudante

9.1. - IS

Segunda entrevista

.....

Agora são algumas questões que têm a ver com as tuas mudanças...

Em relação à tua família natural como é que mudaste em relação a fazeres atividades conjuntas com eles?

Não mudou. Eu já era uma pessoa que fazia muitas actividades com a família e lá aprendi a amar mais a família e a dar ainda mais valor à família e quando vim para cá mais vontade tinha de continuar a fazer actividades com a família e assim continuei a fazer.

Encaras essas actividades mais engraçadas, menos engraçadas, introduziste algumas novas, ou não?

Não, como já vinha de uma família muito ligada às questões de intercultura, muito ligada ao convívio com os outros, muito ligada à partilha, portanto para mim, tive sorte porque muitos estudantes AFS quando regressaram tiveram problemas de readaptação e foi muito complicado. No meu caso tive a sorte de regressar à minha família que, ainda por cima era uma família muito habituada a lidar com estrangeiros e ainda por cima eu estava no meio certo e não tive problemas nenhuns nem tive de criar nem inventar nada de novo e continuámos a fazer as mesmas actividades que já fazíamos e eu, como tive sempre muita abertura com os meus pais e com os meus irmãos, quando havia algum problema que me estava a fazer impressão eu dizia abertamente e isso orientava-se.

Mudaste alguma coisa nas formas de cumprimentar as pessoas?

Não.

Em termos de refeições manténs aquela sequência de sopa...prato...sobremesa, tal e qual antes de ir?

No meu dia a dia a seguir a ter vindo não mudei porque os hábitos da minha família sempre foram: sopa, prato e sobremesa. Este sempre foi o ritual e continua a ser sempre que eu lá vou comer a casa. Eu, no meu dia-a-dia, enquanto adulta e fazendo as minhas opções, já estou mais ao estilo americano, não na porcária que como, mas a fazer refeições mais ligeiras, em simplificar o meu dia a dia, por exemplo em casa da minha mãe é impensável não passar a roupa na minha é impensável passar a roupa, portanto aí fiquei um bocadinho americana.

E em termos de organização do teu quarto, da logística da organização da casa, mudaste coisas?

Não mudei nada no meu quarto, só depois quando fui para a universidade e sobretudo depois da universidade que comecei a trabalhar ainda estava em casa dos meus pais e comecei a decorar o meu quarto, mas além disso não mudei nada. Sempre fui muito organizada, já era e continuo a ser.

E nas distribuições de tarefas em casa, mudaste?

Nem a minha família me permitia que eu me abandalhasse como os americanos, não, ficou tudo na mesma.

Sentes que introduziste alguma coisa em termos de organização?

Como a minha família já desde os meus doze anos era família de acolhimento, tiveram cerca de nove estudantes de várias partes do mundo, nós todos já nos fomos adaptando um bocadinho a diferentes aspectos mais positivos das diferentes culturas e isso passou a fazer parte do nosso dia a dia. Não era eu que vinha agora inventar ou introduzir algo de novo, eu já vinha com um “background” rico e vinha complementar um “background” que a minha família já tinha.

Agora em relação à escola...Aquilo que tu achas que deve ser uma escola...

Relativamente às actividades extracurriculares...

A minha experiência AFS marcou-me sobretudo a nível da minha experiência profissional, porque eu sou professora. E acho que há aspectos na escola americana e que havia já há vinte e tal anos e que nós estamos agora a construir a nossa escola em função disso, muito ao estilo americano. Por exemplo, há vinte e tal anos já havia nas escolas americanas clubes e actividades extracurriculares e haviam actividades de artes e cá era só aulas e ponto final. E as actividades desportivas que havia era Ed. Física, era aula. E eu enquanto professora sempre sonhei poder fazer uma escola onde houvesse aquele tipo de actividade e que integrasse os alunos todos na escola, com uma parafernália cultural e desportiva com uma boa oferta, e isso é uma coisa que eu absorvi na escola americana e que eu, enquanto professora, faço os possíveis por contribuir para esse tipo de actividades na minha escola. Por isso promovo uma “carrada” de actividades interculturais, quer outras, que não têm nada a ver com a minha disciplina, precisamente porque eu absorvi isso na escola americana e faço questão de usar isso cá. Inclusivamente passei para cá uma actividade deles, a “graduation ceremony”, que não havia cá, nem se falava nisso e que eu na minha escola organizei, adaptei ao estilo português e começou a contagiar outras escolas e agora já há escolas aqui da zona que fazem a gala de finalistas.

E o papel do professor em relação ao aluno?

Gostei muito da minha relação com os professores de lá, uma relação mais aberta e eu nunca caí na tentação para cair numa relação de abuso, sempre respeitei essa relação. E como professora também gosto de manter essa relação, os alunos estão à vontade, mas não à “vontadinha”: uma relação não tão formal, em que os miúdos têm que entender os patamares e os limites. Não quer dizer que uma pessoa aligeire a forma de dar as aulas, vai é buscar formas mais interessantes e dinâmicas de dar as aulas.

O papel que a escola deve ter em relação ao combate à discriminação

Sou uma pessoa muito mais atenta a isso, até porque sentir isso na pele, por não me ter integrado com o grupo dos populares e sou muito atenta e oponho-me veementemente e de imediato quando vejo a discriminação.

Como é que mudou a tua opinião em relação à sociedade portuguesa, por exemplo...

...quanto ao sexo entre jovens?...isso mudou?

É claro que a minha forma de ver as coisas mudou. Eu quando fui tinha uma mentalidade que sexo só depois do casamento, depois decidi que afinal podia haver sexo antes do casamento e que não tinha problema nenhum, desde que as duas pessoas se amassem. Aqui a minha mãe sempre me disse que o que interessava era o amor, e que era mais bonito guardar para o casamento, mas nunca me disse dessa maneira. Depois vir dos EUA percebi que podia ser diferente, mas a minha forma de encarar isso foi apenas com mais abertura. Mas a liberdade não implica libertinagem, portanto a minha forma de abordagem de questões de sexo é sempre ponderada.

...e em relação ao sentido de responsabilidade dos jovens, dos portugueses...como tu o vias, o sentido de responsabilidade, antes de ires e depois de vires?

Os jovens são o que são, uns são responsáveis, outros não. Aquela maneira de controlar os jovens, de controlar tudo o que eles fazem, como se fossem crianças, essa mentalidade repudio, não gosto. E em relação a cá, se eu não gostei dessa realidade, cá fiz os possíveis por nunca tratar os jovens dessa maneira. Tento perceber as suas necessidades, os seus desejos, os seus anseios, eles sentem-se normalmente à vontade para conversar comigo e gostam de falar comigo. Quando tenho de chamar a atenção chamo, quando tenho de incentivar incentivo.

A tua opinião sobre o álcool e os jovens...

A minha opinião sobre os jovens a beberem álcool a beber mudou, porque lá eram bebedeiras de caixão à cova e eu não gosto disso, alias, enquanto jovem também nunca gostei. Uma bebedeira é como o outro, mas acho mesmo que a lei tem de ser rígida e acho que antes dos 18 não se deve consumir álcool e acho que isto devia ser vigiado e controlado. Fiquei mais dura relativamente a isso, tem que haver uma sensibilização relativamente a isso, não é só a lei que tem de ser dura.

Qual a tua opinião relativamente a “part-time” de jovens.

Eu antes de ir já fazia...Eu achei esse um aspecto muito interessante da cultura americana e acho que os jovens em Portugal estão muito mal habituados e querem tudo, tudo cai do céu e querem o que é caro e que os pais têm obrigação de dar. Os pais não têm obrigação nenhuma de estar a dar coisas com valores “estapafúrdios”. Os jovens também têm de saber que têm de merecer as coisas e que têm de trabalhar por elas. O “part-time” só faz bem porque ajuda as pessoas a compreender o valor do esforço e a quantificar o esforço.

...Mas antes tinhas essa opinião?

Eu dantes já tinha essa opinião, porque já fazia isso, e passei a valorizá-la ainda mais.

Mudaste, para ti, o que pensavas em relação à importância do vestir, na sociedade?

Sim, percebi que, sinceramente, não devemos dar tanta importância a isso, não devemos dar tanta importância aos “cânones” sociais, do ponto de vista daquilo que se trás vestido, porque decidi enquanto estudante AFS que estava mais na berlinda por ser diferente, portanto percebi o choque que isso provocava e as consequências que isso me trazia. Então percebi também o que é estar do outro lado; por ser para mim eu estava bem, para eles eu era diferente... Portanto, era alvo duma consequência negativa. A partir do momento em que fui alvo dessas consequências, passei a ter uma postura diferente, aceito a diferença com muito mais facilidade, e para mim não há questão. Quer dizer, para mim pessoas vestem-se como quiserem, e desde que saibam respeitar, e que não andem nuas e não andem provocadoras eu que eu tenha que virar a cara para o lado... mas se sentirem confortáveis e tenham um estilo diferente, qual é o problema?

Agora, em relação às diferenças de género, a tua opinião continua a mesma? O papel do homem e da mulher na sociedade...

A cultura portuguesa na época era mais fechada em que a mulher acompanhava o homem e o homem é que era a chave, o padrão em casa, e a mulher a doméstica que acompanhava. A minha família já era uma família diferente, até tínhamos vindo de África, o meu pai e a minha mãe trabalhavam, já estão reformados e continuam a trabalhar, e sempre houve papéis com pesos iguais. Mas esta minha mentalidade, que já vinha da família que eu tinha, quando cheguei aos EU reforcei-a. Acho, e cada vez reforcei mais essa perspectiva, acho que não tem de haver alguém que manda têm que ser os dois uma equipa, e que o homem e a mulher na sociedade têm que trabalhar em parceria. O homem e a mulher são diferentes, mas essas diferenças não têm que ser barreiras, têm que ser um complemento, e ao complementarem-se tornam-se uma mais valia para a sociedade e isso pode trazer até, no dia a dia, em casa.

E a tua opinião sobre o consumismo, não no sentido negativo, mas no sentido de se obter coisas para se ser alguém...

Eu não ligo nada a isso. Na sociedade americana percebi que é importante ter (o exemplo que dei das prendas...). Acho que isso é uma estupidez. O exemplo serviu-me como base para pensar isso não faz sentido nenhum, ter só para mostrar, ou ter por ter, não faz sentido nenhum. O dinheiro custa a ganhar, gosto de ter as coisas porque elas me dão gozo ou têm uma peculiaridade, agora ter só por ter, não valorizo isso.

Aquilo que pensas da autoridade, mudou ou manteve-se?

Não...eu sempre pensei que a autoridade é necessária sem cair no exagero. Uma coisa é autoridade outra coisa é autoritarismo. Eu penso que é precisa alguma autoridade e nos momentos certos e com a medida certa.

As festas tradicionais, a importância que isso tem para a sociedade mudaste a tua opinião?

Claro que ainda valorizei mais as riquezas culturais que a minha experiência me trouxe, e claro que valorizo tudo o que seja tradicional de todas as culturas. Quando vou como turista vou à

procura de encontrar o tipicismo dessa cultura, não vou á procura de encontrar mais do mesmo; então para isso não saía de cá. E aquilo que tenho em Portugal valorizo muito..., quanto mais viajo mais valorizo aquilo que tenho em Portugal. Portanto, valorizo muito aquilo que é tradicional, valorizo muito tudo o que é cultura, seja a minha seja a dos outros.

E a tua atitude perante a droga manteve-se ou mudou?

Ficou mais radical. Não posso com droga, acho que aquilo é terrível, faz muito mal aos jovens (lá é uma sociedade onde se consome muito álcool e droga) e infelizmente conheço casos dramáticos, e que nunca mais se vão curar para a vida, é tipo uma coisa crónica, destrói o jovem e a família à volta Eu sou mesmo contra!

O urbanismo das cidades de lá é melhor ou pior do que cá?

O urbanismo das cidades de lá estava trinta anos à frente do de cá. Era muito melhor o de lá. Mas se calhar hoje já estamos a chegar ao urbanismo de lá, Lisboa, Porto, Coimbra, até Leiria, há muita qualidade de vida aqui...

Algumas perguntas finais...

A noção de distância... alterou-se para ti?

Alterou. Para mim o longe para eles era perto. Portanto, alterou-se completamente.

...E quanto à noção de tempo?

A noção de tempo também se alterou muito, porque foi tudo tão intenso que vivia 48 horas em 24 horas.

E o conceito de patriotismo?

Passei ainda a dar mais valor à minha pátria.

E a importância do “Doutor”? Mudou aquilo que tu consideras ser a importância disso, ou não?

Quanto mais velha vou ficando, e já tenho 45 e não me considero velha, sinceramente acho que isso é uma característica das sociedades onde o analfabetismo era muito elevado e portanto ser Doutor era uma coisa que fazia a diferença, e como nós somos um país onde o analfabetismo tem vindo a ser combatido, e desde a primeira República, com as primeiras medidas de alfabetização isso foi alterando e portanto, o conceito de Dr ainda era muito importante e traduzia-se na mentalidade dos próprios cidadãos...

...mas em ti...

Mas em mim, como sendo cidadã, que faço parte da sociedade que são os portugueses, isso para mim fazia sentido. À medida que a sociedade fica mais alfabetizada começa a deixar de fazer sentido, porque isso significa uma barreira, ..., parece que uns são melhores que os outros...e eu não gosto disso! Desde que as pessoas saibam respeitar, cada um na sua função, com as características que tem, se calhar o Dr não é preciso para nada.

E a importância da religião na sociedade? Mudou a tua opinião?

Eu não sou nada religiosa, embora tenha princípios cristãos e sou baptizada, porque me batizaram, mas não repudio a importância da sociedade na religião. Apesar de eu não ser praticante, e já não era antes de ir, e continuei tal e qual depois de vir, mas considero que a religião é importante porque ajuda a balizar as pessoas, porque ajuda algumas pessoas a encontrar um caminho, a sua tranquilidade e a sua paz. Portanto, eu acho que é importante. A religião é o ópio do povo; já achava isto e agora, mais amadurecidamente, ainda mais acho. As sociedades precisam da religião

Agora uma última pergunta...

Dos vários aspetos que mudaram, o que é que tens a certeza que mudou em ti que não foi só por causa da idade? Que foi por teres ido e que não tens dúvidas nenhuma...

O que mudou foi, claramente, a aceitação da diferença e da variedade e diversidade cultural... A aceitação.... de pessoas, por exemplo, de como eu achava os caixa-de-óculos... essa coisa não existe... O nós categorizarmos as pessoas em padrões, que somos nós que os criamos, as pessoas não são educadas nesses padrões..., portanto, isso mudou em mim, mudou claramente, depois, ao longo da minha experiência o categorizar e tabelar as pessoas em função do aspecto, isso mudou.

Outra das coisas que passei a dar muita importância foi ao convívio... eu já dava mas passei a mais, com a família, com os amigos, a dar muita importância à aproximação das culturas... Considero que isso é um trabalho que tem de se fazer a nível global, todas as nações têm de fazer esse esforço. Vemos que com a crise o aparecimento conflitos bélicos, cada vez é maior...Temos o exemplo da 2ª [guerra]. Portanto, essa noção, depois de vir da minha experiência de que é importante trabalhar na aproximação das culturas, dos povos,... foi uma noção clara que me ficou.

Também fiquei com uma mente muito mais aberta a absorver tudo aquilo que é diferente e e a olhar para as coisas que já fazia no dia a dia com outros olhos, a ver de outra maneira, a tentar posicionar-me às vezes como turista dentro da minha própria cultura, o que é giríssimo.; consigo descobrir coisas novas.

Com a minha experiência sinto também que a minha riqueza, a riqueza do meu trabalho como professora, devo muito à minha experiência.

Questionário

Como mudaram as características seguintes? (por e-mail)

1. Consciência e apreço pelo país e cultura de acolhimento.

Muito apreço e muito carinho. Sempre atenta a tudo o que vem ou se passa lá.

2. Apreço por línguas estrangeiras

Gosto muito de línguas estrangeiras e de comunicar.

3. Consciência internacional

Sim, ganhei uma consciência além da lógica Estado-Nação.

4. Compreensão por outras culturas

Aumentou imenso a compreensão por culturas diferentes e a vontade de conhecer novas culturas aumentou.

5. Não-materialismo

Como assim?

6. Adaptabilidade

Tive de ter muita pois por vezes (tal como já expliquei na entrevista) não foi fácil e quem era de fora era eu, por isso, era eu que tinha de fazer maior esforço de adaptação.

7. Independência e responsabilidade (autonomia)

Foi aumentando com o decorrer do ano. Um estudante AFS, para fazer um ano completo – a aproveitar bem a nível de evolução pessoal – tem de ir desenvolvendo a capacidade de adaptação, independência (nomeadamente de pensamento) e de responsabilidade.

8. Apreço pela família natural

Sempre tive e ainda saiu mais valorizada.

9. Consciência e apreço pelo país e cultura de origem

Sempre tive e ainda saiu mais valorizada.

10. Pensamento crítico, não dogmático

Saiu muito reforçado!

11. Partilha de ideias

Saiu muito reforçado!

12. Aptidão para interagir

Saiu muito reforçada e constituiu uma característica pessoal!

13. Consciência das oportunidades

Saiu reforçada e de tal modo que este tipo de atividades interculturais passou a fazer parte da minha vida desde então. Na minha atividade profissional também teve influência. Estou sempre integrada em intercâmbios internacionais.

14. Espírito aberto

Saiu muito reforçado!

15. Relações pessoais profundas

Saíram muito reforçadas! Mantenho relações pessoais muito bonitas com pessoal daquele ano de 1986-87

16. Crescimento pessoal e maturidade

Saiu muito reforçado!

17. Auto-confiança

Saiu muito reforçada!

DUAS QUESTÕES (respondidas por mail)

18 - Alguma vez se sentiu mais americana que portuguesa?

NUNCA!

19 - O que sentiu que mudou mais em si própria?

A maturidade. Cresci enquanto pessoa! Amadureci e tornei-me uma jovem adulta. Fiquei com muito mais “bagagem” emocional e psicológica. Fortalecida, também, a nível de valores.

9.2. - AB

Segunda entrevista

.....

Agora são algumas questões que têm a ver com as tuas mudanças quando vieste...

Por exemplo, em relação à tua família natural o que é que mudou em relação às atividades que faziam em conjunto?

Continuámos a fazer as atividades em conjunto. Houve é um choque inicial. Nos primeiros tempos...

Mas depois, encaras agora as atividades mais engraçadas, menos engraçadas... introduziste algumas coisas novas, ou não?

Não consigo...Se calhar dava mais valor...mas nós continuámos a sair, na mesma, e a estar juntos na mesma...Não me parece que tenha mudado grande coisa...não...

E como continuei a estudar em Leiria, não houve aquela coisa de sair, eu continuei...

E naquelas festas com a família, com os parentes? Deste mais ou menos importância?

Continuou na mesma, nós gostávamos de estar juntos... Estava com os meus primos, para falar como é que tinha sido a minha experiência e comparar com a deles. Mas em termos de família não notei...éramos muito unidos e ainda ficámos mais unidos...

Mudaste alguma coisa na forma de cumprimentar as pessoas?

Não, continuei a dar os dois beijinhos...ficou igual.

Em termos de refeições manténs aquela sequência de sopa...prato...sobremesa, tal e qual antes de ir? Se mudaste gostaste ou não?

Não! Eu vivia numa casa em que a minha mãe sempre cozinhou muito bem. A minha mudança não foi na comida, não foi. Foi mais na forma de vestir...

...eu já te pergunto sobre isso...

E em termos de passatempos, isso mudou ou continuou?

Manteve-se! Deixei a coleção de selos...porque quando cheguei já não os tinha...alguém os deitou fora.

Não, lia muito mais; era capaz...pelo menos durante algum tempo estive mais tempo sozinha...lia muito mais.

E em termos de organização de casa? Mudaste alguma coisa?

Vestia a roupa por engomar! A minha mãe dizia “vieste da América com uns hábitos tão esquisitos!”. E era sobretudo por causa da roupa por engomar...fazia-lhe muita confusão. De resto era igual.

E a distribuição de tarefas em casa? Manteve-se ou mudaste?

Não, continuou na mesma. Já lá nos Estados Unidos ajudava e cá continuei...se bem que a minha avó estava lá em casa... O principal fazia ela, mas nós continuámos a fazer.

Achas que introduziste alguma coisa de novo em termos de organização, pelo facto de lá teres estado?

Não, até porque eu vivia lá numa casa mais desorganizada do que cá.

Em relação às tuas atividades religiosas mudaste alguma coisa, em relação ao que antes fazias?

Não! Eu estive muito tempo afastada da religião, não porque não acreditasse, muito tempo. Só muito mais tarde é que eu, não virada para a religião mas um bocado mais aberta.

Mas sentiste que o facto de lá teres estado potenciou isso?

Muito mais tolerante,...não sei! Não...nós lá em casa nunca fomos muito religiosos

Agora em relação à escola...

Como é que mudou a tua maneira de ver quanto ao papel da escola na importância das atividades extra curriculares em relação ao currículo normal? Se achavas que isso era pouco ou muito importante, se mudaste a tua opinião ou não?

Mudei! Acho que é muito importante as atividades na escola. Acho que , principalmente naquilo que é um ambiente controlado. Achei que era importante passarem tempo juntos no ambiente controlado na escola e não fora da escola. Não em termos de currículo mas em termos de clube as atividades extra curriculares

E o que deve ser o papel do professor em relação ao aluno? Mudaste a tua opinião ou não?

Lá tive professores que gostei e outros que não gostei. Sinceramente continuei a admirar muito mais a escola de cá. Tanto mal que dizem do nosso ensino, eu acho que sabemos muito mais. A ideia era essa, que nós somos muito mais exigentes, se calhar estamos mais virados para o ensino académico e eles não tanto, mas eu depois de ter lá estado achava que o nosso ensino era melhor. Em termos académicos mesmo, e gostava mais de cá.

Mudaste a tua opinião sobre como deve ser a organização curricular?

Continuei a achar que o nosso era melhor mas lá o haver as tais cadeiras mais descontraídas eu achava que era importante, e o facto de haver mais escolha... Eu não tinha que ter aquilo que me era imposto; eu dentro dessas [as nucleares] eu tinha que escolher uma ou duas...eu tinha gostado desse lado. O facto de nós termos de escolher uma turma para sempre era muito melhor, acabava por criar muito mais união. E eu não senti isso lá.

O papel que a escola deve ter em relação ao combate à discriminação? A tua opinião sobre esse papel mudou?

Não, não creio. Eu sempre me senti integrada e as vezes que não senti a culpa era minha. A escola tem um papel fundamental para integrar, mas não senti que mudasse, senti que sempre que não estive integrada a culpa era minha.

... A questão é: temos uma opinião sobre se a escola deve ter um papel...ou tu ainda não tinhas opinião sobre isso?

Não, nessa altura não tinha. Achava que era importante a escola, se não fosse a escola não conhecia os amigos, achava que era importante ir à escola. Não me passava pela cabeça um programa deste sem passar pela escola

E o papel da escola na organização dos jovens, dos grupos de jovens?

Os amigos que arranjei tinham muito a ver com as atividades que eu tinha na escola! Os amigos que eu tinha era dentro do clube AFS, e ajudou-me. Portanto a escola acabou por ter um papel. Ao organizar determinadas atividades ía-me pôr em contacto com certos jovens e não com outros. Eu acho que tinha um papel importante...

Agora em relação mais à sociedade mais em geral...

...quanto à tua posição em relação ao sexo entre jovens?...a tua opinião mudou ou manteve-se?

Eu estava habituada a que as coisas cá fossem mais naturais. Achava que cá havia muito mais liberdade de escolha do que lá, eram muito mais reprimidos e daí a necessidade de terem festas para depois fazerem lá. E nós cá tínhamos muito mais liberdade. Achava que os jovens lá tinham muito menos liberdade, e a falta de liberdade leva a que os jovens tenham comportamentos diferentes. Cá umas vezes tinha-se necessidade de dar o passo seguinte outras não... lá havia mesmo a necessidade de infringir porque tinham tão pouca liberdade. Lembro-me de dizerem que ela é a terra da liberdade; para mim não é nada, cá em Portugal há mais liberdade do que lá. Lá tudo é proibido, não se pode fazer isto. O facto de haver tantas coisas [regras] acabava por criar muitos tabus e a vontade de os quebrar.

...e em relação ao sentido de responsabilidade dos jovens, dos portugueses...como tu o vias, o sentido de responsabilidade, antes de ires e depois de vires?

Achava que haver aquelas festas de propósito para beber, e depois conduzir,...achava que não havia tanta responsabilidade lá, achava que nós cá... Eu vim com a sensação de que são muito piores que nós. Foi mesmo a ideia com que vim: eu não vivia num país daqueles, embora adorasse a família onde eu estava

A tua opinião sobre o consumo de álcool nos jovens mudou ou não, depois de lá teres ido?

Eu já tinha bebido em Portugal, mas nos bebíamos não numa de propósito de beber para me embebedar, vamos apenas beber um copo. Pelo menos o meio onde eu estava inserida em Portugal não era com isso. Eu não criticava o facto de beber álcool, porque eu também bebia, também tinha apanhado uma “piela” em Portugal... e também apanhei lá uma...era mais

velhinha. Mas a ideia não era o beber álcool , a ideia era a intenção de “eu vou beber para”. Sentavam-se à volta duma mesa e faziam jogos para beber! O conceito de diversão que eu tinha não era aquele. Eu não precisava de um pretexto de uma festa ou um jogo para beber e isso era em Portugal. Ali era...

A tua opinião sobre o trabalho temporário com jovens?...manteve-se ou mudou?

Mudou. Eu achava que era importante eu acabar a escola e ir fazer um “part-time”. Nesse aspeto achava muito importante fazermos como lá. A partir dos 16 anos não faz mal nenhum fazer umas horazitas...

E a atitude em relação à necessidade ou importância do voluntariado, das pessoas em relação à comunidade...se concordas, se já concordavas? Como é que mudou a tua atitude?

Mudou. Eu lá tive uma experiência muito engraçada. A comunidade onde fazia sempre reciclagem; cá é uma empresa, lá era tudo voluntariado. Todos os fins de semanas as famílias organizavam-se para ir trabalhar num centro onde faziam a triagem; isso era em voluntariado. Não se punha nada em causa; ia-se e pronto. E havia voluntariado para várias coisas,...até porque eu vivi numa família que era muito dada a essas causas, e, portanto, eu vim com uma ideia diferente. Eu achava que cá estamos muito preocupados com as nossas vidinhas e às vezes esquecemo-nos dessa parte, ou pelo menos as pessoas com quem eu lidava não estavam nada no voluntariado, e não me tinha apercebido da importância...não custa nada, e lá é natural.

E como é que olhaste, depois disso, a importância do vestir?

...Ai...! A maneira como eu vim, eu vim muito desmazelada! Eu fui para lá muito preocupada com o vestir, porque era o que nós tínhamos cá. Cheguei lá e era tudo muito diferente! Até porque eu vinha muito gordinha, vim completamente desmazelada, e depois voltei a pouco e pouco a ter o gosto por me arranjar, por me vestir...

...mas continuaste a achar que o vestir tinha importância...

Sim, claro que sim...é assim...nunca houve exageros...

E a tua opinião sobre as diferenças de género, continua a mesma?

Sim...

A tua opinião sobre o consumismo, aqui não no sentido negativo, mas a importância de ter para se ser? Continua a mesma?

Eu na altura não pensava nisso, até porque cá eu não tinha muito e lá também não tinha muito. Portanto, não mudou grande coisa, não.

...não pensaste nisso...

Não

E a tua opinião sobre o que deve ser o papel das autoridades, manteve-se ou mudou?

...Manteve-se

Aquilo que chamamos as festas tradicionais, aquelas que uma sociedade tem, isso para ti continuou a ser importante , menos importante, ou passaste a olhá-las de outra maneira?

Mais, passei a olhá-las de maneira que era mais importante do que era. Eu vim para Portugal e dava comigo extasiada a olhar para as coisas...lembro-me perfeitamente! Eu morava na Cruz de Areia e ia para o ISLA a pé, por um atalho, que era campo, e lembro-me perfeitamente de parar e ver as cabrinhas a pastar! Eu dava comigo “olha que tonta, eu aqui sozinha a olhar para isto!” Além de olhar para o meu país de maneira completamente diferente, eu acho que vim a amar muito mais o meu país, do que antes. Portanto essas festinhas tiveram uma importância,... já começaram a ter lá! Tudo o que eu oferecia, os presentinhos, era português e tradicional. Tinha que explicar o que era o galo de Barcelos, o que é que é isto... Vim para Portugal com uma ideia muito mais sólida daquilo que significava para mim Portugal

A tua atitude perante a droga manteve-se ou mudou?

Mudou! Eu fui uma privilegiada, eu nunca tive... o mais perto que eu estive da droga foi num concerto dos Cure, aos 18 anos, antes de ir, ao ver pessoas que estavam mal dispostas. Eu nunca contactei, eu nunca vi...

Outra coisa é o sentido de hierarquia...portanto, se achas que o sentido de hierarquia lá era igual ou diferente daqui... e se mudou a tua atitude em relação a isso? Se achas que deve haver ou não?

Sim

E a tua opinião sobre o urbanismo? Lá era pior ou melhor?

---É assim...eu cá acho que é melhor porque cá eu consigo deslocar-me, por exemplo, de maneira diferente de lá. Eu lá quando me queria deslocar tinha que pedir que me levassem de carro. Eu vivia numa cidade pequenina, portanto , não havia muito... cá era diferente...acho que cá havia muito mais coisas, por exemplo, o facto de ir ao café, de pegar o autocarro e ir até ali...é completamente diferente de lá.

Algumas perguntas finais...

A noção de distância alterou-se para ti?

.Ah sim! Por exemplo eu digo que Lisboa é longe, lá é pertíssimo..

...mas quando vieste passaste a sentir que daqui a Lisboa não é tão longe?

Sim, completamente

...E quanto à noção de tempo?

.....Não...é assim, a única coisa é que o ano passou depressa, aquilo que era um ano inteiro passou a correr

E o conceito de patriotismo?

Mudou muito!...Um orgulho muito grande no país e de ser portuguesa...ai, muito maior! E vim com a certeza que não queria deixar Portugal nunca

E agora, não em relação a ti, mas em relação à sociedade, a importância do “Doutor”?

Não!

Agora uma última pergunta...

Coisas que tenhas a certeza que mudaram em ti, por teres ido e não só pela idade... porque é evidente que tinhas uma idade diferente quando voltaste...mas que para ti não tenhas dúvidas que tenha sido pelo facto de teres ido...

...algumas são uma mistura...

O olhar para as coisas de forma mais intensa...o patriotismo foi de certeza por isso.

Eu era agarrada à família mas não interiorizava. A partir daí...

...E vinha muito mais segura, eu era muito insegura, muito! Quando eu vim acho que me tornei muito mais segura...se eu fui capaz de sobreviver, eu que era a menina da mamã, de repente vivo um ano fora... venho com muito mais certezas de mim! Porque eu era mesmo muito insegura. Se eu não tivesse estado um ano fora eu não teria segurança para ser professora.

Se não fosse não tinha percebido tantas coisas do mundo... não olhar só para aqui, olhar para o mundo.

Questionário

Como mudaram as características seguintes? (por e-mail)

1. **Consciência e apreço pelo país e cultura de acolhimento** - Gostei do país de acolhimento, mas percebi que tinha uma ideia muito diferente do que era na realidade. Não era como nos filmes.
2. **Apreço por línguas estrangeiras** – Muito. Esta experiência acabou por determinar a minha vida futura, uma vez que tirei o curso de tradutora / intérprete (variante inglês e francês) e, posteriormente, o curso de professora de português e inglês.
3. **Consciência internacional** – bastante. Alarguei os meus horizontes, tive consciência dos problemas de outros países e do papel de Portugal no mundo.
4. **Compreensão por outras culturas** – sim, aprendi a respeitar ainda mais as outras culturas, a procurar saber mais sobre outras formas de viver e pensar.
5. **Não-materialismo** – Nunca fui materialista e esta experiência contribuiu muito para que não mudasse nesse sentido.
6. **Adaptabilidade** – aprendi a adaptar-me a outra cultura, a outra forma de viver.
7. **Independência e responsabilidade (autonomia)** – sempre fui muito dependente da minha mãe. Esta experiência ajudou-me a ser mais autónoma. Responsável sempre fui e a experiência veio fortalecer mais o meu sentido de responsabilidade.
8. **Apreço pela família natural** – eu já era muito ligada à minha família natural e ainda fiquei mais.
9. **Consciência e apreço pelo país e cultura de origem** – bastante, como referi anteriormente
10. **Pensamento crítico, não dogmático** – o facto de conviver com pessoas de tantas culturas, não só a do país de acolhimento, veio desenvolver o meu espírito crítico, ajudou-me a pensar por mim própria, recolhendo o que encontrava de melhor nas outras formas de pensar e agir.
11. **Partilha de ideias** – sempre fui muito tímida e esta experiência ajudou-me um pouco a ultrapassar essa barreira. Aprendi a partilhar ideias e experiências, quer no país de acolhimento, quer posteriormente.
12. **Aptidão para interagir** – descobri que conseguia ultrapassar a timidez e interagir com os outros por iniciativa própria, embora tenha demorado a consegui-lo
13. **Consciência das oportunidades** – Percebi que era uma privilegiada ao ter a oportunidade de vivenciar um ano num país estrangeiro, nos moldes que a afs me proporcionava. Senti que teria mais vantagens no futuro e que este ano iria ser determinante na minha vida (e foi!)

14. **Espírito aberto** – Bastante, pelas razões que referi anteriormente. Conviver com tanta gente de países, línguas e culturas diferentes, com gente de religiões tão diversas, fez-me ter o espírito ainda mais aberto e aceitar o outro, por mais diferente que seja.
15. **Relações pessoais profundas** – as relações pessoais profundas dizem respeito à minha família, a natural e a de acolhimento. Não fiquei com amigos chegados (à exceção de uma japonesa e um brasileiro, que chegaram a visitar-me em Portugal e com quem troquei correspondência durante vários anos. Cheguei mesmo a visitar a família do meu amigo brasileiro, no Brasil). Quanto aos amigos que tinha, ficou apenas uma, a minha melhor amiga. Todos os outros passaram a ser “conhecidos”, a amizade perdeu-se.
16. **Crescimento pessoal e maturidade** – muito! Quando voltei sentia que era muito diferente. Que aquele ano me tinha feito crescer e amadurecer e foi muito difícil manter os amigos que tinha deixado em Portugal. Ficou apenas uma amiga! Eu já não sentia interesse pelo tipo de conversas que os amigos tinham, já não dava importância às mesmas coisas. Esse foi o aspeto mais difícil desta experiência.
17. **Auto-confiança** –por todas as razões que referi anteriormente, tornei-me uma pessoa mais auto-confiante, mas só tive consciência disso quando acabei o curso e comecei a trabalhar (ou talvez esse processo só se tenha manifestado nessa altura)

DUAS QUESTÕES (respondidas por mail)

18. Alguma vez se sentiu mais americana que portuguesa?

Não, nunca me senti mais americana do que portuguesa. Sempre tive consciência do meu país e sempre senti que vivia uma experiência diferente, mas era no meu país, Portugal que eu queria viver.

19. O que sentiu que mudou mais em si própria?

Adquiri mais auto-confiança e capacidade de interagir. Aprendi muito sobre mim e sobre o meu país. Tornei-me mais segura e consciente de mim. Aprendi a socializar-me mais.

9.3. - AG

Segunda entrevista

.....

Agora são algumas questões que têm a ver com as tuas mudanças...

Em relação à tua família natural como é que mudaste em relação a fazeres atividades conjuntas com eles?

Eu acho que não mudei nada mas comecei a dar mais valor às atividades conjuntas...acima de tudo

E naquelas festas com a família, com os parentes?

...festas de anos....continuei a fazer...aliás...continuei a dar importância... em vez de fazer com os amigos agora também a fazer coisas com a família

Mudaste alguma coisa nas formas de cumprimentar as pessoas?

.....No geral não

Em termos de refeições manténs aquela sequência de sopa...prato...sobremesa, tal e qual antes de ir?

Não!...Quer dizer... às vezes sim, mantenho essa sequência especialmente quando vou jantar aos meus pais mas já não é tão...já é poucas vezes que mantenho essa sequência...

E...fazes comer?

Faço...de vez em quando...

E achas que o teres lá estado mudou os ingredientes que usas?

Não mudou os ingredientes...quer dizer...agora há cá coisas que cá como que comia lá....precisamente por ter saudades. Acima de tudo mudou é que cá passei a cozinhar mais

E em termos de passatempos, passar o tempo com a família, isso mudou ou continuou?

...mudou...quer dizer deixei de passar tanto tempo mas acho que isso também tem a ver com a idade...

E em termos de organização de casa? Continua na mesma? O estar lá alterou alguma coisa?

Não alterou nada

E em termos de...há alguma coisa que introduziste de novo na família pelo facto de lá teres estado ...nas tuas relações..?

.....hannn.....acima de tudo uma coisa que acho que introduzi de novo foi de...como é que se diz...de sair um bocado da sombra do meu pai, e começar a afirmar-me mais enquanto pessoa, até perante ele, cá em Portugal...e...mais ou menos ao mesmo tempo comecei nessa altura a abrir-me mais, com a minha irmã, por exemplo...aliás, perdão, com a minha mãe

Agora em relação à escola...Aquilo que tu achas que deve ser uma escola...

O papel, por exemplo, das atividades extra aula, não só as aulas, aquilo que tu consideras importante ou não no currículo, achas que manténs a mesma opinião, ou mudaste?

...Acho que mudei porque acho que lá fiquei muito mais sensibilizado para a questão prática das aulas...as aulas têm uma componente mais prática do que cá tinham, por exemplo...

E o papel do professor em relação ao aluno?

...Esse também mudei bastante porque também comecei a ficar...aliás a questionar bastante o sistema de ensino cá...precisamente por ser muito teórico, ser muito baseado na memorização...isso também questionei um bocado...Mas depois, quando também entrei na universidade comecei logo a sentir essa diferença, não muita, mas também comecei a sentir essa diferença cá na universidade

O papel que a escola deve ter em relação ao combate à discriminação

....

...Isso foi um assunto que passaste a pensar nele ou não?

...que tipos de discriminação?

...discriminação social, discriminação racial...

Hannn.....não foi uma coisa, por acaso, que eu tenha reparado cá...A minha escola cá também era...aliás a minha escola cá,... havia na altura, e ainda há, uma certa variedade já e portanto isso via-se

E o papel da escola em relação às tecnologias de informação? Mudaste a tua opinião, ou o teres lá ido fez-te mudar a opinião sobre isso ou não?...

.....

As tuas convicções, o papel que a escola deve ter...

.....Não.....não.....não mudou nada!

E em relação à organização dos jovens, dos grupos de jovens?

...Lá...por um lado lá uma coisa boa foi...isso mudou porque cá basicamente os exemplos que eu tinha...das AE...e portanto o que ganhei com a AFS e também com o que vi lá em termos de organização de jovens fiquei com uma expectativa muito mais positiva do papel precisamente desses grupos de jovens e do papel que podem ter

Achas que o papel da escola em relação ao “bullying”, diminui, se aumenta, se contribui para a sua diminuição...a tua opinião manteve-se?

...A primeira vez que ouvi do “bullying” foi quando lá, quando lá estava ...só que...quanto a mim acho que a escola deve ter um papel mas acho que acima de tudo,...aliás a escola, os professores, digamos, acima de tudo quanto ao “bullying” é muito mais a atitude individual que conta e é essa aí é que tem de ser trabalhada...as pessoas respeitarem e fazer os outros respeitar...mas pronto...

Agora em relação mais à sociedade mais em geral...

Vou fazer-te algumas perguntas...

Como é que mudou a tua opinião em relação à sociedade portuguesa, por exemplo...

...quanto ao sexo entre jovens?...isso mudou?

.....Não... a minha atitude, a minha opinião e também a minha atitude mudaram no sentido de ser mais, digamos que, por exemplo sexo entre jovens... aliás ...por exemplo tive a minha primeira relação sexual lá nos Estados Unidos e era uma coisa que cá era raro de acontecer, era uma coisa até uma certa... até aos 18 anos era raro de acontecer era raro de haver relações sexuais...e portanto isso mudou, no sentido de deixar de ser aquela mistificação toda e aquela...finalmente passar ao ato e, digamos, e portanto quanto a isso mudou e...

...e em relação ao sentido de responsabilidade dos jovens, dos portugueses...como tu o vias, o sentido de responsabilidade, antes de ires e depois de vires?

...antes de ir não pensava muito nisso...no sentido de responsabilidade...mas quando voltei comecei a ser bastante mais crítico e até porque cá comecei a olhar para cá para os jovens e achava quehann...primeiro tinham muito menos iniciativa...do que lá...por exemplo...e depois achei mais...e depois achei que estava mais preocupados...aliás que ...uma pessoa saía do secundário entrava na universidade em termos de mentalidade muita coisa era igual...e...também...isto também ligado à dependência dos pais, ou seja que essa relação continuava quando acabava o secundário passava para o universitário, e que lá isso não acontecia claramente

A tua opinião sobre o trabalho temporário com jovens?...manteve-se?

Alterou-se... passou ...passei a concordar e a ver com muitos melhores olhos...

E a atitude em relação à necessidade ou importância do voluntariado, das pessoas em relação à comunidade...se concordas, se já concordavas? Como é que mudou a tua atitude?

Eu antes praticamente , antes de ter ido acho que nunca tinha tido nenhum contacto ou...quer dizer...tinha...mas assim muito pouco...não era uma coisa que pensasse... [não] era uma coisa que fizesse parte do meu imaginário mental, digamos... Quando voltei fiquei...voltei 100% convencido dessa necessidade de fazer voluntariado para ajudar a comunidade

E como é que olhaste, depois disso, a sociedade portuguesa em relação à importância do vestir?

Isso é completamente fútil!...isso é...Quer dizer mas lá também era! Também era..E acaba por haver códigos, códigos de vestimenta, digamos, que...e... havia...havia... cá quando voltei havia coisas, modas, que...comecei logo a questionar e não segui...literalmente recusei seguir...quando voltei

E a tua atitude perante a droga?

Hann.....Ficou mais liberal, digamos, ficou mais liberal porque...também pelo que vi lá deixou de ser tanto um papão que era, como era cá

Algumas perguntas finais...

A noção de distância... alterou-se para ti?

Que tipo de distância?

Temos um imaginário sobre o que é uma distância, uma distância curta, uma distância pequena...

As pessoas...?

Não, não! Espacial, estamos a falar de geográfica!...

Mudou!...esse mudou imenso porque...lá, por exemplo, fazer uma viagem de 600km era perfeitamente normal, ao passo que cá era uma aventura! Digamos, isso mudou muito! E lá, por exemplo não se ia nada a pé, e cá anda-se muito mais a pé, há transportes públicos...só isso também ajuda muito! Lá, com o carro há muito mais autonomia, por exemplo

...E quanto à noção de tempo?

.....Quanto à noção de tempo.....não mudou assim muito...

Não?

Não, não mudou assim muito. Ok, cá as pessoas, pronto, mais atrasadas, com pouca atenção ao tempo mas mesmo assim, eu pessoalmente, não senti assim grande diferença

E o conceito de patriotismo?

...hann...conceito de patriotismo... hann...conceito de patriotismo...também não mudou muito porque já mesmo cá, por exemplo, digamos, que por exemplo cá a minha família, especialmente o meu pai é muito crítico em relação ao patriotismo, em relação a Portugal, digamos,...sempre foi...e por causa disso desde muito cedo, ou seja, ...pronto...sou patriota, gosto do meu país...mas ao mesmo tempo sempre aprendi a dar tanto uma no cravo como na ferradura..e portanto quando voltei ainda mais continuei...ou seja...há muita coisa cá que eu aprecio mas também muita coisa que eu me afasto e que não gosto em relação a patriotismos

E agora, não em relação a ti, mas em relação à sociedade, a importância do “Doutor”?

...em relação ao Dr isso por exemplo foi uma coisa que cá quando voltei deixei de dar importância, aliás, e comecei até a ver, a ser muito crítico dessa designação, ...de se chamar

aos licenciados Dr...porque para mim é como o meu pai diz, doutor é o meu pai que é médico, e pronto, não há cá mais doutores

Agora, não em relação a ti mas em relação à sociedade a importância que a religião tem? A opinião que tinhas antes e depois manteve-se?

.....hann.....quando voltei a minha opinião mudou...no sentido de ser muito mais crítico e questionar muito mais a religião e o papel que ela tem na sociedade...e...e...antes era católico, antes era católico e era mais ou menos praticante...quando voltei deixei de ser. Comecei a questionar muito mais isso e até mesmo o papel, nomeadamente até em termos de condutas sociais e... de certa forma o controle que existe muito dele vem da religião

Agora uma última pergunta...

Coisas que tenhas a certeza que mudaram em ti, por teres ido e não só pela idade... porque é evidente que tinhas uma idade diferente quando voltaste...mas que para ti não tenhas dúvidas que tenha sido pelo facto de teres ido...

...algumas são uma mistura...

.....bem, primeiro mais um bocadito crítico...porque esse aí eu acho que foi mesmo uma coisa que lá comecei a fazer, a questionar muito mais as coisas, a ter uma atitude mais crítica...e...e pronto, e no fundo foi uma coisa que um professor uma vez lá disse que me escreveu no “year book” que...que...que, portanto sobre a fotografia dele a mensagem que me diz foi mesmo só um balãozinho sobre a fotografia a dizer “questionauthority” e que na altura eu lembro-me, na altura me fez...

....

...coisas?.... lá...

...outra coisa que aprendi muito lá, pronto, além dessa questão do voluntariado e da consciência foi, por exemplo, questões ambientais, questões de direitos humanos...acho que lá fiquei muito mais consciente desse tipo de questões, ou seja, de grandes questões sociais e cá, acho que cá não teria...pelo menos teria demorado muito mais tempo até ter ficado com esta consciência.....

Questionário

Como mudaram as características seguintes? (por e-mail)

(a itálico respostas dadas para complementar, na segunda entrevista)

1. **Consciência e apreço pelo país e cultura de acolhimento** – melhorou. Os americanos pensavam que era emigrante e tratavam-me como se fosse um deles
2. **Apreço por línguas estrangeiras** - melhorou
3. **Consciência internacional** – melhorou muito
4. **Compreensão por outras culturas** – melhorou

Foi mais no sentido de aceites ou mais no sentido da necessidade de interagir com elas?...ou foi mais em termos de tolerância? - ...mais em termos de tolerância...não...mais em termos de tolerância

5. **Não-materialismo** – fiquei menos materialista

Quando tu dizes que ficaste menos materialista, aqui é em que sentido, mesmo no económico, ou no sentido daquilo que é importante?

...acho que foi ambos!...Aliás primeiro foi numa de..ok...não...de...ou seja, recebo de ordenado portanto é importante mas não é, ou seja, o meu valor não se mede pela quantidade de dinheiro que eu ganho...foi primeiro uma coisa e também depois foi também começar a olhar para certas coisas, para certos gastos, digamos, e começar a achá-los como supérfluos e no fundo não contribuem nada para a minha felicidade! ...começar a ser muito mais crítico..ok!...não vou estar comprar isto só porque penso que me faz feliz, porque no fundo não faz, ou é só momentâneo, e depois ainda me deixa mais infeliz...tenho que estar a trabalhar até uma vida para pagar coisas que no fundo não deixam felizes

6. **Adaptabilidade** – criei mais coragem para conhecer pessoas novas
7. **Independência e responsabilidade (autonomia)** – fiquei mais autónomo, passei a conseguir contrariar os pais
8. **Apreço pela família natural** – passei a ter mais paciência com a minha irmã e menos com o meu pai
9. **Consciência e apreço pelo país e cultura de origem** – no início ficou com pior opinião mas depois ficou na mesma. Quando voltei adorei a comida e a liberdade dos adolescentes
10. **Pensamento crítico, não dogmático** – fiquei mais dogmático

...disseste que ficaste mais crítico mas depois aqui dizes que ficaste mais dogmático...em que sentido estavas a dizer isto? ...é para mudar?

.....[não quis responder].....

11. **Partilha de ideias** – melhorou muito
12. **Aptidão para interagir** - (ver 6)
13. **Consciência das oportunidades** – tive mais consciência das perspectivas
14. **Espírito aberto** – passei a aceitar mais
15. **Relações pessoais profundas** - igual
16. **Crescimento pessoal e maturidade** – melhorou

Dizes que melhoraste...consegues especificar mais?

.....um exemplo,...aliás antes de ir...portanto, discussões com a minha irmã dava aso a berros e gritaria...não se ouvia nada!... Quando voltei isso ainda continuou mas aí, por exemplo, já havia uma tentativa mais racional de conversar mais as coisas e de comunicar...hannn....

17. **Auto-confiança** – melhorou muito muito

DUAS QUESTÕES (respondidas por e-mail)

18. **Alguma vez se sentiu mais americano que português?**

Várias vezes, tanto lá como cá

19. **O que sentiu que mudou mais em si próprio?**

Adquiri mais auto-confiança e capacidade de interagir

9.4. - JS

Segunda entrevista

.....

Agora são algumas questões que têm a ver com as tuas mudanças...

Em relação à tua família natural como é que mudaste em relação a fazerem atividades conjuntas?

Atividades conjuntas...estou a pensar...Lá fazíamos muita coisa, mas cá não fazíamos...ou...tirando os almoços ou as reuniões de família.....Portanto aquilo que eu fiz...foi...aí notei uma diferença...entre cá e lá. Mas eu não fiz mais coisas com eles por causa de ter feito lá mais

Mas quando vieste introduziste ou mudaste os teus hábitos? Cá, em relação a atividades...

Os hábitos...ao início sim...mas depois...voltei à rotina!

Em relação aos afetos, à manifestação de afetos, achas que alteraste a tua forma de cumprimentar?..As pessoas em geral, e a família...

As pessoas em geral sim, porquê?! ...Porque nos Estados Unidos Há aquela regra da distância...é mais ou menos esse palmo...se se aproximarem mais entram na minha zona de desconforto!....E isso até hoje dura...As pessoas quando se aproximam muito de mim faz-me confusão. Isso foi uma coisa que eu antes...ou se calhar nunca tinha pensado! Mas depois de vir dos EU sim!

Uma coisa que lá existia muito eram os abraços, e que depois...abraçam-se muito. Aqui não, são os beijinhos. Portanto, ao princípio eu acho que houve essa adaptação, que eu notei. A questão da zona de conforto isso nunca mais mudou até hoje... não se podem aproximar muito de mim

Em termos de refeições manténs aquela sequência de sopa...prato...sobremesa...continuaste com ela ou mudaste?

Eu, assim em relativamente à comida comia o que me punham na frente e a forma como era feita. O que eu acho que mudou relativamente à comida foi o tipo de refeições...por exemplo, lá as refeições eram muito...pareciam mais “coktails” volantes...as pessoas tiravam a comida, punham e cada um comia o que queria, quando queria...não era tanto comida de faca e garfo...só que isso eu não consegui implementar...

E cá, voltaste ao que já comias, à tua maneira de comer, ou introduziste um bocado o hábito de lá?

Não, voltei! Voltei, até porque eu tinha mais 15kg, portanto, ajudava-me bastante comer sardinhas...e fazer tudo com azeite...mas a questão é que, por exemplo, uma das coisas que eu lá senti mesmo a falta...é pá...eu não senti saudades das coisas, mas, por exemplo, sardinhas e

caracóis!...Eu não poder ir para o café comer sardinhas e caracóis! ...Isso a mim transtornava-me. Portanto, a primeira coisa que eu fiz foi, assim que cheguei cá...arranjem-me sardinhas!! Eu comia todos os dias sardinhas e caracóis! E isso, obviamente, em termos de alimentação é claramente diferente! E eu aí voltei mesmo aos peixes, tudo temperado com azeite, e sem molhos... mas isso eu lá também não integrei os molhos na minha alimentação! Porque nunca gostei!

Em relação às atividades religiosas, não sei se fazias ou não, mas houve alguma mudança em relação às atividades religiosas em família?

Não! Lá eu ia à igreja, mas cá também já ia de vez em quando. Portanto, eu continuei...aliás, eu quando cheguei passado uma semana houve uma festa religiosa, em que eu fui descalça!...nesse dia..fui pagar uma promessa...sei lá...já nem me lembro...mas isso eu não mudei, mantive!

E em termos de passatempos em conjunto com a família, alteraste há hábitos?

Passatempos...? Relativamente a...

Sim...aquilo que se chama tempos livres...?

Não! Eu cá..., a questão é que lá nós fazíamos muitas atividades, que faz parte da cultura...cá não! Portanto, ou seja, aos fins de semana a família ia toda para o lago ou ir toda para os jogos de futebol..., por exemplo,...é uma coisa que faz parte do enquadramento. Aqui não há isso ! Quer dizer, eu não vou ver jogos de futebol com os meus pais e com...

Em relação à organização da casa, mudaste coisas?

Altere sim, mas não sei se teve a ver com o impacto,... que as coisas lá também não eram tão diferentes daqui... Portanto, eu posso ter organizado coisas mas porque já tinha passado um ano e não propriamente tendo em conta a organização que era feita lá.

E sobre a distribuição de tarefas em casa? Alguma coisa foi alterada?

Eu acho que passei a ajudar mais um bocadinho...Não fazia nada antes de ir! Depois de vir fiz mais um bocadinho...

Agora em relação à escola...

Como é que mudou a tua forma de pensar em relação ao que deve ser a escola, o papel da escola ...

...por exemplo, em relação às atividades extra-sala de aula, se, para ti, mudaste a tua opinião sobre a importância delas...?

A escola, para mim, foi uma mudança radical! O nosso sistema de ensino, na minha opinião, não funciona, é uma porcaria!...Podem-me dizer que o de lá não funciona, ...é assim, não acredito nisso! Acredito,...eu lá consegui uma coisa que cá com 18 anos não consegui, que é gostar de estudar,..., ou seja, eu passei a gostar de aprender, não era para tirar 10 e passar às disciplinas... Ou seja, aquilo que eu queria, ...vou aprender para saber o que é que estou a fazer

e ser a melhor! E isto foi-me incutido lá! ...Porque eu chegava às aulas e via que toda a gente, quer dizer, tirando uns ou outros, isso é normal, mas eu via que toda a gente é muito focada em ser muito bom naquilo que fazia! E não é passar para ter 10!, ou seja, passar para ter 10 lá não existe! Existe estudar e aprender e ser muito bom naquilo que faz...

Portanto, a minha visão mudou radicalmente! E passei a adorar o sistema de ensino lá... Até porque a questão da própria escola é diferente, ou seja, quer dizer, imagina,...eu tinha a Matemática, o Inglês e, por exemplo, a História... e depois tinha todas as outras, as optativas; podia escolher,...aulas de cozinha, aulas de corte e costura... o que me ajudavam a ter as tais optativas para que eu me tornasse uma pessoa mais completa...Para que depois pudesse escolher na universidade aquilo que eu queria.

A questão é que quando cheguei cá já não fui para a mesma escola em que estava, fui logo para a universidade. Portanto, essa mudança também teve que existir! Agora, ao princípio quando fui para a universidade também já fui com uma ótica de estudar porque gostava, ou seja, estudar para aprender... Mas rapidamente perdi!

E, agora, o papel do professor na sala de aula, e fora da sala de aula, em relação aos alunos?

É claramente diferente não é! Lá as pessoas respeitam-se; entram numa sala, chamam “miss”,...

...mas a minha pergunta é: tu antes tinhas uma visão do que o que o professor deve ser...e quando vieste, mantiveste ou alteraste essa visão?

Aí alterei...os professores lá são diferentes, claramente...

...e percebeste, ok, que devia ser assim...?

Sim, aí alterei! É assim, eu tive sorte no 12º porque eu apanhei professores muito bons! Mas, depois os professores dentro do sistema de ensino têm de se complementar todos. Eu acho que o problema é: eu posso ser um professor muito bom mas se temos um sistema de ensino que não funciona não se consegue...

E lá, os professores... é diferente! Porque os professores dão muita atenção, puxam pelas pessoas e têm um interesse muito diferente! Aqui não! Aqui é... tenho que dar esta matéria, dê bem dê mal, está dado!

O papel da escola em relação ao combate à discriminação?... Achas que a escola deve ter um papel, já achavas que devia ter um papel sobre isso? Mantiveste..., alteraste?

Sobre discriminação não é uma coisa que eu lá me tenha apercebido muito... Acho que a discriminação lá é maior do que aqui..., ou seja, aqui as pessoas são amarelas, são pretas, são brancas, etc. , é mais fácil enquadrar. Lá havia ainda muito o mito dos grupos!

Eu, no meu caso, não me apercebi, porque, como já te tinha dito, a minha irmã era “cheerleader” e eu estava enquadrada num grupo específico...mas há ainda aquela onda de pertencer a um grupo... na minha escola... o papel da escola.....não sei, sinceramente! É relativo, eu não mudei muito a minha opinião relativamente a isso mas lá sei que é diferente...porque lá é mais...

...é mais uma constatação...

... sim, é isso.

E o papel da escola na consciencialização da importância das tecnologias de informação?

Das tecnologias de informação?...Sabes, naquela altura, estávamos em 99,...todas as pessoas lá tinham email pessoal, já tinham o “Messenger”, e em Portugal nem toda a gente tinha um computador em casa.

Portanto,...é óbvio que a partir do momento que toda a gente tem email, para mim tem impacto! Eu não sei é esse impacto na escola e o sucesso..porque não tinha propriamente computadores em todo o lado...Lá havia internet em todo o lado, etc.. Portanto, aí o papel da escola não sei

E em relação ao “bullying”, qual o papel da escola? Mudou ou não a tua opinião?

.....Não!

E em relação aos grupos organizados de jovens?

Isso, se calhar, mudou um bocadinho. Mudou, porque lá os grupos...eu acho que cá nota-se também os grupos na escola. Lá é mais amplificado porque a escola tem um papel fundamental na vida das pessoas! As pessoas chegam lá às 7 da manhã e saem de lá das 6 da tarde! Porquê? Porque depois das aulas todos lá almoçam e depois de tarde têm as atividades, toda a gente! Eu, se calhar, era a única que não fazia porque não gostava de desporto! Agora, toda a gente que andava na escola ia fazer desporto, senão vai para casa; não vai para o café como nós fazemos aqui! Portanto, a escola lá tem um papel muito preponderante na socialização das pessoas.

Agora em relação mais à sociedade mais em geral...

Como é que mudou a tua opinião em relação à sociedade portuguesa...

...quanto ao sexo entre jovens?

Lá eu acho que as coisas são mais naturais

...desculpa...situando a pergunta, qual era a tua opinião antes de ir e depois de vir?

Lá, acho que a sociedade é mais permeável. Portanto, as coisas são mais facilmente aceites e, isso,... eu mudei a minha opinião porque eu não sabia...quer dizer, cá as pessoas são mais conservadoras. Portanto essa opinião mudou. A sociedade cá devia ser mais aberta

...e em relação ao sentido de responsabilidade dos jovens?

Eh pá, isso...a pergunta é: se eu achava que os jovens deviam ser mais responsabilizados pelas suas ações?

Sim...a tua opinião antes e depois...

Eu acho que cá há um hiper proteção das pessoas, quer dizer as pessoas são protegidas até saírem de casa. Saírem de casa dos pais aos 30 anos, sem meios para se governar... Lá, não há uma proteção tão grande, ou seja, tu,...bebes, és responsável por partir o carro todo, se tiveres um acidente foi a tua escolha! Tu, não queres ir para a faculdade e queres ir trabalhar, foi a tua escolha! Lá as pessoas são muito responsabilizadas por aquilo que fazem, e aqui não! Isso foi algo que também mudou, porque eu não tinha essa consciência! Como toda a gente que eu conhecia era super protegida, nunca pensei que houvesse uma forma de responsabilizar as pessoas sem a proteção dos pais

E em relação ao consumo de álcool pelos jovens? A tua opinião?

Eh pá, não mudou, não mudou, quer dizer, as pessoas bebem, sempre beberam. O que eu acho é que lá é um abuso! Como o álcool só é legal aos 21, as pessoas têm que arranjar identidades falsas e têm que andar sempre bêbedos, porque são “cool”.

Aqui o álcool faz parte de um processo de socialização, ou seja, eu aos 16 anos vou para o café, fumo um cigarro e bebo uma imperial,... e isso é legal! Portanto, as pessoas lidam com o álcool melhor aqui do que lidam lá. Por exemplo, lá o álcool é utilizado para se embebedarem e fazerem porcaria, cá é utilizado como forma de socialização. Agora estamos a falar em 99, mais uma vez, Aquilo que eu vejo hoje em dia, se calhar, a sociedade portuguesa está-se a aproximar mais da sociedade norte-americana... As pessoas hoje em dia bebem muito mais para ficar bêbedas...os jovens estão a mudar.

Eu vou para o Bairro Alto ou outro sítio e as pessoas estão bêbedas por beber, ou seja, bebem por beber, não bebem para socializar...e eu acho que isso aí teve uma diferença grande

A tua opinião sobre o trabalho temporário com jovens?

Ah..isso então!...Não vamos entrar por aí... isso mudou completamente...

...mas...a tua opinião: concordas?

...concordo, sim...

E já concordavas?

Não! Eu antes não... E porquê?...Eu antes estava na faculdade e os meus pais diziam “se estás na faculdade precisas de te concentrar!”...Ou no secundário.. Quer dizer, trabalhar no secundário? No secundário era impensável! E eu também achava que não fazia sentido.

Neste momento acho que faz sentido...também acho por outras razões...mas...acho que faz sentido, e que faz sentido haver trabalho temporário para os jovens, cada vez faz mais sentido, mas que na altura mudou a minha opinião claramente

E em relação à importância do voluntariado, para a comunidade?

Não, isso não mudou! Cá sempre fiz qualquer coisa e lá continuei a fazer. Lá o voluntariado é mais aceite...

... e continuas a achar que é importante...

Sim!

Em relação à importância do vestir? A importância do vestir, para ti, mudou?

Mudou! Mudou radicalmente por uma questão muito simples: Eu, aos 18 anos, foi quando eu vivi lá, eu não precisava, por exemplo, de maquilhagem...não utilizava!

Para mim, o vestir, atenção, tem a ver também com isso. Eu não utilizava maquilhagem e nunca tinha feito! Ninguém na minha idade fazia.

Quando cheguei aos EU elas põem maquilhagem desde os 10 anos, para aí. Portanto, eu tenho muuuito cuidado com a roupa, tenho muuuito cuidado com a imagem, e isso era uma coisa que cá eu nem sequer considerava! Portanto, eu andava vestida, com calças largas, mais numa onda pseudo hippie, ou “dread” ou como lhe queiram chamar, e lá, por exemplo, as pessoas vestem-se todas bem, andam todas arranjadas... Isso aí mudou radicalmente! Portanto, eu hoje que é mais importante e há que ter atenção a isso

E em relação à diferença de géneros? No sentido se o papel do homem e da mulher na sociedade, se a tua opinião se manteve...

Manteve-se porque eu continuo a achar que as mulheres deviam ter um papel mais preponderante sociedade, e só me veio confirmar que lá isso funciona

E à importância ou não do consumismo?

Também mudou. Mas aí não consigo ter uma opinião formada, porque, ... lá eles são muito mais consumistas, obviamente, mas depois também têm mais poder de compra!

E eu, se calhar, não dava importância a tantas coisas, anteriormente, e passei a dar. Mas não digo que sejam só bens materiais, tem a ver com a experiência, ou seja, lá as pessoas estão predispostas a gastar dinheiro ou para ir o fim de semana para a praia, ou para viajar, ou para gastar com coisas.. E... eu acho que é importante, também! Porque uma pessoa trabalha, também quer objetivos! Eu trabalho para juntar dinheiro para, para gastar nestas coisas...

E isso mudou, porque eu antes, nem sequer considerava o na equação o dinheiro

E a relação com as autoridades? A do cidadão comum com as autoridades, ou que deve ser, mudou?

Acho que há um respeito maior, lá...ou não! As pessoas também querem estar muito contra o sistema. Mas eu acho que cá há uma falta de respeito e uma falta de civismo muito grande...e isso reflete-se em todas as áreas. Na condução, por exemplo, se eu for a conduzir lá., não digo numa grande cidade, mas em qualquer lado...As pessoas param para deixar passar, seguem à risca os km/hora, ..., e se aparecer um polícia as pessoas batem continência, se for preciso! Isso não acontece cá! Há um desrespeito máximo por tudo aquilo que são organizações públicas

E a importância dos eventos tradicionais, tipo Natal,...continuaram com importância ou mudaram a importância, na tua cabeça?

Continuaram com importância, aumentou um bocadinho...porque lá, por exemplo, o Natal foi super divertido,...cá passo com a minha família.

As festas lá, por exemplo, as festas de aniversário, as festas de Natal... a Páscoa, por exemplo, que eu aqui não dava muita importância - também agora se calhar já não dou – mas nós Ana altura na Páscoa lá fomos esconder ovos e apanhar ovos...uma grande festa! Portanto, lá, as alturas temáticas são uma boa desculpa para organizar uma grande festa

...achas, que efetivamente isso são momentos importantes...

Sim! Eu já achava que eram... se calhar não dava importância a uns que passei a dar!

Ok...

...Por exemplo, o 4 de Julho lá...aquilo para eles é dia sagrado! Cá o nosso dia da independência eu nunca liguei nenhuma. Quando eu vim depois passei a dar mais importância! Mas lá está! Tudo aquilo a que eu dava importância teve um prazo temporal de um ano! .. Porquê? Porque eu depois não posso lutar contra o sistema! Portanto, depois a pessoa tem de se ajustar novamente!

E nisso acaba por perder algumas coisas que trouxe, porque tem que viver como no país dela, e não como no de lá; isso não é viável!

E a tua atitude perante a droga?

Hann.....Mudou...Eu sempre tive alguns cuidados e sempre achei que era perigoso... Depois de ver algumas situações lá fiquei a achar que ainda era mais! Porquê? Porque os jovens lá com adroga têm uma relação muito próxima ... toda a gente gosta de “snifar” coca e meter pastilhas,... tudo faz parte de estar dentro do sistema, aparte o álcool, claro! E o que acontece é que, cá, eu nunca tive acesso tão direto nem nunca vi tantas drogas como lá! Quando vim fiquei ainda mais preocupada a situação.

Apesar de eu não ter, diretamente, de não ser diretamente comigo, eu via muita droga a passar...aquelas pastilhas...drogavam-se...para serem “cool”

E o sentido de hierarquia social, na sociedade em geral, para ti mudou ou manteve-se?... A importância da hierarquia na sociedade?

Manteve-se...

Agora...sobre a importância do urbanismo,.. continua a ser importante para ti? Passou a ser mais ou menos importante?

Eu acho que sempre foi importante...mas se calhar eu nunca tinha visualizado...

Agora, coisas simples: eu quero ir a um sítio qualquer, quero estacionar o carro! A forma como os nossos estacionamento estão marcados, para mim não faz sentido nenhum! E eu, cada vez que estaciono o carro penso sempre sempre nos EU... Com os estacionamento em paralelo é muito fácil estacionar. Aqui, cada vez que quero estacionar o carro tenho que fazer manobras...

...paralelo quer dizer em espinha...

Sim, sim, é...

Agora algumas perguntas finais...que têm a ver com conceitos...

A noção de distância... alterou-se para ti?

Ah!...Claramente! Agora, já tenho outra vez o mesmo problema...o que acontece é: “olha, vamos à praia, vamos embora!” ...demorava 6 horas! Portanto, estávamos NY,” vamos!”...

demorava um dia! E isto para mim mudou completamente! Porquê? “Ai vou ali a casa dos meus pais...Eia! ...meia hora! É muito longe!”..Lá, meia hora é ir à rua!... Eu lá, cada vez que saía à rua pelo menos meia hora, e se corresse bem!

Portanto, isso aí a noção de distância claramente mudou

...E a noção de tempo?..tempo no sentido de que “é pouco tempo nisto, muito tempo naquilo”...

Eu acho que há mais qualidade de vida da que tinha aqui e da que agora, se calhar, tenho. ...E parece que o tempo lá estica!..ou seja, eu lá consigo fazer tudo,...o tempo aí estica, mas também não sei se foi da altura, não é?...Porque a estudar, ...etc. nós conseguíamos organizar muito bem, porquê? Porque aquilo também está muito bem sistematizado...ou seja, eu tenho que ir às aulas desta a esta hora, tenho que fazer desporto desta a desta hora, ..e sobrava sempre tempo para... o tempo parecia que estava lá e este tempo era para fazeres o que quisesse! O tempo entrava sempre na equação e o tempo, por exemplo, de lazer, não sei se é por ser na Carolina do Norte,..atenção!...isto em NY não acontece, mas na Carolina do Norte, por exemplo, fim de semana ou os finais de tarde, a parte de lazer estava completamente tudo no calendário, e isso aí, ...cá não acontecia

E a noção de patriotismo?

Ah, sim.....Meu Deus, não é? Eu cá não era e voltei a ser mais por Portugal não, ou seja, não fiquei mais por ser, eu parece que fiquei mais mas foi por estar lá, e quando estou lá defendo mais a bandeira americana...Porquê? Porque eles todos têm uma bandeira à porta, acreditam muito no país...e vê-se, por exemplo, as comemorações, que tive a sorte de apanhar, do 4 de Julho, estou noutra, porque é mesmo aquela questão “somos um país!”, etc..., e isso... a questão de mudar é muito relativa só num sentido, que é: eu não fiquei mais portuguesa por estar lá, senti foi mais oportunidades com a cultura de lá...

...mas...achaste que ser patriota é importante?

Mas isso eu sempre achei...se achei mais não sei...mas sempre achei

Agora, e a importância do “Doutor”?

Ah...isso perdeu completamente! É toda a gente “tu”, e não é por isso que se perde o respeito! Portanto, isso mudou.

Agora, a importância que a religião tem para a sociedade? A opinião que tinhas sobre isso mudou ou manteve-se?

Isso manteve-se, porque cá - também depende das comunidades não é? – eu estou enquadrada também na igreja católica e lá..., não era bem católica, não é!?...Mas não fugia muito a...e o que é que isto quer dizer? Que tanto lá como cá eu acho que é importante! Eu acho é que lá, como as atividades em grupo e as...é assim! Eles vivem em pequenas aldeias, não são aldeias, mas são espaços onde têm tudo...portanto eu ir à igreja ao fim de semana faz parte da socialização! Portanto a igreja tem é um papel de socialização diferente mais elevado do tem cá! Se calhar até talvez não, mas a minha percepção é que sim

Agora uma última pergunta...

Coisas que tenhas a certeza que mudaram em ti, por teres ido e não só pela idade... porque é evidente que a idade tem influência...mas que para ti não tenhas dúvidas que tenha sido pelo facto de teres ido lá...

Características...

...sim...coisas que achas que tenham mudado em ti... Que sintas que foi por teres ido...

Eu acho que há muita coisa!...

Se me perguntares assim...eh pá! Quase que tenho que pensar...

Há coisas que são óbvias...Porque há coisas que foram mais ao nível do subconsciente...

Por exemplo, estavas a perguntar, a minha noção de espaço, como é que eu me situo, como é que eu faço as coisas,...portanto, a questão de me sentir nos espaços...Isso mudou, porque até lá, ... a dimensão!, ou seja, como é que...aquilo era tão grande...eu parece que cresci mais, parece que aumentei de tamanho, ...[risos] também aumentei de volume com mais 15kg, mas parece que aumentei de tamanho...

...Uma das coisas que mudou foi a determinação, isso eu acho que foi lá! Que é, as pessoas lá são muito determinadas, o fazer acontecer, ou seja, se é para fazer eu vou fazer!...E isso foi uma característica que eu aprendi lá, ...que é, eu consigo fazer! A auto-confiança, claramente, que é “tudo é possível”, e essa mensagem de que nós podemos atingir os nossos objetivos..., flexibilidade, é daquelas coisas em que ainda sou uma pessoa pouco flexível, e lá ganhei muita flexibilidade, porque tive que me ajustar muito...

Portanto esta questão da adaptação, que é, eu chego a um sítio e adapto-me, o meu próprio processo de socialização isso mudou radicalmente! Eu neste momento chego a uma festa e vou falar com qualquer pessoa e vou-me apresentar a qualquer pessoa e não tenho qualquer tipo de...acanhamento..eh pá pode parecer mal!...Porquê? Porque isso eu aprendi lá! Eu chego a qualquer sítio e falo com as pessoas! Tive que aprender...

...Sei lá...eu acho que podia dizer muitas...Eu acho que a minha aprendizagem foi tão grande que eu acho que tenho tantas coisas que aprendi e que trouxe de lá comigo...

Algumas delas acho que fui perdendo ao longo do tempo...Porquê? Porque depois tenho que me ajustar a uma nova realidade e que as coisas são diferentes... Eu, por exemplo, o dinamismo, eu aqui sou uma pessoa que chego-me muito à frente com as coisas e sinto que sou muito líder...isso aprendi lá! Porquê? Porque se eu me chegar à frente lá e se eu fizer ninguém me condena. Aqui, quando eu me chego à frente tenho a mania que sou boa! Portanto, eu isso tive que pôr outra vez um travão. Coisas que eu aprendi lá que naquela sociedade fazem sentido, e que estavam completamente integradas em mim, eu depois ao longo do tempo tive que ajustar muito porque neste contexto não faziam, deixaram de fazer sentido

Questionário

Como mudaram as características seguintes? (por e-mail)

(a itálico respostas dadas para complementar, na segunda entrevista)

1. Consciência e apreço pelo país e cultura de acolhimento.

- Já gostava passei a gostar mais

2. Apreço por línguas estrangeiras

- Sempre gostei portanto ainda fiquei a gostar mais

3. Consciência internacional

- Aumentou

Podes especificar?

Aumentou porque...o facto de na altura viver em Portugal, em Bucelas, as coisas eram,...quer dizer, eu sabia dos outros países, já tinha viajado,.. mas o facto de os EU serem tão grandes...o mundo esticou! Portanto eu acho que a minha consciência teve a ver com isso, teve a ver com o facto de eu sentir que o mundo era muito maior do que aquilo que eu pensava!

4. Compreensão por outras culturas

- Sim aumentou mais

...é no sentido de tolerância ou no sentido de necessidade de interagir com elas?

Quando respondi foi no sentido de sentir necessidade de perceber melhor porque é que os outros funcionam como funcionam. A questão da interação, para mim, na altura era uma necessidade muito grande de interagir e ir buscar coisas a outras culturas...

Mas aí, quando respondi, a minha ideia de aumentar foi tentar perceber porque é que os outros fazem as coisas de outra forma diferente, porque isso era uma coisa que eu não tinha cá, toda a gente fazia as coisas iguais a mim. Por exemplo, isso eu ganhei; olhar para os outros e pensar: ah, eles fazem isto de forma diferente porque têm uma cultura diferente!

E cá isso não acontece! Eu quando conheço uma pessoa eu parto do pressuposto que vai fazer exatamente a mesma coisa que eu

5. Não-materialismo

- Tornei-me mais consciente de que é possível ter um estilo de vida mais luxuoso

...este luxuoso é no sentido material?

sim

6. Adaptabilidade

- Maior adaptabilidade

7. Independência e responsabilidade (autonomia)

- aumentou

8. Apreço pela família natural

- Manteve-se

9. Consciência e apreço pelo país e cultura de origem

- Tornei-me mais crítica

10. Pensamento crítico, não dogmático

- Aumentou

...ficaste menos dogmática?

Não, aí eu acho que comecei a fazer uma análise muito profunda a tudo. Antes diziam uma coisa e eu aceitava, aceitava e não questionava, ou seja, para mim não questionava se estava certo se estava errado..aceitava! E aí, eu passei a questionar tudo muito e a analisar tudo mais em profundidade, era nesse sentido...

11. Partilha de ideias

- aumentou

12. Aptidão para interagir

- Manteve-se

13. Consciência das oportunidades

- aumentou

...isso teve consequências diretas?

Sim, por exemplo, uma das coisas que decidi foi: assim que eu estive lá e cheguei lá, decidi que estaria lá um ano e que iria para a faculdade, eu decidi logo que iria viver fora mas o facto de eu estar lá significa que, aquilo abriu muitas oportunidades no sentido de, eu vou ter sempre que viver fora em várias fases da minha vida, porque faz todo o sentido. Depois o problema é a acomodação, que vem posterior a isso. Depois eu na faculdade fui viver para fora novamente, depois já não fui mais por causa do trabalho e da acomodação. Se tu me perguntares se vais agora, já estou outra vez disponível...mas isso foi uma coisa que eu, a partir do momento em que eu vivi fora, eu acho que tem muito a ver com o mundo esticar. Se tu pensas, e depois de estar aqui, perceber que, quer dizer quando estive lá...

...que é um cantinho...

É...é! E eu quando fui lá, quer dizer , estive em NY, estive em Boston, estive na Califórnia, tive na altura (tinha-te contado), tive na casa daquele professor de música... A partir do momento em que tu vais para a casa de um professor e ficas com o contacto dele as tuas oportunidades expandem-se

14. Espírito aberto

- aumentou

15. Relações pessoais profundas

- aumentou

...podes especificar um pouco mais?

Aumentou no sentido em que eu tive que conviver e viver com uma família que não era a minha, biológica... Portanto, quando eu digo que aumentou é no sentido que, eu nunca teria pensado que pudesse vir a identificar-me mais com uma família não biológica do que com a biológica! Estranhissimo!... Pronto, isto agora também, lá está, tinha a ver com a idade e com tudo...mas eu quando cheguei lá..."esta família...se eu a pudesse ter escolhido como minha, identifica-se em tudo!... porque eu identifico-me com eles...! E eu acho, que aí, a questões das relações tem a ver com isto, que é, perceber que é possível criar relações muito profundas com famílias e com pessoas que não têm nada a ver connosco! E cá as relações também eram profundas e em termos de amizade lá não eram tanto, mas tudo o resto era muito superficial! A família cá a importância não é tanto como lá, estranhamente...!

Mas é assim , teve a ver muito muito com a minha família! A minha família era muito especial e muito específica! Portanto, as relações que eu criei com eles eu sei que na maioria das pessoas que tiveram lá isto não aconteceu

16. Crescimento pessoal e maturidade

- Muito sem dúvida

17. Auto-confiança

- Aumentou – superar as dificuldades

DUAS QUESTÕES (respondidas por mail)

18. Alguma vez se sentiu mais americana que portuguesa?

- sim. Depois de ter estado lá um ano senti que me identificava e identifico mais com a forma de ser e de estar lá

19. O que sentiu que mudou mais em si própria?

- tornei-me mais divertida, mais ambiciosa, mais responsável e com objectivos muito bem definidos

9.5. - PJ

Segunda entrevista

.....

Agora são algumas questões que têm a ver com as tuas mudanças...

Em relação à tua família natural como é que mudaste em relação a fazeres atividades conjuntas com eles?

Inicialmente houve um período de adaptação, considerando o tipo de actividades e os papeis que cada um tem na própria família, mas sempre que solicitada, participei sempre nas actividades de família. Aquelas de cariz mais religioso, acabou por ser claro que já não queria muito fazer parte delas.

E naquelas festas com a família, com os parentes?

Acho que continuei a valorizar o jantar com a família e conviver com as pessoas. A experiencia não prejudicou esse tipo de relação com os convívios da família porque lá também apesar de forma diferente e de ter uma família diferente também era valorizado o tempo que passávamos juntos, portanto acabou por continuar a ser importante para mim.

Mudaste alguma coisa nas formas de cumprimentar as pessoas?

Se calhar eu sempre fui um bocadinho americana na forma de cumprimentar, mas com a minha família continuei a ser próxima e a cumprimentar com os típicos dois beijinhos portugueses. Com outras pessoas se calhar não serei a primeira pessoa a abordar. Se calhar não tenho aquela tendência tão afável e de proximidade ou do contacto físico logo no primeiro contacto efectuado.

Em termos de refeições manténs aquela sequência de sopa...prato...sobremesa, tal e qual antes de ir?

Com a minha família, esse ritual foi mantido, mas depois na faculdade os almoços eram muito na lógica de levar a sandes, ou de não comer tanto com tanto rigor.

E em termos de passatempos, passar o tempo com a família, isso mudou ou continuou?

Se calhar isso mudou mais graças à mudança para a universidade, e não tanto graças à experiencia. Mas também ganhei alguns hábitos que não tinha antes de ir e acabei por tirar algum tempo para isso, se calhar em detrimento de tempo que poderia ter gasto em actividades familiares.

E em termos de organização de casa? Continua na mesma? O estar lá alterou alguma coisa?

Não, estando em casa depois fiz a adaptação daquilo que era o comum antes, no entanto a minha mãe de cada uma arrumar o seu quarto e de partilhar as tarefas de casa, portanto acabei por manter essa prática.

E em termos de...há alguma coisa que introduziste de novo na família pelo facto de lá teres estado ...nas tuas relações...?

Penso que se terá mantido, se calhar eu é que acabava por reagir de alguma maneira por os homens portugueses normalmente não se levantarem da mesa no fim da refeição. E se calhar quando voltei era capaz de me manifestar mais relativamente a essa atitude.

Agora em relação à escola...

Aquilo que tu achas que deve ser uma escola...

O papel, por exemplo, das actividades extra aula, não só as aulas, aquilo que tu consideras importante ou não no currículo, achas que manténs a mesma opinião, ou mudaste?

Sim, considerando que na escola americana além das aulas normais há sempre uma serie de actividades disponíveis, acho que o espírito da comunidade escolar, com actividades extra curriculares é muito mais significativo. Pelo menos o que eu senti cá no secundário é que há uma seriedade (formalidade) que acaba por não desenvolver determinadas características nos alunos. Acho que cá desenvolvemos muito a competição entre as pessoas e o individualismo.

E o papel do professor em relação ao aluno?

A relação com os professores era completamente diferente daquela que eu sentia no meu liceu cá em Portugal, a começar pelo senhor e senhora professora. Nos lá tratávamos os professores pelo primeiro nome com todo ou mais respeito do que cá. Mas tínhamos uma relação que ia para além daquilo que era a aula, e se fosse necessário falar com algum professor ou partilhar alguma situação eles estavam sempre disponíveis, a sala deles era quase a casa deles e a nossa casa.

Mudaste a tua opinião sobre como deve ser a organização curricular?

Eu estive exposta a um currículo substancialmente diferente àquele que eu tive cá. E como tal, lá senti que estaria mais adaptado às minhas necessidades pois acabava por juntar mais o meu lado artístico e o meu lado académico.

O papel que a escola deve ter em relação ao combate à discriminação

Eu acho que no caso da minha escola em particular lá, estando várias formas de expressar a individualidade através do vestir, do falar, da cor do cabelo, daquilo que é a atitude perante a vida, era bastante tolerante. Os professores também tinham a sua forma de vestir e de estar e podia ser mais diferente que isso não era de todo um problema. Portanto dalguma forma, havendo uma disponibilidade e uma abertura maior para os diferentes tipos de pessoa senti que a luta contra a discriminação é feita no terreno e no dia a dia, porque as pessoas sentem-se efectivamente incluídas, ou pelo menos eu que vinha duma realidade mais diferente senti-me bastante acolhida e não como uma estranha.

E o papel da escola em relação às tecnologias de informação? Mudaste a tua opinião, ou o teres lá ido fez-te mudar a opinião sobre isso ou não?...

...

Achas que a escola pode ter um papel em relação ao “bullying”?

Pode e tem a obrigação de ter. Primeiro pela tolerância que é praticada na própria escola e a própria educação dos alunos no meio da escola. Acho que nós criamos este ambiente de individualismo em Portugal ajuda ao aparecimento do bullying. Naturalmente se eu estiver mais centrada em mim os outros não são uma preocupação.

Agora em relação mais à sociedade mais em geral...

Vou fazer-te algumas perguntas...

Como é que mudou a tua opinião em relação à sociedade portuguesa, por exemplo...

...quanto ao sexo entre jovens?...isso mudou?

Considerando que a minha educação foi católica, e ao ambiente em que fui exposta lá, mudou a minha opinião no sentido de perceber que as pessoas estando bem informadas e terem uma opinião informada sobre aquilo que querem fazer, não sei...

...e em relação ao sentido de responsabilidade dos jovens, dos portugueses...como tu o vias, o sentido de responsabilidade, antes de ires e depois de vires?

Eu acho que se calhar em Portugal se acaba por exigir um sentido de responsabilidade dos jovens mais cedo, por exemplo na escola, na escolha de uma área que vai depois condicionar a carreira, e acho que nesse sentido obriga a uma consciencialização de algumas coisas demasiado cedo. Por outro lado, dum ponto de vista da sociedade e da comunidade acho que o sentido de responsabilidade, não mudei a minha opinião, acho que isso é muito variável.

A tua opinião sobre o consumo de álcool?

Não, os jovens serão sempre jovens, lá com um risco maior de ser um crime, se os jovens forem apanhados com álcool antes dos 21 ou se tentarem comprá-lo. Cá há a questão de ter acesso a álcool mais fácil, mas acho que os jovens tentam sempre ter acesso a substâncias proibidas.

A tua opinião sobre o trabalho temporário com jovens?...manteve-se?

Concordo.

E a atitude em relação à necessidade ou importância do voluntariado, das pessoas em relação à comunidade...se concordas, se já concordavas? Como é que mudou a tua atitude?

Acho importante, concordo que os jovens deveriam fazer actividades de voluntariado para lá do que é individual, acho que é um valor importante... O meu grau de concordância aumentou.

E como é que olhaste, depois disso, a sociedade portuguesa em relação à importância do vestir?

Mudou ligeiramente a minha perspectiva, no sentido de não julgar o livro pela capa, apesar de entender que estamos numa sociedade que dá muita importância àquilo que vestimos para julgar aquilo que nós somos. Portanto se calhar dei mais importância ao vestir no sentido de

ser uma marca daquilo que nós somos e da nossa individualidade e não dever ser conjugado com aquilo que é um standard e o que os outros querem que nós vestamos.

E a tua opinião sobre as diferenças de género?

Bem, claramente a questão da igualdade e desigualdade de género tem sido uma preocupação crescente na minha vida e portanto dou-lhe uma importância, para além de ser uma importância pessoal, dou-lhe também uma importância naquilo que é o meu activismo e o meu trabalho pessoal nessa ordem. Por comparação EUA – Portugal, existem algumas semelhanças, e algumas diferenças. Mas a minha atenção sem dúvida aumentou depois da minha experiência.

A tua opinião sobre o consumismo? Continua a mesma?

Sim, eu estive numa situação particular em que não senti que o termos mais dinheiro nos traga mais oportunidades.

E a tua opinião sobre a autoridade e hierarquia?

Claramente, durante a minha experiência a noção que se tem das autoridades é bem mais significativa do que cá. Claramente eles se quiserem exercer autoridade, fazem-no. E aquilo que eu sinto em Portugal é que nós sabemos que as autoridades existem mas a probabilidade de elas agirem sobre nós, quer com força policial ou assumir a perspectiva de uma presença mais austera, sim, lá havia a consciência de que a polícia é para respeitar e para não pôr a pata na poça porque teríamos consequências que cá não teriam de imediato.

E a tua opinião sobre o urbanismo?

Tornei-me mais consciente, mais que não seja pelo tipo de vizinhanças onde estive e a importância dos jardins e das zonas verdes, as zonas residenciais são pensadas para as pessoas e para as pessoas com animais, facilitam o desporto, o estar ao ar livre, o convívio com os outros vizinhos, porque as casas estão feitas para terem vizinhos do outro lado da rua, ou ao lado, com distâncias naturalmente não demasiado próximas, mas facilitam o outdoor.

A noção de distância geográfica... alterou-se para ti?

Completamente, a questão das pessoas dizerem “temos de ir de carro porque são quatro horas”, pois, do ponto de vista americano, fazer quatro horas de carro não é nada, porque nós somos muito pequeninos. Lá uma viagem de avião de oito horas permite atravessar um país, cá uma viagem de oito horas, eu faço o Oceano Atlântico. Aquela perspectiva de eu ser de Viana e ir para o Algarve e ser uma eternidade e pronto, agora é uma viagem perfeitamente normal.

...E quanto à noção de tempo?

Agora que trabalho e com a questão dos horários que nós fazemos em Portugal... não sei, não tenho nenhuma opinião sobre isso...

E o conceito de patriotismo?

Não, apesar de ter vivido intensamente um fase muito patriótica considerando dos EUA que estive lá quando aconteceu os atentados do onze de Setembro, portanto vi toda a viragem, se eles eram patrióticos, mais ficaram. E percebo o sentido de patriotismo do ponto de visto da comunidade e da ajuda entre todos, no entanto não entendo o conceito de patriotismo de seguir em missão em prol de uma nação que é comandada por uma força política com a qual eu posso não concordar.

Achas que ficaste mais patriótica?

Não, eu sou mais uma perspectiva de sem fronteiras e no sentido muito mais global, sem condicionalismos geográficos.

E agora, não em relação a ti, mas em relação à sociedade, a importância do “Doutor”?

Já não tinha nenhuma, depois da minha experiência ainda pior, ainda me faz mais confusão, a utilização desses termos para nos reconhecermos uns aos outros, é quase como se isso fosse parte da nossa identidade, portanto ainda ficou mais apurado o desprezo pelos Drs.

Agora, não em relação a ti mas em relação à sociedade a importância que a religião tem? A opinião que tinhas antes e depois manteve-se?

Percebo a importância da fé, da religião, tive a presença da religião durante o meu ano, no entanto eu estive mais próxima da minha espiritualidade por procurar situações de meditação e procurar um centro budista. Portanto acabei por ter a presença de várias religiões no meu ano e por perceber de forma mais clara que não quero estar associada a grupos de pessoas que controlam as coisas através das religiões institucionalizadas, por assim dizer.

Agora uma última pergunta...

Coisas que tenhas a certeza que mudaram em ti, por teres ido e não só pela idade... porque é evidente que tinhas uma idade diferente quando voltaste...mas que para ti não tenhas dúvidas que tenha sido pelo facto de teres ido...

...algumas são uma mistura...

Foi num período que representa um período importante no crescimento das pessoas. Se eu não tivesse ido, todas estas questões que falámos agora, e todas estas noções de mundo, como sendo um conjunto de pessoas de todos os lados mas que não têm fronteiras, se calhar só aos sessenta anos é que chegaria a muitas destas conclusões.

Questionário

Como mudaram as características seguintes? (por e-mail)

(a itálico respostas dadas para complementar, na segunda entrevista)

1. **Consciência e apreço pelo país e cultura de acolhimento** – melhorou.

...queres especificar mais?

....

2. **Apreço por línguas estrangeiras** - melhorou

3. **Consciência internacional** – melhorou

...queres especificar mais?

... era um pouco na sequência do que já tinha dito. É perder um pouco a noção geográfica e patriótica das nações, é perceber que somos muito mais que esta estrutura política e sócio-económica...

4. **Compreensão por outras culturas** – melhorou muito

...melhorou mais no sentido em que deve haver interação ou que deve haver compreensão?

Eu acho que deve haver as duas coisas. Acho que a interação melhora a compreensão.....sim!

5. **Não-materialismo** – menos materialista

6. **Adaptabilidade** – mais adaptável

7. **Independência e responsabilidade (autonomia)** – muito mais autónoma

8. **Apreço pela família natural** – Quanto a afetos fiquei na mesma, mas passei mais a contestar (senti que tinha isso, só que foi potenciado)

9. **Consciência e apreço pelo país e cultura de origem** – Mais crítica (reparar mais). Quando cheguei achei que isto era um atraso de vida; agora já entendo.

10. **Pensamento crítico, não dogmático** – mais dogmática, com mais sedimentos, mais certezas.

11. **Partilha de ideias** – melhorei muito

Desenvolve...

Sim...do ponto de vista da argumentação e da conversa... se calhar sou muito mais destemida em discussões e em partilhar aquilo que eu penso, e ouvir os outros... Isso melhorou, sinto-me mais à vontade, na discussão das coisas em geral

12. **Aptidão para interagir** – Já era fácil mas ainda ficou mais

- 13. Consciência das oportunidades – Potencie as perspetivas que tinha
- 14. **Espírito aberto** – muito mais
- 15. **Relações pessoais profundas** – lá encontrei alguém especial, que depois se prolongou depois de vir (antes cá namorava)
- 16. **Crescimento pessoal e maturidade** - melhorou
- 17. **Auto-confiança** – melhorou a auto confiança intelectual quando cheguei.

DUAS QUESTÕES (respondidas por e-mail)

18. Alguma vez se sentiu mais americana que portuguesa?

Várias vezes, tanto lá como cá. Acho que a aceitação da diversidade já devia ser óbvia

19. O que sentiu que mudou mais em si própria?

A escala de valores. Passei a perceber que não sou uma “ilha”. Passei a pensar mais em prol dos outros, a ser capaz de me preocupar mais com causas que não me estão próximas.

9.6. - MM

Segunda entrevista

.....

Em relação à família de cá o que é que mudou em relação às atividades que faziam em conjunto?

Algumas coisas mudaram...não sei se posso dizer que terá sido exatamente por eu ter feito um ano lá fora mas a verdade eu voltei e também entrei na minha faculdade, tive uma vida bastante diferente de quando eu estava cá. Não sei...eu passei a estar muito menos tempo com a minha família por, lá está, como estava na faculdade e a faculdade exigiu bastante tempo de mim, acabava por ficar muitos fins de semana na faculdade...De resto notei que quando estamos juntos estamos... conversamos mais e temos conversas muito mais de amigo, de quando eu fui para os Estados Unidos.

Mas tu encaras agora essas atividades mais engraçadas, menos engraçadas, ou...introduziste novas coisas nelas....ou não?

Eu considero que as atividades que hoje faço com os meus pais são bastante mais produtivas para mim e para eles porque gosto de estar com eles...enquanto que quando era mais nova achava que era um bocadinho obrigação...eu fazia tudo para estar com os meus amigos e não com os meus pais, hoje em dia, por exemplo, já gosto de ir tomar um copo com os meus pais a seguir ao jantar, gosto de levar os meus amigos para irem jantar lá a casa e temos conversa com os meus pais...portanto...acho que...nesse aspeto...

A sequência sopa...prato...sobremesa, ...mudaste isso....mas não é só se mudaste...se gostaste...em relação a isso o que se passou?

Não!...Em relação ao ritual de comida, por exemplo, ficou tudo igual...continuamos a jantar todos juntos, à mesma hora, esperamos, fazemos questão de esperar pelo meu pai para jantar todos juntos...hoje em dia já juntamos os namorados e as namoradas lá em casa, como é óbvio, mas acho que o mudou bastante foi eu...era uma pessoa...assim que acabava de jantar ía-me embora, de casa...ia ao café ter com os meus amigos...hoje em dia já não, hoje em dia, por exemplo, acabo de jantar, tomo café em casa, fico um bocadinho na sala a conversar...e só depois então é que vou ter com os meus amigos...Já faço as coisas com um bocadinho mais de calma

Sentes que isso ter a ver com o facto de teres lá estado?

...Sinto que dei muito mais valor aos meus pais, ao ritual familiar depois de ter voltado...até porque, como já referi antes, eu lá não tinha ritual familiar, principalmente à refeição...e cá passei a dar bastante valor ao ritual pós jantar, digamos assim

E em termos de passatempos (tu já falaste um pouco nisso, tempos em comum, falarem,...), mas outro tipo, aquilo que se chama dar umas voltas, andar com a família outro tipo de atividades, mudaste ou não?

...hummm...eu acho que não mudámos assim tanto ...se estiver bom tempo continuamos a ir dar umas voltas ... Hoje em dia eu já tenho carro, portanto, eu já acabo por fazer muita coisa por mim, já vou muito por mim...mas, por exemplo, uma coisa que fazemos todos é,... o meu pai vai comigo, por exemplo, a uma livraria para ver-mos livros os dois juntos...fazemos um bocadinho coisas diferentes, mas continuamos a fazer os passeios normais... Acho que o que mudou bastante foi, ...quando estamos juntos estamos todos juntos e isso não se notava antes...gostamos...estamos os quatro como amigos e isso é bastante diferente

E em termos de organização do teu quarto? Aquilo a que se chama a logística, a organização da casa? Achas que mudaste ou ficaste na mesma?

[risos]... Fiquei muito mais desarrumada, tenho a dizer, muito mais!...mas também...lá está...como eu estou muito na faculdade,...pois é, trago “maquetes” para casa, trago trabalhos para casa, acaba por ficar tudo em cima da secretária...e eu não trabalho em casa...portanto nesse aspeto acho que fiquei um bocadinho mais desarrumada quando voltei; e até porque lá a minha casa era um bocado ao Deus dará, está aqui está aqui...fica aqui!... Mas...não sei....passo muito menos tempo em casa e portanto tenho muito menos cuidado com essas coisas...

E a distribuição de tarefas em casa? Por cada um... Sentes que introduziste alguma coisa ou não? Ou simplesmente te adaptaste de novo quando cá chegaste?

Acho que não introduzi tanta coisa quanto isso...hamm...uma coisa que se calhar notei é que começo, comecei a ajudar a minha mãe um bocadinho a limpar a mesa, a pôr a mesa...até porque quando eu voltei o meu irmão foi-se embora para a Finlândia durante seis meses e, portanto éramos os três, e nesse aspeto ajudava um bocadinho a minha mãe...tanto que não tinha cá o meu irmão...mas não mudámos assim muito os rituais

Agora em relação à escola...

Como é que mudou a tua maneira de ver – a escola tem o chamado currículo normal e tem o currículo extra - , como é que tu vês a importância desse currículo extra em relação ao currículo normal? Manténs a mesma opinião, ou mudaste?

Não....acho que mudou bastante! Eu sempre tive várias atividades extra curriculares, estudei línguas, sempre fiz muita coisa fora da escola...e sempre dei esse apreço ao currículo extra curricular! Acho que é muito importante e lá, lá está, também continuei com as atividades extra curriculares, com coisas fora da escola...portanto nesse aspeto acho que é extremamente importante...mas já tinha muito essa opinião antes de ir! ...A minha mãe sempre me pôs em tudo, eu tinha o horário completamente preenchido, tinha natação aos sábados, Cambridge terça e quarta,... sempre fui uma pessoa com muita coisa para lá do horário escolar

E o papel do professor, se te marcou e se te marcou foi de forma positiva ou negativa?

...É um bocadinho difícil para mim de responder a esta pergunta porque, lá está, eu voltei e fui para a faculdade, já não voltei a estar no colégio, já não voltei a fazer a vida que fazia antes.... E depois, eu fui para uma faculdade muito pequenina...somos 20 alunos por ano, portanto a minha relação com os professores é muito mais chegada do que alguma vez tinha sido. Hoje em dia digo os meus professores muitos deles são meus amigos hoje em dia..., falo com eles,

vou tomar café com eles, faço coisas extra faculdade com eles...portanto não sei muito bem como responder a essa pergunta porque, lá está, não voltei para a minha situação tão anterior...fiz uma nova

Em termos de organização curricular, continuas a achar que a de lá é melhor ou pior que a de cá?

Agora, tendo passado já quatro anos depois de eu ter voltado, acho que... tenho que responder é diferente, é muito diferente!... Continuo a achar que lá o facto das pessoas poderem orientar-se um bocadinho na forma como gostam mais, portanto...ter que fazer créditos obrigatórios tudo bem mas o meu extra pode ser uma coisa que tem mais a ver comigo ou menos a ver comigo... Eu cá tive disciplinas que não gostava e tinha disciplinas que eu gostava imenso e portanto...continuo a achar que lá tem pontos positivos mas também acho que é um bocadinho...eu não queria dizer esta palavra!... mas é um bocadinho ensino de burros, facilitar!...porque, lá está, cadeiras em que a maneira de avaliar é ver filmes e comentar o filme!?...Tudo bem...se calhar faz sentido para uma aula, não faz sentido para um semestre inteiro!

Qual achas que é, para ti, se mudou ou não, o papel da escola no combate à discriminação?

Ah...é muito importante! Uma coisa que nós temos de perceber é...uma pessoa passa mais de metade do dia na escola, e eu via por mim, eu entrava na escola às oito da manhã, saía às seis da tarde, depois ia para casa ou ia ter com uns amigos...e, portanto, eu acho que tem que ser na escola que as pessoas têm que aprender a relacionar-se umas com as outras, e eu notei muito isso cá! Tive muita sorte porque a minha família é dividida...pronto...é dividida...eu vivo em Lisboa, a família da minha mãe vive no Ribatejo, e, portanto, sempre me dei com classes sociais bastante, bastante diferentes e também com, ...com pessoas de diferentes etnias..., portanto, a mim nunca me afetou assim tanto,...mas aprendi, por exemplo, a lidar,...quando fui para os Estados Unidos aprendi a lidar, por exemplo, com pessoas com orientações sexuais diferentes da minha!...coisa que eu nunca tinha aprendido a lidar, e acho que tem que ser na escola que a pessoa tem que aprender a lidar com diferentes situações e nota-se bastante, principalmente quando uma pessoa chega à faculdade nota-se bastante quem aprendeu durante a escola a lidar com essas situações e quem não aprendeu...! ...E acho que tem que ser na escola.... A escola não serve só para dar a base para ir para a faculdade, serve também para incutir valores que a pessoa tem que aprender para o resto da vida

E em relação às tecnologias de informação? O que é que isso contribuiu para tu perceberes...ou...o papel disso na formação de uma pessoa?

...Han...Bem...Hoje em dia as novas tecnologias são tudo!...Uma pessoa quase que não vai a uma biblioteca, vê tudo na internet...vê...tem telemóveis com internet, tem “tablets” tem não sei quê e..., portanto lá está, hoje em dia é extremamente importante todos os meios tecnológicos para a aprendizagem duma pessoa!... Eu conheço, inclusive, pessoas que já não pegam em livros, pegam no seu “tablet”, fazem o “download” dum livro para o “tablet” e lêem no “tablet” e...acho que não está bem nem mal, acho simplesmente é uma maneira da pessoa fazer...mas acho que se deve... pronto...deve-se integrar as novas tecnologias na aprendizagem porque a verdade é o futuro...e temos que aprender e evoluir com isso...

Agora em relação mais à sociedade mais em geral...

A tua posição quanto ao sexo entre jovens?...permaneceu ou mudou?

Acho que, que permaneceu basicamente igual..., quer dizer, não...acho que as pessoas têm que ter cabeça, têm informação mais do que suficiente, têm que saber aquilo que estão a fazer, já não são umas crianças, e já não há aquela desculpa de “Ah! não sabia e não tinha informação!... portanto, ...acho que...nesse aspeto sempre ficou igual, sempre tive a mesma opinião, as pessoas têm é de ter cabeça, tanto para isso como para tudo o resto que fazem...portanto acho que não mudou assim tanto...

...e em relação ao sentido de responsabilidade dos jovens, ...achas que aquilo que pensavas sobre se os jovens eram responsáveis ou irresponsáveis, se manteve ou não?

...Talvez tenha mudado um bocadinho...não sei. Eu hoje em dia - ainda no outro dia estava a falar disto com uma amiga minha - acho que os jovens hoje em dia, quando eu olho, por exemplo, para as pessoas que estão no secundário eu acho que são bastante mais irresponsáveis do que eu era na altura. Por exemplo, eu sempre tive aquela consciência de “o que é que o meu pai vai dizer se eu fizer isto?”!... Por exemplo, eu nunca fiz um “piercing” sem o meu pai saber! Tenho um e foi quando fiz 18 anos, e foi quase como um ato de “agora já posso?”...Mas, quer dizer, e noto que hoje em dia quando vou para um café e tenho um miúdo de 12 anos bêbedo, às três da tarde ao meu lado e não era a primeira vez que isso acontece,...quer dizer já bastantes vezes...acho que hoje em dia são um bocadinho mais irresponsáveis nesse aspeto

...Já que falaste nisso, acerca de álcool, a tua posição sobre os jovens beberem álcool ou não ...manteve-se ou mudou?

...Falando de mim, eu sempre fui uma pessoa que gostou de sair à noite, gosto de beber, não apanho bebedeiras de caixão à cova,...mas gosto de sair à noite e estar com os meus amigos, e socialmente gosto de beber, gosto, inclusive, hoje, já gosto de chegar a casa e beber um,...um “gin tónico” antes do jantar, já bebo com os meus pais...não tem qualquer problema. Eu acho é que, e já havia isto nos Estados Unidos e foi a primeira vez que realmente me chocou é a mentalidade começa a ser “eu vou sair à noite para ficar bêbedo”! Isso, para mim, choca-me um bocadinho e,... nos Estados Unidos era a mesma coisa...”o que é que vamos fazer hoje à noite? Vou-me embriagar!”...E noto, por exemplo, que os meus amigos e eu vamos sair à noite para nos divertir-nos, se alguém ficar bêbedo ficou, pronto!...mas não é o objetivo da noite! O objetivo da noite é “vamos para algum lado passear, vamos aqui vamos ali, vamos ver esta pessoa”, e nesse aspeto, a minha opinião...lá está...acho que os jovens são um bocadinho mais irresponsáveis em relação a esse aspeto.

Qual a tua opinião sobre o trabalho temporário em jovens? Antes e depois de teres ido

Eu antes de ter ido para os Estados Unidos não conhecia ninguém que tivesse trabalhado em “part-time”, conhecia alguém que fazia de vez em quando uns “baby-sitters” aqui e ali...mas não conhecia assim ninguém. Lá, toda a gente trabalha, e, portanto, eu sempre achei isso ótimo e,...achei que tinha um bocadinho mais noção da realidade nesse aspeto. Por exemplo, noto que agora já tenho um bocadinho de noção de “calma, não posso gastar este dinheiro!”,

calma, não posso sair à noite e gastar 40€, mas na altura, ..lá está,...era fácil porque tinha mesada no início do mês, caía-me e..pronto!...e eu...estava assim mais descansada!...

Mas acho que toda a gente devia experimentar...no verão...em vez de teres três meses de férias tens dois, e trabalhas um mês e...se calhar aprendes qualquer coisa para o teu futuro! Se calhar...lá está, também decidi que está na altura de ir trabalhar e aprender qualquer coisa prática e depois...faz-se!

As questões do voluntariado, de fazer voluntariado, às vezes para a sociedade , no sentido de colmatar falhas que o próprio estado tem, a tua opinião sobre isso mudou ou mantém-se?

Não..., eu acho que se mantém, porque eu sempre fui uma pessoa que,... lá está, eu nunca trabalhei mas fiz bastante voluntariado durante toda a minha vida e...e...sempre tive amigos que fizeram e sempre me dei com muita gente que fazia voluntariado, que fazia bancos alimentares,...que fazia imensa coisa diferente e...acho que mais importante ainda que trabalhar é uma pessoa ter noção do que é fazer trabalho voluntário! Acho que nesse aspeto não mudou assim tanto, ...porque eu já fazia e comecei a fazer mais: entrei como voluntária na AFS...mas continuo com a mesma opinião: tem que ser feito, e hoje em dia penso que se começam a perceber..., as pessoas começam a fazer,...às vezes até por uma questão de “embelezar” o currículo, começa-se a fazer voluntariado.

Mudaste, para ti, o pensavas sobre a importância do vestir?

Bem...vamos dizer...eu tenho 21 anos! Portanto, a minha ideia de vestir quando eu tinha 16 mudou bastante, não é?! Eu hoje em dia tenho a noção que não posso ir para a escola como vou para a praia...na altura, se calhar, “ah”, como ia para a praia a seguir à escola ia de chinelos! Como ninguém se importava na escola eu também ia como fosse!...

Hoje em dia, lá está, tenho 21 anos,... vou começar a trabalhar...a minha ideia de vestuário mudou um bocadinho! Há que ser apropriado às situações! Não vou para o trabalho como vou sair à noite, não vou para a escola como vou para a praia, mas também não vou para a praia como vou sair à noite! Portanto, acho que, nesse aspeto, mudou bastante...não sei se devido à experiência AFS mas pelo facto de ter crescido e pelo facto de terem já passados quatro anos ou cinco, de eu ter feito o programa...mas...por exemplo, lá nunca mudei os meus hábitos de vestir, porque, como tinha aprendido cá que a pessoa não pode ir para a escola como vai para a praia, eu, lá nesse aspeto diferenciava-me muito das outras pessoas, porque elas iam, a maioria ia de fato de treino e eu de calças de ganga e “t-shirt”, porque era assim que me tinham ensinado a ir para a escola...

Em relação às diferenças de género? O que é que dizes? A tua opinião, continua a mesma ?

Como assim?

Sobre as diferenças de género, a igualdade entre homem e mulher...

...Eu...eu sempre fui um bocadinho feminista...tenho a dizer.

Uma mulher, e sempre tive esta opinião, uma mulher tem as mesmas capacidades que um homem e acho que não é por ser mulher que não pode fazer uma coisa,...não é por um

homem ser homem que não pode fazer uma coisa que uma mulher faz. Sempre tive esta opinião e...não acho que tenha assim mudado imenso...

E a importância do consumismo, aqui não no sentido negativo, é no sentido de ter, a importância de ter, de obter para se ser?

...Pois..., lá está! É assim...eu estudei a minha vida toda num colégio privado e , portanto, era muita coisa de “se tens isto eu também tenho” ...e eu lembro-me de discussões que havia entre amigas minhas, as minhas amigas diziam às mães que “a não sei quantas tem, eu também quero!”. A minha mãe nesse aspeto..., lá está,...o eu ter uma prima fora de Lisboa que não tinha nem metade das possibilidades que eu tive, sempre teve muito cuidado nisso! E nos Estados Unidos a mesma coisa, quer dizer, a minha irmã de acolhimento era podre de rica e levava-me às compras todos os dias, ia gastar 2500 dólares numa mala, e eu sempre tive um bocadinho de respeito pelos meus pais, sempre tive a noção de “não posso gastar dinheiro à toa”! Nesse aspeto tive muita noção!...E isso sim mudou muito na minha vida, porque foi a primeira vez que eu tive que ter noção do dinheiro que estava a gastar, ...foi nos Estados unidos...! Porque, quer dizer, a minha mãe deu-me um cartão de crédito e disse “atenção que é para as emergências”, e eu tinha que ter noção que era para as emergências e não era porque queria comprar uma mala nova ou queria comprar umas calças novas... E nesse aspeto a minha consciência do consumo mudou bastante no meu ano fora...e continuei

Aquilo que pensas da autoridade mudou, ou manteve-se? Das autoridades, em geral...

Das autoridades?

De quem tem o poder...

Eu comecei a ter um bocadinho mais noção, por exemplo, de política nos Estados Unidos, porque o meu pai de acolhimento gostava imenso e falava imenso, e contava imensas histórias...portanto comecei a ter um bocadinho de noção dessas coisas...

O que é que mudou?... Lá está, eu não sabia grande coisa, não tomava grande atenção... O meu pai e a minha mãe falavam de política em casa mas eu, como era miúda não queria saber...e depois de ter voltado comecei a prestar atenção, comecei a perguntar ao meu pai “ah mas porque é que isto é assim?” e “porque é que se faz assim?”... Não é o ter mudado, ...aprendi realmente, e comecei a dar atenção às coisas que passavam no país e às coisas que se passavam no governo. Portanto, acho que foi mais o tomar,...começar a ter noção das coisas...devo ter mudado alguma coisa.

...Aquilo que chamamos as festas tradicionais, as coisas que uma sociedade tem, isso para ti continuou a ser importante, menos importante...ou passaste a olhá-las de outra maneira?

Ah..não! ..Começou a ser....Quer dizer, eu já adorava, adorava,...sempre adorei festas tradicionais, os santos populares, festas da terrinha...sempre adorei!...

Mas...comecei a dar muito mais valor..., por exemplo, ainda agora vim de Erasmus e uma coisa que nós fizemos questão de fazer foi celebrar o S Martinho, foi celebrar os Santos Populares, foi...assim... datas importantes, que para nós são importantes! Por exemplo, no S Martinho comemos castanhas e bebemos moscatel...no S António comemos sardinhas e, portanto, nesse

aspeto comecei a dar muito mais valor porque são coisas que são nossas, mais ninguém tem, mais ninguém conhece e..., portanto,...acho que dei muito mais valor com a minhas experiências fora, não só com o programa AFS mas também com o programa Erasmus... Hoje em dia dou muito mais valor a isso!

A tua atitude perante a droga, manteve-se ou mudou?

Hann....Não! Mudou bastante! ...Pronto, como sabes, não sei se sabes, a minha irmã de acolhimento teve muitos problemas com a droga.

Eu, se na altura, era miúda, dizia “sim sim legalizar a droga, porque é giro” apesar de nunca ter sido a minha coisa, nunca fiz nada disso, nunca me interessou,...hoje em dia tenho uma opinião completamente contrária..., lá está,...porque acompanhei de perto situações que não são assim tão boas, e..., portanto, a minha experiência nos Estados Unidos mudou bastante a minha opinião em relação a isso e...acho que estraga a vida duma pessoa...e acho que a pessoa tem que ter consciência do que está a fazer

Outra coisa é o sentido de hierarquia...portanto, se achas que o sentido de hierarquia lá era igual ou diferente daqui...e se mudou a tua atitude em relação a isso? Uma coisa é a constatação, outra coisa é a tua opinião pessoal...

???

Por exemplo, o sentido de hierarquia com o professor, com a polícia, com o “mayor”,...

Eu ...eu lá não tinha...quer dizer...nesse aspeto eu lá não tinha muita consciência...quer dizer, eu nem sequer sabia quem era o “mayor” da minha cidade, ...passava-me um bocadinho ao lado... Cá, por já ter estado envolvida em associações, por conhecer filhos de pessoas importantes, ministros, presidentes da câmara, não sei quê, não sei quê, tenho muito mais a noção disso. Não, quer dizer,...lá está, não estive cá três anos em Portugal, mas foram três anos que me passaram completamente ao lado!... E na faculdade vivo fechada um bocadinho no mundo da arquitetura e, não sei muito bem como é que hei-de responder à pergunta

O urbanismo da cidade lá era melhor ou pior do que cá? Para ti...

Eu tenho que dizer...eu adoro a planificação de Lisboa... Pode haver milhentas discussões sobre isso...A verdade é que eu aqui venho, meto-me no metro, saio, não sei onde, em 5 min estou na baixa, em 5min estou no Chiado, em 10 min estou no Cais do Sodré... Acho que o urbanismo ajuda à movimentação e à ...vida social duma pessoa e lá não!...Lá... eu tinha que me meter no carro para ir à cidade, tinha que me meter na bicicleta para chegar ao café,...apesar de conseguir ir a pé, mas demorava bastante tempo e acho que em todos os Estados Unidos,...não só na minha cidade mas em todo o país acontece isso, o incentivo muito ao carro! É tudo tão grande, tudo tão fora de mão que a pessoa vai de carro, enquanto que em Lisboa ando a pé para todo o lado, de metro...é indiferente

Algumas perguntas curtas, por exemplo...

A noção de distância... alterou-se para ti? O que é uma distância grande, pequena?

Bastante!

E a noção de tempo?

Han...Também! Quer dizer...também

E o conceito de patriotismo?

Ui, bastante! Comecei a dar mais valor a Portugal desde que fui...Muito mais! Sou muito mais patriota hoje em dia...ando sempre de bandeira às costas...

E agora algumas coisas em termos de importância...

... a importância do “Doutor”? Ser doutor, “Dr”...

...han...eu acho que mudou no aspeto em que, por exemplo, hoje em dia, dirijo-me às pessoas pelo seu grau, não é? Lá, é por cultura, diz-se “sir”, “miss”, “mistress”...

...mas achaste que isso, no antes e no depois, se isso é importante ou não? Mudou aquilo que tu consideras a importância disso?

Mudou só no aspeto em que comecei a usar, porque antes era muito mais nova e nem sequer tratava as pessoas...

E a importância da religião?

Ah...também, também! Porque cá eu dei-me sempre com pessoas católicas e lá comecei a andar com outras pessoas...e lá está, ...inclusive...eu não sei se era suposto eu falar da minha experiência Erasmus, inclusive...[referiu sobre o Erasmus...]

Agora uma última pergunta...

Dos vários aspetos que mudaram o que é que tu tens a certeza que mudaram em ti, que não foi só por causa da idade, que foi por teres ido e não tens dúvidas nenhuma que foi pelo facto de teres ido ...porque há coisas que foram também por causa da idade...

Sim claro, houve muita coisa que mudou por causa da idade.

Coisas que eu acho.... Eu comecei a ser uma pessoa muito mais,...com muito mais noção! Isso eu tenho a certeza que é de eu ter ido!...Lá está, como eu estava a dizer há bocado, eu comecei a ter que ter a noção de, como é que eu podia gastar o dinheiro, como é que não podia gastar o dinheiro,... comecei a ter que ter noção...de...para onde é que ia, com quem é que eu ia...eu, por exemplo, quando voltei eu notei imenso que comecei a falar com o meu pai, a minha mãe... isso foi por que eu fui! E senti muita falta do meu pai e da minha mãe e...e... isso foi uma das coisas mais importantes para mim, do programa todo, foi a relação que eu criei pós experiência AFS, com os meus pais, ...e com o meu irmão!...se bem que com o meu irmão já éramos os melhores amigos mas... Portanto, isso para mim foi muito muito importante!...

...Mais coisas que mudaram....Bem, hoje em dia, lá está, posso dizer, eu voltei muito mais madura, e voltei!... Voltei, lá está, com muito mais consciência, muito mais senhora de si e...não sei!....voltei...que é a experiência me mudou mesmo... voltei mais gorda [risos]

Uma última pergunta... não me preciso que me digas quais são, mas antes de ires tinhas determinadas preferências por um determinado tipo de rapaz, cor, raça, etc,... isso mudou ou não?

...Eu acho que não! Eu continuo com o mesmo namorado de antes de ter ido... Nesse aspeto eu nunca tive preferência por um outro tipo...

Questionário

Como mudaram as características seguintes? (por e-mail)

1. **Consciência e apreço pelo país e cultura de acolhimento.** Passei a perceber algumas das características intrínsecas da cultura americana.
2. **Apreço por línguas estrangeiras** No que diz respeito ao inglês melhorei imenso, mas desde então tenho sentido a necessidade de aprender cada vez mais línguas para melhor comunicar com outras pessoas.
3. **Consciência internacional** Para ser sincera o meu ano nos estados unidos mudou pouco a minha consciência internacional. Tive mais noção e consciência de culturas diferentes este ano que fiz erasmus na suíça, visto que conheci e me dei a conhecer a pessoas de países muito diferentes.
4. **Compreensão por outras culturas** Penso que a resposta será mais ou menos a mesma que acima.
5. **Não-materialismo** Não me considero uma pessoa materialista, mas acho que foi para mim mais importante e fez a diferença quando acolhi uma estudante em Lisboa, em que tivemos que dividir o quarto, mais do que quando fui para os Estados Unidos.
6. **Adaptabilidade** Não considero que tenha sido muito difícil, talvez no início, como é de esperar foi difícil mais pelas saudades de casa, do que por não me adaptar ao sítio. Desde que cheguei que fiz bastantes amigos. Para ser sincera, custou-me mais voltar a casa do que ir.
7. **Independência e responsabilidade (autonomia)** Sempre tive muita independência em casa, como tal não penso que tenha sido assim tão diferente
8. **Apreço pela família natural** Sem dúvida que passei a ter muito mais apreço pela minha família natural. Fizeram-me muita falta. Neste momento só posso dizer que sou uma pessoa com sorte, não só tenho a melhor família do mundo, como ganhei a segunda melhor.
9. **Consciência e apreço pelo país e cultura de origem** Gostei muito de viver nos Estados Unidos, e apesar de queres voltar a viver lá, nunca dei tanto valor a Portugal e Lisboa, como no ano em que estive nos EUA.
10. **Pensamento crítico, não dogmático**
11. **Partilha de ideias** Neste aspecto acho que sempre partilhei ideias de uma forma mais aberta em Portugal.
12. **Aptidão para interagir** No início foi difícil começar a interagir com pessoas que nunca tinha visto, mas assim que perdi a vergonha nunca mais tive problema. Neste ponto acho que foi uma das coisas que mais ganhei com a experiência.

- 13. Consciência das oportunidades** Passei sem dúvida a ter noção que sou uma miúda com muita sorte em ter tido todas as oportunidades que tive até hoje. Nem todas as pessoas podem dizer que tiveram tantas como eu.
- 14. Espírito aberto** Considero que sempre tive um espírito aberto em relação a tudo, não acho que neste aspecto a experiência tenha sido crucial.
- 15. Relações pessoais profundas** Criei amizades para a vida. Como disse antes, ganhei a segunda melhor família do mundo, e isso são coisas que nem a distancia consegue destruir.
- 16. Crescimento pessoal e maturidade** Voltei para casa uma pessoa diferente, o ano que tive com a AFS abriu-me muitas portas, e tornou-me uma pessoa mais consciente. Portanto posso dizer que cresci muito.
- 17. Auto-confiança** A minha auto-confiança melhor muito. Voltei para Portugal uma pessoa diferente, e com confiança na pessoa que se estava a formar. Se sou a pessoa que sou hoje, e se cheguei onde cheguei muito devo a tudo pelo que passei quando aos 16 anos fui viver para o outro lado do mundo.

DUAS QUESTÕES (respondidas por e-mail)

- 18. Alguma vez se sentiu mais americana que portuguesa?**

Nunca

- 19. O que sentiu que mudou mais em si própria?**

Comecei a respeitar mais diferentes maneiras de fazer as coisas, mas principalmente aprendi que não é por ser diferente que é melhor ou pior, é por e simplesmente diferente.